



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA**

IONÃ CARQUEIJO SCARANTE

***PEDAÇOS DE VIDA, DE MADY CRUSOÉ: DAS TRAMAS DO ACERVO À EDIÇÃO
CRÍTICA***

Salvador
2018

IONÃ CARQUEIJO SCARANTE

***PEDAÇOS DE VIDA, DE MADY CRUSOÉ: DAS TRAMAS DO ACERVO À EDIÇÃO
CRÍTICA***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Literatura e Cultura, da Universidade Federal da
Bahia – UFBA, como requisito para obtenção do
título de Doutor.

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Borges.

Salvador
2018

Aos meus pais por me apontarem os melhores caminhos.

Aos meus familiares pelo apoio emocional, pelas vibrações.

Ao meu companheiro de vida, Henrique, por me apoiar nos difíceis momentos em que lutava
com as palavras, me fazendo mais forte.

À Maria Flor, minha flor em botão, que desabrocha no jardim da minha vida...

À memória de Mady Crusoé.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela oportunidade da vida e pelas bênçãos concedidas.

Aos meus pais, Marçalo Scarante (*In Memoriam*) e Alaíde Scarante, por incentivarem meus sonhos, me apoiando em todas as minhas conquistas.

Aos meus irmãos pelo incentivo e torcida, sempre!

Ao meu companheiro Henrique, pelo apoio incondicional e compreensão pelas horas subtraídas do convívio familiar para dedicação à pesquisa e aos escritos...

Aos familiares da escritora Mady Crusoé, em especial a sua filha Maria Aparecida, pelo acolhimento, pela generosidade, por abrir as portas da sua casa e do APMC para a realização da minha pesquisa.

À Universidade Federal da Bahia pela oportunidade do aprendizado.

À Professora Dra. Rosa Borges por sua orientação cuidadosa, pela paciência e pela generosidade com que compartilhou seus conhecimentos e experiências filológicas. Que Deus abençoe sempre os seus caminhos.

À professora Conceição Reis Teixeira, pelas orientações dadas na construção deste estudo e na realização de outras atividades acadêmicas.

À professora Sílvia Anástácio pelas informações bibliográficas, pelo estímulo e pelas observações durante a construção deste trabalho.

Ao professor Ari Sacramento pela solicitude, pela contribuição nos ajustes necessários a esta pesquisa.

À professora Célia Telles pela generosidade em contribuir para minha vida acadêmica e para este estudo.

À Ludimila Antunes de Jesus pelo apoio, desde que trilhei os primeiros passos nesse Programa de Pós-Graduação.

À Adna Couto, Dislene Cardoso, Hildete Leal, a Natan Júnior e a Gilson Antunes pelas leituras dos meus manuscritos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura pelos ensinamentos ministrados.

Aos funcionários da Secretaria da Pós-Graduação, por toda atenção a mim dispensada.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a execução deste trabalho.

Procissão da Flor

Mady Crusoé

Aos pés da Virgem, minha flor cheirosa,
Deposito em festas nesse lindo dia,
Crianças cantam, festejando airosas,
Adultos rezam em preces de alegria!

Virgem Nossa Senhora, mãe dos céus
De Nazaré, no andor em flores coroada
Alcança-nos a graça mãe de Deus
Da felicidade aqui tão almejada!

Em procissão, cantando com fervor
Ave, Ave Maria mãe dos céus
Escuta nossa prece em teu louvor

Suplica ao teu Jesus que seja o guia
De nossa terra seja o anjo protetor
Dai-nos mais paz, mais fé, Virgem Maria!

RESUMO

A produção literária da escritora baiana Mady Crusoé é o objeto desta tese de doutoramento. O trabalho editorial realizado foi o resultado da leitura dos documentos do Acervo de Mady Crusoé (AMC) e do preparo de um inventário, que nos apontou diretrizes para apresentarmos o seu labor na construção do livro *Pedaços de Vida* – planos, esboços, rascunhos, datiloscritos e impressos, foram peças importantes para este estudo. Partimos do inventário do acervo da autora, cujas fontes materiais nos permitiram reconstituir a sua trajetória pessoal, profissional e literária. Como foram localizados no acervo textos de tradição plural, optamos pela edição crítica de manuscritos de *Pedaços de Vida* – revelamos como se deu o processo de escritura de alguns textos e como se deu o trabalho da autora quando os retomou para a publicação do livro. A edição traz o texto crítico para os manuscritos selecionados, acompanhado do aparato no qual se registram as modificações textuais/autorais. Situada no lugar da Filologia, esta tese é um exemplo de que uma edição crítica vai além da ação de fixar e publicar textos, isto é, analisa situações textuais das mais diversas, tais como: as modificações autorais/textuais no processo de elaboração de um texto, o modo como este foi transcrito e transmitido, sua circulação e recepção, bem como a ação de agentes sociais que atuam na mediação editorial, entre outros. Por meio do trabalho desenvolvido, disponibilizamos aos leitores o acesso às informações relevantes sobre a produção literária madyana e sobre outros materiais do seu acervo que nos ajudaram a (re)contar também, apesar das lacunas, a sua história de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Mady Crusoé. Acervo. Manuscritos autógrafos. Edição Crítica.

ABSTRACT

The literary production of the Brazilian writer Mady Crusoe, who was born in Bahia, is the object of this PhD Thesis. The editorial work performed was the result of reading the documents of Mady Crusoé (AMC) collection and the preparation of an inventory, which pointed us the guidelines for presenting his labor in the construction of her book *Pedaços de Vida* – plans, sketches, drafts, typewriting material and printed writings. They were important pieces for this study. We started with the inventory of the author's collection, whose material sources allowed us to reconstitute her personal, professional and literary trajectory. Texts of plural tradition were located in the collection. Thus, we opted for the critical edition of *Pedaços de Vida* manuscripts. In this research, we revealed how the writing process of some texts occurred and how the work of the author occurred when she resumed them to publish the Book. The edition brings the critical text for the selected manuscripts, accompanied by the apparatus in which the textual / authorial modifications are registered. Inserted in a philology studies, this thesis is an example of a critical edition going beyond the action of fixing and publishing texts. It analyzes textual situations of the most diverse, such as: the textual / textual modifications in the process of elaborating a text, how it was transcribed and transmitted, its circulation and reception, as well as the action of social agents who act in editorial mediation, among others. Through the work developed, we provide readers with access to relevant information on Madyan literary production and other material in their collection that has helped us re-tell her history of life, despite the gaps found in the research.

KEYWORDS: Mady Crusoe. Collection. Autograph manuscripts. Critical Edition.

LISTA FIGURAS

Figura 1	Mady Crusoé, aos sete anos, em companhia de seus primos Isaac e Benedito	21
Figura 2	Acróstico feito por Anísio Melhor	22
Figura 3	Alunas internas do Colégio da Soledade Fac-símile	24
Figura 4	Cônego Getúlio Rosa, pai adotivo de Mady Crusoé	25
Figura 5	Portaria Professora Substituta	27
Figura 6	Diploma de Educador Emérito	30
Figura 7	Trecho do Ofício em resposta ao pedido de exoneração do cargo de Delegada escolar	31
Figura 8	Conjunto de discursos madyanos	32
Figura 9	Mady Crusoé em atividade na Santa Casa de Misericórdia de Nazaré	36
Figura 10	Carta de Paulo Tavares	39
Figura 11	Carta de Jorge Amado	39
Figura 12	Crônica Paisagem Noturna	42
Figura 13	Crônicas de Mady Crusoé Publicadas em O Conservador	43
Figura 14	Crônica no Jornal A Tarde	45
Figura 15	Monte Belo	50
Figura 16	Vista Parcial do Monte Belo	51
Figura 17	Escrivaninha de Américo e Mady	52
Figura 18	Oratório	53
Figura 19	Coleção de chaves	54
Figura 20	Desenhos feitos por Mady Crusoé	55
Figura 21	Carteira de Identidade de Mady Crusoé	65
Figura 22	Guarda-roupa contendo álbuns de fotografias	66
Figura 23	Painel de fotografias	66
Figura 24	Mady Crusoé proferindo discurso	67
Figura 25	Primeira turma do curso de datilografia em Nazaré	68
Figura 26	Mady e Américo na década de 1930	69
Figura 27	Mady Crusoé dançando com o esposo	69
Figura 28	Carta da mãe de Mady, Elisa	74

Figura 29	Primeiros passos para execução do projeto livro	83
Figura 30	Plano de trabalho para organização do livro <i>Pedaços de Vida</i>	84
Figura 31	Projeto do livro (Elementos pré-textuais)	85
Figura 32	Figuras combinadas: Explicativa cmd e Explicativa op	86
Figura 33	Manuscrito da Apresentação do livro (f. 1)	87
Figura 34	Oferecimento	88
Figura 35	Planejamento do índice do livro	89
Figura 36	Lista de textos revisados	90
Figura 37	Lista de textos copiados	91
Figura 38	Falso Amor	93
Figura 39	Figuras combinadas: Primeira estrofe do poema Soneto Scv e Scv	94
Figura 40	Poema Confissão	94
Figura 41	TPcc	95
Figura 42	TPcv	95
Figura 43	Nazaré Primavera	99
Figura 44	Não disse adeus	100
Figura 45	Testemunhos do poema <i>Não disse Adeus</i>	101
Figura 46	Pedacinhos [11] cmd	102
Figura 47	Pedacinhos...[11] cv	102
Figura 48	Anísio Melhor (AMmd) e respectiva transcrição	105
Figura 49	Granadas de 1933	108
Figura 50	Introdução ao Perfil <i>Granadas de 1933</i>	109
Figura 51	Introdução para o perfil <i>Eles</i>	110
Figura 52	Lista de questões sobre a organização do livro	113
Figura 53	Notas da escritora sobre a organização do livro	114
Figura 54	Lista para oferta de livros	117
Figura 55	Notícia sobre o lançamento do livro	118
Figura 56	Lançamento do livro na capital	119
Figura 57	Lançamento do livro	119
Figura 58	Lançamento do livro em Nazaré	120

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Confronto sinóptico de manuscritos do poema <i>Tudo Passou</i>	96
Quadro 2	Transcrição de testemunhos do poema <i>Meus Filhos</i>	97
Quadro 3	Fac-símile do testemunho P12md1 e sua respectiva transcrição linearizada	103
Quadro 4	Rasuras do manuscrito P12md1	103
Quadro 5	Fac-símile e transcrição linearizada do testemunho P12md2	104
Quadro 6	Rasuras do manuscrito AMmd	107
Quadro 7	Transcrição linearizada da introdução para crônica <i>Granadas de 1933</i>	109
Quadro 8	Transcrição da introdução para a crônica <i>Eles</i>	110

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMC Acervo Mady Crusoé

f. folha

L. linha

p. página

SUPPE Sociedade Unificadora dos Professores Primários do Estado

LISTA DE SÍMBOLOS UTILIZADOS NAS TRANSCRIÇÕES

< > segmento autógrafo riscado

† palavra ilegível

[] acréscimo

< > /\ substituição por sobreposição, na relação <substituído> /substituto\

< > [↑] substituição por riscado e acréscimo na entrelinha superior

[↑] acréscimo na entrelinha superior

[↓] acréscimo na entrelinha inferior

[→] acréscimo na margem direita

[←] acréscimo na margem esquerda

[↑↑] acréscimo na margem superior

[↓↓] acréscimo na margem inferior

<†> riscado autógrafo ilegível

< > [] substituição à frente

<†> [] substituição de um segmento apagado, riscado ou ilegível

< [< >] > supressão, substituição e novamente supressão, ou seja, segmento apagado, substituído e riscado numa terceira etapa

[< >] acréscimo suprimido

SUMÁRIO

1	PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES	14
2	MADY CRUSOÉ POR SEU ACERVO: FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA	20
2.1	NA CENA DO ACERVO	49
2.2	FILOLOGIA E ACERVO	58
2.2.1	Inventário dos documentos do AMC	62
3	OS BASTIDORES DA CRIAÇÃO LITERÁRIA DE MADY CRUSOÉ	78
3.1	O PROJETO DE ESCRITURA DE <i>PEDAÇOS DE VIDA</i>	81
3.2	DOS MOVIMENTOS DE (RE)ESCRITURA AO LANÇAMENTO DO LIVRO	92
4	EDIÇÃO CRÍTICA DE MANUSCRITOS DE <i>PEDAÇOS DE VIDA</i>	124
4.1	TRATAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO	127
4.2	CRITÉRIOS PARA A EDIÇÃO DOS TEXTOS SELECIONADOS	
4.3	EDIÇÃO DOS TEXTOS SELECIONADOS	131
4.3.1	Súplica	131
4.3.2	Minha dor	133
4.3.3	Controvérsia	136
4.3.4	Tudo Passou	137
4.3.5	Meus Filhos	139
4.3.6	Nazaré Primavera	142
4.3.7	Não disse adeus	144
4.3.8	Pedacinhos... (n.º11)	145
4.3.9	Pedacinhos... (n.º12)	147
4.3.10	Anísio Melhor	148
4.3.11	Eles	150

4.3.12	Granadas de 1933	152
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	157
	REFERÊNCIAS	161
	APÊNDICE	166
	INVENTÁRIO DO ACERVO PARTICULAR DE MADY CRUSOÉ - AMC	
	ANEXO	
	CD contendo fac-símiles de documentos e textos do AMC	

1 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

Este estudo só foi possível graças ao acesso aos manuscritos da escritora Maria Madalena Ferreira Crusoé (1913-1997), conhecida como Mady Crusoé, com a permissão de seus familiares. Tais manuscritos estão guardados na casa em que residiu, na cidade de Nazaré-BA – à rua Cônego Getúlio Rosa, Bairro da Muritiba – onde está o seu acervo particular. O fato de obtermos a permissão para acessar aos manuscritos e às rasuras (ainda que não sejam muitas) dos textos que compõem o único livro publicado pela escritora, nos levou à escolha por uma edição crítica desses manuscritos. Buscamos na Filologia/Crítica Textual Moderna os subsídios metodológicos para leitura, interpretação e edição dos textos madyanos. Essa edição traz à baila um texto que se considera criticamente como sendo o último estado de intervenção do escritor. Assim como, traz as informações relacionadas às produções escritas, registrando, em aparato, as modificações autorais, permitindo ao leitor conhecer um pouco da gênese do texto.

Os manuscritos que fazem parte do nosso objeto de estudo, apresentam sinais da escrita madyana em movimento: rascunhos, correções, reescrita. A edição escolhida serviu para acompanhar, por meio da leitura desses manuscritos, o percurso de escrita do livro *Pedaços de Vida* (1993). Foram localizadas, na casa da escritora, anotações sobre a organização do livro, desde o seu projeto até a publicação. E para desenvolvermos este estudo foi fundamental conhecermos e organizarmos o acervo particular da escritora. E nesse processo de organização, percebemos que estudar o acervo de um escritor é saber mais sobre o seu titular, sobre o seu tempo, sobre a sua intelectualidade, sobre as suas relações sociais para, enfim, chegar aos processos de criação, às etapas de sua escritura e ao estabelecimento do texto crítico.

O que primeiro motivou a escrita desta tese foi a leitura das crônicas da escritora, dispersas nas páginas do jornal baiano *O Conservador*, dirigido por muitos anos pelo poeta, folclorista e professor Anísio Melhor (1885-1955)¹, da cidade de Nazaré, de 1912 a 1948. Mady Crusoé e o poeta Anísio Melhor foram contemporâneos, sendo que Mady, na sua juventude, contribuiu com suas crônicas para o periódico dirigido por ele. Além disso,

¹ Anísio Melhor (1885–1955), natural de Nazaré-BA, foi poeta, cronista, crítico literário, folclorista, membro Correspondente da Academia de Letras da Bahia (ALB), foi um dos fundadores do Jornal *O Conservador*, ao qual dirigiu por muitos anos. Também foi editor e colaborador de outros jornais além de revistas literárias que circularam em Nazaré no início do século XX. Dedicou-se também à música, ao teatro e à educação em sua terra (SCARANTE, 2008).

motivou-nos, também, a realizar este estudo, a diversidade de documentos localizados no arquivo particular da escritora, na casa em que residiu. Partimos dos lugares teórico-metodológicos da Filologia em diálogo com a Crítica Genética, para traçarmos o itinerário da produção literária de Mady Crusoé, seguindo os seus “rastros” (BIASI, 2010) na construção do livro.

Durante as pesquisas realizadas no Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento regional (UNEB)², tivemos acesso ao jornal *O Conservador*³, para catalogação dos textos do escritor Anísio Melhor (1885-1955). Nesse periódico havia muitos textos literários de Anísio, bem como de autores nacionais, baianos e de outros autores nazarenos. Dentre esses textos, algumas crônicas foram assinadas por pseudônimos femininos tais como Amy, Madame X, Mariza, publicadas entre as décadas de 1933 e 1935. Tomamos nota desses nomes para uma pesquisa em outra oportunidade.

Em meados de 2009, nos foi apresentado o livro *Pedaços de Vida* por familiares da escritora que, informalmente, relataram a amizade que ela e o poeta Anísio Melhor nutriram. Lendo seu livro, verificamos que a escritora anônima das páginas de *O Conservador* era Maria Madalena Ferreira Crusoé (1913-1997). No próprio livro, ela revela que assinou muitas de suas crônicas publicadas em jornais baianos com os pseudônimos acima mencionados.

Movidos pelo interesse em conhecer mais sobre a escritora, fomos ao encontro de seus familiares para obter informações sobre a sua vida e a sua produção literária. Mediante a possibilidade de uma pesquisa sobre a sua produção intelectual, os familiares apresentaram-nos o seu arquivo particular. Abriram-nos, então, as portas da casa da escritora para que seus textos fossem lidos e estudados. Em contato com suas correspondências, fotografias, documentos pessoais, manuscritos de poemas e de discursos, enfim, diante do seu laboratório autoral, o interesse em saber mais sobre a vida e a obra desta escritora tornou-se ainda maior.

A atitude de guardar documentos pessoais e documentos de processo (criando assim um acervo pessoal) foi tomada por muitos escritores na contemporaneidade e traz à cena um desejo pelo não esquecimento, um desejo de fazer perpetuar sua identidade e, por consequência, de perpetuar a identidade coletiva. Essa atitude de preservar a memória da

² Mestrado concluído em 2008, na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus V, Santo Antônio de Jesus.

³ O Jornal *O Conservador* circulou em Nazaré entre as décadas de 1912 e 1948. Tratava-se de um jornal noticioso, literário e popular, conforme inscrição no cabeçalho localizada nas próprias páginas do periódico. Anísio Melhor (1885-1955) foi por muitos anos seu diretor e editor, publicando muitos versos, crônicas, capítulos de novelas, possibilitando a muitos escritores locais um espaço para publicação de seus textos (SCARANTE, 2008).

escritora Mady Crusoé foi tomada por seus familiares, inicialmente por seu esposo e, depois, pelos seus filhos e netos, esses últimos, atualmente, zelam por sua casa e por seus papéis.

A casa, antes vista de longe, sempre fechada, foi aberta à pesquisa, “uma casa aberta favorece a descoberta” (CASTRO, 2009, p. 23). A casa guarda o seu acervo pessoal constituído por produtos textuais incluindo documentos legados aos seus herdeiros e por eles conservados como um conjunto de bens intelectuais de grande valor sentimental. Junto a esses documentos estão os manuscritos de *Pedaços de Vida* (1993), objeto de nosso estudo. Eles exibem marcas físicas de sua gênese, ou do que restou dela. Essas marcas falam mais do que o próprio texto publicado, ao qual os seus leitores tiveram acesso. Tais manuscritos autógrafos mostram o planejamento autoral para a organização do livro, exibindo as dobras e as manchas no papel, a cor e o tipo da caneta, que sugerem o cenário em que a escrita se desenvolveu. Em seu acervo encontramos os seus cadernos, que testemunham as ações de passar a limpo os textos, nos quais encontram-se registradas as sucessivas fases da criação de alguns desses textos.

A proposta de trabalho que ora se apresenta inscreve-se na linha de pesquisa Crítica e Processos de Criação em Diversas Linguagens, buscando evidenciar a construção do livro *Pedaços de Vida* (1993) por Mady Crusoé: do projeto de escritura à publicação. Desse modo, realizamos um levantamento documental de todo o material do seu acervo particular com o objetivo de constituir o dossiê arquivístico da produção literária da escritora. Após esse reconhecimento, foi feita a seleção e a recolha dos testemunhos, que compuseram o livro e que serviriam de base para nossas leituras filológicas. O objetivo principal da pesquisa foi fazer uma ponte entre os manuscritos dos textos e o texto que a autora deu por terminado (o publicado), por meio de uma edição crítica, apresentando as rasuras e campanhas de correção realizadas por ela no percurso de construção e organização do seu livro, com o intuito principal de dar relevo às produções desta escritora baiana e de colocar ao alcance dos estudiosos do manuscrito literário, material para futuros trabalhos de interpretação linguística, crítico-literária, estilística, dentre outros.

Os movimentos genéticos encontrados nos manuscritos literários da escritora são apresentados ao leitor como os elementos que foram excluídos do texto dado pela autora como acabado, pronto para ser publicado. Esses elementos, rejeitados pela autora, são apresentados numa edição crítica que provém do estudo das modificações autorais, isto é, dos seus manuscritos autógrafos. A este respeito, Telê Ancona Lopez, em seu artigo intitulado *Texto, etapas e variantes: o itinerário da escritura*, traz um questionamento sobre o porquê do estudo do itinerário de escritura e a quem interessa esse tipo de estudo:

Por que o estudo do itinerário da escritura? Os estudos que têm por objeto o manuscrito e o texto publicado, desejando compreender e recapturar um itinerário, embora exijam um conhecimento especializado, não interessam apenas aos críticos genéticos, aos filólogos e aos críticos literários. O leigo, o leitor que busca a literatura como entretenimento, o estudante de letras, o professor acompanham o esforço do autor, as ciladas do processo de redação, as traições na publicação, o sentido das etapas e das variantes. Vêm-se diante de um ser humano que trabalha arduamente. Distancia-se portanto da idealização que imagina a criação literária como um fenômeno que se traduz em uma rápida execução (LOPEZ, 1990, p. 159).

Considerando o que afirma Lopez (1990), o trabalho que realizamos não visa apenas a interpretação das modificações nos textos, mas objetiva apresentar o primeiro passo para que outros estudos possam ser feitos. Tal trabalho exigiu a elaboração de uma metodologia adequada à pesquisa em fontes primárias, visando a organização dos documentos encontrados e a edição crítica de doze textos referentes ao livro *Pedaços de Vida*, publicado em 1993, revelando “o lado inconcluso e incompleto da criação” (SOUZA, 2012, p. 300). Conforme Zilberman (2004) “o pesquisador do acervo é um agente transformador da memória” pois constrói não só a narrativa histórica, mas o próprio arquivo, o qual pode ser desconstruído por outro sujeito, que nele deixa sua subjetividade marcada, sem apagar sua intervenção”. Com um (re)ordenamento do acervo da escritora Mady Crusoé divulgamos neste estudo alguns documentos e textos e rascunhos que são importantes para a compreensão da sua obra, especialmente da sua historicidade.

Segundo Zilberman (2004) a noção de fontes primárias pode ser entendida como tudo o que antecede a produção de uma obra de arte e reaparece através da memória, reelaborada e readaptada em conformidade com as necessidades de criação. Dessa forma, o ambiente em que vivia a escritora, bem como a massa documental guardada naquele, transforma-se em matéria poética e confere ao seu livro *Pedaços de Vida* um caráter autobiográfico. O livro pode ser, portanto, considerado uma fonte secundária, pois como afirma Zilberman (2004), [...] “uma obra de arte pode ser considerada um produto secundário da linguagem, elaborado a partir de dados primordiais – a língua materna, as experiências pessoais, uma matéria física” (ZILBERMAN, 2004, p. 17). Neste estudo, o interesse é centrar nos documentos que pertenceram à escritora e, sobretudo, nos manuscritos do seu livro que se encontravam dispersos no seu acervo. Trata-se da organização e divulgação desses documentos que foram localizados dispersos em pastas e gavetas, tomando-os não apenas como documentos, que ajudam a reconstituir um passado, mas como “monumentos” (GRÈSILLON, 2007 [1994]), considerando a sua autonomia e complexidade.

Para a organização do trabalho com a obra madyana, buscamos situar a escritora e sua obra na cena do acervo. Depois, apresentamos os passos dados por ela na organização do livro *Pedaços de Vida* (1993) para a sua publicação, contando a sua história. Recortam-se alguns poemas em suas diferentes versões e alguns textos em prosa para edição crítica com o intento de mostrar como Mady Crusoé trabalhou na construção de seu texto, enfim, como é seu processo criativo, a partir do estudo das modificações autorais.

Diante do proposto, estruturamos a tese intitulada *Pedaços de Vida*, de Mady Crusoé: das tramas do acervo à edição crítica, da seguinte forma: nesta seção de número 1 são tecidas as *Primeiras considerações*; a seção 2, intitulada *Mady Crusoé por seu acervo: Fragmentos de uma história*, apresenta a autora e os papéis que desempenhou. A vida da escritora é recontada mediante a nossa leitura e interpretação de documentos, anotações, cartas, discursos, e com base em conversas informais com seus familiares e amigos. Ainda nessa seção, apresentamos o acervo da escritora, bem como a organização do inventário dos documentos localizados. A leitura desse material foi realizada com o objetivo de trazer à tona a escritora e a sua obra, bem como de contribuir para a revitalização de uma produção literária que é patrimônio cultural do povo do Recôncavo Baiano, em especial da cidade de Nazaré. Essa escritora, apesar de muito ter contribuído para a imprensa de sua terra natal e para jornais baianos, não obteve o reconhecimento merecido. Para a realização do inventário do Acervo de Mady Crusoé (AMC), tomamos como referência os saberes de dois campos distintos, mas afins: a Filologia e a Arquivística Literária⁴.

Na seção 3, intitulada *Os bastidores da criação literária de Mady Crusoé*, apresentamos a história do único livro que a escritora publicou, mostrando como ele foi organizado por ela. Nesta parte do estudo, o manuscrito é mostrado como um documento científico para ser pesquisado. Ele apresenta uma imagem de composição do texto e pode ser entendido como documentos autógrafo, datilografado, éditos ou inéditos. Através do manuscrito, por suas rasuras, marcas, censuras, suas escritas à margem, conhecemos algumas particularidades dos textos madyanos que o seu livro publicado não nos permite ver.

Na seção 4, intitulada *Edição crítica de manuscritos de Pedaços de Vida*, apresentamos a edição de 12 textos, acompanhada de aparato crítico, revelando as modificações textuais/autorais. Entendemos, com a realização dessa edição, que por meio das

⁴ Expressão utilizada por Antônio Braz de Oliveira (2007) e por Eneida Souza e Wander Mello de Miranda (2003).

marcas que deixa nos documentos de processo de escritura, um escritor expressa o seu modo de ver e sentir o mundo, além de expressar a sua sensibilidade poética e as leituras que realizou antes ou durante a construção de seus textos. Essa seção, que se originou das leituras do Acervo de Mady Crusoé (AMC), foi construída com base na concepção do manuscrito moderno, aquele em que o autor deixa marcas que sinalizam seu processo de criação. O manuscrito revela os materiais de que se acercam os escritores, tais como a época, as tradições literárias do momento em que viveu, os conceitos e preconceitos humanos. São, também, documentos que, conforme Grèsillon (2007 [1994], p. 244), [...]“fazem parte de uma gênese textual atestada por vários testemunhos sucessivos e que manifestam o trabalho de escrita de um autor”.

No manuscrito moderno, percebemos o trabalho feito pelas mãos do autor, seja ele manuscrito ou datiloscrito, ou mesmo impresso. Nessa perspectiva do estudo do manuscrito moderno, apresentamos a tradição de cada texto selecionado para o exercício editorial, descrevemos os testemunhos e, por fim, fixamos o texto (leitura crítica do editor), acompanhado do aparato crítico, que possibilitará outras possíveis leituras construídas a partir dos testemunhos e versões do texto (quando houver). O estudo crítico de manuscritos de *Pedaços de Vida* torna acessível ao leitor as modificações autorais, dando-lhe a conhecer a trajetória percorrida pela escritora na elaboração e na execução do seu projeto de escritura.

Na seção 5, estão as *Considerações Finais* a propósito do processo de escritura de Mady Crusoé com os comentários sobre o itinerário de escritura de *Pedaços de Vida*, enfatizando a importância das suas produções para a literatura baiana. Seção seguida das Referências e de um Apêndice, onde consta o inventário que organizamos dos documentos localizados no APMC. Esta tese consta, ainda, dos anexos, dispostos em cd, compostos por documentos do arquivo, na ordem em que foram inventariados, e pelo fac-símile do livro *Pedaços de Vida*.

2 MADY CRUSOÉ POR SEU ACERVO: FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA

Maria Madalena Ferreira Crusoé, Mady – como era chamada entre os familiares e amigos (apelido que lhe fora dado pela mãe) – nasceu em 12 de outubro de 1913, em Nazaré, Recôncavo Baiano. Filha natural de Elisa Carvalhal Ferreira⁵, de quem ficou órfã aos 14 anos, não conviveu com o seu pai biológico, Claudomiro César da Silva, nem herdou em seus documentos o seu nome⁶. O nome do seu pai biológico foi encontrado, apenas, na biografia da escritora, construída por ela mesma, no seu livro *Pedaços de Vida* (1993). A figura de pai que conheceu, verdadeiramente, foi a do Padre Getúlio Carolino Rosa. Os cuidados de pai que dispensou a Maria Madalena, justifica-se, segundo familiares da escritora, pela amizade que o padre e Elisa nutriram: [...]“num ato de generosidade, amparou Elisa Carvalhal Ferreira, que no momento, se encontrava grávida e desamparada. Logo assumiu a paternidade da recém-nascida Maria Madalena (Mady) a quem dedicou todo carinho” (MOTA, 2011, p.75). O Padre Getúlio como era conhecido em Nazaré e municípios circunvizinhos (Aratuípe, Jaguaripe), [...]“foi professor de Geografia no Asilo de Meninos Desvalidos, (hoje Aprendizado Clemente Caldas)” (MOTA, 2011, p. 75), em Nazaré.

Da leitura dos textos do seu arquivo, da recolha de depoimentos, fomos agrupando informações sobre a vida da escritora, sobre os papéis que exerceu, seus sentimentos, suas lutas e suas ações. Os fios da sua biografia foram tecidos por esses fragmentos localizados no arquivo. Os materiais nele encontrados nos promoveram, por exemplo, o encontro com a escritora, ainda criança, por meio de tão conservadas fotografias, como esta em que ela está ao lado dos primos identificados no verso da imagem como: Isaac e Benedito, aos sete anos de idade:

⁵ Em sua certidão de casamento datada de 25 de maio de 1938 consta: “filha ilegítima da falecida Elisa Carvalhal Ferreira[...]” Esse adjetivo ilegítimo(a) era utilizado na época nos documentos de identificação das pessoas que não possuíam no registro de nascimento e/ou Certidão de Batismo o nome do pai biológico.

⁶ Em seus documentos pessoais – Carteira de Identidade, Carteira de Trabalho, por exemplo – não há o nome do seu pai, ela apenas herdou o nome da sua mãe. Em sua carteira de identidade, está registrado: filha natural de Elisa Carvalhal Ferreira.

Figura 1– Mady Crusoé, aos sete anos, na companhia de seus primos Isaac e Benedito



Fonte: AMC

Algumas epístolas do arquivo madyano também delineiam aspectos da infância e da adolescência da escritora, por isso convém trazermos à baila a importância das correspondências para a (re)construção da biografia da escritora. Algumas de suas cartas rememoram momentos que guardou por toda a vida e que refletem direta e indiretamente na composição da sua obra. Há, no acervo, um acróstico que foi feito em sua homenagem, pelo poeta Anísio Melhor (1885-1955), quando ela completou 7 anos, informação presente na crônica “Anísio Melhor”, publicada no livro: “[...] dia do meu aniversário, ele mandou-me um saco de filó, amarrado com fita azul, com seis bonecos de celuloide e, manuscrito, o meu acróstico que ainda guardo religiosamente. Ele me chamava Madil” (CRUSOÉ, 1993, p. 79). O acróstico foi escrito pelo poeta em um cartão com delicada gravura e inspirou a crônica da escritora. Essa fora, talvez, a primeira correspondência que recebera na vida. O fac-símile do cartão compõe a quarta capa (ou contracapa) do livro. O acróstico feito por um poeta evidencia as relações de amizade que a escritora desde criança construía. Sua espontaneidade e vivacidade, certamente, cativaram o poeta. Segue fac-símile do cartão localizado no arquivo:

Figura 2 – Acróstico feito por Anísio Melhor



Fonte: AMC (06b0001-20)

As cartas do arquivo, também, dão a ler momentos da vida de sua mãe, Elisa Carvalhal Ferreira. Naquelas, definem-se, ainda, contornos do perfil biográfico da escritora e de sua trajetória de vida nos primeiros anos de internato em Salvador. Na missiva, datada de 12 de março de 1928, a mãe de Mady, Elisa, conta-lhe novidades de vizinhos e amigos, fala-lhe do agravamento de sua saúde e dá-lhe, na condição de mãe zelosa, conselhos referentes aos estudos e ao comportamento no colégio em regime de internato em que a filha estudava na capital baiana: “Você não perdeu nada em não sair pelo Carnaval, minha filha!.. [...] Peça a N Senhora que se compadeça de mim, e estude muito é o que quero que V pense, mais não em festas e passeios” [...]. Ainda nessa missiva, informa com mais detalhes a respeito de sua frágil saúde: “Eu minha filha estou melhor porque não como, e não comendo não tenho as dores[...], como V. sabe, só me sustento com mingau de araruta e sopa de batata, e as vezes... quatro torradinhas”.

O conteúdo das cartas, trocadas entre mãe e filha, demonstra a relação de cumplicidade entre ambas e a frequência com a qual se correspondiam. Àquela época, a carta era a única forma de parentes distantes se comunicarem e, muitas vezes, elas custavam a chegar às mãos do destinatário, ou pela demora do serviço de correios, ou porque eram encaminhadas por um portador. As cartas que Mady Crusoé escrevia eram esperadas com ansiedade por sua mãe, conforme se pode depreender do relato datado de 8 de maio de 1928: “Recebi a sua cartinha de 22 de abril, porém chegou-me às mãos no dia 3 de maio, é pois a demora de te responder, bem sabes o correio daqui como é, e depois mandam para a casa do Sr. João Rosa e elle não se encomoda , é preciso ir duas ou mais vezes procurar”.

Lendo as cartas do acervo, tomamos conhecimento da fragilidade da saúde da genitora de Mady Crusoé: “Eu meu anjo nem estou boa e nem também doente como tu imaginas, estou da forma do costume”.

Em outra carta, sem indicação de data (060004-sd), Elisa faz pedidos à filha: “Olhe Mady a sua nota em Português é muito baixa... precisa estudar muito o Português... Eu estou boa peça muito a Deus por mim, minha filha que é a pessoa mais querida que V- tem na sua vida, e que mais lhe estima”.

Elisa faleceu quando a filha contava 14 anos. “Mady” substituiu as cartas por poemas que retratam a saudade, a solidão e a dor de tê-la perdido. As cartas de sua mãe foram guardadas por toda a vida e são fontes que proporcionam valiosas informações sobre a escritora. As lembranças de Mady Crusoé, presentes nas cartas, se transformam em matéria poética e compõem uma das faces, ou vertentes, da sua lírica, dando ao seu livro *Pedaços de Vida* um caráter autobiográfico. As suas memórias do convívio com a mãe aparecem em *Soneto*, escrito aos 14 anos: “Mãe, minha mãe, foste meu amparo e luz /Como agora poderei sem ti viver? /O teu nome purifica-me o sofrer”. A figura materna permanece nos textos poéticos da escritora. O gênero muda (de carta para poema), mas o interlocutor é o mesmo, apesar de distante.

A escritora alfabetizou-se em escola pública em Nazaré. Em sua crônica *Anísio Melhor* ela cita o nome da sua professora-alfabetizadora: “a escola da professora Adjovita Marques, (que me alfabetizou) no bairro da Conceição” (CRUSOÉ, 1993, p. 79). Coursou o ensino Primário e Ginásio⁷ no Colégio da Soledade, em Salvador, em regime de internato. O Padre Getúlio Carolino Rosa, a quem chamava de padrinho, foi o responsável pelos seus

⁷ Atualmente ensino Fundamental I e II, respectivamente.

estudos na capital do estado, Salvador. Com a morte precoce da mãe de Maria Madalena, ele se tornou, efetivamente, o seu pai adotivo. Dentre as fotografias as quais tivemos acesso no AMC, há uma da época em que Maria Madalena estudava em regime de internato: toda a sua turma em companhia das freiras (as responsáveis por sua formação intelectual, desde as séries iniciais de sua vida escolar). Como se vê no fac-símile a seguir:

Figura 3 – Alunas internas do Colégio da Soledade



Fonte: AMC (04a0006-28)

Maria Madalena continuou seus estudos e fez o curso de Magistério. Foi diplomada professora pelo Instituto Normal da Bahia em 1933 – que passou, anos depois, a ser denominado Instituto Central de Educação Isaías Alves – ICEIA. Após a conclusão dos seus estudos, na capital, a jovem passou a viver sob os cuidados do Padre Getúlio, em Nazaré, em sua residência. A seguir uma imagem do sacerdote que a adotou como filha:

Figura 4 – Cônego Getúlio Rosa, pai adotivo de Mady Crusoé



Fonte: AMC (04b0002-sd)

Mas foi no ano de 1957 que a adoção foi oficializada. A escritura pública de adoção (inventariada sob o registro 01a0010-57) foi lavrada em 20 de fevereiro de 1957, pelo Tabelião Amabérico de Oliveira Teixeira, tendo como outorgante adotante o Padre Getúlio Carolino Rosa e outorgada adotada Maria Madalena Ferreira Crusoé, registrado no livro 2- fl. 196, em 20-02-1957. Nesta época, em que foi oficializada a adoção, Maria Madalena já era casada e mãe e estava com 44 anos de idade. Neste documento, o padre declara a relação de paternidade que mantinha com Mady Crusoé: [...]“a quem consagra desde tenra infância amor de pai, assistindo-a, zelando-a e educando-a e com ela convivendo em plena harmonia e identidade de sentimentos, como na verdade , adota por bem desta escritura e na melhor forma de direito para todos os efeitos jurídicos” (01a0010-57). Conforme a filha de Mady Crusoé, Maria Aparecida Crusoé Souza, em discurso proferido no Colóquio Literário e Musical, no Centenário da escritora⁸, em 11 de outubro de 2013, Mady Crusoé

⁸O Centenário Mady Crusoé foi organizado pela pesquisadora deste trabalho. Foi constituída uma comissão formada por ela pelo professor e historiador Lamartine Augusto Vieira, pelo Vice-Presidente (à época) do

[...] rompeu o preconceito de ser filha natural, de ser órfã, de ter sido educada por um padre, que foi seu verdadeiro ídolo – Cônego Getúlio Rosa. Senhores! Em 1938, Mady Crusoé afronta a sociedade, quando, em seu casamento, sobe ao altar usando tons cor-de-rosa para o seu vestido (SOUZA, 2013, f. 3).

Casou-se com o Auditor Fiscal Américo Augusto Crusoé, em 25 de maio de 1938, com o qual viveu até o fim da vida, em Nazaré, e com quem teve três filhos, quais sejam: Getúlio Augusto (falecido em 28 de julho de 2012, aos 73 anos), Elisa Margarida e Maria Aparecida.

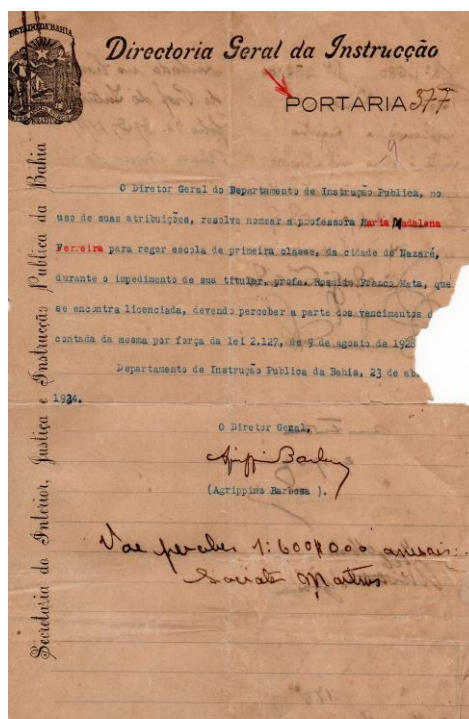
Ainda segundo a sua filha Maria Aparecida, Mady Crusoé foi exemplo de esposa dedicada e mãe cuidadosa. E ressalta, em seu discurso, a relação de cumplicidade que Mady viveu com seu esposo:

Mady foi vitoriosa em sua vida, teve um grande parceiro sentimental e intelectual, seu marido, Américo Crusoé, com quem viveu 59 anos, numa relação de cumplicidade e apoio na sua caminhada literária, assim como na construção de uma família” (SOUZA, 2013, f.4).

A vida profissional da “Professora Madalena”, ou “Professora Mady” como a chamavam seus colegas de profissão, sempre foi intensa. Após formada em Magistério, iniciou a sua carreira como professora substituta. Apresentamos, a seguir, o fac-símile de uma destas nomeações. Trata-se de um documento de 1934, em que fora nomeada, aos 21 anos de idade, para substituir a professora Rosário Franco Mata, enquanto esta permanecesse de licença. O documento não esclarece por quanto tempo ficaria substituindo a professora titular, nem há no arquivo outro documento que se refira ao período de substituição, conforme figura a seguir:

Aprendizado Agrícola Manoel Clemente Caldas, Sr. Uriel Santiago, pelas filhas e pelos netos da escritora. O evento foi realizado com o apoio da Prefeitura Municipal de Nazaré, Câmara de Vereadores de Nazaré, Secretaria de Cultura e Secretaria de Ação Social, Secretaria de Educação, Sociedade Montepio dos Artistas Nazarenos. Houve a participação de estudantes de escolas públicas e particulares, membros da Academia de Letras do Recôncavo, escritores, estudiosos da Literatura Baiana, músicos, Banda da Erato Nazarena, Banda Musical Juventude Nazarena (do Colégio Estadual Gov. Luiz Viana Filho), Coral da Santa Casa de Misericórdia de Nazaré, representantes do poder público municipal, professores e familiares. O evento constou de três momentos a saber: O Colóquio Literário e Musical (no Salão Nobre da Câmara Municipal de Nazaré); Missa na Igreja Nossa Senhora de Nazaré (bairro do Camamú, em Nazaré); Coquetel com apresentação do músico nazareno Roberto Argolo, no salão da Erato Nazarena.

Figura 5 – Fac-símile, Portaria Professora Substituta



Fonte: AMC (01C0001-34)

Conforme Processo n.º 3594/46, constante em seu arquivo (01c0005-46), Mady Crusoé foi nomeada para o cargo da classe B, da carreira de Professor do Interior, do Quadro do Funcionalismo Público Civil do Estado, lotada na Secretaria de Educação e Saúde, em 11 de julho de 1946. Na orelha de seu livro, texto que intitulou *Biografia*, Mady Crusoé descreve os seus papéis no campo educacional: foi professora de Francês, de Ciências, de Educação Artística e de Relações públicas nos Colégios Clemente Caldas e Estadual Governador Luiz Viana Filho – neste último exerceu o cargo de Vice-Diretora de 1968 a 1988, um total de 52 anos dedicados à Educação da gente de sua terra.

Ela compôs, em homenagem ao Colégio Estadual Gov. Luiz Viana Filho, um hino de louvor, musicado pela professora Anatália Silva, professora de Artes, sua colega de trabalho na época. Há, no seu acervo, uma fita de áudio (04c0001-sd) com o hino, cantado pelo Coral da Santa Casa de Misericórdia da cidade de Nazaré. A música é cantada, ainda hoje, nos eventos cívicos e festividades no referido colégio, referência em educação em Nazaré. O Hino Oficial ao Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho é um exemplo de seu amor ao magistério e à juventude nazarena. Seguem os versos:

Salve, salve, salve, salve
 Salve, salve, eia cantemos com amor
 Luiz Viana, Colégio adorado
 A mocidade sente em ti grande valor!

Nazaré cidade bela e primorosa
 Onde a cultura dos seus filhos é sagrada
 Melhor investimento aqui não existe
 Que o direito do saber ó terra amada!

No teu céu resplendente de estrelas,
 Brilha a maior estrela do universo:
 Nosso Colégio harmonioso, sempre em festa
 Refulgindo na beleza dos teus versos!

Realce no saber e amor ao belo
 Luiz Viana és o escudo juvenil
 Do alunado que te traz no coração
 Sintetizando toda glória do Brasil! (CRUSOÉ, 1923, p. 49).

Sempre em defesa dos profissionais da educação, solicitou às autoridades do Estado da Bahia, em agosto de 1951, no I Congresso Intermunicipal dos Professores Primários, melhorias no plano de carreira da classe, pois os professores concursados trabalhavam os primeiros seis meses sem receber salário, no período denominado Estágio Probatório. Em seu discurso, publicado no seu livro à página 103, intitulado *Mensagem dos professores nazarenos*, Mady Crusoé falou em defesa dos professores primários do interior. Ela foi a única professora do interior a tratar deste tema no congresso. A defesa que fez aos professores foi solicitada pela Secretaria de Educação do Estado, naquela ocasião, para colaborar com o processo de mudança do Estágio não remunerado de seis meses, a que os professores concursados eram submetidos até serem efetivados no cargo. No discurso que realizou naquela ocasião, utilizou-se de inúmeras metáforas para conceituar o trabalho do professor. Ela expressa a sua crença na união e na força dos professores junto ao poder público, conforme se pode notar no fragmento, a seguir, do discurso, que foi publicado no *Jornal A Voz do Professor*, em 1951:

Esse alvissareiro grito que a SUPPE acaba de dar para maior levantamento da classe, há de ecoar em toda Bahia gloriosa, nos colegas incrédulos, nos pedagogos luminares, nos Poderes Constituídos, advertindo que os professores bahianos, modestos mas eficientes, haverão de lutar, trazendo as fileiras supeanas para união e glória da nossa carreira, os valores que a Bahia esconde nos maravilhosos escrínios de seu deslumbrante e incomparável torrão! (CRUSOÉ, 1993, p. 104).

A sua atitude em defender o professor primário do estado da Bahia, em relação às questões de estágio e concurso, repercutiu na imprensa baiana e entre os professores de todo o estado. O professor e poeta José Leone⁹, na ocasião, enviou-lhe uma carta datada de 25 de abril de 1952: “Li, com o maior interesse, sua Tese¹⁰ sobre Estágio e Concurso e dou-lhe parabéns pela justeza das considerações que tece em torno do assunto. Observei, também, a clareza e simplicidade da linguagem” (LEONE, 1952).

Em discurso no encerramento solene da I Concentração Regional de Professores Primários, ocorrida em Nazaré, dia 2 de julho de 1952, promovida pela Sociedade Unificadora do Professor Primário do Estado – SUPPE, ela ressalta a importância do professor para a construção de uma sociedade mais justa e próspera, convidando os intelectuais e os detentores do poder a pensarem na importância do professor para o sucesso de cada um. Segue o fragmento do discurso:

Então, os inteligentes e sábios, os detentores dos poderes e os observadores de coletividades, por que não se recordam de leve, que devem ao seu primeiro mestre uma fagulha maior de luz, no esplendor da sua estrela faiscante? (CRUSOÉ, 1952, f. 6)

A escritora recebeu em Sessão da Câmara de Vereadores, o troféu Poeta José Bonfim, homenagem do Centro Cívico do Colégio Estadual Dr. José Marcelino de Souza, segundo narra na orelha do seu livro. Em seu acervo encontra-se um certificado de Moção de Honra ao Mérito (07a0006-85), que lhe fora dado pela Câmara Municipal de Vereadores, em 10 de novembro de 1985, de autoria do Vereador Arthur Arézio da Fonseca. Também foi homenageada, juntamente com outros professores do Estado da Bahia, pelos serviços prestados a educação pública, com o Diploma de Educador Emérito do Estado da Bahia (07a0004-85), conforme Lei n. 67, de 1º de junho de 1983, Portaria nº 9.625, D. O. de 23.10.1985, pelo então Secretário de Educação Edvaldo Boaventura. A lista de professores da rede estadual de ensino que foram homenageados com o Diploma de Educador Emérito foi publicada no Diário Oficial da Bahia, no dia 23 de outubro de 1985, conforme cópia localizada no arquivo, sob o registro 07a0005-85. A homenagem se deu, decerto, por ela ter

⁹ José Leone foi professor e poeta, era natural da cidade de Aratuípe, Ba, lecionou por muitos anos em Nazaré. A expressão “tese” foi usada na época para denominar a reivindicação feita pela professora. Mady em sua biografia na orelha do livro Pedacos de Vida se refere a sua reivindicação como Tese.

¹⁰ O discurso proferido pela professora Mady foi denominado de “Tese” por ela e por aqueles que leram e acompanharam as lutas por modificações no plano de carreira do professor da rede pública estadual, no ano de 1952.

exercido importante atividade intelectual, como cronista de jornais baianos, e por ter sido defensora incansável dos direitos dos professores baianos, usando sempre do seu prestígio para intervir no debate público e defender os valores que acreditava na esfera educacional. O Diploma de Educador Emérito, também, foi localizado no arquivo, segue fac-símile do documento:

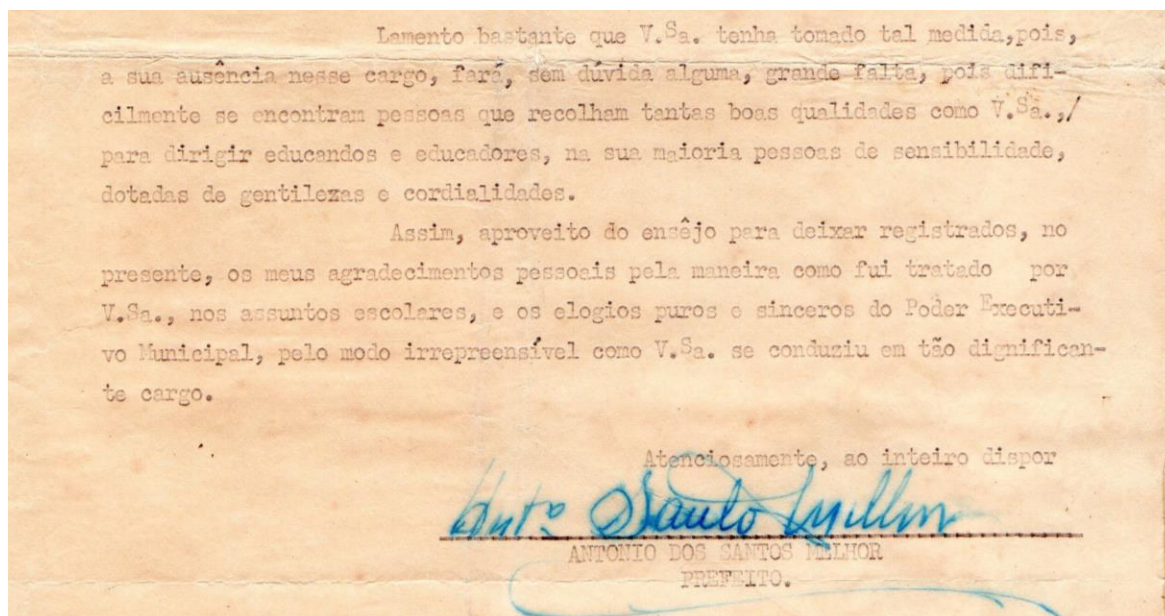
Figura 6 – Diploma de Educador Emérito



Fonte: AMC (07a0004-85)

Mady foi Delegada Escolar do município de Nazaré por duas vezes. O Delegado Escolar, atuava junto às escolas e exercia funções que hoje equivalem, guardadas as devidas proporções, às exercidas pelo Coordenador Pedagógico. Há, no arquivo, documentos que comprovam a sua atuação nesta função, a exemplo do ofício datado de 1 de março de 1963 (01c0009-63), encaminhado pelo então prefeito da cidade, Antônio dos Santos Melhor, em resposta ao seu pedido de exoneração do cargo. Registra-se no fragmento a seguir o agradecimento do Prefeito aos trabalhos prestados quando ela ocupou o cargo:

Figura 7 – Trecho do Ofício em resposta ao pedido de exoneração do cargo de Delegada Escolar



Fonte: AMC (01c0009-63)

Devido à efetiva participação no âmbito da Educação em sua cidade, era frequentemente convidada para eventos importantes, como formaturas e festividades em instituições públicas e particulares, algumas vezes como homenageada. Foi escolhida Parainfa dos formandos do curso de Magistério do Colégio Educandário de Nazaré (1970) e do Colégio Estadual Luiz Viana Filho (1980). A professora Maria Madalena obteve destaque na sua missão de ensinar, sendo exemplo de dedicação e devotamento para a formação da juventude de sua época. As homenagens que recebeu ao longo de sua carreira, e mesmo após a aposentadoria, comprovam o reconhecimento que obteve no âmbito educacional do Estado da Bahia pelos serviços prestados.

Uma das características da escritora era a sua habilidade na escrita de seus discursos proferidos em momentos comemorativos e importantes em Nazaré. Foi oradora da Sociedade Filarmônica Euterpe Nazarena¹¹ (já extinta) e da Rádio Clube Cultural de Nazaré¹² (Ala

¹¹ Conforme Lamartine Augusto* (1999), a Sociedade Filarmônica Euterpe Nazarena foi fundada por empregados da Tram-Road, empresa responsável pelo transporte ferroviário de Nazaré e região, no dia 13 de maio de 1903. *Lamartine Augusto Vieira é historiador, editor do atuante jornal nazareno *O Alvitre* (fundado por ele em 1954), contista e cronista, autor do livro *Porta do Sertão*, membro da Academia de Letras do Recôncavo – ALER e possuidor de um rico arquivo particular, que guarda importantes informações históricas e literárias da cidade de Nazaré e região.

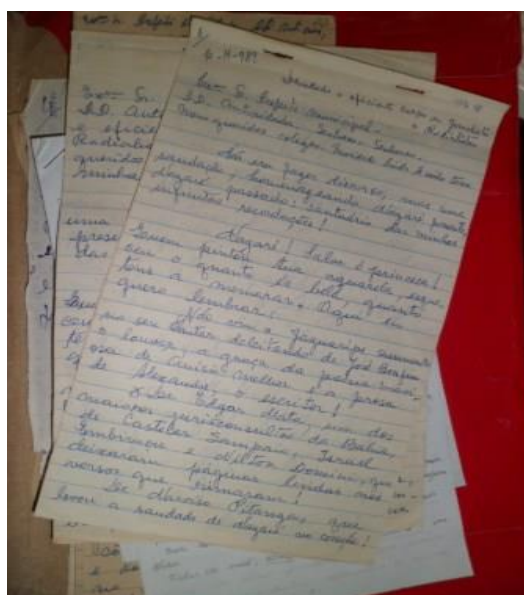
feminina). Assumiu os papéis de oradora, secretária e presidente da Sociedade Unificadora do Professor Primário do Estado - SUPPE.

Há, no seu arquivo particular, oito manuscritos de discursos, passados a limpo, em papel pautado e cortado ao meio, formando uma espécie de bloco de rascunho. Há seis discursos que foram proferidos pela escritora, em momentos distintos. Apresentam-se com o mínimo de três e o máximo de sete folhas, cada um. Os temas tratados em seus discursos são: recordações de sua vida, recordações da história de Nazaré, exaltação de instituições nazarenas, defesa do professor primário do Estado, recordação de cidadãos nazarenos ilustres – políticos, escritores, músicos, professores, trabalhadores da estrada de ferro, profissionais da área de saúde.

Os discursos serão citados seguindo a ordem/classificação que determinamos para este estudo. Apresentaremos a seguir a síntese de cada um desses textos a fim de comprovar a dinamicidade da escritora em dissertar sobre vários assuntos, sobre as variadas instituições nazarenas em que atuou. A maioria desses textos não apresenta a indicação do local onde foram proferidos.

A figura a seguir mostra o conjunto de discursos, localizados no arquivo:

Figura 8 – Conjunto de discursos madyanos



Fonte: Fotografia feita por SCARANTE, 2013

¹² O Rádio Clube Cultural de Nazaré, conforme seu estatuto refeito em 1973, foi fundada em 18 de outubro de 1925. É uma sociedade civil sem fins lucrativos, políticos ou religiosos, tem como finalidade proporcionar aos seus associados e respectivas famílias atividades recreativas, desportivas e culturais.

O manuscrito do discurso *Recordações* (02b0001-sd) traz elementos de sua infância. O subtítulo, escrito a lápis, esclarece o objetivo do texto: *Continuação da palestra sobre o poeta dos escravos*. Sem apresentar pistas da ocasião, nem do local em que fora proferido, ela rememora a época em que estudou no Colégio da Soledade, em Salvador, período em que conviveu com a irmã do poeta Castro Alves, Adelaide de Castro Alves Guimarães¹³. Nas férias de Semana Santa, entre as décadas de 1924 e 1930, hospedava-se na residência dela, que ficava próxima ao colégio. Essas memórias apresentam a realidade vivida pela poetisa, como se pode comprovar no fragmento que segue:

Assim, no início dos meus 11 anos, tive para glória minha a sublimidade de ouvir de Adelaide de Castro Alves Guimarães, elogios, sentimentalismos, entusiasmos, adoração-saudade, quando referia-se ao gênio inconfundível do seu inesquecível Cecéu.

A minha fronte infantil que pela inocência ainda não se havia despertado para compreender as grandezas da genialidade curvava-se, achando de ternura e misticismo o beijo que ela me depunha todas as manhãs quando em minhas férias de Semana Santa no velho solar da Ladeira da Soledade, passava-as ao lado dessa irmã predileta do poeta (CRUSOÉ, 1978, f.1).

O discurso não faz parte do livro, nem fora publicado pela escritora em outro suporte. Permanece guardado em seu arquivo e apresenta um rico retrato de uma fase da sua infância na capital baiana. A partir das suas memórias, ela conta que Adelaide de Castro Alves Guimarães cuidava com carinho de alguns pertences do irmão poeta:

Ela guardava, cismadora, inteligente e amorosa, com carícias de namorada eterna, os rascunhos, os originais, as correspondências e pequeninas cousas como mechas dos espessos cabelos do grande gênio! E mais tarde todas essas doces reminiscências foram reclamadas pelos museus, escolas, grêmios, academias e pelos apaixonados e amorosos que fazem da poesia um culto divino!(CRUSOÉ, 1978, f. 3).

No discurso (02b0002-sd) que proferiu em homenagem à Professora Denise Tavares¹⁴ (1925-1974), a escritora discorre inicialmente sobre a importância do trabalho. Para ela, “Todo o trabalho é poesia, é perfeição, é justiça, é bondade, é coragem, é valor, é

¹³ Segundo familiares da escritora havia um parentesco da escritora com o poeta Castro Alves. Segundo relatos, ela era prima de segundo grau do poeta.

¹⁴ Denise Fernandes Tavares nasceu em Nazaré no dia 4 de maio de 1925 e faleceu no dia 19 de abril de 1974, em Salvador, vitimada por um câncer de mama. Foi a criadora da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato; professora primária, bibliotecária e professora da Universidade Federal da Bahia – UFBA. (ARAGÃO, FREITAS, 2008).

sacramento!” E exalta o trabalho desempenhado pela professora, escritora e bibliotecária, Denise Tavares, na Sucursal da Biblioteca Monteiro Lobato, em Nazaré:

Espírito que luta por ideal sublime é Denise Tavares, que nas arrancadas magníficas de sua vida, sempre de olhar cismarento e inteligente, tem conseguido edificar no coração infantil, através de um trabalho que é graça e é sacramento, o mais sublime e encantado palácio das lendas fabulosas! Não esmorecer foi a maior das suas energias. Rumando sempre para concretizar seu ideal, colocou a sua aspiração no alto silencioso e místico e ascendeu pela aspereza intransigente até a contemplação purificadora! Escolhida a terra que lhe sentiu os primeiros afagos de inocência e os primeiros beijos de claridade, para a “Sucursal da Monteiro Lobato”, muito justo que fique o seu nome e o seu retrato, oferta de um grupo de amigos, amor fatalizados na terra de Anísio Melhor, José Bonfim e Pedro Embiruçu, os poetas esplêndidos da Saudade e do carinho de Nazaré! (CRUSOÉ, 1980, f. 2 - 3).

No discurso (02b0003-sd), sem indicação de data, proferido na comemoração aos cinco anos da Casa da Amizade, do Rotary Clube de Nazaré, atualmente extinto, a oradora discorre sobre o caráter dos projetos filantrópicos da instituição, parabenizando aos companheiros de jornada e alertando-os para que tivessem sempre em mente “o ideal de bem servir sem pensar em si”.

Na ocasião em que recebeu o título de Educador Emérito do Estado da Bahia, concedido pelo Secretário de Educação, no ano de 1985, Edvaldo Boaventura. Mady Crusóé demonstra em seu discurso (02b0004-85), a sua gratidão em recebê-lo, bem como se utiliza do espaço que lhe fora dado para falar sobre a relevância do trabalho do professor:

Glórias às nossas mãos cansadas de traçar linhas certas para a mocidade incerta!
 Glórias aos nossos lábios santos, onde a beleza da palavra flui desvendando gênios!
 Glórias aos nossos olhos perscrutadores de inteligências fluentes e de comportamentos negativos!
 Glórias aos nossos corações que palpitam sempre novos, numa eterna vibração de ensinamentos, agora também, na doçura dos nossos filhos idolatrados, ou na graça do sorriso dos netos que nos enfeitam a vida!
 O tempo, nevando os nossos cabelos, não desgastou para a posteridade, o muito da utilidade que havemos prestado (CRUSOÉ, 1985, f. 3 - 4).

Várias vezes, homenageou Nazaré em seus textos, em versos e em prosa. Segue um trecho do discurso (02b0005-89), publicado no livro, à página 108, em que exalta o passado de glória vivido por sua terra, no aniversário de 140 anos de emancipação política de Nazaré, em 10 de novembro de 1989:

Nazaré viveu época de luz e de glória, assistindo Euterpe e Erato, maviosas nos seus acordes e nas suas orquestrações belíssimas!

Nazaré viveu época de luz com o Rádio Clube e o Tênis Clube, em festas inesquecíveis e também na expectativa dominical dos seus jornais: “O Conservador”, “O Regenerador”, “O Grito”, “O Alvitre”, lidos e comentados para gáudio de expressivas emoções!

Nazaré assistiu ao apito saudoso do velho navio da baiana, embarcando e desembarcando viajantes, dando expansão à zona Sudoeste.

Nazaré vibrava nos deslizes dos velhos trens da Estrada de Ferro, onde “Maria Fumaça” trôpega e fumegante, escorregava brandamente em trilhos ferrugentos, cantando a marcha da chegada e da saída em compassos lentos e arranhados (CRUSOÉ, 1989, f. 4).

Há, no arquivo, um discurso que proferiu em nome do seu esposo, durante a posse de novos colaboradores da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Nazaré, momento em que ele receberia homenagens da referida instituição a que se dedicou no passado quando, foi por duas vezes, seu Provedor. No discurso (02b0006-sd), falou em nome do seu esposo, homenageado por aquela instituição, juntamente com outras pessoas (médicos e membros daquela irmandade). Na sua oratória, relembra os cargos assumidos pelo esposo e cita trecho do Relatório publicado em 1º de fevereiro de 1962 pelo então Provedor Américo Augusto Crusoé:

Do cumprimento do nosso dever e do orgulho que sentimos pelo mesmo, não cabe agradecimentos, apenas, diremos bem alto, para que o nosso eco chegue até as gerações porvindouras, que nós cumprimos o nosso dever com zêlo, honestidade e amor à causa. Pela estrada tormentosa das nossas obrigações, sempre tivemos como guardiã das nossas atitudes a consciência da responsabilidade, que serviu aos nossos antigos, mantendo a nossa Santa Casa de portas abertas à pobreza, vitória incontestada, na hora em que outras casas assistenciais, fecharam suas portas ou tiveram suas atividades reduzidas.

Genuflexos, rendemos graças a Deus por nos ter concedido manter acesa a chama da fé que nos foi legada pelo inolvidável Dr. José Gonçalves Martins a 05 de setembro de 1830 (CRUSOÉ, 1990, f. 3).¹⁵

Esse gênero textual produzido pela escritora oferece subsídios para a narração histórica, esclarece acontecimentos e eventos literários, artísticos e culturais do contexto histórico em que viveu.

Mady Crusoé foi, também, secretária da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Nazaré, trabalhando em prol da comunidade nazarena através daquela filantrópica instituição,

¹⁵ A pesquisadora atribuiu o ano de 1990 a este discurso, pois o evento ocorreu à época em que Américo Crusoé já se encontrava muito doente, segundo relatos de sua filha Maria Aparecida, não mais participando de eventos como o relatado no discurso.

junto a seu esposo, Américo Crusoé, que foi, por duas vezes, Provedor da referida instituição, entre as décadas de 1960 e 1970. Ela também exerceu papel importante em outra instituição: foi uma das fundadoras e secretária do Instituto Feminino Nossa Senhora de Nazaré, além de redatora do seu estatuto, na década de 1970¹⁶. Localizamos no arquivo uma fotografia de uma de suas visitas à Santa Casa de Misericórdia, na ala infantil (conforme inscrição no verso da fotografia):

Figura 9 – Mady Crusoé em atividade na Santa Casa de Misericórdia de Nazaré



Fonte: AMC (04b0014-sd)

Das leituras dos documentos do arquivo madyano podemos conhecer um pouco mais da biografia da escritora em questão. Esses elementos localizados no arquivo particular em análise ajudam a contar a sua história e proporcionam novas leituras da sua obra *Pedaços de Vida* (1993).

A formação religiosa que recebeu do seu pai adotivo, o Cônego Getúlio Rosa, se faz presente em alguns dos seus textos, como a sua devoção à Nossa Senhora, presente no poema *Procissão da Flor*, que compõe a epígrafe desta tese. O poema foi escrito em homenagem à procissão da flor, evento católico que ocorre todos os anos no dia 03 de fevereiro, em Nazaré, após os festejos da padroeira da cidade, no dia 02 de fevereiro. O poema relata um pouco da

¹⁶ Essas informações foram declaradas pela escritora em sua biografia, na orelha do seu livro. Não foram localizados em seu acervo documentos referentes às funções exercidas na Santa Casa de Misericórdia, nem referentes às atividades exercidas no Instituto Feminino.

emoção e fé vivida pelos devotos da santa que percorrem as ruas da cidade com flores nas mãos, para depois depositá-las aos pés da “Virgem”, no interior na Igreja Matriz da cidade: “Aos pés da Virgem, minha flor cheirosa,/ Deposito em festas nesse lindo dia,/ Crianças cantam, festejando airosas,/ Adultos rezam em preces de alegria!” (CRUSOÉ, 1993, p.48). Conhecemos um pouco mais do seu perfil religioso no Hino Oficial a São Roque, escrito no ano de 1963, em homenagem ao centenário da Igreja Nossa Senhora de Nazareth, onde se festeja, todos os anos, o novenário a São Roque, também considerado padroeiro da cidade, cujos festejos culminam no dia 16 de agosto. Segue a letra do Hino de autoria de Mady Crusoé e música de Pedro Rodrigues:

Hino Oficial a São Roque
(pelo Centenário da igreja – 1863- 1963)

Ó São Roque a tua glória é perenal
Junto a Deus lá no céu todo em luz
Volve os olhos divinos sobre a terra
Dá-nos paz pelo amor de Jesus

Aos devotos do teu culto sublime
Suavisa ó São Roque divinal
As amargas torturas dessa vida
Na crença do teu culto universal!

Festejando nessa igreja gloriosa
O novenário da tua devoção
Agradecemos fervorosos teus milagres
Com as rosas da eterna gratidão!

Pede a Deus que perdoe as nossas faltas
Ó São Roque dessa igreja o padroeiro
E derrame suas bênçãos sacrossantas
Ao altivo povo brasileiro! (CRUSOÉ, 1993, p. 49)

Para ser cantado nos festejos a São Roque o hino sofreu uma pequena modificação, a saber: no verso “Volve os olhos Divinos sobre a Terra”, a palavra “Divinos” foi substituída por “queridos”, mudando o sentido do verso. Segundo a filha da escritora, Maria Aparecida, essa modificação foi feita com a aprovação da escritora. O pároco na época, em 1989, Padre Almiro Resende Peixoto¹⁷, ao conhecer a letra do hino, por volta do ano de 1995, sugeriu-lhe a modificação quando este fosse cantado nas missas ou festejos a São Roque. Ao falar sobre o

¹⁷ O Padre Almiro Resende Peixoto tomou posse da Paróquia de Nossa Senhora da Purificação de Nazaré em 1 de janeiro de 1989 e permaneceu até janeiro de 2002, conforme informações a nós prestadas.

seu convívio com a “professora Mady”, o Padre relatou-nos, informalmente, essa história, após a missa que rezou em homenagem a ela, na ocasião do Centenário de aniversário da escritora, em 11 de outubro de 2013. :

Sobre o hino, eu conversei com a professora Mady sobre esta frase “Volve os olhos divinos sobre a terra”. São Roque não é Deus e sim um santo, servidor do Senhor. Então este título “olhos divinos” só se refere a Deus. Então sugeri mudar para olhos queridos e ela gostou e agradeceu. Ela era uma pessoa generosa e de muita fé.

O texto da escritora foi elaborado para ser cantado, apresentado em sua modalidade oral. A modalidade oral de um texto implica sempre uma pluralidade de atores sociais, o que pode dar margem a outras versões de um mesmo texto. As sugestões podem ou não ser acatadas pelo responsável pelo texto. A modificação de um verso do hino foi aceita pela escritora, mas o texto está registrado em seu livro em sua forma original, pois o livro já havia sido publicado em 1993, cerca de dois anos antes da observação feita pelo pároco. Apenas nas atividades religiosas, o hino, ao ser cantado, apresenta a alteração no verso: “Volve os olhos *divinos* sobre a Terra”, que é substituído por “Volve os olhos *queridos* sobre a Terra”. Podemos observar um pequeno ato censório da Igreja no sentido de modificar uma ideia que foge aos princípios hierárquicos católicos, no sentido de que um santo está abaixo de Deus. O ato censório, percebido por nós, ao que parece, não foi concebido desta forma pela escritora que, seguidora dos princípios católicos, concordou prontamente com a modificação.

A cada leitura dos documentos do arquivo pessoal da escritora mais elementos para a composição de sua biografia fomos encontrando. Algumas cartas localizadas no arquivo, por exemplo, nos dão pistas do círculo de amizades da família da escritora. A casa de Mady sempre recebeu ilustres visitantes, a exemplo do amigo e escritor Paulo Tavares¹⁸, autor do livro *Criaturas de Jorge Amado*, que sempre lhe visitava e escrevia. Em carta, datada de 28 de março de 1970, agradece ao casal Mady e Américo por terem recebido seus amigos Jorge Amado e família, em sua casa no Monte Belo:

¹⁸ Paulo Tavares, escritor baiano, inspirou-se num trabalho similar de Anatole Cerfberr e Jules Christophe, editado em 1887 na França com o nome *Répertoire de La Comédie Humaine* de Honoré de Balzac, para construir o seu *Criaturas de Jorge Amado*. Tavares lançou a primeira edição das *Criaturas de Jorge Amado* em 1969 pela Livraria Martins Editora de São Paulo, tiragem de mil exemplares apenas, com capa de Carybé e orelha de James Amado. Quinze anos mais tarde, o escritor atualizou o seu dicionário totalizando 4.910 verbetes, publicação da Editora Record, com 514 páginas. Também é o autor de *O Baiano Jorge Amado e sua Obra*, lançado em 1980, pela Editora Record, com 196 páginas.

Figura 10 – Carta de Paulo Tavares

Aos queridos AMÉRICO e MADY,

é com a mais viva satisfação que venho, sensibillizado, expressar a Vocês dois a gratidão enorme que lhes tributo pela bondade que tiveram em hospedar o Jorge Amado, o Antônio Celestino, o dr. Paulo Loureiro e famílias, tudo por minha causa.

Se eu, devido à proibição médica, não pude ir com Haydée como havíamos projetado e muito desejado — ainda assim Vocês tiveram a fidalguia de proporcionar àqueles meus convidados um acolhimento de "inexcedíveis gentilezas", como disse o Jorge Amado. A mim e a Haydée resta lamentar não termos gozado de convívio tão agradável aí no Monte, que seria de certo para nós dois um patrimônio de grata recordação.

A família do Celestino trouxe por engano na mala um lençol que lhes pertence. Pelo telefone disseram que logo devolverão. Soube que a Virgínia e a Aparecida pagaram penitência por uns pitus...

Profundamente penhorado, o irmão pelo coração

Bahia, 28/3/70

Paulo

Fonte: AMC (06b0011-70)

Em agradecimento à hospedagem, o escritor Jorge Amado escreve a Américo Crusoé em nome de todos os familiares que foram recebidos no Monte Belo:

Figura 11 – Carta de Jorge Amado

Jorge Amado

Salvador 31 de março de 1970
Américo Crusoé
Coletor Estaduaã de Nazaré
Chácara Monte Belo
"Casa do Padre Getúlio"
Nazaré das Farinhas

Caros amigos,

em meu nome pessoal, em nome de Zélia e de meu filho João Jorge, em nome dos amigos que aí estiveram conosco, venho lhes agradecer de todo o coração a gentileza infinita com que nos receberam, a cordialidade e o calor de amizade com que nos cercaram. As horas que passamos em companhia de amigos tão gentis e encantadores foram para nós as mais agradáveis. Lamentamos a penas que tivéssemos tido tão pouco tempo na cidade de Nazaré e em casa dos Crusoé.

Pelo mesmo correio, sob registro, estou enviando um exemplar de um livro meu, autografado para o casal expressando meus agradecimentos. Aqui na Bahia fica as suas ordens, o amigo

Jorge

Rua Alagoinhas 33 - Salvador - Bahia
Jorge Amado - Rua Rodolfo Dantas, 16 - ap. 704
Copacabana - Rio de Janeiro

Fonte: AMC (06d0001-70)

O tom de amizade e liberdade que reveste a carta expressam os laços que se formaram entre as famílias Amado e Crusoé, que se conheceram por intermédio de Paulo Tavares. A carta revela um evento de natureza íntima, do cotidiano da casa dos Crusoé, um ambiente acolhedor.

Ao ler as cartas do acervo, observamos que ao longo dos anos que passam, a datação daquelas vai resguardando e assinalando o que não volta mais: as amizades, os encontros, os eventos em família, a ausência/presença da mãe da escritora, dentre outras informações de caráter pessoal. As cartas ajudam a compor o emaranhado de fragmentos que constituem o arquivo e estabelecem um diálogo com outras peças arquivadas, a exemplo de poemas, crônicas, discursos, entre outras. Elas ajudam a construir a imagem desse sujeito escritor, fornecendo mais fragmentos na composição do grande mosaico que é o seu acervo particular. Mady Crusoé elegeu a poesia como o primeiro gênero para se expressar artisticamente, nos manuscritos localizados no arquivo e também no seu único livro publicado podemos observar os registros referentes a idade que a escritora tinha ao escrever alguns versos. Com apenas 14 anos de idade, escrevia sonetos para falar da perda da sua mãe; aos 17 anos, seus sonetos se referiam aos amores juvenis. Apesar de ter iniciado sua caminhada literária pela poesia, foi o gênero crônica que ela se dedicou a escrever e publicar. Sob a proteção e o aval do escritor nazareno Anísio Melhor, Mady Crusoé estreou na cena literária de Nazaré, nas páginas do Jornal O Conservador, em 1930, publicando crônicas. A escritora, em sua biografia¹⁹, apresenta-se como: “cronista social dos jornais: *O Conservador*, *O Grito*, da cidade de Nazaré, do *Imparcial*, *Voz do Professor* e *A Tarde*, de Salvador, sob os pseudônimos de Amy, Mariza, Madame X e Mady”. O leitor os recebia como se fosse o nome do autor(a) dos textos, sem poder avaliar-lhe nem discutir sua autenticidade. Alguns textos, dispersos no APMC, testemunham a sua participação na imprensa baiana, no início do século XX. Essa sua experiência nos jornais contribuiu para que ela construísse a sua identidade como escritora.

Em uma crônica localizada na *Coletânea 3*, coleção de recortes de jornais que pertenceu ao esposo da escritora (Américo Crusoé), à folha 59, há um comentário da redação do jornal que introduz a crônica intitulada *Paisagem noturna*, a saber:

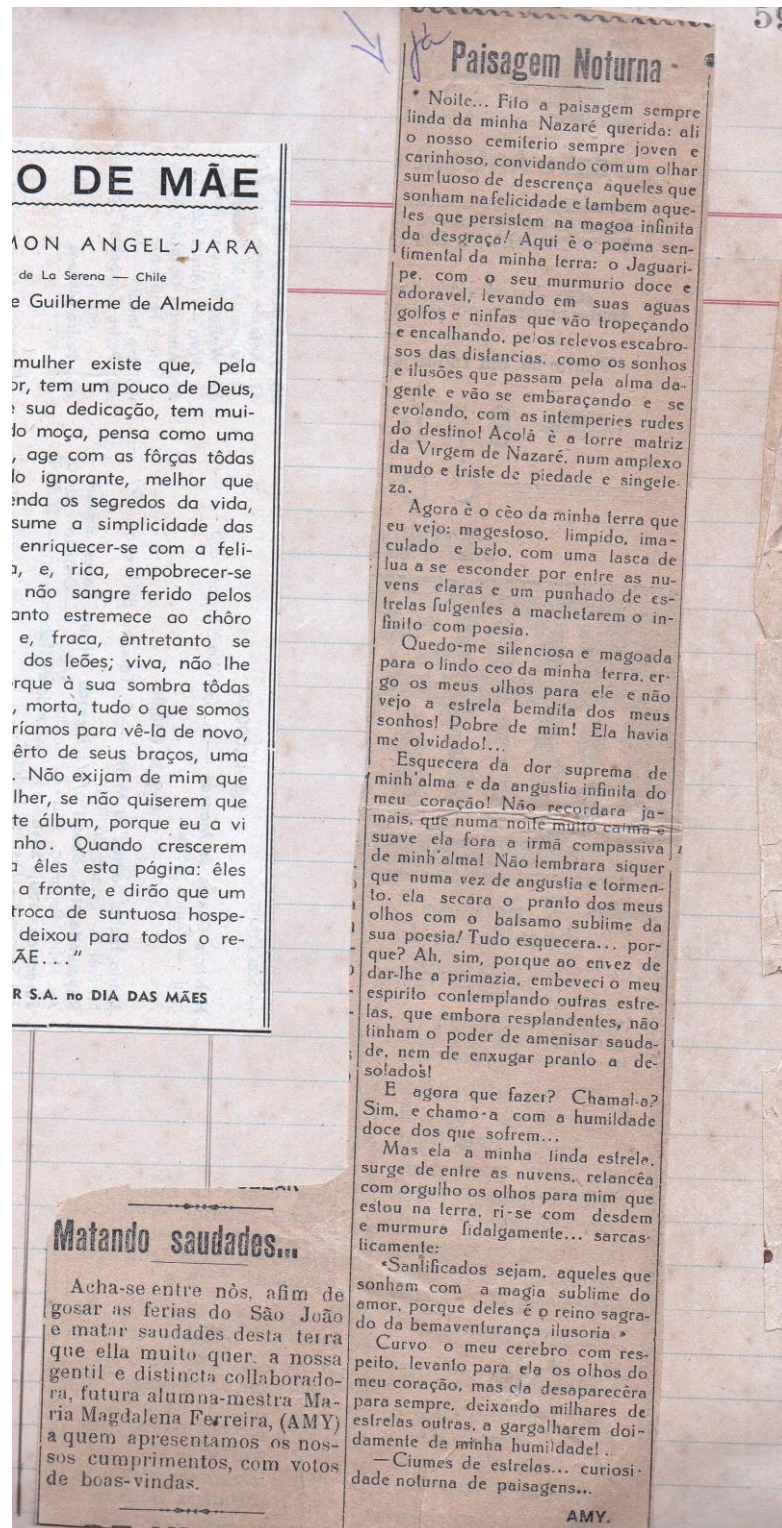
Acha-se entre nós, afim de gosar as férias do São João e matar saudades desta terra que ella muito quer, a nossa gentil e distincta colaboradora, futura

¹⁹ A Biografia da escritora foi publicada na orelha do livro *Pedaços de Vida* (1993)

alumna-mestra Maria Magdalena Ferreira, (AMY), a quem apresentamos os nossos cumprimentos, com votos de boas-vindas (O CONSERVADOR, 1932)

Nesse comentário, o jornal revela um dos pseudônimos da escritora. Acreditamos que pela posição social que ocupava, pela sociedade machista da década de 1930, bem como por ser menor de idade, solteira, a escritora utilizou-se de pseudônimo para não se expor e ao mesmo tempo como uma forma de “nascido novamente”, de inventar uma persona literária para si mesmo, como uma forma de expressar-se com mais liberdade, sem se prender a conceitos e preconceitos estabelecidos pela sociedade a qual pertencia. Segundo Gèrard Genette (2009) o pseudônimo está ligado ao “[...] prazer da invenção, do empréstimo, da metamorfose verbal, do fetichismo onomástico (GENETTE, 2009, p.53). O pseudônimo é apresentado por Genette (2009) como um paratexto, na categoria que denominou “ O nome de autor”. Para ele a obra literária consiste, exaustiva ou essencialmente, num texto, numa sequência mais ou menos longa de enunciados mais ou menos cheios de significação. Segundo ele, esse texto raramente se apresenta sem o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações. “[...] Esse acompanhamento, de extensão e conduta variáveis, constitui o que em outro lugar batizei de paratexto da obra [...]. (GENETTE, 2009, p. 9) . Segue o fac-símile do recorte de jornal com a crônica e o comentário do editor sobre a escritora revelando seu nome por detrás do pseudônimo “Amy”:

Figura 12 – Crônica Paisagem noturna



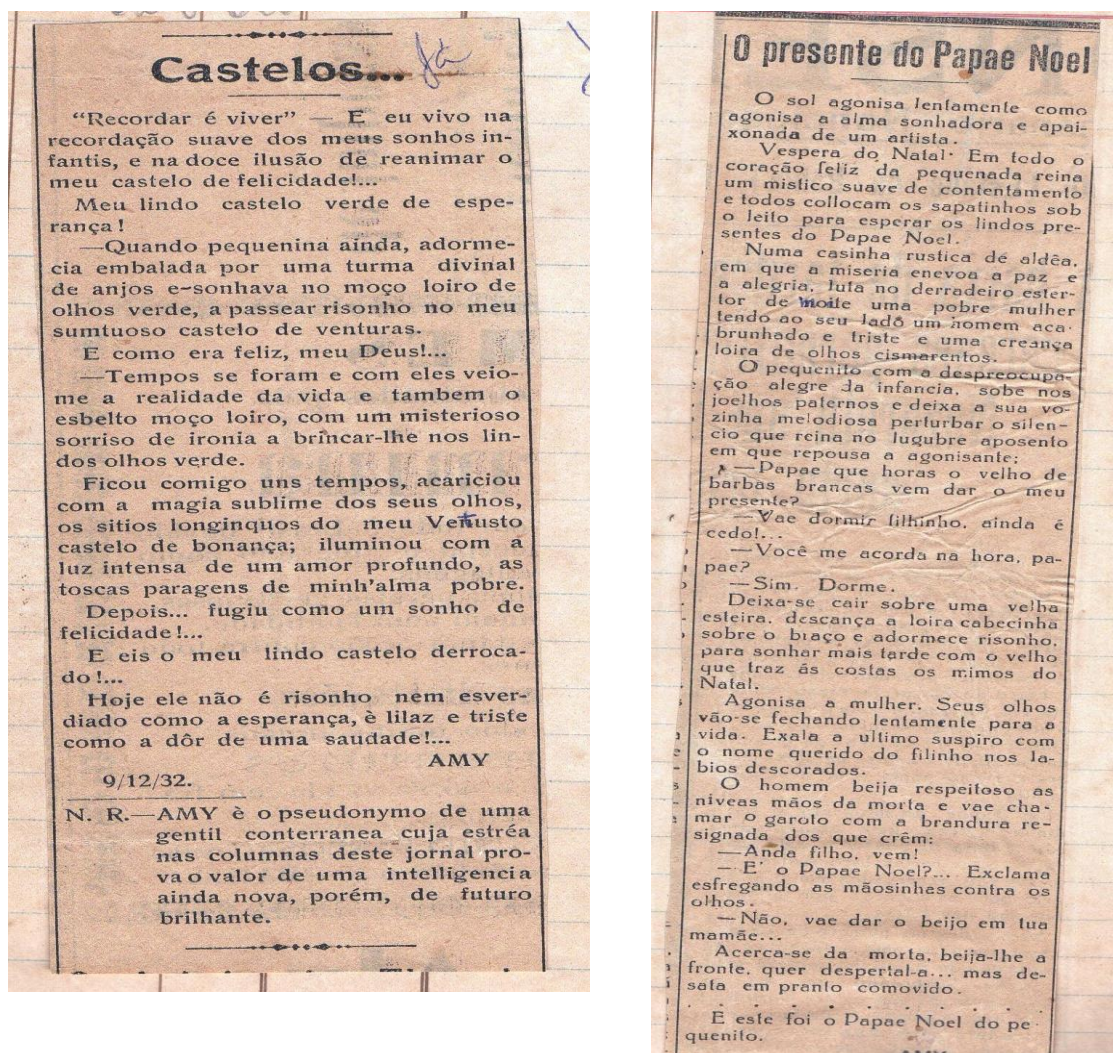
Fonte: AMC (Coletânea 3, f. 59)

Naquele período, ela estava residindo em Salvador e ainda era estudante do curso de Magistério. Ao chegar em Nazaré para passar as férias de São João, fora requisitada pelo jornal para escrever essa crônica. *Paisagem noturna* revela a cronista saudosa de sua terra,

exaltando cada elemento da natureza que pode visualizar do alto do Monte Belo, sua residência.

As crônicas representadas pela figura a seguir que apresenta crônicas localizadas à *Coletânea número 3*, intituladas *Castelos...* (03b0001-32) e *O presente do Papae Noel* (03b0002-sd), também foram assinadas com o pseudônimo Amy:

Figura 13 - Crônicas de Mady Crusoé publicadas em *O Conservador*



Fonte: AMC, Coletânea n.º 3 (f. 55v.)

O cenário da produção literária baiana feminina, durante as primeiras décadas do século XX, ainda se mostrava marcado por certas restrições e controle da sociedade no tocante à escrita feminina. Mady Crusoé vivenciou este processo, engajando-se na luta por uma sociedade mais justa, mais letrada. A sua participação na década de 1930 no jornal nazareno *O Conservador*, dirigido, à época, pelo poeta Anísio Melhor, mostra o seu

engajamento no movimento pela leitura em Nazaré, incentivando a juventude a acompanhar as crônicas que escrevia todos os domingos, na coluna intitulada *Eles*, publicada no jornal O Conservador, em 1932, conforme se pode notar no trecho a seguir, que introduz a crônica:

Todos os domingos ‘O Conservador’ publicava esses rascunhos que eu escrevia para os rapazes e o poeta Israel Embiruçu respondia para as moças, de modo que, aos domingos pela manhã, a distração era ler o jornal e descobrir quem eram os privilegiados do dia. Foram escritos muitos ‘Eles’ e muitas ‘Elas’ para a alegria da moçada que, naquela época, endeuçava a beleza da poesia e valorizava a cultura e a inteligência de sua terra (CRUSOÉ, 1993, p. 92).

Além de reconstruir momentos da história de vida de Mady Crusoé, o estudo do seu acervo nos permitiu conhecer melhor o contexto em que viveu, tornando possível uma associação entre sua vida pessoal e a produção literária que nos legou. Conhecer a sua vida, por meio do seu arquivo, nos ajudou a entender e a reconstituir (em parte) o seu processo criativo. É importante trabalhar com fontes primárias no campo da Filologia, pois, ao apresentar os acervos pessoais, o editor transmite mais informações sobre o texto fixado. Além disso, o desnudamento do AMC permitirá uma melhor compreensão do processo de criação da escritora em questão.

As produções literárias marcaram a sua presença no mundo e ajudaram a traçar a sua identidade feminina, a interagir com as pessoas de seu tempo, a manter vivos os seus sonhos e as alegrias que experimentou na vida. Algumas de suas crônicas contribuem para o entendimento do passado de desenvolvimento da sua cidade e constituem importantes fontes de informações para os estudos históricos, a exemplo da crônica publicada no Jornal *A Tarde*, em 8 de novembro de 1985. Às vésperas das comemorações do aniversário de Emancipação Política de Nazaré, a escritora rememora a extinta Estrada de Ferro de Nazaré “Palco da vida nazarena, onde filhos tinham atividades e pais ganhavam o sustento para suas famílias” (CRUSOÉ, 1985). Segue fac-símile da publicação:

Figura 14 – Crônica no Jornal A Tarde



Fonte: AMC (03b0013-85)

Ela era exímia leitora de poesias de escritores baianos, nacionais e internacionais. Foi-nos cedido, para consulta, por seus familiares, um caderno com uma coletânea de poemas de autores diversos, manuscritos. Nós o consideramos uma antologia poética que representa o amor vivido por ela e o seu esposo Américo Crusóe, seu noivo na época. A coletânea organizada pela escritora é composta por textos de escritores canônicos, a exemplo de Olavo Bilac, Humberto de Campos²⁰, Augustos dos Anjos, Casimiro de Abreu, Pe. Antonio Vieira, Castro Alves, dentre outros. Há também textos de Anísio Melhor, Gilka Machado, Cecile Perin, Hermes Fontes, Virgínia Victorino, Paulo Durval, dentre outros. A coletânea, datada de 12 de outubro de 1935, foi presentada ao esposo (noivo na época) no dia do seu aniversário, que coincidentemente era o dia do aniversário de ambos. O título de cada poema foi escrito

²⁰ Este poeta certamente era um dos preferidos do seu noivo, pois nos volumes de miscelâneas organizados por Américo Crusóe há muitos recortes de poemas deste poeta brasileiro.

com letras decoradas. As folhas do caderno foram enfeitadas com adesivos, sugerindo temas que revelam amor, paixão, amizade.

Há, na primeira folha, uma dedicatória ao noivo:

Essas rimas enfeitadas com o sorriso ironizado dos tristes e a alegria fingida dos poetas, copiei para a candura sempre bella dos seus olhos e a poesia sempre grande de sua grande alma.

Quando mais tarde, surgir na sua vida uma nevoa de amargura meu amor, procure e colha no jardim do sentimento de cada poeta, a flôr suavíssima e dulcificante da recordação e beije-a ternamente... apaixonadamente, como se deve beijar a pequenina pétala lilá de uma saudade boa... que encantou a nossa vida!... (CRUSOÉ, 1935, f. 1)

Esses autores, certamente, influenciaram a poética madyana e nos mostram, em parte, o perfil da escritora-leitora de autores canônicos e não-canônicos, nacionais e internacionais. Depreendemos também, que esse caderno de poemas organizado por Mady foi baseado nas preferências poéticas do seu noivo, pois os autores citados podem ser lidos nos recortes de jornais e revistas colecionados por seu esposo, nos documentos localizados no AMC que ele intitulou de Coletâneas.

Em seu livro *Pedaços de Vida*, a escritora expõe os seus sentimentos e coloca em cena a sua intimidade. Apresenta em seus poemas e narrativas a consciência de si para a sociedade que a fez, por toda a vida, preservar a sua imagem; que tentou controlar as suas reações afetivas; que a inibiu a não revelar a verdadeira identidade em seus textos publicados em jornais nos quais foi colaboradora.

Apesar de ceder a certas imposições e convenções sociais, ela não demonstrou um comportamento passivo, nem tampouco ingênuo, o que a fez uma mulher à frente do seu tempo. Observamos que, ao apresentar aos leitores essa consciência de si, a escritora realiza um desejo que era de muitas mulheres de sua época: expor seus sentimentos, suas opiniões e críticas a uma sociedade que oferecia poucas oportunidades de participação social e de desenvolvimento intelectual às mulheres. Assim, seus textos se identificam com outros sujeitos, aqueles com os quais partilhou experiências, seja no âmbito do exercício do magistério, seja no âmbito familiar ou coletivo.

As suas memórias desdobram-se, alargam-se e envolvem a sociedade na qual se insere. É por isso que uma história de vida não pode ficar escondida. Conforme Ecléa Bosi (2013, p. 69), [...]“uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu.” E a cidade a viu crescer, formar-se, casar-se, tornar-se professora, mãe, avó, bisavó. A cidade testemunhou seu

trabalho à frente de instituições filantrópicas, contribuindo para o crescimento de sua terra e de sua gente. Em discurso proferido por ocasião das comemorações ao centenário de nascimento da escritora, sua filha Maria Aparecida Crusoé Souza a descreveu:

[...] mulher extremamente sentimental, que soube como ninguém transmitir para todos a alegria de viver, o amor para com o próximo e o amor pela sua cidade Nazaré.

Nazaré que ela grita e reivindica progresso, através do seu poema Nazaré Primavera! (SOUZA, 2013, f. 4)

Após conversas informais com amigos e parentes de Mady Crusoé, e após ler seus manuscritos e documentos, comprovamos que ela não viveu uma vida anônima (com exceção da época em que assinava seus textos com pseudônimos), mas sim, carregou consigo fidelidade à sua cidade e ao seu povo. E a atitude poética que carregou consigo por toda a sua vida não estava apenas nos seus versos, mas nas suas crônicas e discursos e mesmo nas cartas que escreveu. Mady viveu poeticamente os seus dias. A escritora faleceu em 26 de julho de 1997, após um longo período de luta contra um câncer. Sua morte ocorreu exatos dois meses do falecimento do seu esposo. Familiares contam que a doença agravou-se após a morte do companheiro.

Mady Crusoé, cidadã nazarena, esposa, mãe, avó, professora e escritora apresenta-se a nós através do seu espólio, fonte primária insubstituível para conhecê-la. Durante este estudo, abrimos espaço para que a própria escritora nos contasse a sua história, muitas vezes recriada em seus poemas, em suas memórias literárias e em suas crônicas.

A visita às fontes traz algumas surpresas ao pesquisador que, muitas vezes, necessita da arquivística literária para a construção de um dossiê do acervo, que norteará o seu trabalho de leitura e interpretação do percurso biográfico em que a obra do autor se desenvolveu. No AMC, memória particular e coletiva harmonizam-se: há manuscritos autógrafos de textos da escritora, bem como as suas correspondências; há documentos pessoais e fotografias de família junto a fotografias da cidade de Nazaré do início do século XX. Há, também, recortes de notícias sobre a política e a economia do país e notícias sobre a segunda guerra mundial; há recortes de textos de escritores locais, nacionais e internacionais – tudo colecionado pelo esposo da escritora.

Esses manuscritos, misturados a outros documentos que integram o arquivo, dão-lhe esta feição de lugar, ou de templo de memória, remontam ao passado, e, sutilmente, pode-se entrever a oficina de criação da escritora. Em meio a estes recortes, há recortes de textos de

Mady Crusoé, publicados em jornais baianos. A respeito dos elementos que compõem os arquivos de autores contemporâneos, Antonio Braz de Oliveira (2007, p. 375) afirma que

[...] lugares e temp(l)os de memória, os manuscritos e outros documentos que integram os arquivos de autores contemporâneos ora espelham o pulsar da oficina de escrita própria de cada criador (mostrando a gestação e o devir de sua obra), ora desvendam o especioso percurso de que foi feito o impulso, sucesso ou insucesso, de muitas intervenções singulares e movimentos coletivos (literários, artísticos, cívicos, etc.) que marcaram decisivamente a nossa história cultural mais recente.

Para o filólogo, o espólio documental de um escritor não é um depósito de enunciados mortos, mas, ao contrário, traz enunciados que pulsam a cada leitura atenta. Conforme Oliveira (2007, p. 375), o espólio documental de um escritor

[...] permite, em primeira linha, o reconhecimento do respectivo percurso biográfico, quer como trânsito individual balizado pelas humaníssimas datas de nascimento e morte, quer como (com)vivência geracional e compromisso com a história, circunstanciado este pelo tempo em que a obra e a intervenção cívica do autor se inscreveram. Lembrando Pessoa, dir-se-ia que um espólio é o lugar em que se cruzam os testemunhos das duas vidas que todos temos: a útil e a sonhada ou inventada nas margens daquela, entre o estar aqui e o querer estar mais além. A gênese de um texto é sempre, de igual modo, o percurso (um fragmento, pelo menos...) de uma “mão de escrita” que (se) assinala uma passagem.

Para a organização dos documentos de Mady Crusoé, recorreremos à leitura de outros trabalhos sobre acervos de escritores, sobretudo o *Manual de Organização do Acervo Literário de Érico Veríssimo*, elaborado por Maria da Glória Bordini (1995); o *Inventário de Ariovaldo Matos*, organizado por Mabel Meira Mota (2012); *O Arquivo Digital de Textos Teatrais Censurados* (atividade em andamento), coordenado pela Professora Doutora Rosa Borges, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Observou-se que cada espólio apresenta suas peculiaridades e, desse modo, buscou-se um caminho conveniente para, então, construir o inventário dos documentos do AMC.

Cada acervo tem a sua especificidade e demanda e a cada um pode ser aplicada uma forma diferenciada de tratamento. Mas, para todos, há um procedimento comum: organizar, preservar, explorar e divulgar o conteúdo existente em todos eles. A este respeito, concordamos com Maria Zilda Cury (1995, p. 57-58), quando diz que:

[a] organização de acervos e a abertura de suas portas a um público mais amplo, além do mais, indicam uma visão mais democrática das

possibilidades de acesso à cultura e para uma tentativa de retomada da memória no seu aspecto efetivamente coletivo, comunitário.

Oferecer o acervo madyano a uma (re)leitura é apresentá-lo como um amplo texto, dando a ler o trabalho realizado na construção do seu livro; é conhecer a escritora em suas hesitações, em suas dúvidas, na realização de seu projeto livro; é flagrar o seu processo criativo, tentar apreender os movimentos genéticos em suas campanhas de revisão na realização do seu projeto.

2.1 NA CENA DO ARQUIVO

Monte Belo (Ilustração da capa)

Meu Monte Belo querido,
Postal da minha cidade,
Te vejo em meus pobres versos,
Entretendo a minha saudade!

Casinha branca, rodeada de janelas, perto do céu duas palmeiras centenárias ladeando, tendo aos seus pés o velho Jaguaripe, cortando a beleza da paisagem, onde se vê pedaço lindo da cidade, com seu casario centenário, belo e maravilhoso, cartão postal de Nazaré, que dulcifica e enternece o visitante, deixando aos olhos de todos, o retrato de uma das vistas mais poéticas da cidade.

Monte Belo, na policromia dos teus campos, pulei corda, subi nos velhos cajueiros, tomei banho na represa que te cerca, cisme, sonhei e, na minha adolescência, tive a impressão de que, na beleza do teu céu, eu iria construir o meu castelo de amor.

Agora, quando a caminhada já prateia os meus cabelos, eu te agradeço o quanto me deste de ternura e te ofereço aos meus netos, para que façam dos teus campos verdejantes, a liberdade e do teu pedaço de céu, a maior felicidade de suas vidas! (CRUSOÉ, 1993, p. 78)

Monte Belo é o primeiro texto da seção Crônicas e Discursos, do livro *Pedaços de Vida*, de Mady Crusoé (MC) publicado em 1993, que será tomado neste estudo como ilustração da sua residência, lugar que, também, foi o seu laboratório autoral e atualmente guarda o seu arquivo pessoal. É no Monte Belo que a escritora foi “arquivada”. É neste lugar lembrado em versos e prosa que está localizado o APMC.

Foi da pesquisa deste arquivo que este estudo tornou-se possível, pois ele acolhe documentos pessoais, manuscritos autorais, recortes de matérias de jornais, fotografias, objetos pessoais, entre outros que ajudam a contar a história da escritora e a traçar o seu itinerário literário, sem perder de vista o contexto histórico em que estava inserida. Seu arquivo descortina a vida social e intelectual da sua pequena cidade, Nazaré (no início do século XX), situada no Recôncavo baiano.

A casa da escritora, em que estão os seus escritos e documentos, situa-se num local privilegiado da cidade, vários de seus textos retratam a beleza desse lugar que, por muitas vezes, foi sua inspiração para compor suas crônicas e seus poemas.

Figura 15– Monte Belo



Fonte: fotografia feita por SCARANTE, 2013

A casa está localizada no alto de um monte, denominado Monte Belo. Trata-se de uma casa branca, de muitas janelas azuis e rodeada por uma extensa área verde. Subir até a casa significa não apenas conhecer o lugar onde viveu a escritora, mas ter uma ampla visão da vida de uma cidade do interior, com seus casarios e igrejas do século XIX, entrecortada pelo rio Jaguaripe, elementos que ajudam a contar alguns capítulos da história do Recôncavo. A fotografia, a seguir apresenta a vista da cidade da sua varanda:

Figura 16 – Vista parcial do Monte Belo



Fonte: SCARANTE, 2013.

A diversidade de documentos e objetos que compõem a casa da escritora fornecem subsídios para a construção do seu perfil de professora, esposa, mãe, avó, escritora e de mulher atuante na sociedade em que viveu, desempenhando importantes papéis em instituições artísticas, culturais e filantrópicas de Nazaré. Esse material é muito importante para a compreensão do processo de construção e de transmissão de suas produções, respaldando, assim, o estabelecimento do texto crítico. Além disso, ao trazer à tona as fontes primárias, o filólogo mostra a representatividade da escritora no âmbito intelectual, histórico e cultural do seu tempo. Desse modo, um arquivo particular tem um sentido monumental e histórico, guardam-se as memórias do seu titular e as memórias de sua época para as gerações futuras.

Apresentamos o acervo, para que este possa ser lido, exposto ao público, a quem fora dado a conhecer (até o surgimento deste estudo) apenas o livro *Pedaços de Vida*, pronto, acabado. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de cunho histórico, ou seja, partiu-se da leitura do passado, do qual o acervo é a ponte para, enfim, realizar-se a catalogação, o estudo e a análise crítica das informações obtidas em suas fontes primárias e secundárias com o intuito de manter íntegros os documentos e divulgar as informações neles contidas. Este acervo é de grande importância para (re)contar a história de vida de seu titular e a história da época em que viveu. Trazem para outra época o texto e a sua memória, atualizando-o. O interesse em guardar a memória não é algo novo. A memória é algo necessário para a

coletividade, ela é característica da vida em sociedade. Segundo Le Goff (1999, p. 438), “a memória é uma fonte de imortalidade, antídoto do esquecimento”; é através dela que a humanidade mantém as suas lembranças vivas, constrói a sua identidade. Guardar os papéis significa muito mais do que guardar as lembranças pessoais, significa garantir a manutenção da memória coletiva. A seguir uma fotografia, feita por nós, de uma das cômodas em que muitos documentos foram guardados pelo arconte do arquivo (o esposo da escritora) e conservados pelos filhos e netos da escritora:

Figura 17 – Escrivantina de Américo e Mady



Fonte: SCARANTE, 2013

No seu interior, a casa que pertenceu a escritora é constituída por salas amplas e duas salas de jantar, locais onde a escritora costumava reunir toda a família. O imóvel é habitado, atualmente, apenas, durante os encontros realizados pelos familiares, nas férias de junho e nas comemorações de final de ano. A casa em que viveu a escritora guarda elementos que compõem a memória da cidade, como a presença do Cônego Getúlio Rosa – sacerdote de Nazaré e Região, venerado pelo povo no início do século XX e pai adotivo da escritora – presença impregnada na sua mobília sacerdotal, nas bíblias em latim, nos cálices que utilizou em diversas pregações. A figura a seguir, apresenta o conservadíssimo oratório, que pertenceu ao cônego:

Figura 18 – Oratório

Fonte: SCARANTE, 2013

O oratório e demais objetos que pertenceram ao Cônego adornam uma das salas da casa, contribuindo para dar ao acervo o *status* de “lugar da memória” (NORA, 1993), da memória individual da escritora; mas também da memória coletiva, pois muitos dos elementos ali depositados são genuínos signos de identidade do povo de Nazaré.

O acervo madyano também foi considerado por nós, neste estudo, como lugar de memória, seguindo a concepção de Pierre Nora (1993), que apresenta para o arquivo como lugar de memória, três sentidos: material, simbólico e funcional, simultaneamente, com o objetivo de cristalizar uma memória e reforçar uma identidade individual e coletiva.

E como lugar da memória, o acervo necessita de alguém que lhe atribua sentido, neste caso o pesquisador é quem faz tal papel. Ele também desempenha a função de arconte (DERRIDA, 2001), ou seja, é aquele que faz a interpretação, que dá sentido ao conjunto de objetos, que junta as peças, como se montasse um jogo de quebra-cabeças. Ele é quem faz a “escavação”, coletando informações. Faz-se necessário considerar o acervo como um sistema de discursos que apresenta diversas possibilidades de enunciação agrupadas em figuras distintas que se correlacionam.

A curiosidade pelos locais onde a memória é cristalizada e se refugia em ambientes como o AMC. Essa curiosidade é um sentimento muito comum nesta época em que vivemos, momento em que, segundo Nora (1993, p.1) temos a plena consciência da ruptura com o passado, que se mistura à sensação de uma “memória esfacelada”. Segundo Nora (1993, p.1), o sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória”. Assim, o principal objetivo desses “lugares de memória”

é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial – o ouro é a única memória do dinheiro- prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes [...] (NORA, 1993, p. 16).

As memórias da família Crusoé, as memórias da escritora, em particular, também estão presentes em seus textos, como em sua crônica intitulada *Sacerdote da Roça*, originalmente publicada em um folheto distribuído pela Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré, denominado *Mensageiro*, em 6 de agosto de 1950, posteriormente publicada no jornal *A Tarde* em 23 de maio de 1986, nela a escritora homenageia o Cônego Getúlio Rosa, recordando as suas ações de caridade, durante seu sacerdócio:

Caminha o pobre Cura de aldeia, pairando aqui a mitigar a dor de uma infelicidade angustiosa. Encostando ali a dulcificar carinhoso e amigo a tristeza de um casebre, onde as asas da morte pousa lúgubre, apavorante! Acolá, balsamizando com os seus minguados recursos, a dor latejante de uma orfandade em desalento! (MARIA MAGDALENA, 1950, f. 4)

No trabalho de classificação dos acervos literários, é comum o pesquisador ser surpreendido ou desconcertado por diferentes objetos. No APMC há, por exemplo, uma coleção de sete chaves grandes. Uma delas, segundo familiares, pertenceu à porta da Igreja Matriz da cidade. São chaves de modelos antigos, arrumadas na bancada de mármore sobre a cômoda onde estão depositados os manuscritos da autora e outros documentos. Segue a figura:

Figura 19 – Coleção de chaves



Fonte: SCARANTE, 2013

Há, na parede de uma das salas, dois quadros feitos pela escritora. Tratam-se de dois desenhos feitos a lápis colocados em molduras pelos familiares. A delicadeza dos traços e motivos desenhados demonstram a sensibilidade artística da escritora, como se pode depreender das imagens a seguir:

Figura 20 – Desenhos feitos por Mady Crusoé



Fonte: SCARANTE (2013)



Fonte: SCARANTE (2013)

O Arquivo Particular de Mady Crusoé possui um importante legado documental sobre a sua vida e a sua obra. Destaca-se, principalmente, a sua atuação enquanto escritora, pois consta de muitos manuscritos de textos autógrafos. Grande parte dos documentos do arquivo estão ligados diretamente à sua produção literária, outros são documentos referentes a sua vida pessoal e profissional e a sua família.

É comum, na atualidade, escritores colecionarem os traços da própria criação, ou seja, guardarem com zelo os manuscritos do processo de criação de seus textos, bem como documentos que comprovem o reconhecimento no meio literário. Alguns escritores transformaram sua biblioteca particular, ou seu gabinete de leitura, em um espaço para guardar documentos pessoais, rascunhos, datiloscritos, cartas, entre outros, atitude decorrente do interesse em armazenar a memória. Com esta atitude, preservam-se do esquecimento e deixam registradas as pistas do seu labor na construção do conjunto da sua obra. Apesar da ação de “arquivar-se” ser uma prática comum entre os escritores modernos, Mady Crusoé não foi a responsável pela organização do seu arquivo particular.

O AMC foi organizado por familiares. Inicialmente, todos os seus papéis referentes a sua obra literária, bem como documentos de interesse familiar (escrituras públicas, doações de

imóveis, cartas, entre outros) foram organizados pelo esposo da escritora, o Sr. Américo Augusto Crusoé²¹ (1908 – 1997). Ele foi o guardião do arquivo madyano, exímio leitor de jornais e colecionador de textos, reuniu as produções da sua esposa, desde os manuscritos e rascunhos aos textos publicados em jornais baianos. Os “lugares de memória” (NORA, 1993) nascem da vontade de memória. Essa vontade existiu desde os primeiros documentos organizados em pastas pelo seu primeiro arconte: seu esposo.

A organização que ele fez não foi com o interesse de transformar a sua residência em um museu, após a sua morte e de sua esposa, mas pelo simples prazer de guardar as suas memórias, de garantir aos seus sucessores a memória da família.

Os arcontes do AMC preservaram os documentos que permitem identificar os rastros da atividade de escritura madyana, bem como os rastros das atividades que ela desenvolveu no cenário educacional baiano e em instituições filantrópicas em sua cidade, Nazaré. Tal atitude se caracteriza como um ato de fazer história, pois o testemunho surge nesse cenário na condição de trazer o passado para o presente. Essa atitude dos arcontes de Mady Crusoé, de zelar por seus papéis, salvando-os do “tempo e do exílio” (TAVANI, 1997, p. 83), transformando-os em acervo pessoal, tornou possível a preservação de um aparato documental significativo, que possibilita o exercício de edição. Lugares como este, são “[...] lugares, portanto, mas lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente enlaçados de vida e de morte, de tempo e de eternidade” (NORA, 1993, p. 22).

Seu acervo guarda o que Ricouer (2012) denomina de rastro documental, é o lugar onde os textos, os documentos foram depositados, um lugar físico. Mas, ao mesmo tempo, adverte que o acervo “não é apenas um lugar físico, espacial, é também um lugar social” (RICOUER, 2012, p. 177).

É o acervo, como explicita Ricouer (2012, p. 320-321), um depositório de rastros,

[...] o rastro indica o aqui, portanto no espaço, e agora, portanto no presente, a passagem passada dos vivos, ele orienta a caça, a busca, a investigação, a pesquisa. Ora, tudo isso é a história. Dizer que ela é um conhecimento por rastro é apelar, em último recurso, para a significância de um passado findo que, no entanto, permanece preservado em seus vestígios.

²¹ Américo Augusto Crusoé (1908-1997) era Agente Fiscal da Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia. Colecionador de recortes de jornais nazarenos e da capital baiana. Recortava, especialmente, para os seus volumes de miscelâneas, aos quais chamava de Coletânea, poemas de autores brasileiros canônicos e de outros autores, a exemplo de poetas nazarenos. Segundo depoimento de familiares, ele lia todos os dias os jornais mais importantes do Estado, no seu gabinete de leitura, recortava notícias e textos literários para a sua coleção. Dentre os textos, interessava-lhe, sobretudo, os gêneros textuais produzidos por sua esposa, a escritora Mady Crusoé.

O AMC traz o passado de volta, faz com que ele persista, pulse. As pistas ou rastros nele presentes orientam a pesquisa. Os espólios de escritores contemporâneos suscitam discussões no campo da Filologia/Crítica textual e da Crítica Genética, que têm como principais objetivos no trabalho com acervos de escritores a edição e a crítica filológica e genética. Cabe ao filólogo e ao geneticista lançarem novo olhar sobre a escritura literária, dando visibilidade aos manuscritos do autor para a reconstituição de seu processo de criação, de seus projetos para publicação. É significativo o olhar da Filologia e da crítica genética para a figura do autor/escritor que, nos bastidores, reaparece com seus rascunhos, anotações, suas marcas autorais, fazendo-se presente na cena literária. As fontes primárias localizadas no AMC apontam para o contexto em que os textos maduros foram desenvolvidos, para a produção material e para as leituras que podem ter sido feitas pela escritora.

Trabalhar com acervos de escritores requer um enfoque multidisciplinar, faz-se necessário mobilizar conhecimentos de áreas diversas, porém afins, para a organização e leitura crítica destes. Inicialmente, apresenta-se o acervo particular dessa escritora baiana revelando como se deu a sua organização pelos seus familiares e, sobretudo, como foi feito o seu inventário pela pesquisadora, ação que promoveu visibilidade aos documentos do arquivo e facilitou o manejo destes para que fosse realizado o exercício editorial apresentado nesta tese. O tratamento da documentação, nele contida, foi fundamental para a sua preservação e transmissão dos dados importantes sobre a escritora e a época em que viveu.

O acervo, localizado na casa que pertenceu à escritora, reúne um conjunto de papéis e materiais audiovisuais resultantes de sua vida e de suas produções literárias. O AMC guarda documentos inéditos que revelam o modo de pensar e viver de uma escritora que desenvolveu atividades importantes na sociedade em que atuou. Explorar este acervo é oferecer contribuições, ainda que de forma modesta, para a historiografia literária baiana, para os estudos filológicos de manuscritos de autores baianos. Seu acervo é a única fonte de dados sobre a escritora, indispensável para a preservação da sua memória.

O AMC é importante pela variedade e quantidade de documentos e pelas possibilidades de leitura que esses papéis podem proporcionar, fornecendo subsídios para estudos futuros referentes à literatura ou à participação feminina na imprensa baiana no início do século XX, entre outros assuntos. A edição crítica de doze textos que compõe o livro *Pedaços de Vida* (1993) é, apenas, uma opção dentre uma variedade de pesquisas que podem ser feitas sobre o conjunto documental que seu acervo possui. Optamos por este tipo de edição por localizarmos manuscritos de alguns textos que demonstram o caminho que a escritora

percorreu na construção do seu livro. Não foi possível realizar nesse primeiro momento uma edição crítico-genética do material encontrado, visto que, os manuscritos, em sua maioria são textos passados a limpo, com campanhas de correção. Poucos foram os rascunhos que encontramos que apresentam um pouco do processo de escritura madyana, suas vacilações, rasuras.

2.2 FILOLOGIA E ACERVO

A Filologia é uma ciência que tem como objeto de estudo os mais diversos textos. E para estabelecer leituras críticas, vale-se de campos teóricos auxiliares para a edição e análise dos mesmos. O estudo que ora se apresenta, estabelece um diálogo entre a Filologia (Crítica textual) e a Arquivística, no tocante à leitura do Arquivo Particular de Mady Crusoé (APMC). Por meio da Crítica textual e da Arquivística demos uma nova ordem aos papéis que pertenceram à escritora, que estavam dispersos em pastas e gavetas, imprimindo um novo olhar sobre o material compilado.

Além desse diálogo, tecemos, ainda, enlaces entre a Crítica Textual e a Crítica Genética para que pudéssemos compreender o processo de criação de alguns textos de Mady Crusoé, bem como o trabalho que desenvolveu na construção do seu livro *Pedaços de Vida*. Ao abordarmos a construção dos textos e a organização do livro, voltamos o nosso olhar para o processo de criação, para a gênese da obra madyana. De acordo com Hay (2007, p. 103),

A visão ‘genética’ do texto devolve à escritura um sujeito atuante. Sua presença, que o manuscrito manifesta, permite pensar novamente a relação do autor com a obra, o que se tornara uma aporia da reflexão crítica. Ela permite também perceber os princípios de produção que determinam em cada escritor as condições de emergência do texto e de sua constituição numa obra. [...] O sujeito está também presente na relação da obra com o mundo. [...].

Inicialmente, a Crítica Genética tendeu a ignorar a tradição filológica, todavia,

[...] atualmente mostra-se evidente que o saber filológico participa da reconstrução genética: não como um fim em si mesmo, mas como uma ferramenta metodológica útil na coleta, descrição, classificação e transcrição dos manuscritos. Existe, no entanto uma verdadeira diferença de objetivos entre filologia e genética. A filologia visa o [sic] estabelecimento de um texto. A genética, por seu lado, visa a [sic] reconstrução, representação e interpretação de um processo, ou seja, de todos os caminhos, impasses e

acidentes pelas quais passa a criação de uma obra. [...] (GRÉSILLON, 2009, p. 42-43).

O material encontrado no arquivo madyano, sobretudo os seus manuscritos referentes ao livro *Pedaços de Vida* (1993), fornece subsídios para uma edição crítica – aquela que se ocupa em oferecer um texto definitivo com base no último texto com as intervenções do autor – mas possibilitou apresentar a gênese de alguns textos, ou seja, o nascimento destes, com as rasuras e vacilações da escrita autoral. O método editorial escolhido para o estudo dos manuscritos do AMC considera os diversos movimentos do texto, assim como as versões diferentes que foram localizadas. “A crítica textual moderna, a partir da documentação autógrafa, ou homologada pelo autor, tem se ocupado da atividade de editar um texto que corresponda à última vontade do autor, ou à sua intenção final e de mostrar o processo de criação desse texto” (BORGES, 2013, p.44).

O diálogo com a crítica genética, neste estudo, foi muito importante, pois por meio de sua prática buscamos compreender as diversas possibilidades de modificações que um texto pode sofrer. Quando se optou pela edição crítica, desejávamos um estudo que apresentasse o aparato com as modificações sofridas pelo texto, mas que trouxesse, quando houvesse a possibilidade, conforme afirma Grèsillon (2009, p. 43), “[...] a reconstrução, representação e interpretação de um *processo*, ou seja, de todos os caminhos, impasses e acidentes pelos quais passa a criação de uma obra”.

Foi do estudo dos manuscritos que pudemos ter um entendimento sobre a produção, a transmissão e a circulação dos textos. As modificações, as diferenças entre os manuscritos, bem como a circulação de cada texto analisado, contribuíram para uma construção de sentidos condizente com a situação textual encontrada. O que pudemos observar no trato com os manuscritos de *Pedaços de Vida*, é que um texto não é um dado fixo, mas um processo inacabado, em constante transformação. O estudo em questão, além da tarefa de preservar os textos madyanos, busca editá-los, considerando-os testemunhos-documentos-monumentos.

A pesquisa no AMC, sob a perspectiva da Crítica Textual Moderna, promoveu a “dessacralização” do texto publicado, revelando as versões, as campanhas de escrita que o antecederam. Uma edição crítica, sob a perspectiva da Crítica Textual Moderna, tem o propósito de: “[...] estabelecer o texto, considerando a pluralidade de versões manifestas nas marcas autógrafas e documentar o percurso seguido pelo autor na construção de cada texto ou da obra” (BORGES, 2012, p. 60). A partir desse modelo editorial adotado, conhecemos as hesitações da escritora ao iniciar um poema, ou uma crônica; observamos, até mesmo, as suas

dúvidas quanto à escrita de alguma palavra; verificamos o seu trabalho de revisão dos textos, acrescentando ou excluindo expressões, bem como a sua atitude de passar a limpo os escritos. Nessa perspectiva, tentamos capturar “[...] o ato pelo qual a obra foi criada, recriando e revivendo a vida cultural de um escritor num determinado período, colocando em diálogo os momentos do seu acervo: fotos, recortes de jornal, revistas, *marginalia*, correspondência, objetos pessoais.” (CURY, 1995, p. 61).

Por oferecer um leque de fontes aos estudiosos, a pesquisa em acervos privados/pessoais tem crescido, atualmente. Conforme Belloto (2004, p. 265), a arquivística consagrou internacionalmente três tipos de arquivo, a saber: os arquivos econômicos (referentes a empresas, bancos, indústrias e comércios); os arquivos sociais (incluem-se os estabelecimentos de ensino, agremiações políticas, profissionais e desportivas, sindicatos, hospitais, entidades religiosas, caritativas e demais de fins não lucrativos); e os arquivos pessoais (também considerados privados). Acerca deste último, Belloto (2004, p. 265-266) afirma que são aqueles,

[...] constituídos por documentos produzidos e/ou recebidos por uma pessoa física (cidadão, profissional, membro de uma família ou elemento integrante de uma sociedade), enfim, de documentos que, preservados para além da vida dessa mesma pessoa, constituem seu testemunho, como um conjunto orgânico, podendo então ser abertos à pesquisa pública.

Todavia, Belloto (2004) afirma que essa conceituação exige cautela para que não se amplie tal conceito ao extremo, pois é comum às pessoas acumularem papéis, incluindo documentos, cartas, dentre outros e, nem sempre esse acúmulo material constitui um arquivo. Desse modo, para efeito de pesquisa histórica, faz-se necessário conceber arquivo pessoal como:

[...] um conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico, resultante da vida e da obra/atividade de estadistas, políticos, administradores, líderes de categorias profissionais, cientistas, escritores, artistas, etc. Enfim, pessoas cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram suas atividades; ou ainda, pessoas detentoras de informações inéditas em seus documentos que, se divulgadas na comunidade científica e na sociedade civil, trarão fatos novos para as ciências, a arte e a sociedade (BELLOTO, 2004, p. 266).

De conformidade com os estudos desenvolvidos por Belloto (2004), pautados na classificação dos acervos, reconhecemos o AMC como um acervo pessoal, pois ele apresenta os requisitos para tal denominação, isto é, é formado por um conjunto de documentos de sua

vida e produções escritas, que oferecem informações inéditas sobre os seus textos e sobre a época em que viveu, ajudando a tornar inteligível o passado, e assim, servir de fonte de pesquisa para diversas áreas do conhecimento. Nós o consideramos acervo e não arquivo pelo fato de não ser uma documentação institucionalizada, são documentos pessoais que foram guardados por seus familiares e que nós tentamos ordenar, de tal forma, para que este pudesse ser lido, compreendido por nós e pelos leitores desta nossa tese.

Os rascunhos, por exemplo, se apresentam, à primeira vista, como um caos. Aos poucos, ao longo das leituras, o crítico observa uma ordem, um processo dinâmico, que Salles (2006) denomina de “uma memória criadora em ação”.(SALLES, 2006, p. 19). Nesse processo dinâmico da criação, cada elemento está interligado, cada elemento afeta e é afetado pelos demais. Anastácio (2012, p.59) afirma que a abordagem comunicativa do processo de criação segue princípios de um sistema aberto e cada campanha genética é fruto de flutuações que ocorrem em sua estrutura interna e com isso a obra em *status nascendi* é reorganizada, dando origem a uma versão nova que satisfaça ao criador, ainda que temporariamente. Para Anastácio (2012, p. 59), “[...] essas flutuações, contudo, são capazes de movimentar a energia criativa para gerar múltiplas campanhas de manuscritos, que por sua vez, poderão gerar sempre o aparecimento de tantas outras flutuações, vistas como novas instabilidades no estilo comunicativo do autor”.

Segundo Oliveira (2007, p. 375), o espólio documental de um escritor permite o reconhecimento do seu percurso biográfico. Além disso, o acervo importa para a compreensão da obra do autor, se é dita ou inédita, e quanto a outros importantes aspectos, quais sejam: “[...] na sua seriação cronológica, contextualização temática, recepção crítica e tradição editorial, dando conta do acontecer da escrita, dos compromissos da forma e do conteúdo, da censura própria e alheia, dos ínvios caminhos, enfim, por que se tornou, ou não, conhecida do público.” (OLIVEIRA, 2007, p. 375). A pesquisa em um acervo traz à tona momentos importantes da vida de um escritor, que muitas vezes são desprezados pela historiografia literária. Uma nova biografia é traçada para um escritor a partir da memória “arquivada”, inscrevendo-lhe pequenos, porém, importantes detalhes, o crítico extrai dos documentos elementos que podem passar despercebidos aos olhos dos leigos.

2.2.1 Inventário dos documentos do APMC

O Acervo Mady Crusoé (AMC), como os de outros escritores, tem uma natureza híbrida, isto é, possui uma heterogeneidade de materiais, como se poderá ver ao longo da sua descrição. Partiu-se do itinerário traçado pelos familiares na sua constituição e organização para a construção de um novo percurso de leitura.

Ele possui riqueza de tipologias textuais e de suporte documental. Nesse espaço, foi localizada uma diversidade de manuscritos literários em suportes variados. A organização desse dossiê perpassou pela compreensão do que é o processo de criação de um escritor, buscando na Filologia as respostas sobre a tarefa de salvaguardar os textos arquivados na tentativa de tirá-los do esquecimento, conservando-os para que futuras gerações pudessem conhecê-los; ou seja, para que se possa prover a outros leitores, especializados ou não, o acesso aos textos arquivados. É nessa perspectiva que a Filologia/Crítica textual é fundamentada. Conforme Pérez Priego (1997, p.9), a Filologia é a “ciência que se ocupa de la conservación, restauración y presentación editorial de los textos”²². Buscando subsídios no aparato teórico metodológico da Crítica Textual, fixamos um texto crítico, que representa a sua tradição e transmissão, um percurso que se inicia pela inventariação dos materiais localizados.

Ler o AMC é conhecer, em parte, a “fábrica de textos” – expressão cunhada por Luiz Fagundes Duarte (1993) – de Mady Crusoé, isto é, acompanhar os movimentos da sua escrita na construção do seu livro *Pedaços de Vida* (1993), é verificar os textos publicados nos jornais, com anotações autógrafas, antes de ganharem a página de seu livro, é observar e registrar as alterações sofridas na mudança de suporte, as campanhas de correção que realizou. Desse modo, a atividade filológica nega a interpretação de que o texto é único. Para a filologia o texto é plural, ele é fruto de um processo histórico, atestado pela pluralidade dos testemunhos. Em conformidade com Louis Hay (2007), o conceito de texto é instável.

O texto não existe!': é sobre essa constatação que Jacques Petit concluía, nos meados dos anos 1970, um primeiro debate consagrado à produção do texto. [...] A noção de texto é, na verdade, o resultado de uma evolução muito particular por sua dimensão histórica. Ela compreende um período de grande estabilidade, que se inscreve em longa duração, e um período breve e recente de mutações em cascata. (HAY, 2007, p. 37)

²² Tradução nossa: “ciência que se ocupa da conservação, restauração e apresentação editorial dos textos.

Ao ler os manuscritos literários e ao dar a ler esses manuscritos, na condição de filólogos mostramos que os documentos de processo promovem um conhecimento sobre a produção da própria obra e fazem notar que esta é fruto de muito trabalho sobre a língua. Ao propor a releitura do texto, com o estudo crítico das fontes primárias e do acervo, o filólogo proporciona um novo olhar sobre o livro, sobre a obra acabada. Ele dá a ler o processo de tecitura de uma obra, apresentando os vários fios que compõem o tecido textual.

Percebemos que os documentos localizados no acervo foram consultados pela escritora durante a execução do projeto de escritura de *Pedaços de Vida*. Certos textos e documentos guardados serviram como fontes para a composição e ou reescrita de textos. A história de sua produção literária é revelada em parte, em seus rascunhos, pois ela tinha o hábito de passar a limpo e descartar os rascunhos que tivessem muitas rasuras. Vale salientar que as rasuras ou emendas que se fazem presentes em seus manuscritos, mesmo aqueles que parecem ter sido de primeiro jato de tinta, são legíveis.

Organizamos o Acervo de Mady Crusoé em 08 séries, compostas por subséries, conforme apresentação a seguir:

01 Série Vida

01a Subsérie Documentos Pessoais

01b Subsérie Comprovantes de atividades profissionais

01c Subsérie Comprovantes de atividades culturais

02 Série Produção intelectual

02a Subsérie Livro

02b Subsérie Discursos

03 Série Publicações na Imprensa

03a Subsérie Publicações sobre o autor e sobre suas produções

03b Subsérie Publicações autorais

04 Série documentos audiovisuais e digitais

04a Subsérie Fotografias da infância e juventude de Mady Crusoé e Américo Crusoé

04b Subsérie Fotografias de Mady Crusoé e família

04c Subsérie Fotografias de Mady Crusoé no lançamento do livro em Nazaré

04d Subsérie Gravações de áudio e imagem

05 Série Manuscritos, notas e rascunhos

05a Subsérie Cadernos de rascunhos (referente a *Pedaços de Vida*)

05b Subsérie Datilografados

05c Manuscritos em folhas soltas

06 Série Correspondência

06a Subsérie Cartas da autora

06b Subsérie Cartas à autora referentes ao livro *Pedaços de Vida*

06c Subsérie Cartões à escritora

07 Série *Memorabilia*

07a subsérie Certificados e premiações

07b subsérie Homenagens póstumas

08 Série *Vária*

08a- Subsérie Produções acadêmicas

08b- Subsérie Documentos diversos

08c- Subsérie Coletâneas de Américo Crusoé

Cada item reorganizado recebeu um código com a numeração da série, escrito a lápis, em folhas de papel (que antecedem o documento), ou em etiquetas colantes quando se tratava de objetos ou álbuns, ou coletâneas. Exemplo: 03b0001-32 identifica uma crônica da autora, datada de 1932. Como se trata de uma publicação na imprensa, o documento recebeu o número 03, correspondente à série 03: Publicações na Imprensa; a letra “b” corresponde à subsérie “Publicações autorais”; 001 corresponde ao número do documento; 32 corresponde ao ano em que fora publicado (1932).

Cada item foi arquivado conforme a ordem de número e registro de série. Os documentos, aos quais tivemos acesso, foram reunidos obedecendo às séries e subséries às quais correspondiam. Foram, então, acondicionados em pastas com folhas plásticas ou em envelopes pardos, acompanhados com uma lista contendo os nomes dos documentos e seus respectivos registros. Cada item foi acondicionado em locais e compartimentos da casa adequados à natureza da série. Alguns foram acondicionados em caixas-arquivo, outros nas próprias gavetas onde foram encontrados, outros em armários.

A série *Vida* inclui toda a documentação referente à existência de Mady Crusoé, traz informações sobre vários momentos e instâncias de sua vida pessoal. Esta série é composta por documentos pessoais, documentos referentes as suas atividades profissionais e culturais.

Os itens foram arquivados em pastas (separados entre si por um papel a4) ou envelopes pardos, com a identificação do número do catálogo.

Figura 21 – Carteira de Identidade de Mady Crusoé



Fonte: APMC (01a0001-41)

A série *Produção intelectual* é composta por um exemplar do seu livro, publicado em vida, *Pedaços de Vida* (1993) e por seis discursos proferidos pela escritora em momentos importantes na sua cidade, Nazaré, bem como na capital do estado. Os itens foram arquivados em uma pasta de folhas plásticas, identificados com o número da série, seguindo a ordem do registro no inventário.

A série *Publicações na Imprensa* traz textos da escritora ou notícias sobre seu livro, publicados na imprensa baiana. A subsérie Publicações autorais é formada pelos recortes de jornais locais e da capital, constando crônicas publicadas pela escritora, na década de 1930, quando ainda assinava suas produções utilizando-se de pseudônimos. Há, também, outras que foram publicadas posteriormente, até a década de 1985, nas quais se identificava assinando Mady Crusoé. Alguns desses textos são recortes de jornal situados na coletânea 03 e na coletânea 04, colados às folhas da coletânea. Os textos localizados nas gavetas, ou no interior de seus cadernos, ou em pastas de folhas plásticas, foram organizados em uma única pasta, com o registro de cada item.

A série *Documentos audiovisuais e digitais* inclui fotografias mostrando Mady Crusoé, pessoas ou locais relacionados a ela, bem como fotos relacionadas ao seu esposo e à cidade de Nazaré, a lembranças de viagens, além de fotos de amigos. Há no arquivo muitos álbuns de fotografia, um total de 35 volumes. Junto a esses, há uma caixa contendo 200 fotos avulsas de familiares, eventos em família, amigos e imagens da cidade de Nazaré, entre outros. A coleção fotográfica consta, atualmente, de aproximadamente 1.700 (uma mil e

setecentas) fotografias impressas, sendo que a maioria encontra-se em um armário em um dos quartos da casa. Como se pode ver na figura a seguir:

Figura 22 – Guarda-roupa contendo álbuns de fotografias



Fonte: fotografia feita por SCARANTE, 2013

As fotografias a que a pesquisadora teve acesso são em número de 20 e foram inventariadas. A maior parte delas está armazenada em álbuns próprios para fotografias; as avulsas foram organizadas em novos álbuns apropriados, pelos familiares, a fim de se preservarem as imagens do desbotamento. Há fotografias por toda a casa, decorando os móveis e as paredes. Há, também, um painel reunindo imagens da família, organizado pelos filhos e netos, em uma das paredes da sala:

Figura 23 – Painel de fotografias



Fonte: fotografia feita por SCARANTE, 2013

O desejo de recordar está presente em todos os cômodos da casa, como se pode depreender da frase que compõe o painel de fotografias (Figura 23): “Este cantinho é pequeno para tantas recordações boas...” Fotografar era uma das atividades preferidas do esposo da escritora. As fotografias que pertenceram ao Sr. Américo, algumas capturadas por suas lentes amadoras, outras feitas por fotógrafos da cidade, remontam o passado de Nazaré, a sua vida, desde a infância, a vida da sua esposa e de seus antepassados. As fotografias ajudam a contar a história da sua família, a chegada ou partida de algum familiar; os registros das festas em que todos se reuniam, as viagens, as participações em eventos sociais. Há, por exemplo, registros da atuação de Mady Crusoé discursando:

Figura 24 – Mady Crusoé proferindo discurso



Fonte: AMC (040013-80)

Algumas fotografias possuem anotações no seu verso, identificando as pessoas e, em alguns casos, informando qual a atividade desenvolvida no momento em que fora feito o registro da imagem. A fotografia que registrou o momento em que discursava na inauguração da estação rodoviária de Nazaré (Figura 20), por exemplo, apresenta anotações, no verso, sobre o motivo do discurso proferido pela escritora na ocasião – inauguração da Estação Rodoviária de Nazaré, em 1980.

As fotografias do arquivo ajudam a reconstruir o espaço de escrita e o espaço de divulgação de seus textos, legando para a posteridade um registro desses ambientes.. A fotografia da primeira turma do curso de datilografia realizado em Nazaré, por exemplo, tendo

o Sr. Américo como um dos formandos, representa um período histórico da sociedade e a importância que esse curso tinha para a juventude, àquela época:

Figura 25 – Primeira turma do curso de datilografia de Nazaré



Fonte: AMC (04a0005-20)

No verso da fotografia, consta a informação de que a formatura aconteceu no dia 29 de agosto de 1926. Sentado no chão, de terno escuro está Américo Crusoé, de posse do seu diploma.

Momentos de divertimento entre o casal Américo e Mady também são retratados nas imagens capturadas por lentes fotográficas, a exemplo da figura apresentada a seguir:

Figura 26– Mady e Américo na década de 1930



Fonte: APMC (040004-30)

A seguir, o fac-símile da fotografia em que o casal dançava em um dos muitos bailes de que participou, sem identificação da data, nem dos créditos.

Figura 27– Mady Crusoe dançando com o esposo



Fonte: AMC (04b0010-sd)

Fazem parte do acervo duas máquinas fotográficas que, segundo as filhas da escritora, pertenceram ao Sr. Américo²³. Foram acrescentados ao arquivo um DVD contendo fotografias referentes ao Centenário de nascimento da escritora, comemorado em outubro de 2013 e um pôster do Centenário, medindo 1,10m × 0,80m. Também foram incluídos nesta série 02 panfletos da missa e dois livretos construídos por nós na ocasião do Centenário do seu nascimento, contendo textos de cunho crítico-literário e seleção de alguns textos da escritora. Os materiais do APMC são dotados de características biográficas, falam por si só. “Insinua as margens da atividade escriturária, suas conexões com o fora, o alheio, o disperso, o devir outro” (MARQUES, 2011, p. 194).

Essa série inclui, também, um filme em suporte DVD, referente a uma participação da escritora juntamente com membros da sua família em uma festa junina; e uma fita de áudio, com a gravação do hino ao Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho²⁴, de sua autoria, entoado pelo Coral da Santa Casa de Misericórdia de Nazaré, gravação feita em 1985.

A fita e o DVD foram identificados com os respectivos números registrados no inventário. Também, foram localizadas outras fitas de áudio que, segundo as suas filhas, tratavam-se de discursos proferidos pela escritora, mas estas foram danificadas e descartadas pelos familiares, não constando, portanto, do inventário do arquivo.

A série Manuscritos, notas e rascunhos é formada pelas subséries: *Cadernos de rascunhos* (referente a *Pedaços de Vida*); *Datilografados e manuscritos em folhas soltas* e *Notas manuscritas para a organização do livro*. Essa série inclui tanto o material fragmentário com folhas soltas, anotações de próprio punho (sobre o livro), manuscritos de poemas em folhas soltas, como também o conjunto de datiloscritos contendo textos para o livro datilografados por sua neta, mas com correções autógrafas. Todos os cadernos, folhas avulsas e datiloscritos receberam um número de registro. Como são partes muito importantes deste estudo, apresentamos, a seguir, todos esses elementos que integram o dossiê genético de *Pedaços de Vida* (1993), acompanhados de sua descrição.

²³ As máquinas localizadas no arquivo não são modelos profissionais, ambas são modelo Olympus TR.

²⁴ A letra do hino consta da página 25 deste trabalho.

Em várias fitas foi feita gravação por cima do áudio. Foram gravados programas de rádio, de caráter Evangélico/Protestante. Ao questionarem o caseiro, este admitiu que fizera as gravações. As fitas não testemunham mais o trabalho da escritora.

O *Caderno Cenoura* [1928]²⁵ é um pequeno caderno em brochura, medindo 15cm de comprimento por 10cm de largura, possui capa dura, na cor cenoura, com ornamentos vasados em forma de moldura. As suas folhas apresentam-se amareladas e foi utilizada caneta tinteiro, na cor preta, para a escrita dos textos que o compõem. Este nome, “Caderno cenoura”, foi dado pela própria autora. Encontramos anotações em que a escritora o designou assim.

A *Coletânea n.º 3* é um grande caderno em brochura, medindo 32,5cm de comprimento por 22,5cm de largura, em capa dura, na cor preta, e pertenceu ao esposo da escritora. Possui uma etiqueta de cor branca com contornos em vermelho, medindo 7,5cm de comprimento por 2,0cm de largura, com a inscrição feita em caneta tipo hidrocor preta, *Coletânea n. 3*. As folhas são numeradas com algarismos cardinais apenas no anverso; as suas folhas possuem uma divisão em quadros, pois se trata de um livro contábil, que o esposo da escritora utilizava em seu trabalho na Coletoria Estadual. Há, em todas as páginas, cem ao todo, recortes de jornais com notícias, crônicas ou artigos; poemas de autores diversos; duas crônicas de Mady Crusoé recortadas de jornais sem indicação de data, nem de fonte.

O *Caderno Azul* [1983]²⁶, assim denominado pela escritora, é um caderno feito em brochura, com ilustração de uma paisagem campestre em sua capa. Nela está escrito de caneta esferográfica de tinta azul o nome “Mady”, centralizado na parte superior da capa. Mede, aproximadamente, 22cm de comprimento por 15cm de largura. Este caderno é de 1983, data escrita no texto *Prefácio*, à folha [2]. Possui vinte e sete folhas, todas escritas de caneta esferográfica azul. Trata-se de um caderno distribuído pelo Ministério da Educação e Cultura, conforme inscrição na capa do fundo. Os textos foram passados a limpo, por duas de suas netas: Myriam Crusoé e Iêda Crusoé. Constatamos, com a leitura de alguns textos do caderno, que elas desejavam escrever uma coletânea de poemas de poetas baianos, para o Centro Cívico Poeta José Bonfim, do Colégio Estadual Dr. José Marcelino de Souza, em Nazaré. A coletânea seria feita em dois volumes: o primeiro com poetas nazarenos, que seria intitulado *Só Poetas*; e o segundo com poetas baianos, intitulado *Poetas em Desfile*, conforme anotações feitas por elas, no próprio caderno. Neste caderno, há apenas poemas de Mady Crusoé.

²⁵ Considerou-se o ano de 1928 por causa da datação com o referido ano, ao final do primeiro manuscrito de poema situado no caderno.

²⁶ Considerou-se o ano de 1983 por causa do registro feito pelas netas da escritora referente ao ano em que realizaram a pesquisa escolar.

*O Caderno [1984]*²⁷ é um suporte em brochura, cuja capa dura possui estampa xadrez em tons marrons. Mede aproximadamente 21cm de comprimento por 14,5cm de largura. Das noventa e seis folhas que o compõem apenas vinte e duas foram utilizadas para a escritura de alguns textos, todos escritos com caneta esferográfica azul. Há, na capa, no ângulo inferior direito, uma etiqueta branca de contorno vermelho, medindo aproximadamente 7,5cm de comprimento por 2,0cm de largura, com a inscrição em caneta esferográfica azul: *Poesias de Mady 1984*.

As Folhas Avulsas (s.d.), denominação dada por nós, são manuscritos escritos em folhas de papel pautado, que foram localizadas em pastas catálogo, de forma aleatória, misturadas a documentos, incluindo cartas, fotografias, dentre outros. São doze testemunhos de poemas, todos sem indicação de data, quais sejam: *Chegou a tua vez Brasil*; *Go[s]jai Mocidade!*; *Vim da roça*; *Saudação das Escolas Primárias à ilustre caravana*; *Independência*; *Salve Erato Gloriosa*; *Primavera <es tu> Mocidade*; *Nazaré Primavera* (dois testemunhos); *Não disse adeus* (no verso do testemunho número dois de Nazaré Primavera); *Dia das mães* é um poema sem título. Registram-se, ainda, seis discursos proferidos pela escritora, em suporte papel, sem indicação de data, dos quais apenas dois fazem parte do livro *Pedaços de Vida*, quais sejam: o discurso em agradecimento ao governador João Durval Carneiro e ao Secretário de Educação do Estado da Bahia, à época, Edvaldo Boaventura, por lhe conferirem o prêmio de Educador Emérito, em 1985; e o discurso em homenagem aos 140 anos de municipalidade nazarena, proferido em 1989.

Estas folhas avulsas foram reunidas em uma nova pasta catálogo, intitulada *Folhas avulsas: poemas e discursos*, e foram cronologicamente reorganizadas por nós, dando-lhes visibilidade.

*O Caderno Meu Diário [1993]*²⁸ é um suporte em brochura, medindo 17,5cm de comprimento e 14,5cm de largura. Possui 27 folhas escritas. A capa apresenta ornamento verde vazado nos ângulos superior direito e inferior esquerdo. Abaixo do título, escrito de caneta de tinta azul as informações: “de Viagens / Astério Crusoé”²⁹. A escolha da designação *Caderno Meu Diário* foi feita por nós, por conta da anotação localizada na capa: “Meu

²⁷ Consideramos este ano por causa da inscrição que apresenta na capa: “Poesias de Mady 1984”, escrito de caneta esferográfica azul sobre uma etiqueta.

²⁸ Citamos o ano de 1993 por ter sido o ano em que o projeto do livro foi posto em prática; este caderno contém rascunhos de introduções de textos, que foram reescritos, poemas novos para compor o livro, bem como anotações sobre elementos pré-textuais que o formariam.

²⁹ Astério Crusoé era irmão de Américo Crusoé.

Diário”. A capa apresenta manchas, provavelmente provocadas pela ação de água, por toda a extensão, e mancha de tinta azul no ângulo superior direito. As folhas apresentam-se sem margem, com 20 linhas cada. As folhas iniciais foram arrancadas. Esse caderno apresenta muitos elementos pré-textuais e o projeto do livro com anotações da escritora sobre a sua organização.

O *Caderno Verde [1993]*³⁰ é um suporte encadernado em arame com capa flexível em papelão, estampa xadrez nas cores verde e branco, medindo aproximadamente 20,7cm de comprimento e 14,5cm de largura. A capa possui marca de dobra na diagonal superior. O nome Mady Crusoé acha-se inscrito na capa em espaço destinado para título, sobre o nome da marca Sulamericana de Cadernos. Possui 158 folhas escritas, amareladas pela ação do tempo e numeradas apenas no averso. As folhas compõem-se de 22 linhas azuis manchadas e margens esquerdas na cor vermelha, com 2cm aproximadamente, que marcam o verso das folhas. Os manuscritos presentes neste caderno são textos passados a limpo. A escritora, em suas anotações, chama-o de caderno verde, designação que mantivemos em nosso trabalho.

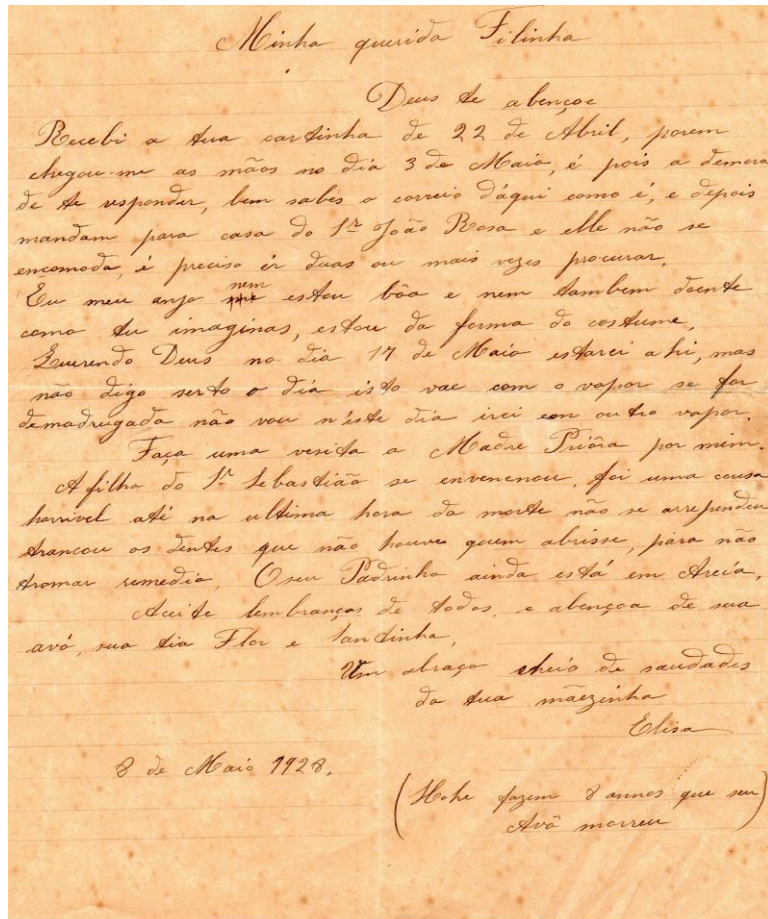
Os Datiloscritos são registrados em papel ofício, tamanho A4, encadernados, constituindo um bloco composto por 125 folhas. Os textos foram datilografados com fita na cor preta e o tipo da letra da máquina de datilografia se mantém até o final. Algumas folhas apresentam-se com correções autógrafas, realizadas com caneta esferográfica azul.

A série *Correspondência* inclui cartas recebidas ou enviadas por Mady Crusoé, bem como cartas de outrem, referentes aos seus familiares. As cartas do acervo promovem uma leitura do perfil biográfico da escritora, mostram a sua relação com familiares e amigos, expressam a movimentação nos bastidores da vida artística no contexto de sua época e as estratégias de divulgação da obra. O arquivamento das cartas foi realizado tomando como base a data de envio. As cartas referentes ao livro apresentam as impressões de seus leitores (amigos, políticos, ex-alunos, professores, escritores, músicos) sobre o livro e constituem importante fonte de dados sobre a recepção da sua obra. São ao todo 30 missivas, classificadas em subséries, quais sejam: Cartas da autora; Cartas à autora (sobre temas diversos); Cartas à autora sobre o livro *Pedaços de Vida*. Há, ainda, no acervo cartões referentes a datas comemorativas: aniversário, bodas de ouro, entre outros. Todos esses itens (os quais tivemos acesso) receberam registro no inventário, identificados quanto à série e à subsérie.

³⁰ Utilizou-se o 1993 para datar o caderno, pois neste ano o projeto do livro foi posto em prática e o caderno contém as cópias limpas para serem datilografadas.

Também foram localizadas no arquivo pessoal missivas que trazem informações de possíveis fontes primárias para a produção dos seus primeiros textos, como as cartas que trocava com a sua mãe na sua adolescência, que podem ter inspirado seus poemas em homenagem a sua genitora, podem ser pistas indiretas do que motivou a escrita dos poemas de sua adolescência. Segue fac-símile de uma dessas cartas:

Figura 28 - Carta da mãe de Mady, Elisa



Fonte: AMC (06b0003-28)

A correspondência de um autor, conforme Genette (2009, p. 329), pode ser utilizada por especialistas “[...] como uma espécie de testemunho sobre a história de cada uma de suas obras: sobre sua gênese, sobre sua publicação, sobre a acolhida do público e da crítica, e sobre a opinião do autor a respeito de todas as fases dessa história”. As correspondências que pertenceram à escritora em questão ajudam a contar a sua trajetória de vida, sua relação com sua mãe, amigos e até, um pouco, do seu papel de escritora.

A série *Memorabilia* inclui material relacionado com a memória da vida literária ou pessoal da escritora, que não tenha sido produzido por ela. Esta série foi subdividida em: *Certificados e premiações* e *Homenagens póstumas*. Esta série é composta do Diploma de

Educador Emérito do Estado da Bahia (1985), Moção de honra ao mérito (1985), Moção de parabéns (expedidos pela Câmara Municipal de Nazaré), dentre outros; há, também, homenagens recebidas de entidades oficiais, *in memoriam*. O material que compõe esta série foi arquivado em pastas de folhas plásticas e envelopes pardos, cada item sendo identificado com o número correspondente à série. A cada documento acrescentado por um familiar, ou doado por um agente externo, novos significados são construídos e o acervo se renova.

A série *Vária* reúne documentos que não se enquadraram nas séries anteriores, mas são importantes para a composição do acervo. Esta série é composta por três subséries, que serão descritas a seguir:

A subsérie *Produções acadêmicas* corresponde aos textos que foram escritos sobre a escritora, frutos de pesquisa em meio acadêmico. Em 1994, foi acrescentado ao arquivo um trabalho realizado por uma estudante do curso de História da Universidade do Estado da Bahia, do Campus V. Trata-se de uma monografia realizada durante o curso e intitulada *Retalhos de Vida*. Nesse estudo, a professora Virgínia Maria Pinto Alves e Silva disserta sobre a vida da escritora, seus papéis sociais e sua contribuição a importantes jornais, além de sua carreira como professora, cargos e funções que exerceu, dentre outras considerações. Também foram acrescentados ao seu arquivo textos publicados por nós, quais sejam: *Reflexões sobre o arquivo privado da escritora baiana Mady Crusoé* (SCARANTE, 2012), trabalho apresentado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no XVI Congresso Nacional de Linguística e Filologia (CNLF); e dois artigos constantes do livreto distribuído por nós, por ocasião do Centenário da escritora em 2013, em Nazaré. Esses textos foram escritos sob a orientação da Professora Dra. Rosa Borges, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e são intitulados: *Mady Crusoé (1913-1997): Uma escritora e(m) seus papéis*; e *Pedaços de Vida de Mady Crusoé: Escrita de si e construção de uma identidade local*.

A série *Vária* é composta, também, pela subsérie *Documentos diversos*. Tratam-se de documentos referentes à residência (escrituras), ao Pai adotivo da escritora, dentre outros. A subsérie *Coletâneas de Américo Crusoé* é composta por quatro volumes, neles contêm recortes de notícias, textos de escritores nacionais e internacionais, sendo que, na Coletânea n. 3, há recortes de crônicas publicadas por Mady Crusoé em jornais baianos. Há, também, no arquivo, uma coletânea manuscrita feita pela escritora como presente ao seu esposo, à época, ainda noivo.

Além desses itens, compõe a subsérie *Documentos Diversos* um caderno intitulado pela escritora de *Caderno de cópias*, no qual ela fazia os registros dos documentos oficiais

que recebeu (nomeações, afastamentos, benefícios, aposentadoria, entre outros). Há, ainda, no APMC, discursos feitos por terceiros em sua homenagem, em virtude das comemorações ao Centenário de Nascimento da escritora, quais sejam: Discurso do Diretor da Sociedade Montepio dos Artistas Nazarenos e Discurso de sua filha Maria Aparecida; além de uma reportagem do jornal local, *O Eco*, com uma matéria sobre o evento realizado. Também acrescenta-se ao arquivo, um convite do Centenário, que fora distribuído, na ocasião, para autoridades, amigos e familiares da escritora, instituições de ensino particulares e públicas da cidade, pesquisadores, poetas, Academia de Letras do Recôncavo, a Academia de Letras da Bahia, dentre outros. Esses novos materiais, que foram acrescentados ao APMC, mostram que um arquivo particular é passível de atualizações, tendo suas possibilidades de leitura ampliadas.

A subsérie *Coletâneas de Américo Crusoé* corresponde às coletâneas³¹ 1, 2 e 4 – numeradas pelos familiares com uma etiqueta colada à capa, centralizada – são recortes de jornais (notícias, poemas, crônicas, entre outros textos) colecionados pelo esposo da escritora. Dentre esses textos, há produções de Mady Crusoé: crônicas e discursos que foram publicados em jornais locais e da capital, na Coletânea .

O APMC caracteriza-se, sobretudo, pelo fato de guardar tudo aquilo que pudesse servir no futuro, ou tudo aquilo que representasse uma recordação. Materiais desse tipo, segundo Miguel Sanches Neto (2011, p. 71),

[...] são materiais herdados dos dias vividos, das leituras feitas, dos sonhos atormentados, das insatisfações cotidianas, agregados mais pela ação do acaso do que por consciência de um projeto, e dão contornos incontroláveis ao imaginário do escritor.

Os materiais do acervo em questão revelam a subjetividade dos seus arcontes, os responsáveis pela recolha, organização e preservação desses materiais que apresentam informações que vão além dos objetos guardados: são capazes de revelar a vida, a produção literária e o tempo do ser arquivado.

Esses materiais revelam, um pouco, o que foi o espaço de criação madyano, bem como apresentam documentos que comprovam as suas atividades profissionais, paralelas às literárias: são ofícios, condecorações, documentos bancários, portarias emitidas pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, à época em que foi professora da rede estadual de

³¹ A coletânea n. 3 integra a Série 05 – *Manuscritos, notas e rascunhos*, por conter testemunhos do livro *Pedaços de Vida*.

ensino e Delegada Escolar do Município de Nazaré, dentre outros papéis submetidos à catalogação que fizemos.

O ordenamento dos materiais do AMC, bem como a sua leitura, nos fez perceber que a obra de um escritor percorre um longo e difícil caminho até chegar às mãos dos seus leitores. Dos primeiros rascunhos até a edição de um livro, o autor torna-se crítico de si mesmo, corrigindo, reescrevendo, compondo versões para um mesmo poema, elegendo quais textos merecem ser publicados e quais serão excluídos. Assim, ao longo do tempo, um escritor, mesmo que se desfaça de boa parte de seus rascunhos (como o fez Mady Crusoé), acumula muito material de estimado valor, especialmente ao filólogo. E quando se trata de um escritor pouco conhecido, como é o caso dessa escritora, sem um acervo documental organizado, o primeiro passo é o pesquisador ter acesso a esses documentos e organizá-los, pois cremos que, para estudar a produção literária de alguém, faz-se mister organizar de forma sistemática tudo o que compõe o seu arquivo particular.

A Seção a seguir intitulada Os bastidores da criação de *Pedaços de Vida* apresenta a história do livro, isto é, o projeto de escritura, seu desenvolvimento, organização, campanhas de correção, publicação e lançamento. Serão expostas as leituras que fizemos sobre Filologia/ Crítica Textual moderna, Arquivística que embasaram nossa pesquisa, bem como as leituras que fizemos do Acervo Mady Crusoé (AMC) e a descrição da organização que demos aos seus documentos. Apresentaremos, ainda que em parte, o itinerário de escritura do seu livro *Pedaços de Vida* (1993). Gostaríamos de salientar que este itinerário foi (re)construído em parte, pois muitas são as lacunas entre um manuscrito e outro.

3 OS BASTIDORES DA CRIAÇÃO LITERÁRIA DE MADY CRUSOÉ

Estudar o manuscrito literário é uma tentativa de testemunhar a atividade intelectual do autor. É bem verdade que o filólogo não consegue trazer à luz as obras em toda a sua integralidade, pois seu trabalho seria fruto de uma interpretação em detrimento de muitas outras escolhas que poderiam ser feitas ao se analisar uma rasura, uma anotação marginal, a correspondência, dentre outros documentos. Os documentos de gênese, de acordo com Tavani (1997, p.88), atestam o devir do texto. Para ele,

[...] a obra literária não é um dado, mas sim um processo, não é uma entidade estável, fixada de uma vez, mas uma variável, ou melhor um conjunto dinâmico de variáveis em contínuo movimento, em perpétua transformação (TAVANI, 1997, p. 90)

Desse modo, o manuscrito torna-se objeto de desejo do pesquisador, que procura no próprio movimento de escritura, os seus mecanismos de produção, objetivando elucidar os caminhos seguidos pelo escritor e o processo que precedeu o nascimento da obra. Também interessa ao filólogo as modificações autorais feitas no momento da passagem a limpo, os retoques que o autor faz nos textos, preparando-os para a publicação, os seus aperfeiçoamentos últimos, o que caracteriza a “variantística” de Gianfranco Contini (BIASI, 2010, p. 32).

Colocamo-nos, nesse estudo, no lugar do filólogo, que se ocupa, sobretudo, de manuscritos autógrafos, considerando essa categoria de manuscrito em:

[...] sua materialidade pura, como nada mais do que a parte visível do campo onde se desenrola a batalha, ou do tabuleiro onde se faz o jogo, contra as palavras, a gramática, as regras, os gostos, os hábitos, as expectativas – que o escritor travou enquanto construía seu texto: tudo o que aqui encontramos foi ou sujeito ou objecto, arma ou qualquer tipo de aparelho ou de técnica utilizados na batalha ou no jogo que ali se travou – e tudo isso se torna importante para julgar seja o vencedor, se há (quando o texto foi acabado), seja o vencido (se o texto não chegou a ser acabado) (DUARTE, 2007, p. 27)

O manuscrito é a parte visível do jogo entre texto e escritor, o seu estudo dá a conhecer os bastidores da criação de um determinado sujeito-escritor. É no estudo dos manuscritos que o trabalho do escritor aparece, pois, nesse espaço, ele é autor, leitor e crítico de si mesmo. É o próprio manuscrito de trabalho que fornece ao filólogo informações sobre a cronologia de uma obra, “seja porque ele contém inscrições sobre o tempo da escritura, seja porque o próprio autor deixa transparecer a data, que acrescenta à data da primeira redação a

da reescritura, seja porque a análise das ferramentas e dos traçados permite conjecturas sobre a cronologia.” (GRÈSILLON, 2007, p. 53)

Cada dossiê de manuscritos conta uma história singular. Conforme (Lopez, 1990), todo autor planeja, esboça, rascunha, emenda, escolhe, reformula, em maior ou menor grau, visando sempre ao aprimoramento da construção literária. Alguns escritores guardam rascunhos, notas e versões, alguns pedem às editoras a devolução dos originais dos livros publicados, tudo isso como forma de proteger a história de seus textos, que é a sua própria história (LOPEZ, 1990). Esses documentos constituem o dossiê genético da obra de um escritor. Tomamos para este estudo o conceito de dossiê genético apresentado por Grèsillon (2007, p. 150): “um conjunto constituído pelos documentos escritos que podem ser atribuídos *a posteriori* a um projeto de escritura determinado, cujo fato de resultar ou não num texto publicado importa pouco”. Vale ressaltar que os manuscritos de um autor revelam o que o texto definitivo não consegue mostrar,

[...] é a escrita mais íntima, a dos cadernos e cadernetas, que mostra como o vivido, o real, o biográfico estão intimamente ligados à escrita da obra e como, por aproximações infinitesimais e ao preço de conflitos cruciais, o eu real pode metamorfosear-se em narrador de ficção (GRÈSILLON, 2007, p. 38)

O manuscrito é documento e monumento, pois traz o histórico do texto, de sua transmissão e a presença do autor para a cena literária. Conforme Hay (2007, p. 106), o manuscrito é um “acontecimento”, que “faz surgir o movimento de um pensamento”. Mas o manuscrito não revela todos os “segredos” da autoria, todos os passos do escritor. Há um mundo desconhecido por trás dele, que pode apresentar uma variedade de percursos possíveis. Ele suscita questões que provocam o pesquisador a revelar a sua história, decifrá-lo. Louis Hay (2007) escreve reflexões a respeito da leitura dos manuscritos. Para ele,

[...] o manuscrito é uma extraordinária diversidade, e pertence a todas as etapas e a todos os estados do trabalho, dossiês, cadernos, esboços, planos, rascunhos. Mas desde que o pensamento ou a imaginação os tocaram, todos, do documento inerte – dicionário, relatório – até a página inspirada, encontram-se dotados de vida e convocados a desempenhar seu papel num projeto de escritura (HAY, 2007, p. 17).

Os manuscritos de trabalho de um escritor (seus cadernos, esboços, projetos, rascunhos) são dotados de vida, neles flagra-se a língua em ato, com suas reinvenções, retomadas. Nessa perspectiva do manuscrito moderno é que contaremos a história do

nascimento do livro *Pedaços de Vida* (1993). Embasados em seus manuscritos e em conversas com familiares da escritora, apresentaremos os seus primeiros passos na construção do seu livro, desde a ideia que envolveu os seus familiares incentivando-a a reunir seus textos em livro, ao trabalho feito pela escritora na seleção dos textos dispersos – a pesquisa em seus cadernos, os gestos de passar a limpo e revisar os textos, bem como a definição da estrutura do livro e o trabalho de preparar os originais para a publicação. Apresentaremos, também, os movimentos genéticos dos textos que ela preparou, especialmente, para compor o livro, à época em que organizava a sua publicação. Exporemos também documentos referentes à organização do seu lançamento e divulgação na imprensa baiana.

Os manuscritos madyanos, especialmente os que apresentam rasuras, nos mostram que uma produção literária não é um dom, ou um mito, mas uma dinâmica de trabalho árduo sobre a língua. Estudar manuscritos autógrafos nos proporciona conhecer os bastidores da criação de um texto, de um conjunto de textos, de uma obra.

A respeito do processo de (re)escritura o pesquisador e professor Luiz Fagundes Duarte (1993), em *A fábrica de textos*, reúne dois ensaios: *A Gênese de um romance adiado*, *A Tragédia da Rua das Flores*, e *A Gênese de um romance virtual*, *A Capital!*, que tecem esclarecimentos sobre o processo de escritura do escritor português Eça de Queiroz, tomando como base a Crítica Textual Genética. Neste estudo ele apresenta os tipos de correções e os princípios gerais do processo de correção, dos quais nos apropriamos para a leitura dos manuscritos madyanos .

Duarte (1993) estabelece em seu estudo os tipos de correções tendo como base suas características funcionais (substituição, supressão, acrescentamento, deslocamento) e as espaciais (na linha, na entrelinha, à margem, em sobreposição). Quanto aos tipos de correção ele apresenta: substituição à frente, substituição na entrelinha, substituição por sobreposição, acrescentamento (na entrelinha e à margem), supressão, adiamento e deslocamento (embora raro).

Quanto aos princípios gerais do processo de correção, Duarte (1993) apresenta dois tipos: a amplificação – preocupação do autor em dotar o texto de um caráter referencial bastante documentado, com a finalidade de aproximar-se do real – e a redução – quando o autor deseja depurar o texto, excluindo passagens menos significativas, caracteriza-se pela generalização, precisão, concentração, proporcionando o que ele chama de “economia significante”, princípio subjacente a todo o processo de redução do enunciado.

Percebemos nos manuscritos de Mady Crusoé deslocamentos, supressões e substituições, que serão registrados no aparato do texto crítico (na seção 4). Encontramos, nos

manuscritos madyanos, unidades rasuradas junto a unidades de reescrita dispostas linearmente. Também encontramos registros de algumas rasuras feitas à margem, acima ou abaixo da palavra rasurada. Essas marcas presentes nos testemunhos nos mostram, um pouco, o itinerário de escritura de *Pedaços de Vida* e trazem para a cena do arquivo a autora Mady, reduzindo sentenças a fim de depurar o seu enunciado primitivo a fim de tornar o seu texto mais significativo, mais interessante do ponto de vista estético. Essas marcas, em outros momentos nos mostram a autora amplificando um texto para que ele fique suficientemente documentado para o seu leitor.

Em alguns testemunhos da produção literária madyana encontramos o que Grèsillon (2007, 1994, p. 101) denomina “forma imaterial” da rasura: “[...]sem rasurar, reescreve-se em um novo parágrafo ou em um novo fólio; pode-se até mesmo reescrever o conjunto de um texto com dezenas de anos de distância” (GRÈSILLON, 2007 [1994]). Constatamos, ao confrontar alguns testemunhos de um mesmo texto, que estes apresentam modificações típicas de reescrita sem rastros materiais. Diante dessas diferentes rasuras encontradas nos manuscritos madyanos, trabalharemos com as expressões “rasura material” (para os manuscritos com rasuras visíveis) e “rasura imaterial” (para os manuscritos com rasuras perceptíveis, apenas, quando da comparação entre os testemunhos de um “mesmo” texto).

3.1 O PROJETO DE ESCRITURA DE PEDAÇOS DE VIDA

A ideia da organização de um livro com os textos que Mady escreveu durante a sua vida (alguns éditos, outros inéditos) surgiu depois que suas netas, Iêda Crusoé e Myriam Crusoé, quando adolescentes, realizaram uma pesquisa para a elaboração de um trabalho escolar, a fim de participarem de um concurso, para a escolha da melhor coletânea de poetas nazarenos. A coletânea que organizaram foi denominada por elas de *Poetas em desfile*³², e foi apresentada em novembro de 1983, ao Centro Cívico³³ Poeta José Bomfim, do Colégio Estadual Dr. José Marcelino de Souza, onde estudavam. Ao reunirem os textos da avó, para

³² Essa coletânea intitulada *Poetas em Desfile* continha poemas de Mady Crusoé, José Leone, José Bomfim, Anísio Melhor, entre outros escritores.

³³ Centro cívico era um departamento voltado para literatura e artes de um modo geral, que era fundado nas escolas públicas e particulares, em Nazaré, nas décadas de 1970 e 1980, para participação dos alunos e descoberta de novos talentos. O nome dado ao centro cívico era escolhido pelas escolas, geralmente, homenageando um poeta nazareno.

compor o trabalho, as jovens estudantes perceberam o valor daquelas produções. A coletânea foi a vencedora do concurso e a repercussão dos textos de Mady Crusoé foi intensa entre os participantes do evento escolar e entre os familiares.

Após a pesquisa, as netas e demais familiares insistiram para que Mady reunisse seus textos em um livro. O pedido dos familiares foi atendido tempos depois, já na década de 1990. Com a ajuda das netas, ela iniciou sua busca pelos textos que iriam compor o livro. Esses estavam guardados, ou seja, “dispersos” em seu arquivo pessoal, em pastas, cadernos e nas coletâneas de seu esposo, que colecionava recortes de jornais contendo notícias, poemas, reportagens e, em especial, as crônicas que Mady Crusoé escreveu para jornais baianos. Conseguimos estabelecer uma ordem cronológica em que ocorreu a consulta desses materiais pela escritora, a partir das anotações feitas por ela nos seus cadernos: I) *Caderno Cenoura*, II) *Caderno azul*, III) *Coletânea 3*, IV) *Folhas avulsas*. Após a pesquisa nos suportes citados, a escritora construiu alguns textos num outro caderno, denominado por ela de *Caderno Meu Diário*, bem como elaborou elementos pré-textuais nesse caderno. Depois, os textos foram passados a limpo num outro suporte, o *Caderno Verde* e, posteriormente, foi feito o Datiloscrito, para então os textos selecionados serem encaminhados à Alfa Gráfica e Editora Ltda (empresa que publicou o livro).

Alguns textos pesquisados pelas netas para o trabalho escolar foram revistos pela escritora e coletados do *Caderno azul*, nome dado por ela ao caderno utilizado pelas netas, para registro dos textos que utilizaram na referida atividade escolar. Trata-se de um caderno em brochura, que foi datado por nós com o ano de 1983, por conta de ter sido o ano que as netas da escritora realizaram a pesquisa sobre sua obra. Observamos nesse caderno alguns textos revisados por ela, com o acréscimo da palavra “Já”, situada à margem esquerda dos textos, ou à margem superior (ao centro). Os 29 poemas do caderno são de autoria de Mady Crusoé.

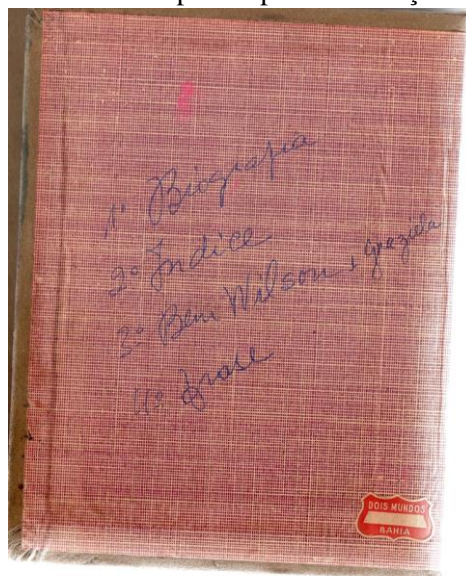
Além dos poemas, foram localizados uma biografia da escritora, o prefácio e a conclusão para o trabalho desenvolvido por suas netas. O projeto do livro foi delineado pela escritora em um caderno em brochura, com a inscrição na capa: *Meu Diário*. Tomando como base os estudos de Biasi (2010, p.), denominamos os textos presentes nesse caderno de textos em fase pré-redacional (pesquisa preliminar, “programação roteirizada”, seleção/lista dos textos para compor o livro) e textos em fase redacional (execução do plano/roteiro de escritura, rascunhos, passagem a limpo corrigidas).

Esse caderno contém anotações importantes sobre o processo de recolha dos textos pela escritora; sobre a estrutura do livro, bem como a ordem em que os textos deveriam ser

dispostos na publicação. Ela fez uso deste caderno para a escrita dos elementos “pré-textuais” (como já dissemos) e para a organização de todo o livro – começou a organizá-lo desde o verso da capa do caderno. Enumerados, um abaixo do outro, ela lista elementos que consideramos uma primeira roteirização: 1º Biografia; 2º Índice; 3º Ben Wilson³⁴ e Graziela³⁵; 4º frase, tudo isso no verso da capa do caderno.

Como mostra a Figura a seguir:

Figura 29 – Primeiros passos para a execução do projeto livro



Fonte: AMC (05a0004-93)

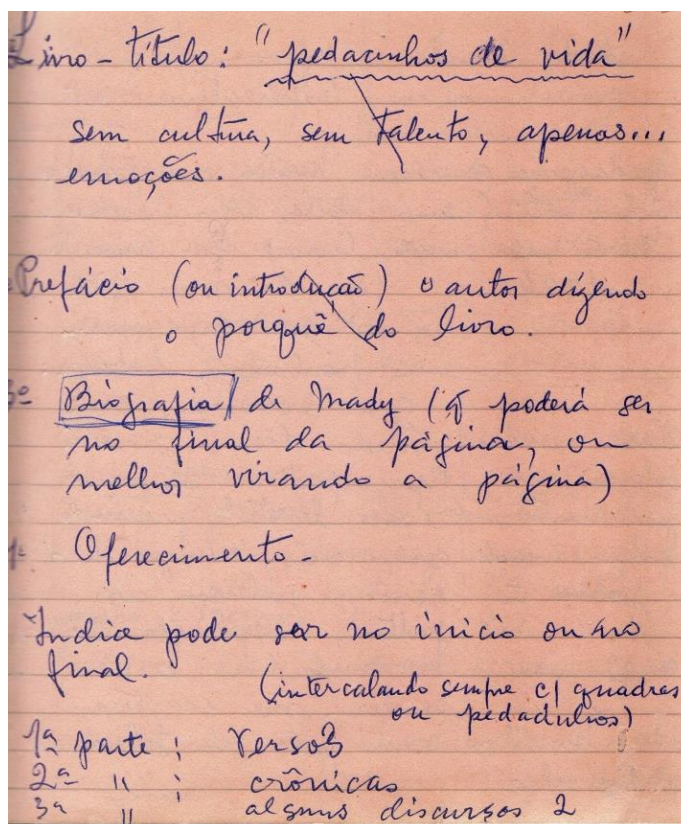
Os nomes de Bem-Wilson e Graziela aparecem nas primeiras anotações para a construção do livro. No APMC, localizamos o manuscrito do prefácio feito por Ben Wilson Brito de Souza, texto que foi publicado no livro. Apesar do desejo da autora de solicitar a escritora Graziela Domini, que escrevesse no seu livro, não há no arquivo nenhum texto de sua autoria para ser publicado em *Pedaços de Vida*.

³⁴ Ben Wilson Brito de Souza (1921- 1999) era formado em Magistério, pelo extinto Colégio Clemente Caldas. Foi Vice –diretor do Colégio Educandário de Nazaré (da rede particular de ensino, já extinto). Exerceu a função de Delegado Escolar do município de Nazaré, por mais de uma década; era escritor e colaborador de Jornais locais, a exemplo de *O Conservador* e o *Grito*. Também foi correspondente do jornal *A Tarde*. Foi Vice-Diretor da Escola (à época estadual) Dr. Alexandre Bittencourt, entre 1993 e 1999, no qual eram oferecidas as séries iniciais do Ensino Fundamental.

³⁵ Graziela Domini Peixoto é graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia, e escritora. É autora dos livros *A Dama de Branco*; *Provérbios – A Sabedoria do Povo*; *Papai Noel existe, Mamãe?* Ela é filha do primo da escritora, Isaac Lemos Peixoto.

Na primeira folha do caderno, a escritora amplia o esboço que escreveu na parte interior da capa. Ela reorganiza o seu plano de construção do livro, enumerando elementos pré-textuais, como se pode ver no fac-símile:

Figura 30 – Plano de trabalho para a organização do livro *Pedaços de Vida*



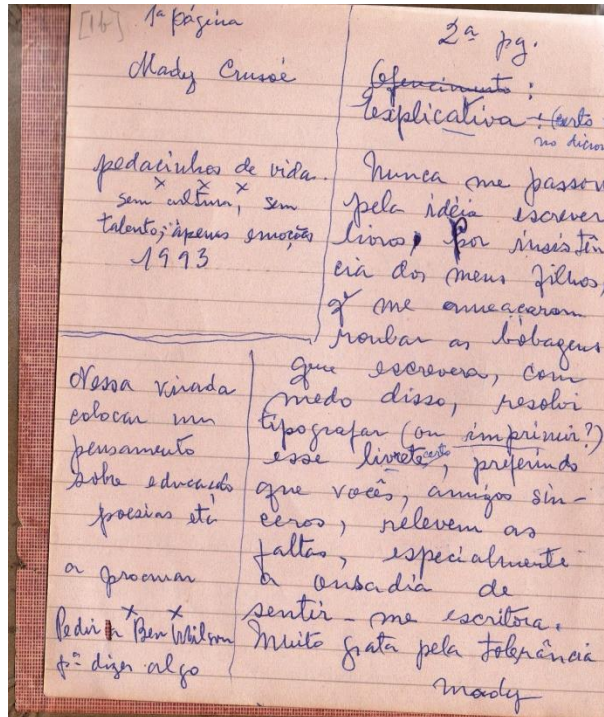
Fonte: AMC (05a0004-93)

Este esboço, certamente, orientou o seu trabalho de recolha e seleção dos textos, bem como norteou o desenvolvimento do projeto, ajudou-a a construir uma sequência lógica e cronológica. Observa-se o numeral "2" após a palavra discursos na 3ª parte, na última linha escrita. Acredita-se que a escritora pretendia, inicialmente, publicar apenas dois de seus discursos, o que não ocorreu na versão tida como final. Ela selecionou três de seus discursos para a publicação. A autora delinea o projeto do livro, com este plano de trabalho, sob o título *Pedaços de Vida* e, posteriormente, faz a seleção de todos os textos que fariam parte da obra publicada, bem como a ordem em que seriam lançados.

Ainda no Caderno *Meu Diário*, verificamos que a escritora utilizou-se do verso da primeira folha para expor um esboço de como seriam a 1ª e a 2ª páginas do livro (a segunda página seria destinada à Explicativa). Há, ainda, nessa mesma folha, uma nota falando da

necessidade de uma epígrafe: “Nessa virada colocar um pensamento sobre educação poesias etc”. E acrescenta ainda nessa parte da folha: “Pedir a Ben-Wilson p^a dizer algo”. Como se pode conferir no fac-símile representado pela Figura 31:

Figura 31 – Projeto do livro (elementos pré-textuais)



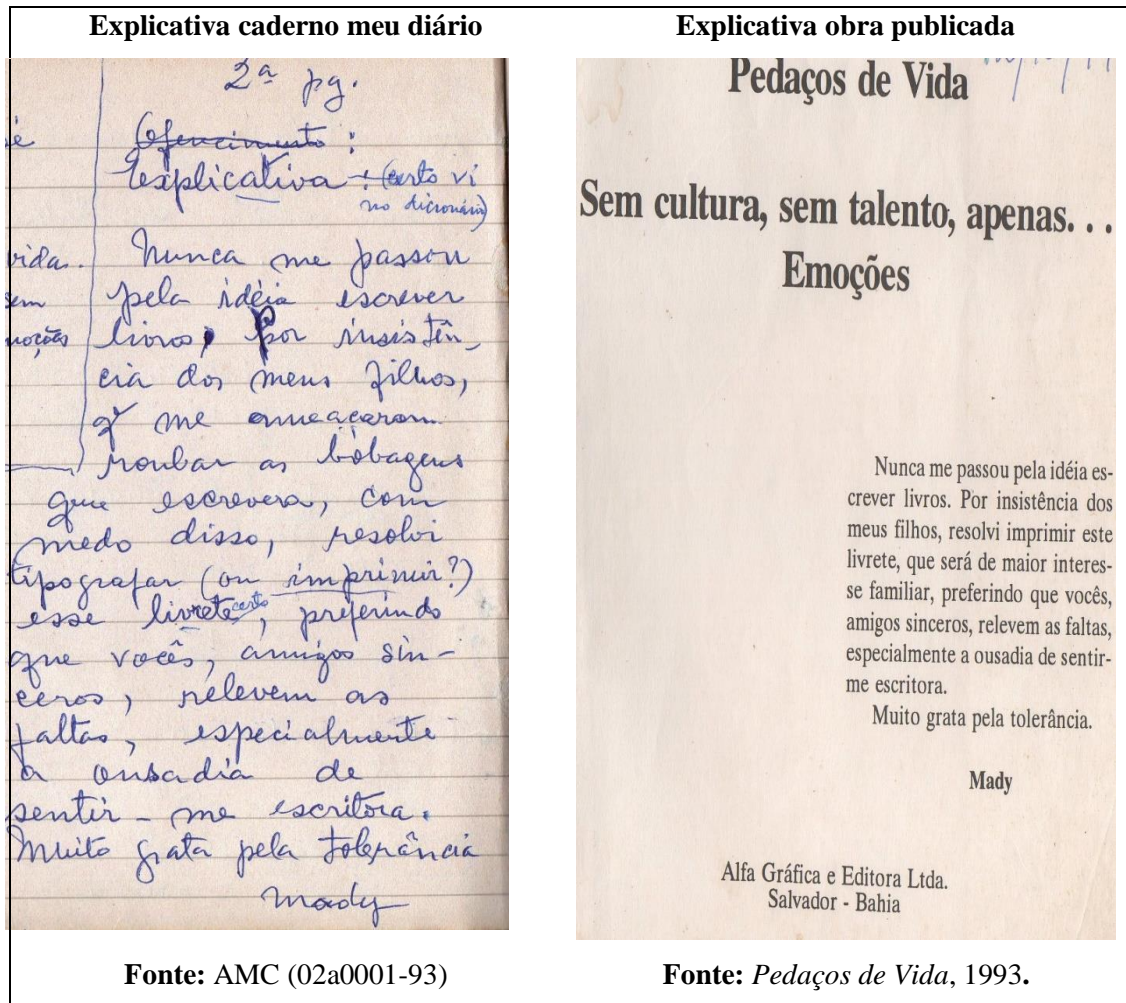
Fonte: AMC (05a0004-93)

A escritora utiliza-se da mesma folha para o planejamento de elementos pré-textuais. A primeira página seria destinada ao título, inicialmente definido como *Pedacinhos de vida*, acompanhado da inscrição “Sem cultura, Sem talento,... apenas emoções”, antecedido por três riscos que lembram um X, seguido da data: 1993. A frase, que utilizou como subtítulo, demonstra sua extrema modéstia frente aos textos que escreveu: ela não se reconhecia escritora.

No rascunho do texto que intitulou *Explicativa*, localizado no caderno *Meu Diário*, a escritora revela que fora “ameaçada” pelos filhos, que lhe roubariam os seus escritos caso ela não publicasse seus textos em livro. Observamos que o título escolhido fora modificado, no impresso, para *Pedaços de Vida*. Apesar de todo o trabalho da escritora em acompanhar, cuidadosamente, o processo de edição, a data em que o livro foi editado, 1993, não aparece no impresso. Verificou-se, que no Datiloscrito, também, não consta a data. No impresso, a *Explicativa* sofreu modificações, algumas informações foram suprimidas. O rascunho desse

texto, localizado no caderno meu diário, apresenta detalhes da construção do livro, como se pode perceber no quadro seguinte, que apresenta um confronto entre o texto publicado e o rascunho localizado no referido caderno:

Figura 32 – Figuras combinadas: Explicativa cmd e Explicativa op



Como se pode ver, Mady Crusoé não se considerava uma escritora, pois nunca pensara em publicar um livro, conforme relata na *Explicativa*. Outro detalhe que reforça esse seu comentário é o fato de chamar o seu livro de “livrete”, cujo significado em dicionário é “pequeno livro”, “caderneta”, ou “pequeno caderno”. Apesar de ter colaborado para jornais baianos, de ter escrito poemas, hinos cívicos e religiosos reconhecidos em sua cidade e região, de ter colecionado, ao longo da vida, uma variedade de textos literários e discursos, a publicação de seus textos em livro se deu, tão somente, pela exigência dos familiares e pela motivação de doar parte dos recursos, com sua venda, para uma instituição de cunho filantrópico o Aprendizado Manoel Clemente Caldas e parte aos festejos católicos a São

Roque, santo de sua devoção, para quem compôs um hino que se tornou muito conhecido em Nazaré e região do Recôncavo Baiano.

Ainda, na figura 31, observa-se que a escritora expressa seu desejo de procurar um pensamento que servisse como epígrafe, que tratasse do tema Educação ou poesias. No livro não há pensamento ou frase que exerça essa função, nem fora localizado em seus rascunhos algo que indicou para epígrafe. Ainda à mesma folha [1], do caderno *Meu Diário*, representada pela figura 31 ela escreve uma nota sobre o pedido que faria ao amigo e professor Ben-Wilson, para que ele dissesse algo sobre o livro: “Pedir a Ben Wilson p^a dizer algo”. O texto escrito pelo amigo encontra-se no impresso, sob o título de *Apresentação*. A versão original, manuscrita, está localizada no arquivo, com a identificação: “Orelha do Livro”, um acréscimo feito por outra mão³⁶. No texto da Apresentação, situado à página 3, Ben-Wilson exalta as qualidades de Mady: professora, poetisa, escritora e “oradora de renome”. O autor da apresentação explica aos leitores que todo o trabalho madyano tem como inspiração maior o amor. Esclarece, ainda, que ela, no Magistério, ficara conhecida como Maria Madalena Ferreira Crusoé e nas Letras como Mady Crusoé. No impresso, houve apenas o acréscimo da palavra “jornalista” ao lado de professor, na identificação do seu autor e a mudança na classificação do gênero textual, que passou de “Orelha do livro” para “Apresentação”. Segue primeira parte do manuscrito da apresentação do livro:

Figura 33– Manuscrito da Apresentação do livro (f. 1)

Orelha do livro
do Magistério, prof.^a Maria
Madalena Ferreira Crusoé - zelosa, dedicada, competente mestra de algumas gerações nazarensas -; nas Letras, Mady Crusoé - admirável, inspiradora, poetisa, escritora; oradora de renome.
"Pedacos de Vida" retrata fielmente todo sentimentalismo que deixa cair nos seus trabalhos, cuja inspiração maior é o amor, envolvendo muitas vezes a Nazaré dos seus sonhos e desejos, a "eterna enamorada do mormuroso Jaguaripe".
Além da beleza e sonoridade dos seus versos, Mady é minuciosa nos fatos e na escatidão das coisas, através dos

³⁶ A letra da expressão acrescentada, “Orelha do livro”, é de Mady Crusoé.

Fonte: AMC (05d0003-93)

Na folha 2 do caderno *Meu Diário*, Mady Crusoé informa onde colocaria a sua Biografia no livro e rascunha o “Oferecimento”, como se pode ver no fac-símile:

Figura 34– Oferecimento

Biografia no final do livro - ver como escrevi em memoria

Oferecimento: Dos meus inseparáveis papaiinho de Getulio, minha adorada mãe Elisa, adorada de minha mãe-babi-Candir

Sempre presentes na minha vida e no meu coração!

Meus filhos e netos.

Meu esposo sempre presente na minha existência e no meu coração; meus esposos, meus filhos, netos e bis-netos, todos os que eu gostaria de dar a toda minha vida, se pudesse preciso fosse.

Mady

Fonte: AMC (05a0004-93)

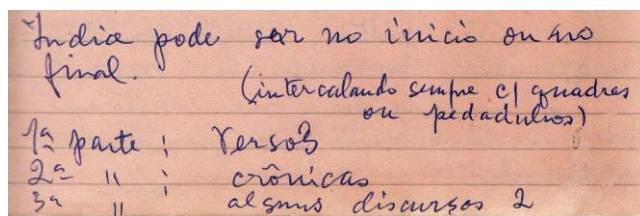
O texto foi passado a limpo para outro suporte, um bloco de manuscritos intitulado por nós de *Notas para a organização do livro*, composto de três folhas avulsas grampeadas entre si, localizadas no interior do *Caderno Verde*.

Referente ao texto intitulado *Biografia*, que a escritora construiu para publicar no livro, foram localizados quatro testemunhos no seu arquivo. Na folha 6 do caderno *Meu Diário*, a escritora faz anotações de atribuições importantes que não poderiam ficar de fora do referido texto. No mesmo caderno, na folha 24, localiza-se um manuscrito que intitulou *Biografia*. Esse testemunho é um texto passado a limpo, mas com acréscimos, substituições e deslocamentos. Dá para notar o seu empenho em apresentar todos os papéis que exerceu, com o cuidado em situar cronologicamente os trabalhos que realizou e as homenagens que recebeu.

Outra versão foi localizada no *Caderno Azul*, utilizado como rascunho para o trabalho de suas netas. Trata-se de uma versão resumida e escrita com letra diferente da sua (provavelmente escrita por uma de suas netas). Há, ainda, um outro manuscrito com sua biografia, composto de três folhas de caderno, grampeadas, com algumas rasuras e anotações nas entrelinhas. Nota-se que o texto localizado no *Caderno Meu Diário* é o mais completo. As *Folhas Avulsas* foram consultadas pela escritora, na construção do texto que está no *Caderno Meu Diário*. Esse texto não foi localizado no *Caderno Verde*, nem está no *Datiloscrito*. No impresso, foi publicado no espaço da capa que comumente se designa “orelha do livro”.

Foi localizado um rascunho do índice, ou sumário do livro, na folha 01 do *Caderno Meu Diário*, demonstrando a estrutura que ela gostaria que o livro tivesse. Segue o fac-símile da parte que trata desse elemento:

Figura 35 – Planejamento do índice livro

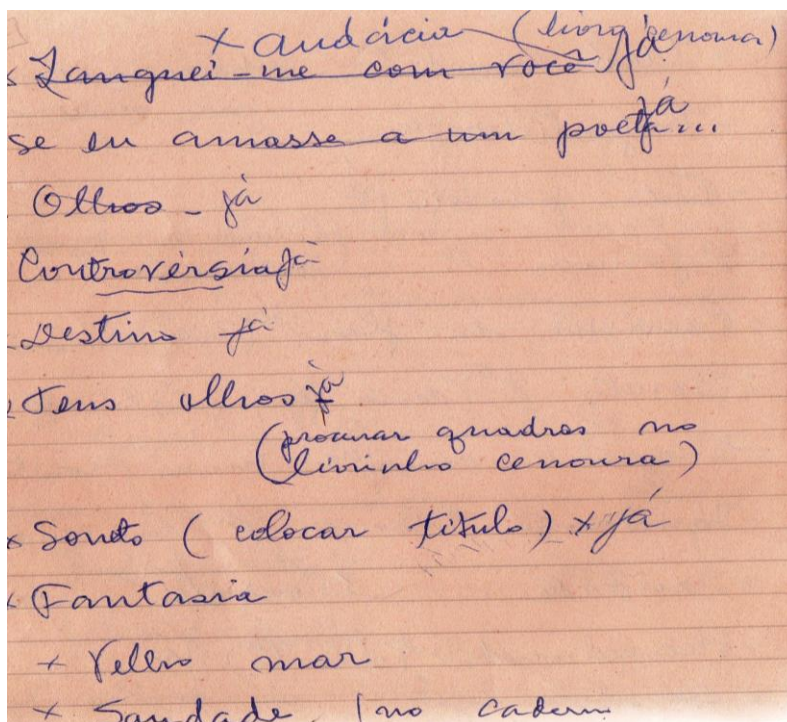


Fonte: AMC (caderno verde, f.1)

Há importantes informações sobre o itinerário percorrido pela escritora na construção do livro, neste suporte (*Caderno Meu Diário*). Assim, ela manifesta clareza de ideias e objetividade quanto ao produto final do seu trabalho e ao percurso necessário para alcançá-lo. Do verso da folha 2 à folha 6 do *Caderno Meu Diário* estão os títulos dos textos que fariam parte do livro, acompanhados da inscrição “Já”, ao lado, significando que já foram revisados, ou passados a limpo. Alguns títulos de textos aparecem riscados e assinalados com um “X”.

Outros aparecem com uma inscrição indicando o caderno e a página em que estavam escritos, ou se estavam em uma folha avulsa, ou se se tratava de um recorte de jornal. Ao lado de alguns títulos, ela fez anotações afirmando a necessidade de acréscimo ou de mudança, já sugerindo um título novo. Alguns desses movimentos na preparação do livro podem ser observados no fac-símile, disposto a seguir, um fragmento da primeira lista dos textos recolhidos e passados a limpo, situada no verso da folha [3] do *Caderno Meu Diário*, pode-se perceber a substituição do título *Zanguei-me com você* por *Audácia*, bem como a localização do texto no arquivo: “(livro cenoura)”:

Figura 36 – Lista de textos revisados



Fonte: AMC (05a0004-93)

Observamos que em vários títulos a escritora menciona: “caderninho cenoura”, “livro cenoura”, “livrinho cenoura” “caderno pequeno”. Trata-se do caderno em brochura, de capa dura na cor cenoura, à semelhança de uma caderneta de bolso. Possui apenas manuscritos de poemas, alguns datados, sendo o mais antigo de 1928. Há no suporte, as marcas das campanhas de revisão feitas em outro tempo (na década de 1990) e com outra caneta (esferográfica de cor azul), que se destaca diante da caneta tinteiro preta, utilizada na escrita de todos os manuscritos. Esse manuscrito (fac-símile) nos faz constatar o plano preciso que servirá de guia detalhado para o trabalho de organização dos textos já escritos ao longo da sua vida, de como serão agrupados, revisados.

Há mais registros no *Caderno meu Diário* sobre a coleta e organização dos textos para o livro. No verso da folha 6, a escritora expõe uma lista (refeita) de textos que deverão compor o livro, um total de 41 itens. A lista é reescrita na folha seguinte, folha 7, interrompida no título de número 29, *O teu olhar*, que foi cancelado com um traço. Em seguida, no final da mesma folha (7), retoma a lista da folha anterior, continuando do título 42 ao 50, indica, então, os textos que, até aquele momento, foram passados a limpo e revisados. Como se pode ver no fac-símile apresentado a seguir:

Figura 37 –Lista de textos copiados

Já estão copiados: Primavera, mocidade		Faltam	
1 Gratidão (sem parâmetro)	21 Ingratidão	1º - Gratidão	21 - Ingratidão
2 Soneto (uma música)	22 Falso amor	2º - Soneto	22 - Falso amor
3 Súplica " " "	23 Anticiedade	3º - Súplica X	23 - Anticiedade
4 Saudade - no verso	24 2º grande como o mar	4º - Saudade	24 - 2º grande como o mar
5 Idade?	25 Algum primavera	5º - Idade?	25 - Algum primavera
6 Indiferente	26 Chegou a tua vez Brasil	6º - Indiferente	26 - Chegou a tua vez Brasil
7 Olhos	27 Independência	7º - Olhos	27 - Independência
8 Reforma	28 Sabe brato glorioso	8º - Reforma	28 - Sabe brato glorioso
9 Bodas de prata	29 Múlia dor	9º - Bodas de prata	29 - O teu olhar
10 Felicidade	30 Amor vésnia	10 - Felicidade	30 -
11 Ideal trocado	31 Destino	11 - Ideal Trocado	*42 Soneto verde
12 Alvoidade	32 Teus olhos	12 - Alvoidade	43 - Hino a S. Roque
13 Tudo passou	33 Recordando	13 - Tudo passou	44 - Hino Luiz Viana
14 Candui	34 Fantasia	14 - Candui	45 - Pensamentos
15 Soneto	35 O teu olhar	15 - Soneto	46 - Aniversário
16 Ingratidão	36 Relembro Brasil	16 - Ingratidão	47 - O teu olhar
17 Confissão	37 Saudades de Soc. Primavera	17 - Confissão	Falta: Outros filhos
18 Felicidade	38 Vin da noção	18 - Felicidade	*48 Sinto papai
19 Que é o beijo? X	39 Procuissas da flor	19 - Que é o beijo?	49 Voto
20 se eu amasse a poeta	40 Sós João - sabe balão	20 - se eu amasse a	X 50 - João - sabe balão
	41 não disse adeus		X 51 - João - sabe balão

Fonte: AMC (05a0004-93)

Os cadernos e demais suportes em que constam seus manuscritos foram consultados pela escritora para ser feito o levantamento dos textos que escreveu. Mas, é no *Caderno Meu Diário* que se vê o cenário do desenvolvimento do livro. Nele a escritora encena-se na condição de autora quando compõe textos e, quando os modifica, é leitora de seu tempo, pois repensa o seu momento histórico, especialmente quando reescreve suas narrativas e discursos, esclarecendo para os leitores de um outro tempo (da década de 1990), sobre a repercussão que tiveram à época em que foram publicados ou proferidos; é criteriosa revisora gramatical, revendo a pontuação dos seus textos, bem como a ortografia vigente quando publicou seu livro.

As nossas buscas pelos textos impressos nas *Coletâneas*, que pertenceram e foram organizadas pelo esposo da escritora, contendo recortes de jornais, também foram intensas. Há na lista dos textos, que farão parte do livro, localizada no caderno *Meu Diário*, anotações sobre a coletânea 03, ao lado dos títulos de alguns textos. São ao todo 04 coletâneas formadas por recortes de notícias, poemas e narrativas de autores nacionais e estrangeiros, localizadas no acervo. As crônicas madyanas estão localizadas na coletânea n. 03³⁷. Esses recortes não possuem indicação da fonte de onde foram retirados, nem indicação da data em que foram publicados. A reconstituição das datas e fontes foi feita pela escritora em suas anotações e

³⁷ A denominação “coletânea n. 03” foi dada pelo próprio colecionador, o esposo da escritora.

foram registradas no livro. Foram localizados 13 textos impressos, todos do gênero crônica. Destes, nove estão na coletânea 03 e quatro estão na pasta-catálogo n. 2³⁸.

3.2 DOS MOVIMENTOS DE (RE)ESCRITURA AO LANÇAMENTO DO LIVRO

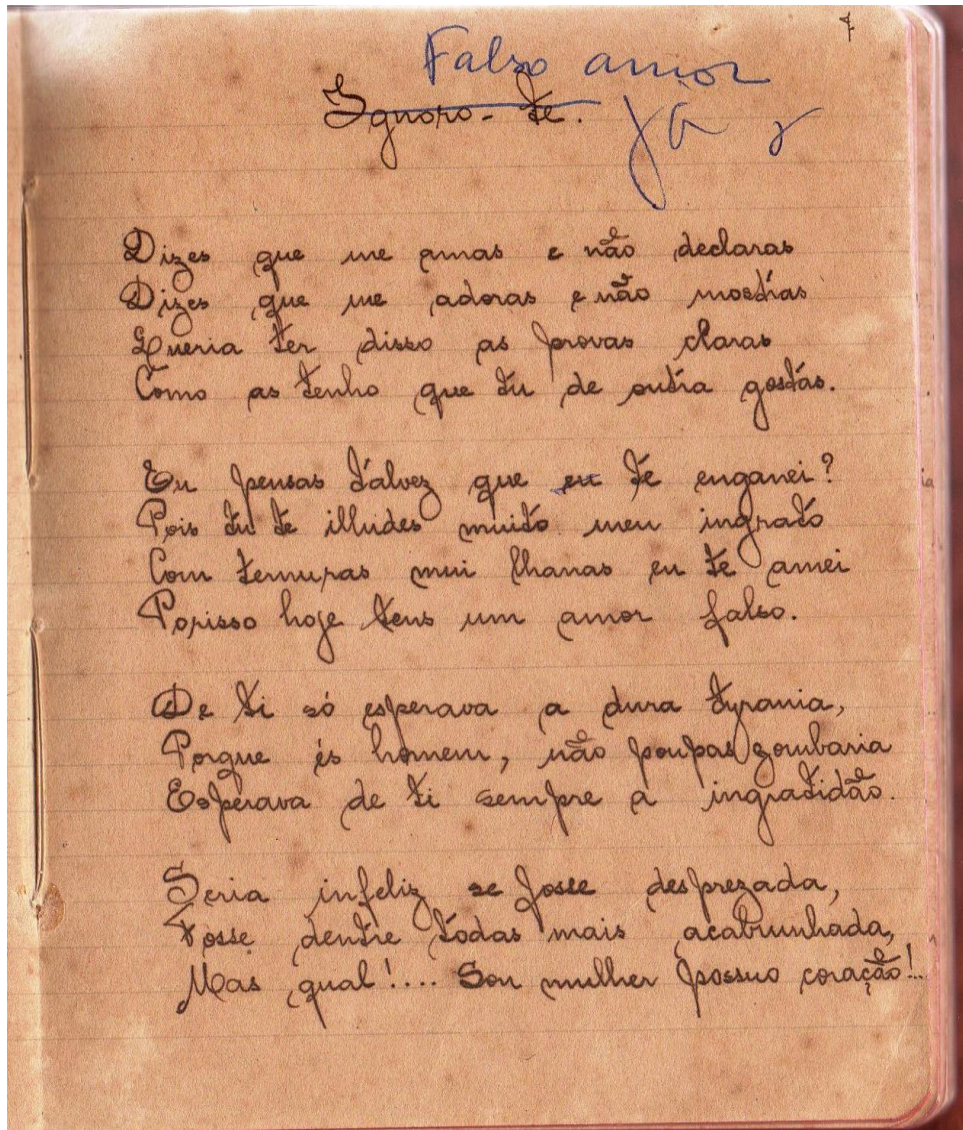
A cada leitura dos manuscritos madyanos fomos encontrando mais testemunhos que atestam os movimentos de sua escrita e ajudam a contar a história do seu livro. Chamam à atenção os movimentos de reescritura, as rasuras e deslocamentos que ocorrem nos textos. Esses denunciam o comprometimento da escritora no processo de organização do livro, muitas vezes indicando os caminhos ao editor, ou responsável pela impressão e diagramação do livro. Caminhos apontados por canetas de tinta azul, vermelha, a lápis, que colorem as folhas dos papéis, marcam a superfície textual, mostram a elaboração progressiva de seu livro e nos ajudam a constatar que

[...] o texto definitivo de uma obra literária é, salvo raras exceções, o resultado de um trabalho de elaboração progressiva. Ao longo desse processo, o autor dedica-se, por exemplo, à pesquisa de documentos ou de informações, à concepção, à preparação, para então dedicar-se à redação do texto, a diversas campanhas de correções e revisões, etc (BIASI, 2010, p.13).

O processo de escritura madyano mostra-se nas cores dos instrumentos utilizados nas suas campanhas de revisão, de reescrita, nas anotações nas linhas, entrelinhas, margens, sobreposições que comprovam a presença da escritora na cena literária. Essas configurações perceptíveis nos documentos madyanos, isto é, estes “rastros”, são comuns aos manuscritos modernos e contemporâneos e permitem o estudo da gênese textual. Para a transcrição dos movimentos de gênese, optamos pela transcrição linearizada codificada, aquela que, segundo Biasi (2010, p. 85), é fácil de ler e ocupa pouco espaço, não respeita a paginação autógrafa, mas utiliza-se de códigos que apontam os fenômenos genéticos (rasuras, acréscimos, supressões, inserções). A seguir, o fac-símile de um poema revisado pela escritora. Neste, apenas o título foi modificado:

³⁸ Os impressos localizados na pasta catálogo n. 02 estavam dispersos em gavetas ou no interior de livros, foram reunidos pela escritora na referida pasta.

Figura 38 – Falso amor

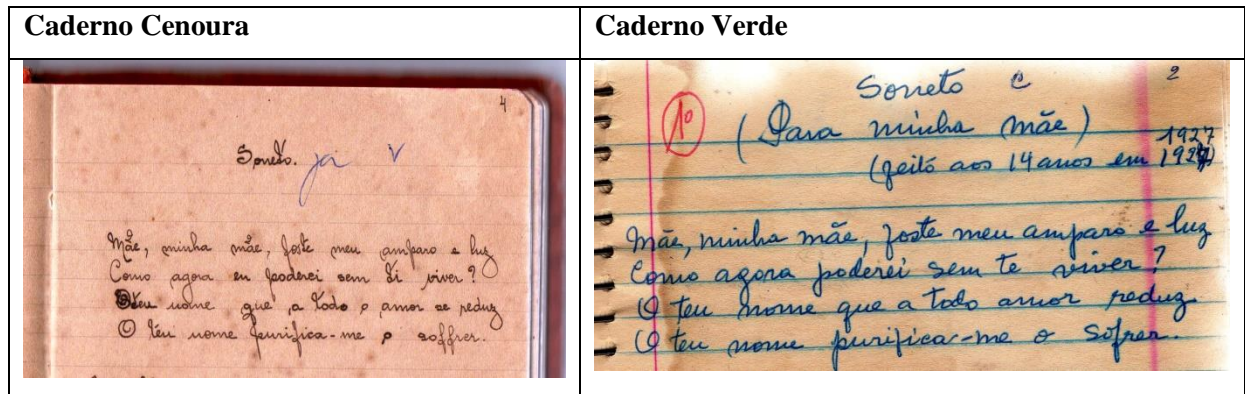


Fonte: AMC (05a0001-28)

Este testemunho, localizado no Caderno Cenoura, à folha 7, traz a anotação “Já”, indicando que o texto já havia sido revisado, ou passado a limpo. Houve o processo de supressão do título “Ignoro-te” e a sua substituição por “Falso Amor”. Tal fato faz vislumbrar os movimentos empreendidos pela escritora para atender aos objetivos pensados para o seu texto no processo de releitura, décadas depois, para ser publicado em um livro. A mudança do título, é claro, imprime novo significado aos versos.

A seguir, fragmentos de dois testemunhos, “recortados” de cadernos diferentes, do poema intitulado *Soneto*, escrito aos 14 anos, em homenagem a sua mãe:

Figura 39 – Figuras combinadas: Primeira estrofe do poema *Soneto Scc e Scv*

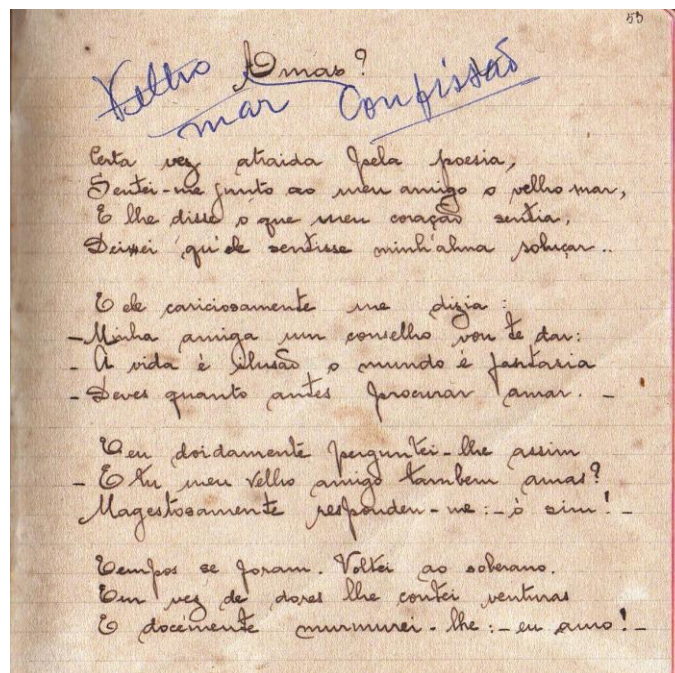


Fonte: AMC

Podemos observar acréscimos referentes à idade de Mady Crusoé e ao ano em que fora escrito o poema, no fac-símile do *Caderno Verde*. Há, também, modificações realizadas pela escritora ao compararmos os manuscritos. Constatamos que, ao passar a limpo o texto *Soneto*, Mady Crusoé fez atualizações da ortografia, embora essas rasuras não sejam vistas.

A produção poética de Mady Crusoé apresenta suas memórias, as suas experiências de vida, o cotidiano do ambiente familiar, os costumes de uma época. No poema *Confissão*, ela demonstra a sua relação com a poesia e a cumplicidade com o mar. No manuscrito localizado no *Caderno Cenoura*, apresenta três opções de título para esse poema. “Amas?”, depois “*Velho Mar*”, e por último “*Confissão*”, como se pode ver no fac-símile a seguir:

Figura 40 – Poema *Confissão*

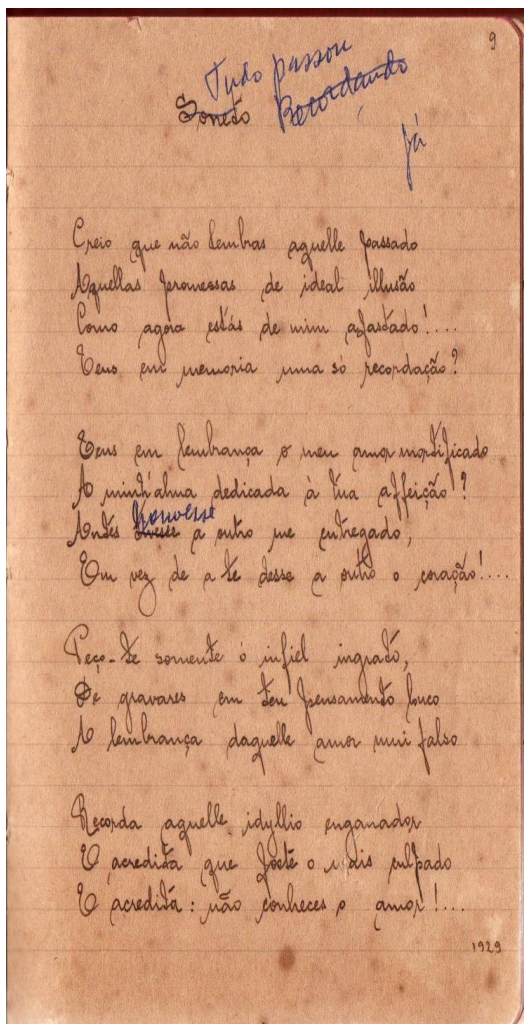


Fonte: AMC (05a0001-28)

Esse é um manuscrito passado a limpo, que também sofreu intervenções quando retomado pela escritora no período da organização do livro. As correções, realizadas com caneta esferográfica de tinta azul, como mostram a figura 40, representam supressões e acréscimos. Inicialmente “Velho Mar” substitui “Amas?”, mas este novo título é suprimido e a escritora apresenta outro: “Confissão”, que permanece nos demais cadernos, no datiloscrito e na obra publicada.

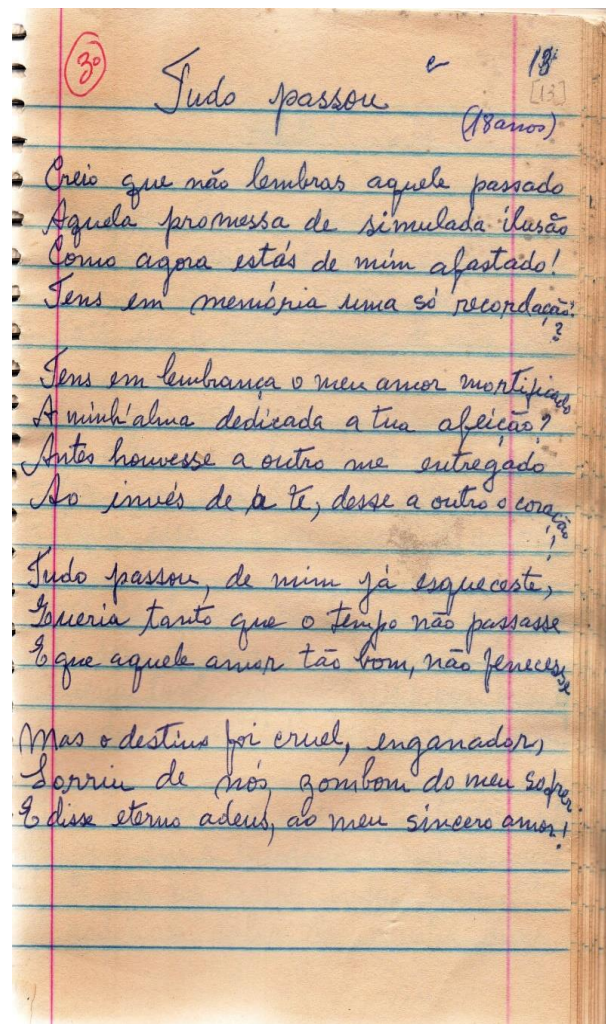
A seguir manuscritos que apresentam rasuras “materiais” e “imateriais”. O texto passado a limpo *Tudo Passou* do Caderno Verde (TPcv) sofreu modificações em duas estrofes. Essas foram reconstruídas, modificadas totalmente, como se pode comprovar na leitura dos fac-símiles representados pelas figuras a seguir:

Figura 41 – TPcc



Fonte: AMC (05a0001-28)

Figura 42 – TPcv



Fonte: AMC (05a0005-93)

Do confronto entre os testemunhos, observam-se algumas modificações no segundo verso da primeira estrofe “Aquellas promessas de ideal *illusão*”, anula-se o plural: “Aquellas” é substituída por “Aquela”, a palavra “ideal” é substituída por “simulada”, e tem-se o verso “Aquela promessa de simulada *ilusão*”. Algumas modificações, a exemplo de *Aquella* por *Aquela*, são necessárias em respeito à grafia vigente no período da organização do livro. No terceiro verso da segunda estrofe do poema, a forma verbal “tivesse” foi suprimida e substituída, na entrelinha superior, por “houvesse”, essa rasura foi feita algum tempo depois, quando a escritora exercia o papel de leitora e revisora de seus escritos para a publicação do livro. Nesse testemunho, há na última linha da folha, no ângulo direito, o ano de 1929, escrito com a mesma cor e mesmo tipo de caneta (tinteiro) de todo o texto, desse modo, àquela época, a escritora estava com 16 anos de idade.

Em **TPcv**, a idade apresentada é 18 anos. Ao passar a limpo este texto para o caderno verde, situado à folha [13], ela faz alterações, sem deixar rasuras materiais, a idade “18 anos”, na entrelinha (entre a linha 1 e 2) abaixo do título e as duas últimas estrofes do poema foram modificadas completamente. Com base nos estudos de Biasi (2010, p. 58), constatamos que a “etapa de passar a limpo traduz-se por novas iniciativas redacionais que podem levar o escritor a elaborar uma versão sensivelmente diferente de seu primeiro manuscrito”.

Para uma melhor visualização das modificações realizadas pela autora e em razão desses movimentos genéticos terem modificado o sentido do texto, julgamos necessário, neste caso em especial, apresentar o confronto entre os testemunhos, por meio de uma transcrição, destacando, em *itálico*, as rasuras imateriais, e utilizando-se dos operadores para a identificação das rasuras materiais. Seguem as transcrições dos testemunhos **TPcc** e **TPcv**:

Quadro 1 – Confronto Sinóptico do poema *Tudo passou*

TPcc	TPcv
<Soneto> [→<Recordando>] [↑ Tudo passou]	Tudo passou (18 anos)
Creio que não lestras <i>aquelle</i> passado <i>Aquellas</i> promessas de ideal <i>illusão</i> Como agora <i>está</i> de mim afastado!... Tens em memória uma só recordação?	Creio que não lestras <i>aquela</i> passado <i>Aquela</i> promessa de simulada <i>ilusão</i> Como agora <i>estás</i> de mim afastado! Tens em memória uma só recordação?
Tens em lembrança o meu amor mortificado A minh’alma dedicada à tua <i>affeição</i> ? Antes < <i>tivesse</i> >[↑ <i>houvesse</i>] a outro me entregado, Em vez de a <i>ti</i> desse a outro o coração!...	Tens em lembrança o meu amor mortificado minh’alma dedicada a tua <i>afeição</i> ? Antes <i>houvesse</i> a outro me entregado Ao invés de a <i>te</i> , desse a outro o coração!
<i>Peço-te somente ó infiel ingrato,</i> <i>De gravares em teu pensamento louco</i>	<i>Tudo passou, de mim já esqueceste,</i> <i>Queria tanto que o tempo não passasse</i>

<p><i>A lembrança daquelle amor mui falso</i></p> <p><i>Recorda aquelle idyllio enganador</i> <i>E acredita que foste o mais culpado</i> <i>E acredita: não conheces o amor!...</i></p> <p style="text-align: center;">1929</p>	<p><i>E que aquele amor tão bom, não fenecesse</i></p> <p><i>Mas o destino foi cruel, enganador,</i> <i>Sorriu de nós, zombou do meu sofrer</i> <i>E disse eterno adeus, ao meu sincero amor!</i></p>
---	---

Foram realizadas atualizações da ortografia, uma alteração pronominal (“ti” para “te”) e a reescrita das duas últimas estrofes. Com a reescrita, permaneceram apenas as palavras “amor” e “enganador”.

Os testemunhos MFmd1 e MFmd2 do poema *Meus Filhos* apresentam muitas rasuras. Este texto foi escrito pensando no livro, pois seus primeiros rascunhos (sua escrita de primeiro jato) foram localizados no *Caderno Meu Diário*. Apresenta-se, a seguir, um quadro com a transcrição linearizada dos testemunhos (aquela que se utiliza dos operadores genéticos), para que se possam observar os movimentos textuais entre o primeiro e o segundo rascunho do texto:

Quadro 2 – Transcrição de testemunhos do poema *Meus Filhos*

MFmd1	MFmd2
<p>47 – Adeus – <Adeus> /48\ – Dia do papai</p> <p>49 – Vovô</p> <p>Eles são meus amores mais queridos <Presente do céu></p> <p>1 Tesouro do ceu, mais linda recompensa</p> <p>3 Do amor que Deus me deu tão belo e justo</p> <p>2 Gravados no meu peito <u>docemente</u> <Levarei> /Louvarei\ este amor eternamente!</p> <p>Até o fim da minha vida ei de amá-los</p> <p>Como sabe amar uma mãe tão <u>amorosa</u></p> <p>Agradece<u>/n [↑do] a Deus <por tantos mimos> [↑tanta bondade]</p> <p><Rogando ao destino por tanto></p> <p>Tanto</p> <p>Não fiquei velha porque <eles> me deram vida <Porque> [↑Pois] olhando o amor infinito dos meus filhos</p> <p>A velhice me passou despercebida!</p>	<p>Meus filhos? bemdiz</p> <p><São> <[↑lindas]> [↑Brilhos de] estrelas no <firmamento> [↑ horizonte] do meu céu E na beleza do meu [↑luz do meu destino] < <coração> <[↑peito]> <apaixonado> <[feliz] > [↑emoção]</p> <p>Eles refletem o meu amor <todo carícia> /Deus querido\ Eles dão vida ao meu coração apaixonado!</p> <p>Filhos de minh'alma quanto me orgulho! De perto ao meu amor tão renovado <Presen> Tesouros do ceu</p> <p>Sou feliz hoje, depois de tantos anos feitos Olhando nos olhos dos meus [↑filhos] o carinho E a graça de um amor muito perfeito como</p> <p style="text-align: center;">contra</p> <p>Não fiquei velha porque eles me <enobrecem> [↑deram vida] <A velhice me passou despercebida> Porque olhando <a> /o\ <graça> /amor\ infinito dos meus filhos</p>

	<p>A velhice me passou despercebida!</p> <p>(f.7v) / Não fiquei velha porque <eles> me deram vida <Porque> [↑Pois] olhando o amor infinito dos meus filhos A velhice me passou despercebida!³⁹</p> <p>(f. 8v) Que Deus os faça sempre bons e puros Unidos no amor que eu soube <[↑lhes]> dar <Seja> A união e a paz [↑serão] suas guaridas Porque após <minha> [↑a] vida ainda os ei de amar!</p>
--	--

O tipo e topografia das rasuras realizadas pela escritora no testemunho MFmd1 foram identificados como substituição por sobreposição, supressão e supressão seguida de substituição na entrelinha ou à margem, conforme transcrições linearizadas que seguem: **Substituição por sobreposição** tem-se: <Levarei> /Louvarei\; **supressões**: <Presente do céu>, <Rogando ao destino por tanto>, <eles>; e **supressão seguida de substituição na entrelinha**: Agradece<u>/n [↑do]; <por tantos mimos> [↑tanta bondade]; <Porque> [↑Pois].

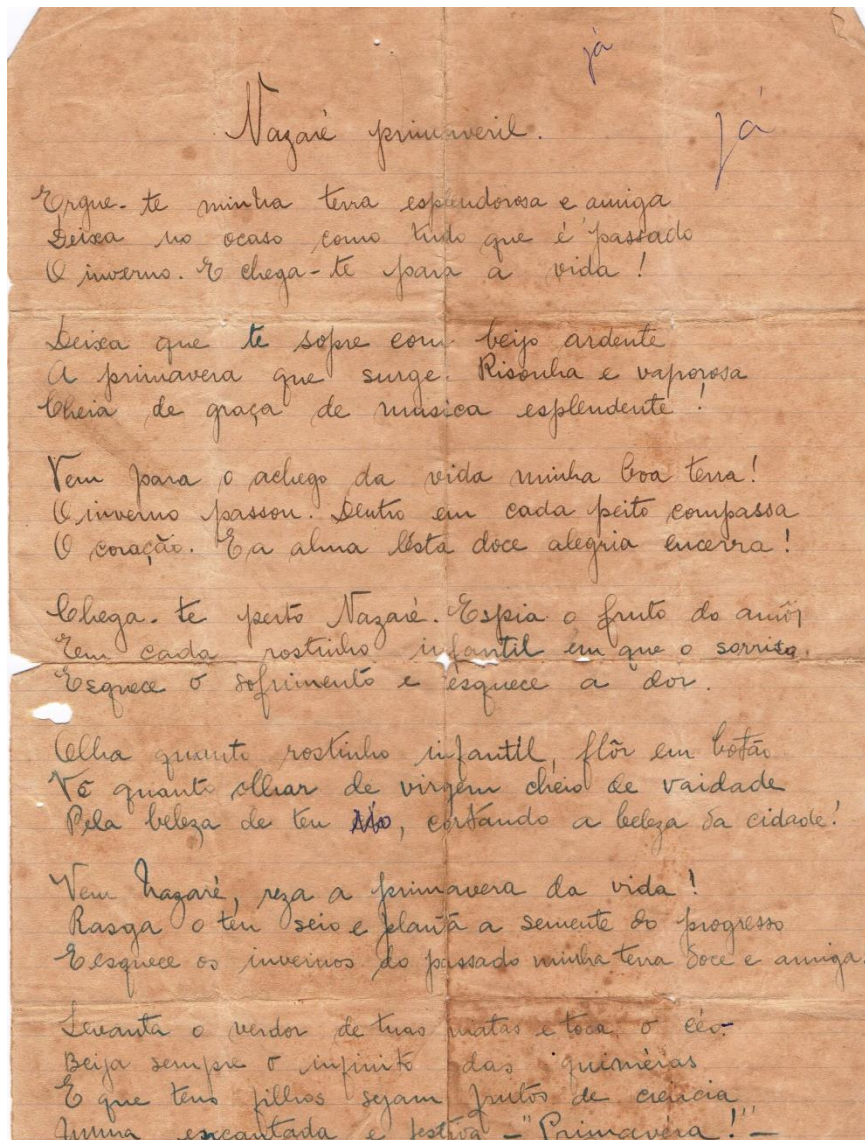
O testemunho MFmd2 é uma nova versão do texto e já está tomando forma de poema. Nesta fase da escrita, notam-se muitas intervenções autorais: são **supressões seguidas de acréscimo suprimido**: <São> <[↑lindas]> , <coração> <[↑peito]>; <apaixonado> <[feliz]>; **supressões**: <presen>, <a velhice me passou despercebida>; **supressão por sobreposição**: <todo carícia> /Deus querido\, <a> /o\, <graça> /amor\; **acrécimo na entrelinha superior**: [↑Brilhos de], [↑luz do meu destino], [↑emoção]; **acrécimo na entrelinha superior suprimido**: <[↑lhe]>; **supressão seguida de acréscimo na entrelinha superior**: <firmamento> [↑ horizonte], <enobrecem> [↑deram vida]; <Porque> [↑pois]; **acrécimo na entrelinha superior**: [↑filhos], [↑deram vida].

O fac-símile do manuscrito apresentado a seguir (figura 43), NP2, corresponde a uma etapa de revisão. A palavra “céu” foi rasurada e substituída por “rio”, no terceiro verso da quinta estrofe. Verifica-se que o texto é uma cópia limpa, mas que em outro tempo sofreu uma rasura por substituição. Apesar de ser uma rasura de uma só palavra, o texto sofreu uma

³⁹ Essa última estrofe é uma reescrita daquela que é a penúltima estrofe do poema e foi localizada à folha 7v (no verso da folha 7), sinalizada por dois asteriscos.

alteração de sentido. Com a edição crítico-genética, esse pensamento não é anulado, ao contrário, é revelado como uma das possibilidades. Segue o fac-símile do poema:

Figura 43 - Nazaré Primavera

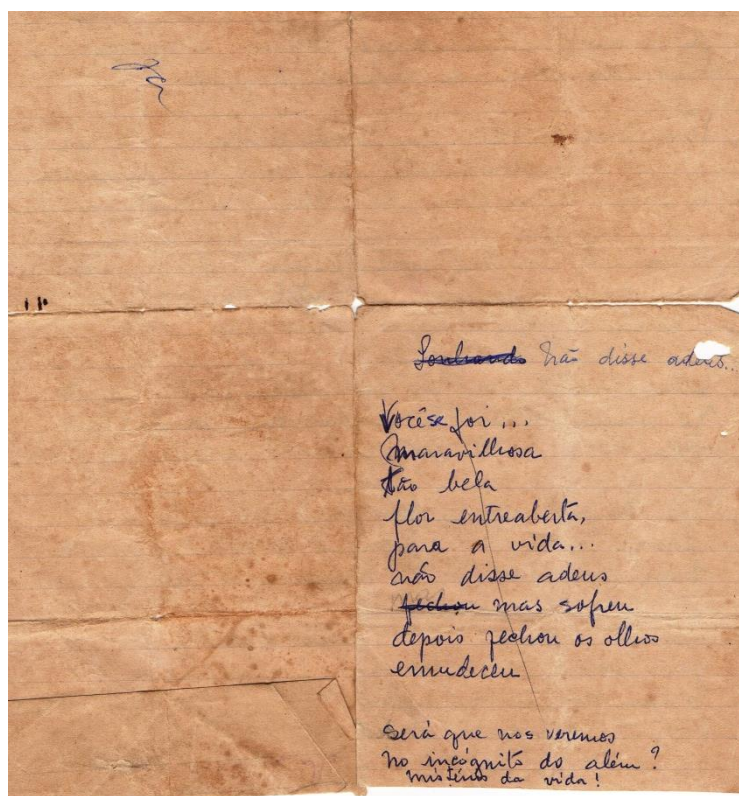


Fonte: AMC (05C0011-sd)

O texto foi passado a limpo para o *Caderno Verde* e a rasura aparece no mesmo verso: nota-se que há uma dúvida, uma vacilação entre as palavras *céu* e *rio*, no texto final. Seguindo as regras da topografia das rasuras, foi considerada a primeira lição o manuscrito NP1, em que a palavra “céu” aparece sem rasuras. Ao retomar o texto para publicação, a escritora faz a substituição da palavra por sobreposição. O poema *Nazaré Primavera* não foi localizado no *Datiloscrito*, mas foi publicado no livro, prevalecendo a palavra “rio” no terceiro verso da quinta estrofe.

No verso do documento Nazaré Primavera 2 (NP2), está o rascunho de um outro poema: *Não disse adeus*, escrito em homenagem à primeira esposa do seu filho adotivo⁴⁰. A existência de um rascunho de outro poema no verso da folha, também reforça a nossa hipótese de que o testemunho NP2 é mais recente do que o NP1, pois essas campanhas de revisão, de reescrita e de escrita de novos textos ocorreram intensamente no período em que a escritora estava organizando o livro.

Figura 44 – *Não disse adeus*

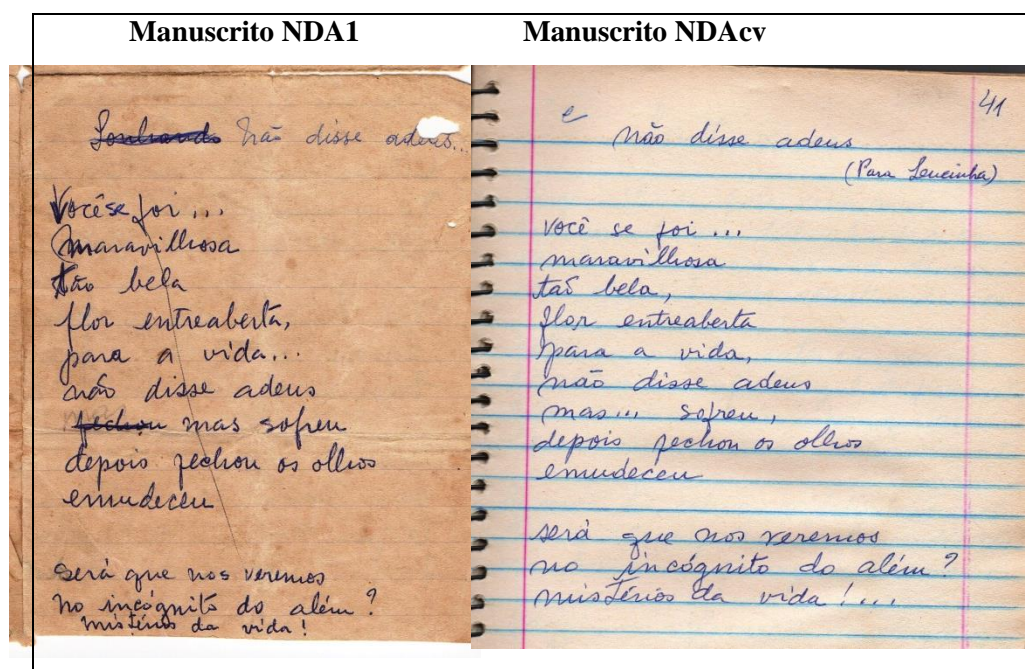


Fonte: AMC (05C00011v-sd)

Esse texto compõe a seção de poemas publicada no livro. Encontramos um manuscrito dele no caderno verde e um testemunho no *Datiloscrito*. Verificamos poucas rasuras no manuscrito NDA1 (folha avulsa), quais sejam: uma supressão do título <Sonhando> seguida do acréscimo de [Não disse adeus...] e a supressão do verbo <fechou>, no sétimo verso. Verificamos rasuras imateriais no testemunho do poema no *Caderno Verde*, a seguir apresentamos um confronto entre os testemunhos NDA1 e NDACv:

⁴⁰ O filho adotivo da escritora, Dilmar Ramos (falecido na década de 1990), perdeu sua primeira esposa, na década de 1980, ela se chamava Lúcia, “Lucinha”, para os familiares.

Figura 45 - Testemunhos do poema *Não disse adeus*

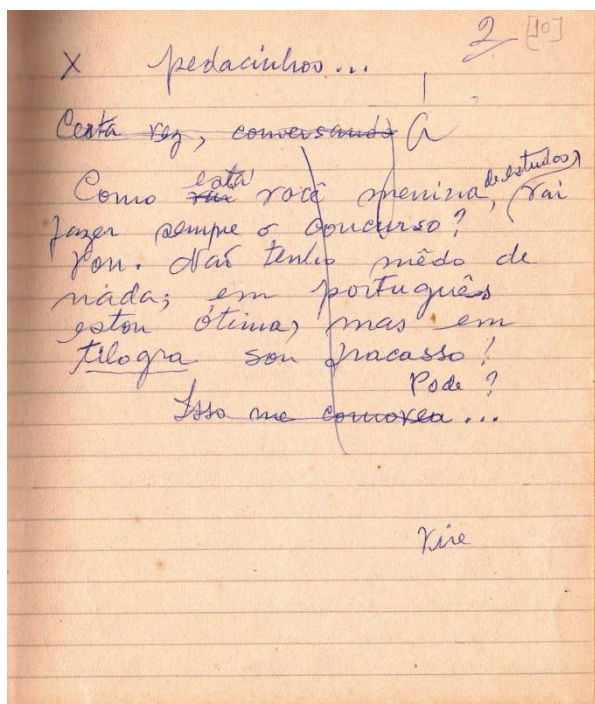


O manuscrito NDACv apresenta modificações autorais no tocante aos sinais de pontuação. São substituições e acréscimos. Esses sinais modificam os sentidos do poema. Além desses acréscimos, há nesse testemunho, abaixo do título, o acréscimo da informação entre parênteses: “(para Lucinha)”. Observa-se em NDACv que o aspecto visual do rascunho simplifica-se: rasuras, acréscimos diminuem sensivelmente. O manuscrito já se parece com um manuscrito definitivo, que não mais pertence à etapa redacional.

Nos manuscritos de seus textos em prosa, delineia-se, também, o caminho percorrido pela poetisa em seu fazer poético. Concretiza-se a relação entre os conteúdos apresentados na prosa e a temática dos poemas: a história de vida da escritora, que se destaca em suas narrativas.

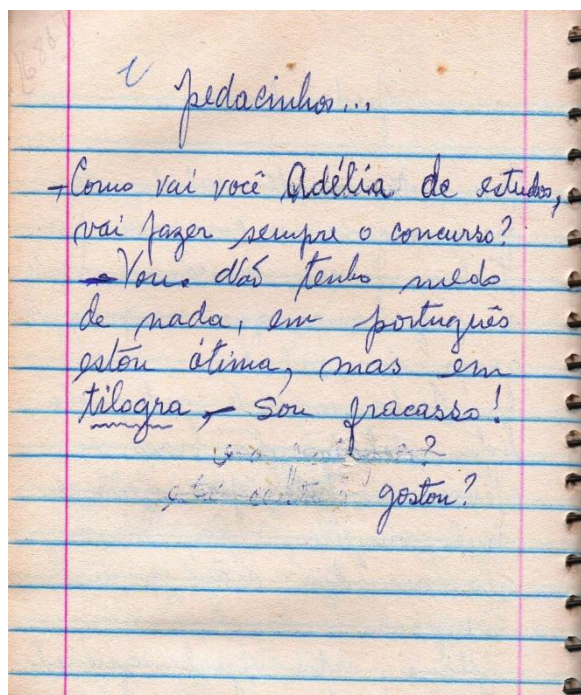
Os testemunhos das narrativas, as quais a escritora intitulou *pedacinhos...* presentes em seus cadernos, trazem marcas dos movimentos de retomada, de revisão ao propor alterações. Os *Pedacinhos...* são narrativas curtas, cujas temáticas dizem respeito às suas memórias, quais sejam: o dia do seu casamento, as suas vivências no seio familiar, os diálogos com os netos, as histórias vividas pelo Cônego Getúlio Rosa (seu pai adotivo), dentre outros. Os fac-símiles, a seguir, são testemunhos manuscritos de *Pedacinhos...* [n.11] e eles apresentam rasuras de supressão, bem como de acréscimo, na entrelinha:

Figura 46 – Pedacinhos... [11] Cmd



Fonte: AMC (05a0004-93)

Figura 47 – Pedacinhos... [11]. Cv



Fonte: AMC (05a0005-93)

O testemunho **P11md** apresenta rasuras de supressão, acréscimo na entrelinha. Além disso, vê-se, a partir do registro da palavra “já” e do traço que corta o texto na vertical, que o testemunho fora revisado pela escritora. Em **P11cv**, há rasuras que resultam do uso de borracha. A escritora anula passagens do texto, realiza alterações, substituindo “menina” por “Adélia” e acrescentando “gostou?”, ao final. Essa modificação, seguindo o pensamento de Duarte (1993) quando apresenta a “amplificação” como um dos princípios gerais do processo de correção, atesta a preocupação da autora em dotar o texto de um caráter referencial, próximo do real. Há, também, nesse testemunho, o acréscimo de travessões, indicando a fala das personagens da narrativa.

O testemunho **P12md1**, que narra um episódio vivido no seio familiar, apresenta muitas modificações realizadas pela escritora, apresentadas sob a forma de supressões e acréscimos, como se pode ver no fac-símile a seguir e sua respectiva transcrição:

Quadro 3- Fac-símile do testemunho P12md1 e sua respectiva transcrição linearizada

	<p><Meus filhos> <Brilhos de es> pedacinhos...</p> <p>[↑sentados] estavam <conversando muito contando casos alegres,> [↑conversando] <[↑da vida]> <quando></p> <p>últimos acontecimentos <da></p> <p><Terra>, quando o meu bisnetinho, que é - otão <d>/e\m flor [↑do jardim] da escolinha "Novo Horizonte" colocou-se em posição de "Buda"; [↑joelhos dobrado mãos postas, olhos 'fechados, lábios trêmulos e disse: estou rezando!</p> <p>Rezando <†> pra quem menino? Rezando pra Pap i do Céu <ar>/á\ paciência a minha pró!.... Pode?</p>
--	--

O testemunho P12md1 parece ser uma escrita de primeiro jato. A escritora faz correções, reescrevendo, às vezes, antes de concluir a grafia de uma palavra. As rasuras são de supressão, acréscimo e substituição por sobreposição. Como foram muitas, decidimos apresentá-las num quadro para uma melhor compreensão:

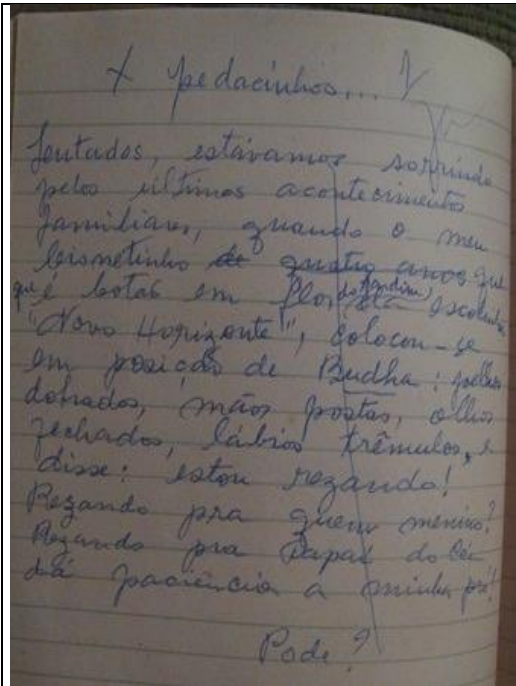
Quadro 4- Rasuras do manuscrito P12md1

Processo de escritura	Processo de escritura	Campanha de revisão
SUPRESSÃO	ACRÉSCIMO	SUBSTITUIÇÃO POR SOBREPOSIÇÃO
Meus filhos (L.1)	sentados (L.4)	<d>/em\ (L.8)
Brilhos de es (L.2)	Conversando (L.5)	D<ar>/á\ (L.15)
conversando muito (L.4)	do jardim (L.9)	
contando casos alegres, quando (L. 5)	joelhos dobrados (L.11)	
da vid (L.5)		

da (L.6)		
Terra (L.7)		
que é (L.8)		

O testemunho **P12md2** acha-se no verso da folha que traz **P12md1**. Trata-se de um manuscrito passado a limpo no qual a autora retorna ao texto, realizando supressões e acréscimos: na L. 5, elimina “de quatro anos” e, na L. 6, risca “que”, “do jardim”. Há um “X” à esquerda do título, na L.1, talvez indicando a correção ou a cópia para outro suporte. A palavra “já” entre as linhas 1 e 2, lançada à direita, também reforça a hipótese de que o texto fora passado a limpo ou copiado para outro suporte. Segue o fac-símile do testemunho **P12mdb** e sua respectiva transcrição:

Quadro 5- Fac-símile e transcrição linearizada do testemunho **P12md2**

	<p>pedacinhos...</p> <p>Sentados, estávamos sorrindo pelos últimos acontecimentos familiares, quando o meu bisnetinho <de quatro anos> que [←que] é botão em flor [↑do jardim] da escolinha “Novo Horizonte”, colocou-se em posição de Budha: joelhos dobrados, mãos postas, olhos fechados, lábios trêmulos, e disse: estou rezando! Rezando pra quem menino? Rezando pra Papai do Céu dá paciência a minha pró! Pode?</p>
--	---

Dentre os manuscritos, uma das narrativas que intitulou *pedacinhos...* apresenta rasuras materiais, como supressões e sobreposições. Esse texto sofreu modificações, também, quanto ao gênero, pois passou a compor a seção *Crônicas e Discursos* do livro. A escritora intitulou-o *Anísio Melhor*, na obra publicada. No testemunho localizado no *Caderno Meu Diário*, notamos que a maioria dos movimentos de gênese é de substituições, supressões e anotações à margem. Segue a transcrição das folhas 15 e parte da folha 16 do testemunho “pedacinhos...” localizado no referido caderno, acompanhadas do fac-símile:

Figura 48 – Anísio Melhor (AMmd) e respectiva transcrição linearizada

pedacinhos...

Antes de completar 7 anos, eu ia a escola de Prof.^a Adjovita Marques, ^{no bairro} no bairro da Conceição. Nessa passagem até lá, tudo era mato, algumas casas esparsas não havia cais para ^{na maré cheia} e as águas do Jaguaripe subiam até onde hoje é o novo mercado. Lembro-me bem do ^{único} sobrado que chamavam da Maragonaria, nele morava o grande poeta Anísio Mellor.

Imaginem... eu e o poeta nos encontrávamos todos os dias às 8 horas: eu ia a escola e ele ~~ao~~ ao trabalho na tipografia

pedacinhos...

Antes de completar 7 anos, eu ia escola de <D>/p\rof^a Adjovita Marques, [[↑]que me alfabetizou] no bairro da Conceição. Nessa passagem até lá, tudo era mato, <algumas casas esparsas> não havia cais <para> e na [maré cheia] as águas do Jaguaripe subiam até onde hoje é novo mercado. Lembro-e bem do <grande> [[↑]único] sobrado que chamavam da ma<ss>/ç\onaria, nele morava o grande poeta Anísio Melhor. [imaginem... eu e o poeta nos encontrávamos todos os dias às 8 horas: eu ia a escola e ele <ao> ao trabalho na tipografia

Aurora, onde imprimia-se o jornal "O Conservador". Ele gostava de conversar comigo e eu

Jamais conversando e um dia eu perguntei: ~~Seu Anísio~~ Seu Anísio por que você só ~~usa~~ veste de preto e traz no peito essas flores roxas? (Violetas)

Ele sorriu e disse:

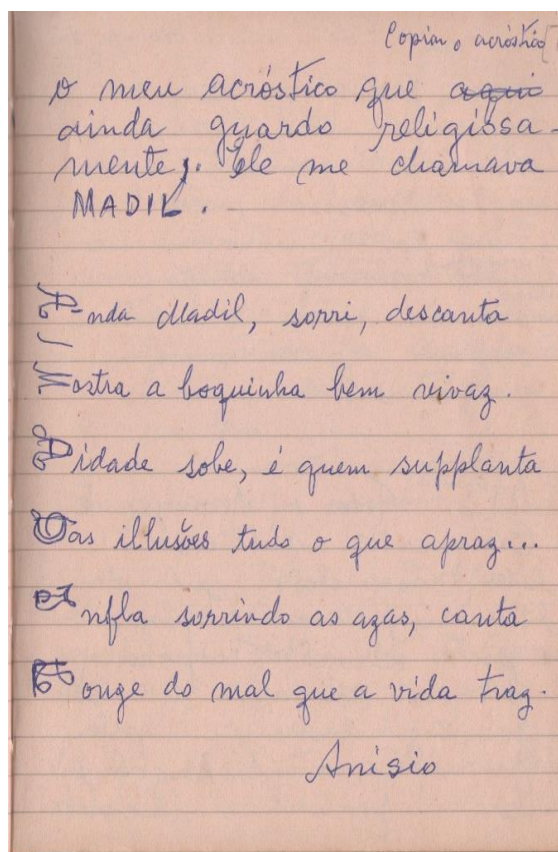
- Porque estou de luto de minha noiva!
- Não fique triste, eu agora vou ser a sua noiva!

Sai a alguns meses, ~~o~~ dia do meu aniversário, ele mandou-me um saco de filó com seis bonecas de celuloide e ^{manuscrito} manuscrito.

Aurora, onde imprimia-se o jornal "O Conservador". <Ele gostava de conversar> <comigo e eu> Iamos conversando e um dia eu perguntei[:] <-lhe> Seu Anísio porque você Só <usa>/se\ veste de preto E traz no peito essas Flores roxas? (Violetas) Ele sorriu e disse:

- Porque estou de luto de minha noiva!
- Não fique triste, eu agora vou ser sua noiva!

Daí a alguns meses, <ele> dia do meu aniversário, Ele mandou-me um saco de filó com seis Bonecas de celuloide e manuscrito,



Fonte: AMC (05a0004-93)

Notam-se rasuras autógrafas no manuscrito “pedacinhos...”, estas são apresentadas e classificadas no quadro a seguir:

[↑Copiar o acróstico]

O meu acróstico que <aqui>
ainda guardo religiosamente<,>./\
<e>/E\le me chamava
MADIL.

Anda Madil, sorri, descanta
Mostra a boquinha bem vivaz.
A idade sobe, é quem suplanta
Das ilusões tudo o que apraz...
Infla sorrindo as azas, canta
Longe do mal que a vida traz.

Anísio

Quadro 6 – Rasuras do Manuscrito AMmd

SUPRESSÃO	SUPRESSÃO SEGUIDA DE ACRÉSCIMO	ACRÉSCIMO	SUBSTITUIÇÃO POR SOBREPOSIÇÃO
Algumas casas esparsas (L. 5)	<grande> [↑único] (L.9)	que me alfabetizou (L.4)	<D>/p\rofessora (L. 3)
para (L. 5)		na maré cheia (L. 6)	Ma<ss>/ç\onaria (L.10)
ao (L. 14)		L. 21)	<usa> /se\ (L.23)
Ele gostava de conversar comigo e eu (L. 18)			
-lhe (L. 21)			
Ele (L. 32)			
Aqui (L. 37)			

A maioria das rasuras no testemunho “pedacinhos...” são supressões realizadas no processo de construção do texto, anulando-se eventuais redundâncias como em: <algumas casas esparsas>; ou buscando um adjetivo mais preciso, fazendo o acréscimo de um adjetivo substituto em curso, logo após a supressão, como em: <grande> [↑único]. Além da maioria das rasuras localizadas no testemunho ser de supressão, o que demonstra modificações autógrafas no curso da escrita, a ausência de pontuação em algumas palavras, também, denota uma escrita rápida, evidenciando uma construção de primeiro jato.

No livro, esse texto apresenta o título *Anísio Melhor*, compõe a seção “Crônica” e não apresenta o acróstico. O acróstico que recebeu na infância (do referido poeta Anísio Melhor) fora utilizado para ilustrar a parte de trás da capa do livro.

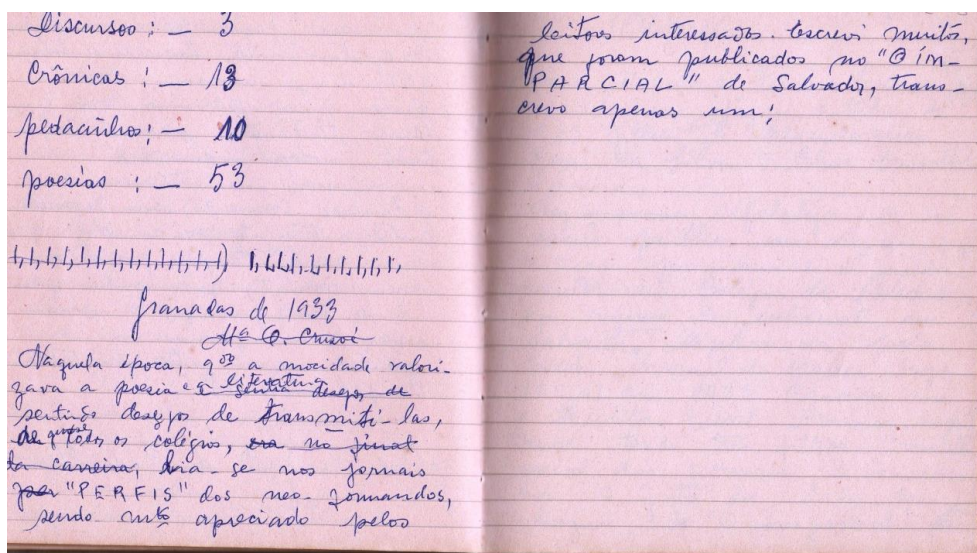
Na preparação das crônicas para o livro, a escritora fez intervenções no corpo do texto, com o propósito de corrigir a grafia e atentar para a adequação gramatical. Foi localizado no interior do *Caderno Verde*, um recorte de jornal com a publicação do texto *Granadas de 1933*, no *O Imparcial*, da cidade de Salvador. Segue fac-símile:

Figura 49 – Granadas de 1933



Fonte: AMC (03b0010-sd)

Nesse impresso, foi feito um acréscimo a lápis no quinto parágrafo: “q. circunda a nossa vida”; e o acréscimo de uma vírgula, bem como uma sobreposição, na sexta linha do sétimo parágrafo do texto /e/. No *Caderno Meu Diário*, no verso da folha 22, além de listar os gêneros textuais e enumerar a quantidade de cada um para divulgar no livro, a escritora inicia, ainda na mesma folha, a redação da explicativa que introduziria esse gênero, que ela classifica como Perfil. O gênero Perfil era um texto específico de circulação nos jornais da época. Mady Crusóe escreve a introdução para o texto *Granadas de 1933* e continua a escrita à folha [23], do referido caderno, ocupando as quatro primeiras linhas. A escritura, flagrada em estado inicial, marca-se nos movimentos de ir e vir da escrita, conforme se nota na reprodução fac-similar do texto localizado no *Caderno Meu Diário*:

Figura 50– Introdução para o Perfil *Granadas de 1933*

Fonte: AMC (05a0004-93)

O texto apresenta-se com muitas rasuras. No quadro a seguir, uma transcrição que evidencia os movimentos genéticos de supressão e acréscimo:

Quadro 7 – Transcrição linearizada da introdução para crônica *Granadas de 1933*

Granadas de 1933

<M^a O. Crusoé>

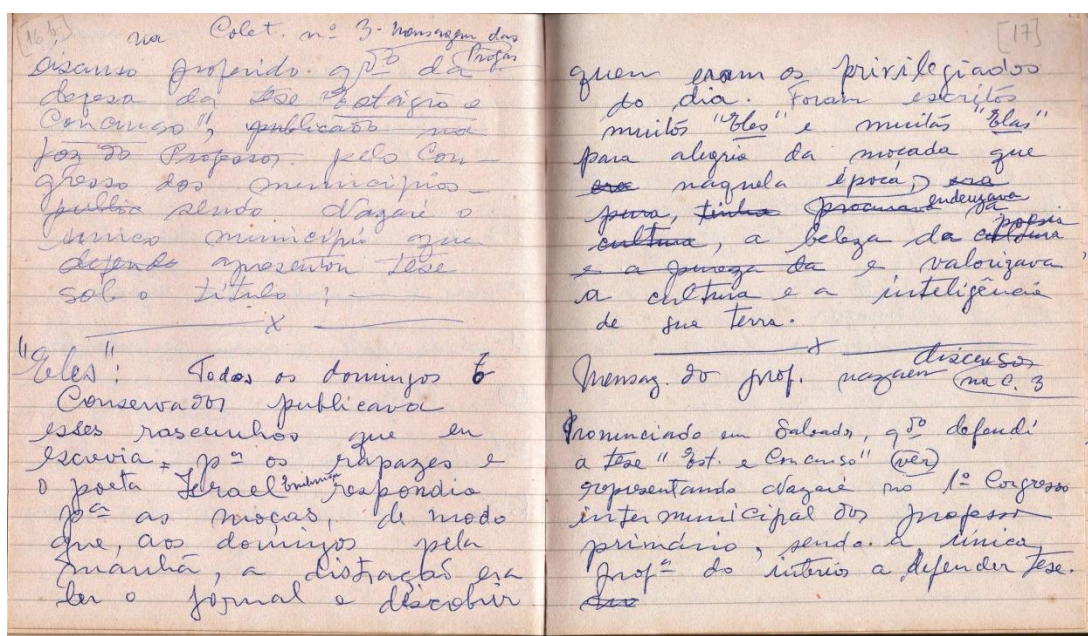
Naquela época, qd^o a mocidade valorizava a poesia e [↑e a literatura] <e tinha desejos de> sentindo desejos de transmiti-las, /de\< [quase]> todos os colégios, <era no final da carreira>, <v>/l\ia-se nos jornais <per> “PERFIS” dos neo-formandos, sendo mto apreciado pelos leitores interessados. Escrevi muitos, que foram publicados no “O IMPARCIAL” de Salvador, transcrevo apenas um:

No livro, esta crônica apresenta um erro tipográfico no tocante ao ano que compõe o título. Equivocadamente, foi publicado o título: “Granadas de 1993” e não fora encontrada nenhuma errata publicada, ou mesmo anotação autógrafa no livro, que ressaltasse o equívoco, que só pode ser verificado observando-se o contexto, ou se comparando o texto do livro ao publicado no jornal *O Imparcial*. Muitos leitores não devem ter atentado para isso, pois decerto, a maioria desconhecia a publicação do perfil no jornal, no ano de 1933. De

conformidade com Chartier (2002, p. 40), “[...] os descuidos do autor, os erros dos tipógrafos, as inadvertências dos revisores, tudo contribuiu para a construção dos sucessivos textos do “mesmo” trabalho”. O texto publicado é fruto do trabalho de vários agentes, por isso uma mesma produção pode apresentar muitas variantes, que devem ser compreendidas pelo editor crítico, o qual escolherá uma das modalidades de sua escrita para transmitir o texto. Esses agentes guiam-se pelas convenções ortográficas vigentes à época da publicação, e buscam, também, revisar a sintaxe. Em se tratando da organização do livro de Mady Crusoé, observamos neste caso a retomada ao texto Granadas de 1933, quando ela se preocupa em contextualizar o gênero apresentando rapidamente o contexto histórico e cultural em que ele foi construído. Essa introdução exemplifica o processo de amplificação do qual fala Duarte (1993) em *A fábrica de textos*, é a autora desempenhando o seu papel de representante do real.

Segue fac-símile do testemunho que consta da introdução para o perfil *Eles*, situado às folhas [16v] e [17] do *Caderno Meu Diário* seguido da transcrição, para identificação das rasuras:

Figura 51– Introdução para o perfil *Eles*



Fonte: AMC (05a0004-93)

Quadro 8 – Transcrição da introdução para a crônica *Eles*

“Eles: Todos os domingos o Conservador publicava esses rascunhos que eu escrevia p^a os rapazes e o poeta Israel [↑Embiruçu] respondia p^a as moças, de modo que, aos domingos, pela

manhã, a distração era ler o jornal e descobrir quem eram os privilegiados do dia. Foram escritos muitos “Eles” e muitos “Elas” para alegria da moçada que <era> naquela época <era> <pura>, <tinha> <procurava> [↑endeuzava] a <cultura>, a beleza da <cultura> [↑poesia] <e a pureza da> e valorizava a cultura e a inteligência de sua terra.

Como se pode ver, o rascunho, transcrito no quadro 8, contém abreviaturas, supressões e acréscimos nas entrelinhas. A introdução para a crônica *Eles* dividiu o seu espaço com o rascunho, de uma introdução que a autora escreveu para o discurso proferido aos professores da rede estadual de ensino, quando defendeu em Salvador-BA a “Tese” *Estágio e Concurso*. Dessa proximidade entre os rascunhos, dessa retomada aos textos que escreveu no passado, dessa busca ao seu arquivo, percebe-se que os documentos do processo de criação de *Pedaços de Vida* estabelecem, entre si, microrrelações que vão se estruturando ao longo do processo de escritura de Mady Crusoé.

Depois de feito o levantamento dos textos e a localização destes, a escritora passou a limpo os textos, com as respectivas modificações que realizou, para um outro caderno: o *Caderno Verde*. Este possui textos que a escritora selecionou para compor o livro, alguns foram escritos na ordem em que desejava que fossem publicados, outros foram numerados por ela, indicando o lugar que desejava que ocupassem no livro impresso. Não foram localizados elementos pré-textuais nesse suporte. Segundo as filhas da escritora, ela própria passou a limpo os textos que possuía nos cadernos, nas folhas avulsas e nos recortes de jornais, para o caderno espiral de capa verde, que antecede o datiloscrito.

À cada leitura feita pela autora, podemos observar a sua preocupação em ler criticamente o texto, revisá-lo, reescrevê-lo ao seu modo, corrigi-lo para, enfim, confiá-lo a outros leitores. Um mecanismo utilizado por Mady Crusoé nas suas campanhas de correção para a execução do projeto do livro, diz respeito ao que Grèsillon (2007, p. 287) denomina de texto “meta-escritural” (GRÈSILLON, 2007, p. 287); trata-se de uma anotação, um lembrete ou um comentário que o escritor faz para seu próprio uso e sobre a própria escritura. Muitos mecanismos “meta-escriturais” foram localizados nos seus manuscritos passados a limpo e naqueles que se apresentam rasurados, quais sejam: “rever”, “pesquisar no dicionário”, “ver como escreve...”, “não esquecer de...”, “X”, “já”, “ver livrinho cenoura”, “Pedir a...”, “consertar”, “colocar longe de...”, “ver caderno azul”, “vire”, “no papel”, “certo, vi no dicionário”, “procurar quadras no livrinho cenoura”, “colocar título”, dentre outras anotações que demonstram os movimentos de escritura e revisão de seus textos para publicação.

A respeito das ocorrências de rasuras localizadas nos manuscritos selecionados para edição, julgamos necessário apresentar algumas observações:

a) A Supressão é, quantitativamente, a rasura mais encontrada nos manuscritos selecionados, provando que Mady Crusoé é objetiva, elimina as redundâncias, simplifica o seu texto, caracterizando o que Duarte (1993) denomina de “redução”.

b) A Substituição por sobreposição é uma rasura bastante comum no processo de correção da escritora, especialmente em relação aos títulos dos textos. Observa-se que a substituição por sobreposição, na maioria dos manuscritos, foi feita posteriormente à produção do texto e não em curso. Grande parte dessas alterações foram introduzidas quando a autora retomou os textos para organizar o livro. Chegamos a essa conclusão por causa da diferença das tintas das canetas utilizadas pela escritora ao alterar os títulos, especialmente dos textos localizados no Caderno cenoura, considerado por nós como os mais antigos, pois foram escritos a partir de 1928.

c) O acrescentamento (na entrelinha e à margem) é um outro processo de alteração observado na escrita madyana. Trata-se da inserção de palavras, frases ou expressões no discurso já fixado pela escrita (DUARTE, 1993, p. 19). Na maioria das vezes intencional, o acrescentamento tem uma finalidade estilística, serve para complementar uma ideia, inserir um adjetivo ou um complemento ao texto.

Após todo o trabalho em selecionar, revisar e copiar os seus textos para o suporte *Caderno Verde*, esses foram datilografados, para que, enfim, fossem destinados à publicação. O trabalho de datilografia foi realizado por sua neta, Iêda Crusoé e supervisionado pela escritora, que fez uma campanha de correção no *Datiloscrito*, corrigindo pequenos erros de datilografia, utilizando-se de caneta esferográfica, de cor azul, para este feito. Segundo sua neta⁴¹, por várias vezes, ela se reuniu com a escritora, corrigindo e relendo com ela todos os textos passados a limpo. Observamos que no *Datiloscrito* não constam os discursos, nem consta o poema *Nazaré Primavera*. Além destes textos, não constam os elementos pré-textuais, quais sejam: Apresentação e Sumário. Também não consta a *Biografia*, texto que foi publicado no livro na parte que se costuma denominar “orelha do livro”.

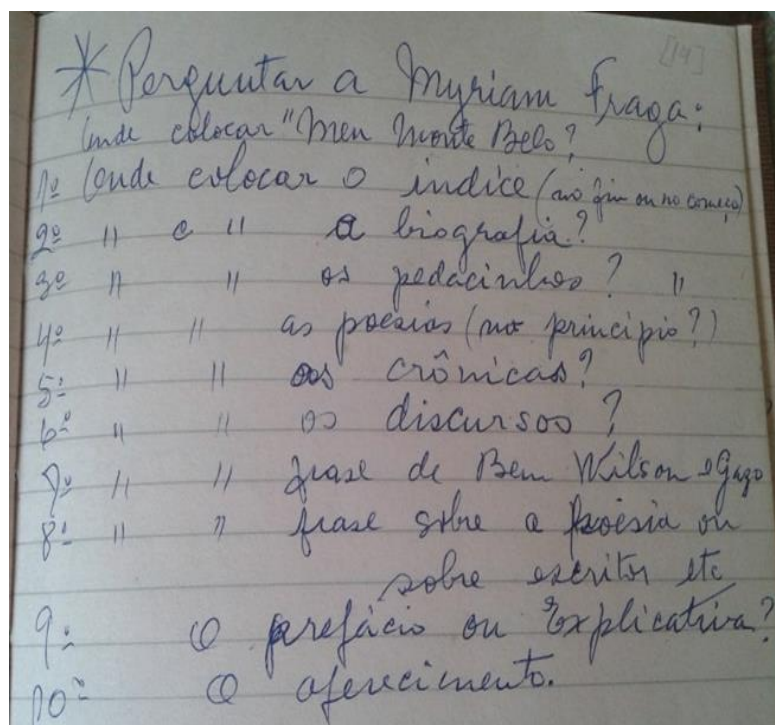
A neta da escritora revelou-nos que foi a responsável por providenciar a encadernação dos datiloscritos e que tudo foi revisado pela escritora até ser encaminhado para a Alfa Gráfica e Editora, Ltda – Edições Travessia, da cidade de Salvador. Os textos

⁴¹ Em conversa informal com a pesquisadora.

publicados no livro foram dispostos numa ordem muito próxima àquela estabelecida no *Caderno Verde*, a diferença está na localização dos *Versos Soltos* e dos *Pedacinhos* (pequenas narrativas sobre episódios vividos pela escritora), que deveriam ser intercalados aos poemas e crônicas, tal como a autora expressou no projeto do livro, no *Caderno Meu Diário*. No livro, o conjunto de textos que ela denominou de *Versos Soltos* e o conjunto que *Pedacinhos* ocupam uma seção cada um.

Encontramos no *Caderno Meu Diário* uma lista de perguntas que Mady Crusoé pretendia fazer à escritora Myriam Fraga⁴². São perguntas a respeito da organização do livro, de como dividir as seções, onde dispor o prefácio, dentre outras dúvidas. As perguntas situam-se à folha [14], dispostas sob a inscrição: “* Perguntar a Myriam Fraga”, como se pode ver no fac-símile do *Caderno Meu Diário*:

Figura 52 – Lista de questões sobre a organização do livro



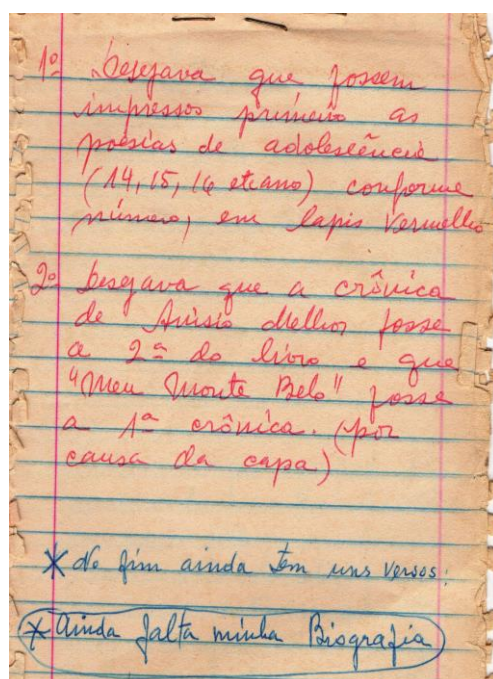
Fonte: AMC (05a0004-93)

⁴² Myriam Fraga foi escritora e Diretora Administrativa da Fundação Casa de Jorge Amado e faleceu no ano de 2016. A pesquisadora foi ao encontro da escritora na Fundação Casa de Jorge Amado, em 09 de outubro de 2013. Foi apresentado à escritora o fac-símile do manuscrito das questões elencadas por Mady Crusoé, bem como o seu livro *Pedaços de Vida*. Questionada sobre o assunto, Myriam Fraga disse que não colaborou com a organização do livro e não se lembrava de ter sido procurada pela escritora na ocasião da publicação em 1993. Sugeriu à pesquisadora que procurasse a professora Edilene Mattos, que à época atuava junto à Fundação Cultural do Estado da Bahia, para verificar se ela teria conhecimento sobre o projeto do livro.

No *Caderno Verde*, há um registro que remete a Edilene Matos⁴³, no verso da folha [31]: “Edilene Matos 321-0222 r. 218”. Talvez esse nome e telefone signifiquem uma tentativa de buscar orientação na organização do livro. Edilene Matos é uma personalidade importante no cenário da literatura baiana que, certamente, poderia contribuir para a organização do seu trabalho. De acordo com informações concedidas por Miriam Fraga e por Edilene Matos, quando por nós questionadas, em 2013, o encontro não aconteceu, ficou o registro da intenção da escritora em procurá-las.

Encontramos, ainda, documentos que atestam o acompanhamento da escritora no processo da publicação, quando seus manuscritos já estavam em poder da editora, como, por exemplo, anotações sobre a ordem que desejava que os textos fossem publicados. Trata-se de um bloco de papel composto de três folhas (destacadas de caderno espiral), localizado no interior do *Caderno Verde*, contendo anotações sobre a organização de alguns textos para o livro. Segue fac-símile da primeira folha, representado pela figura a seguir:

Figura 53– Notas da escritora sobre a organização do livro



Fonte: AMC (05D0001-93)

⁴³Edilene Dias Matos é doutora em Comunicação e Semiótica/Literaturas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 1999. Tem Pós-Doutorado em Literatura pela USP - Instituto de Estudos Brasileiros (2000-2002). Tem Pós-Doutorado (2012- 2013) pela Université Paris-Ouest Nanterre La Défense (France). Foi Professora Doutora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, nos cursos de Graduação e Pós-Graduação. Atualmente é Professora Adjunta da Universidade Federal da Bahia. A pesquisadora conversou com a professora e esta afirmou não ter sido procurada pela escritora. A mesma não conhecia o livro *Pedaços de Vida* e acredita que à época da publicação do livro estava em São Paulo, realizando estudos.

A escritora expressa nesses escritos o seu desejo de que os poemas da sua adolescência ocupassem as primeiras folhas do livro e que obedecessem a uma ordem cronológica, “14, 15, 16 etc anos”, e acrescenta: “conforme números em lápis vermelho”. Verificamos que os manuscritos do *Caderno Verde* que ela desejava que fossem os primeiros a serem publicados estavam numerados com caneta esferográfica de cor vermelha. Essas exigências não se concretizaram totalmente, visto que nem todos os poemas numerados ficaram no lugar desejado na obra publicada, como por exemplo: o poema *Tudo Passou*, sinalizado com o numeral ordinal 3º, não foi publicado como terceiro poema do livro, mas como o nono. Percebe-se que o critério que predominou para a apresentação final do livro foi a cronologia (“14, 15, 16 etc anos”). Nessa mesma folha, em nota, a escritora expõe o seu desejo de que a crônica *Anísio Melhor* fosse a segunda do livro e a *Monte Belo* a primeira, por causa da capa que traz a ilustração do Monte Belo, sua residência. Nesses dois casos, prevaleceu a vontade da escritora na publicação.

O itinerário para a organização do livro *Pedaços de Vida*, percorrido pela escritora, revela que o modelo de escritura de Mady Crusoé é relativamente organizado, visto que obedece aos protocolos que ela mesma estabeleceu para a sua escrita, ela segue um pensamento estruturante (as listas, as notas, as observações) que precede a produção textual.

O livro *Pedaços de Vida* é um impresso em brochura, com 110 páginas. A capa é ilustrada em tons esverdeados. O título apresenta-se com letra ornamentada, criada pela própria escritora, conforme depoimento de familiares. A fotografia panorâmica da cidade de Nazaré, com vista para a casa da autora ilustra a capa. Abaixo da imagem, apresenta-se o nome *Mady Crusoé*, também com letra ornamentada. Na contracapa, tem-se a reprodução de cartão constando imagem e acróstico manuscrito sobre o tema *Madil*, assinado pelo poeta nazareno Anísio Melhor. O livro foi editado e impresso por Edições Travessia, Alfa Gráfica e Editora Ltda, sem indicação de data de publicação. Mas foi 1993 o ano de publicação, pois consta esta data nas dedicatórias compostas pela autora nos livros que presenteou aos familiares. Além disso, foi localizada no caderno *Meu Diário* uma anotação que aponta o ano de 1993, como ano em que foi feita a publicação.

A numeração das páginas é registrada a partir da 9, onde está o primeiro poema do livro, *Soneto*. Os elementos pré-textuais não possuem numeração, mas as páginas foram contadas, verso e anverso. Esses elementos foram dispostos no livro, na seguinte ordem: a *Biografia* situa-se na “orelha do livro”, constando de uma fotografia da escritora, ainda jovem; o título permaneceu *Pedaços de Vida*; na terceira folha, repete-se o título

acompanhado da inscrição: “Sem cultura, sem talento, apenas... Emoções”, seguida pela *Explicativa*; na página seguinte (correspondente à página 3) está o *Oferecimento*, que mantém as informações contidas no manuscrito do suporte “Notas para a organização do livro” (05d0001-93); na página 5, está a *Apresentação*, de autoria de Bem-Wilson Brito de Souza; por último, no verso da página em que está a *Apresentação*, encontra-se disposto o *Sumário*, que apresenta o livro dividido em quatro partes, quais sejam: I *Poemas*; II *Versos*; III *Pedacinhos*; IV *Crônicas e discursos*. Não foram encontrados rascunhos ou anotações sobre esse sumário, mas a referência ao “Índice”: “poderia ser no início ou no final” e sugere uma organização dos textos no livro: “1ª parte: versos/ 2ª parte: crônicas/ 3ª parte: alguns discursos”. Observa-se que a ordem estabelecida no esboço preparado pela escritora no início da organização do livro fora seguido.

Foram publicados no livro 60 poemas, sendo 52 classificados pela escritora como “poemas” e 8 como “versos”⁴⁴. Os poemas foram organizados cronologicamente, começando pelos primeiros poemas que escreveu, aos 14 anos. Os primeiros poemas ela dedica a sua mãe, que faleceu quando tinha 14 anos de idade. Nesse período entre o agravamento da enfermidade da mãe e o seu falecimento, Mady Crusoé estudava em regime de internato em Salvador; as cartas eram frequentes entre mãe e filha. Com a perda de sua mãe, substituiu-as por versos cheios de saudosas lembranças. Nesses poemas há a evocação da infância, das conversas que tinha com a mãe. A autora faz a leitura do seu passado, recorta-o e transmuta-o em arte. As suas angústias, as saudades estimularam-na a escrever, dando um norte ou um limite aos seus primeiros escritos e definem o espaço autobiográfico. Os poemas tecem eventos vividos, apresentam cenários, numa visão nostálgica do seu passado e da sua cidade. Conforme se pode depreender de seus registros manuscritos, a autora dedicou-se, no início de sua caminhada literária, exclusivamente, aos poemas.

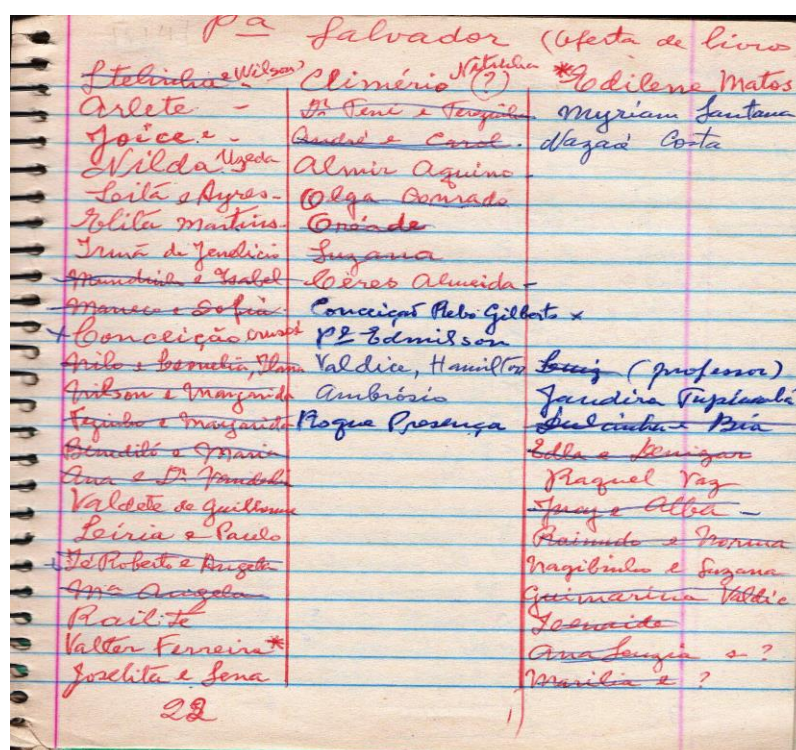
Os *Pedacinhos* são ao todo 13. Eles contam episódios vividos pela escritora ao longo de sua vida desde a infância, passando pela juventude, até os seus momentos na condição de avó; as histórias contadas nesses “pedacinhos” possuem um tom de humor. As crônicas, localizadas no arquivo, foram todas publicadas. Quanto aos discursos, apenas três, dos seis manuscritos localizados no arquivo, fazem parte do livro.

⁴⁴ Os poemas que a escritora denomina versos são formados por uma única estrofe de quatro versos, que se denominam quadras, em que o segundo verso rima com o quarto. No índice ela os apresenta como “versos”, mas no interior do livro, denomina a seção onde estão dispostos de “versos soltos”.

Após a conclusão do trabalho de organização, revisão dos textos para composição do livro, e encaminhamento para a editora, a escritora, também, foi organizadora dos eventos de lançamento do seu *Pedaços de Vida*, na capital do estado, Salvador, e em Nazaré. Todo o trabalho foi custeado com recursos próprios, com o intuito de doar a renda, com a venda dos livros, para as obras sociais do Aprendizado Manoel Clemente Caldas, da cidade de Nazaré, e para os festejos Católicos em louvor a São Roque, um dos santos Padroeiros da cidade⁴⁵.

Em seu arquivo, foram localizadas anotações nas últimas folhas do caderno verde, referentes ao lançamento do livro, tratam-se de duas listas, a saber: uma lista de pessoas para quem ofertaria o livro (parentes e amigos da cidade de Salvador, de Nazaré, de Santo Antônio de Jesus, do Rio de Janeiro e de Brasília); e uma lista de convidados para a festa de lançamento, sem registro da data ou do local onde ocorreria. O fac-símile apresentado a seguir, de uma das folhas do caderno verde, contém listas de nomes para quem ofertaria o livro:

Figura 54 – Lista para oferta de livros



Fonte: AMC (05a0005-93)

⁴⁵ Nazaré tem como santos padroeiros São Roque, festejado no dia 16 de agosto, e Nossa Senhora da Purificação de Nazaré, festejada em 2 de fevereiro.

A escritora fez o lançamento do livro em Nazaré, entre familiares e amigos em comemoração aos seus 80 anos de idade, na sua residência no Monte Belo. O evento foi noticiado no Jornal *A Tribuna*, de 7 de janeiro de 1994, conforme fac-símile a seguir:

Figura 55– Notícia sobre o lançamento do livro

Pedaços de Vida

Mady Crusoe lançando seu "Pedaços de Vida", da Edições Travessia com capa de Monte Belo, postal da sua cidade, aos oitenta anos, quando seus filhos ofereceram uma linda recepção em sua residência no Sítio Monte Belo, cidade de Nazaré acompanhada de missa assistida pelos amigos e companheiros do Rotary Club. Quando Mady autografou o seu primeiro livro "Pedaços da Vida" que deu a todos os presentes como recordação de sua oitava década de vida, dizendo sempre que "a juventude está dentro da gente, existindo crianças de 80 anos e velinhos de dez anos, suplicando aos céus que todos mantenham viva a esperança, acreditando sempre no amanhã e tendo a chama da juventude iluminando suas vidas".

Inch by Inch AGORA EM SALVADOR

EXERCÍCIO SEM ESFORÇO

Visite-nos e conheça as vantagens e benefícios deste sistema, que a nível mundial, é a grande solução para quem não pode ou não gosta de fazer exercícios físicos com esforço.

Rua da Paciência, 263 — Rio Vermelho — Tel. 235-6626.

Jornal "A Tribuna" de 7/1/94

Fonte: AMC – (03a0001-94)

Conforme a matéria divulgada no jornal *A Tribuna*, de Salvador, ela distribuiu para cada convidado um exemplar do livro, autografado, como recordação, pela passagem do seu aniversário. Já o lançamento na capital baiana aconteceu na Igreja da Conceição da Praia. O evento foi anunciado no jornal *A Tarde* de 12 de março de 1994. Segue fac-símile da notícia:

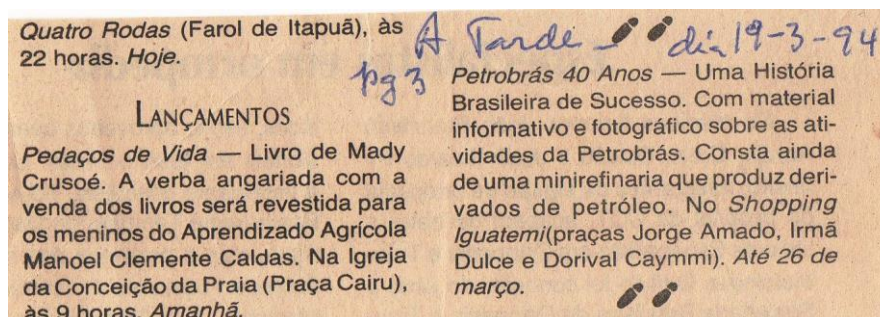
Figura 56– Lançamento do livro na Capital



Fonte: AMC –(03a0002-94)

O Jornal *A Tarde* noticia o lançamento do livro, afirmando que a venda seria revertida para os meninos do Aprendizado Agrícola Manoel Clemente Caldas, da cidade de Nazaré, como se pode ler no fac-símile a seguir:

Figura 57 – Lançamento do livro



Fonte: AMC (coletânea n. 3 . A Tarde, 19/03/1994)

A própria Mady acrescentou, ao recorte do jornal, a fonte e a data em que a notícia foi publicada, com caneta esferográfica de cor azul: “A Tarde, dia 19-3-94”.

Seguem fotos, localizadas no APMC, referentes ao lançamento do livro em Nazaré, em um evento em julho de 1995, cuja renda com a venda dos livros, também, foi doada. Desta vez, os numerários foram destinados aos festejos de São Roque, realizados pela Paróquia de Nazaré⁴⁶.

Figura 58 – Lançamento do livro em Nazaré



Fonte: AMC (04c0002-95 e 04c0001-95)

A leitura do seu arquivo possibilitou-nos conhecer o contexto histórico no qual a sua obra nasceu. Conhecemos alguns momentos da sua produção, da transmissão de seus textos (por meio dos seus cadernos, datiloscritos, folhas avulsas), da circulação de suas produções literárias e a opinião de alguns amigos leitores, que expressaram suas ideias e contentamento sobre o livro, por meio de cartas à escritora. Cada livro encaminhado a um amigo, escritor, ou não, ia junto uma carta⁴⁷, revelando o propósito da venda dos exemplares: contribuir para as atividades do Aprendizado Manoel Clemente Caldas, em Nazaré, que desenvolvia atividades filantrópicas direcionadas a jovens nazarenos desprovidos de recursos financeiros. Alguns desses amigos, responderam com outra carta, demonstrando admiração por sua ação filantrópica e, sobretudo, tecendo comentários sobre as impressões que tiveram da leitura dos seus textos.

Mady Crusoé, ao encaminhar o livro *Pedaços de Vida* para seus amigos, coloca a sua produção artística à apreciação do outro. As cartas que recebeu dos seus leitores foram uma

⁴⁶ Conforme anotações no verso da fotografia, feitas pela escritora.

⁴⁷ Essa informação foi depreendida de alguns rascunhos de cartas escritas pela escritora, localizados no APMC.

acolhida, como se pode depreender, por exemplo, da carta do padre e escritor Edmilson Ribeiro⁴⁸:

Nada é mais gratificante em Nazaré do que ter a amizade de sua família. Nada é mais revelador do que sentir a finesse do seu tratamento humano quando se subia ao Monte Belo para alguma comemoração ou mesmo nos contatos na Igreja, Rotary ou mesmo Colégio Estadual.[...]
Fiquei encantado com a publicação de *Pedaços de Vida*, pois nele há um filtro especial de alguém como você Mady, que é capaz de traduzir com palavras doces até os tempos amargos, mas deixar ficar a Nazaré soberba, a folgazã de outras eras, onde a sociedade primava na cultura e no respeito aos valores morais da cristandade. Você soube filtrar de uma maneira meiga aquilo que ninguém destrói, nem acaba num povo, o seu orgulho, a sua história. Aquilo que parece velharia em Nazaré é a história do Recôncavo, contada em lendas mas com pitadas de realismo, porque às margens do Jaguaripe, um povo se manteve coeso na tradição e na fé dos seus ancestrais.[...] (RIBEIRO, 1993, f. 1).

O poeta e músico Ambrósio Bispo dos Santos⁴⁹, da cidade de Nazaré, enviou-lhe uma carta (060020-93) contendo um poema que descreve as suas impressões sobre o livro *Pedaços de Vida*:

Muito obrigado D. Mady
Deus lhe deu toda inteligência
Recebi seu lindo livro
Com amor e reverência

Já disse em meus versos
Nazaré é a terra da literatura
Parabéns D. Mady
Orgulho da nossa cultura.
(SANTOS, 1993).

As professoras, que assinam uma carta datada de 12 de novembro de 1993, Gisélia e Noélia (06c0003-93), expressam suas opiniões sobre o livro:

Lendo seu livro “Pedaços de vida”, revivemos momentos felizes em Nazaré e lágrimas de emoção nos afluíram. [...]

⁴⁸ O padre Edmilson Ribeiro foi pároco da paróquia de Nossa Senhora da Purificação de Nazaré, na cidade de Nazaré e conviveu com a escritora tanto no Colégio Estadual Gov. Luiz Viana Filho em que ambos lecionavam quanto nas atividades da Paróquia de Nazaré. O Pe. Edmilson também é escritor. A carta foi escrita em resposta à carta que acompanhou o livro que a escritora o enviou. À época o padre residia em Natal, no Rio Grande do Norte.

⁴⁹ Ambrósio Bispo dos Santos (1933- 1998) foi poeta, músico e compositor nazareno, além de mecânico da extinta Fábrica Têxtil de Nazaré. Seus poemas e canções permanecem dispersos em jornais locais e folhetos, bem como no arquivo particular de sua família.

Entusiasmadas pelos assuntos tão lindos e cheios de sensibilidade, entre eles as lindas palavras de carinho ao nosso grande amigo Pe. Getúlio e ao poeta Anísio Melhor que muito as mereceram.

O amigo Renato Machado, médico e, à época, prefeito da cidade vizinha de Santo Antônio de Jesus, escreve-lhe uma carta, em 17 de novembro de 1993, muito agradecido, pela dedicatória contida no livro. Ele apresenta suas impressões sobre os textos e afirma que ficará no aguardo de novas publicações: “Fiquei deveras emocionado e ao mesmo tempo orgulhoso de minha querida terra por adoção, Nazaré, ter uma Escritora e Poetisa, cujos os versos expressam sentimentos tão nobres que nos faz sentir como se nós tivéssemos vivendo nossos próprios sentimentos”.

Outro exemplo desse tipo de correspondência pode ser apreciada na carta da ex-aluna, Élvia Lordello Castello Branco⁵⁰, ex-Ministra do Tribunal de Contas da União (TCU), que lhe escreve relatando as suas impressões emocionadas sobre o livro e sobre a professora que lhe dispensou, na infância triste de órfã, cuidados e afeto de mãe. Sobretudo, relembra o tempo em que se sentava ao colo da sua mestra que lhe alisava os cabelos e trazia uma fita para prendê-los num laço: “chamar-me de bonita e inteligente foi o primeiro sinal de bem querer que então encontrei”. Para a remetente, o livro *Pedaços de Vida* contém “versos cheios de ternura, compreensão, carinho e bondade”.

Diante da experiência de ler o arquivo madyano, da tentativa de organizá-lo, da experiência de ler os manuscritos que compõem o livro *Pedaços de Vida*, constatamos que a prática filológica vai além do gesto de editar textos. Ela é caracterizada, principalmente, pelo exercício da interpretação do texto a ser editado, pois não consiste apenas na fixação e publicação de textos, mas analisa as diversas situações textuais nos aspectos, a saber: a história da gênese, os processos de transmissão, circulação e recepção de textos, bem como, analisa a atuação de agentes sociais no tocante à mediação editorial, por exemplo. A prática filológica é entendida “como um laboratório de produção de sentido”, “como uma atitude

⁵⁰ Élvia Lordello Castello Branco, segundo depoimento em carta enviada a Mady Crusoé, no ano de 1994, conheceu Mady Crusoé aos seis anos de idade, quando ficou órfã duplamente. Apresenta em sua carta, a professora como uma das lembranças mais queridas de sua infância. Conta na carta que foi casada com o grande jornalista Carlos Castello Branco, colunista político que por trinta anos publicou no Jornal do Brasil e em mais de 30 jornais em todos o país. Conforme livro intitulado *Posse no TCU*, localizado no arquivo, livro composto pelo discurso de posse da então Ministra, à época, e por discursos de outros membros do Governo Federal homenageando-a, ela assumiu o cargo de Procuradora Geral do Tribunal de Contas do Distrito Federal, onde permaneceu por 26 anos. Em 10 de setembro 1987 foi nomeada Ministra do Tribunal de Contas da União, pelo então Presidente José Sarney, cujo mandato durou de 10 de setembro de 1987 a 06 de junho de 1995. Foi a primeira mulher a assumir esses postos no país. Élvia Castello Branco faleceu em 26 de novembro de 2005, no Rio de Janeiro, aos 78 anos.

crítica [...] [ou] como espaço de produção histórica, linguística, social e política” (BORGES; SOUZA, 2012, p. 46-47).

Depreendemos da leitura dos manuscritos de *Pedaços de Vida* que Mady Crusoé é leitora cuidadosa do texto que produz. Ela resume o texto, explica o contexto em que produziu determinada crônica, por exemplo, fazendo adaptações necessárias para o livro, como uma necessidade do momento em que compunha o seu novo empreendimento (o livro). Na condição de revisora gramatical, flagramos anotações de pesquisas em dicionário, anotações relacionadas à estrutura do gênero textual. Buscamos compreender as fases genéticas através do confronto sinóptico, comparando as versões dos textos, observando as rasuras “materiais” e “imateriais”, que correspondem às campanhas de correção/revisão empreendidas pela escritora. A revisão/ (re)leitura de alguns poemas consistiu em modificar alguns títulos, ou modificar estrofes inteiras.

A leitura dos testemunhos selecionados permitiu acompanhar o processo criativo de Mady Crusoé. Os caminhos traçados nos seus manuscritos levam ao livro que a autora se ocupou até a entrega do texto final para a gráfica-editora. As marcas deixadas em seus textos motivaram a escolha do modelo editorial a ser adotado: edição crítico-genética. A próxima seção mostra como foi preparada a edição de alguns textos do livro *Pedaços de vida*, apresentando ao final o texto crítico acompanhado de aparato crítico e genético com as modificações autorais/textuais. Foram escolhidos apenas doze textos, visto que esses apresentam pistas do processo de criação do livro, de reformulação dos textos e trazem para a cena do arquivo a figura autoral de Mady Crusoé. A escritora revisou todos os textos para o livro, mas alguns não apresentam rasuras, são cópias limpas, por isso escolhemos apenas aqueles que apresentam rasuras.

4 EDIÇÃO CRÍTICA DE MANUSCRITOS DE *PEDAÇOS DE VIDA*

Conforme já dissemos na seção anterior, os manuscritos de Mady Crusoé contribuem não só para o entendimento de como o livro foi planejado pela autora, como também, dão a conhecer pistas do seu processo de escritura, deslocando o olhar do pesquisador do texto como objeto final dos estudos literários para o entendimento do texto como um espaço aberto e bem mais complexo. Foram localizados manuscritos de primeiro jato de tinta, e manuscritos que contém aquela que teria sido a fase terminal do processo de gênese. No exercício de edição crítica, procuramos seguir alguns modelos de edição já existentes, quais sejam: Edição crítica em uma perspectiva genética de *As três Marias*, de Rachel de Queiroz, de autoria de Marlene Gomes Mendes (1998), a tese de Rosa Borges Carvalho (2002), intitulada *Poemas do Mar de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo*⁵¹, pesquisa que consolidou, no contexto da Universidade Federal da Bahia, uma nova direção na atividade de edição de textos, e que teve como base, dentre outros, os estudos de Luiz Fagundes Duarte (1993).

O modelo editorial escolhido propõe trilhar os caminhos percorridos pela escritora até chegar ao livro. Para esta edição crítica, tomamos como caminho a seguir o que diz Duarte (2012, p. 59) a respeito da Crítica Textual:

A Crítica Textual é uma disciplina filológica e por isso, e tendo ainda em conta o sentido geral que actualmente lhe reconhecemos, deve ser encarada como um dos ramos da História, na medida em que se ocupa do processo histórico dos textos em duas vertentes fundamentais: o texto em processo de produção e o texto em processo de transmissão.

Luiz Fagundes Duarte (2012, p. 59) apresenta duas vertentes da Crítica Textual. A primeira atém-se

[...] à esfera que engloba um autor e o seu trabalho de produção de um texto, manipulando os manuscritos autógrafos e todas as marcas nele deixadas pelo autor e que documentam o processo de representação textual condicionado pela intenção do autor e pelo sistema linguístico por ele usado, desde a

⁵¹Rosa Borges dos Santos Carvalho (2002) fez uma incursão pelo itinerário de escritura do poeta baiano Arthur de Salles, um dos nomes mais representativos da literatura baiana no século XX. Nesse trabalho pioneiro, na Bahia, Carvalho apresenta uma proposta de edição crítico-genética dos *Poemas do Mar* do referido autor baiano. A pesquisa consistiu em reunir todos os poemas do escritor com temática marinha. Além de analisar os aspectos relativos à construção do texto poético por Arthur de Salles, a partir dos manuscritos autógrafos, datiloscritos e impressos com correções autorais, a estudiosa estabeleceu os textos críticos e apresentou considerações sobre o vocabulário do escritor com ênfase para o léxico referente ao mar.

forma mais primitiva do texto (a primeira manifestação textual documentada) até o seu nível terminal (que corresponde à lição patente no testemunho em que o autor interveio pela última vez, em muitos casos não representando aquilo que seria a vontade final do autor, por esse entretanto ter abandonado o processo) ou à sua forma final (aquela que o autor considerou como tal, e que publicou ou deu como publicável).

A segunda vertente da Crítica Textual apresentada por Duarte (2012, p. 59)

[...] considera a existência de um original presente (que observa e manipula) ou ausente (que postula e conjectura), e a tradição dele derivada, partindo depois para a satisfação dos interesses que tal situação lhe desperte: ou a inventariação e o estudo dos afastamentos da tradição face ao original, quando este está presente; ou a reconstituição da lição mais próxima da do original, quando este está ausente, através da crítica da tradição.

Focalizamos alguns aspectos específicos dessas vertentes para a edição de doze textos de Mady Crusoé, que foram publicados em *Pedaços de Vida*. Partimos do pressuposto de que o objetivo da Crítica Textual é o estudo do texto, no tocante à sua produção e transmissão. Tínhamos o original presente, isto é, manuscritos que nos possibilitaram leituras do processo de produção de alguns textos, bem como do processo de transmissão. Em um dos cadernos da escritora conseguimos encontrar lições correspondentes ao estado mais primitivo de um texto, isto é, dos primeiros jatos de tinta no papel, até o seu nível terminal, com as últimas correções feitas pela escritora, pronto para ser encaminhado à editora. Por isso, consideramos muito oportunas as palavras de Marlene Gomes Mendes (1998, p. 62) em sua edição de *As três Marias* de Rachel de Queirós: [...] “creio que a edição crítica, tal como a entendemos, se completa com a história da gênese do texto, através da transcrição das rasuras dos manuscritos.” Nessa perspectiva escolhida, edição crítica de textos de *Pedaços de Vida*, apresentamos as marcas autorais que permitiram compreender o projeto de Mady Crusoé: o livro. Existem, dos muitos textos passados a limpo, uma pequena quantidade de textos que possuem marcas visíveis de manipulação do texto pela escritora, que comprovam as suas correções estilísticas e linguísticas concretizadas nas supressões, substituições, acréscimos. Nos textos há palavras lançadas no papel de forma espontânea, no primeiro jato de tinta e em paralelo a elas outras palavras usadas conscientemente, manipuladas após a (re)leitura do texto por parte da escritora, que submetia seus autógrafos a pelo menos três correções, três momentos de reescrita. Isso explica o fato de encontrarmos um mesmo texto em cadernos diferentes, uns com significativas modificações, outros com pequenas modificações.

Com base nos manuscritos localizados no AMC, referentes ao livro *Pedaços de Vida*, apresenta-se, nessa seção, a edição crítica de doze textos do livro, quais sejam: *Súplica* (soneto), *Minha dor* (seis quadras), *Controvérsia* (soneto), *Tudo Passou* (soneto), *Meus filhos* (seis quadras), *Nazaré Primavera* (seis tercetos e uma quadra), *Não disse adeus* (uma nona e um terceto), *Pedacinhos[11]*(memória literária), *Pedacinhos[12]* (memória literária), *Anísio Melhor* (crônica), *Eles* (crônica), *Granadas de 1933* (perfil).

Nem todos os textos foram submetidos à edição, pois a maioria dos manuscritos são cópias limpas, ou seja, textos que já haviam sido corrigidos pela autora e que não foram localizados seus rascunhos. Ela, além de ter o hábito de passar a limpo os seus rascunhos, se desfazia destes, quando o texto já estava corrigido. Foram escolhidos para edição aqueles manuscritos que apresentavam rasuras, isto é, que demonstravam movimentos genéticos significativos para estudo.

Neste estudo, foram analisados os textos (manuscritos) como processo e como produto, conciliando os fundamentos da Filologia em diálogo com a Crítica Genética para o tratamento teórico-metodológico, valendo-nos de ambos os campos do saber para a edição dos textos selecionados.

Como já mencionamos anteriormente, este trabalho parte da concepção de manuscrito moderno, aquele em que o autor deixa as marcas de como se deu o seu trabalho autoral. As pistas, a partir de suas rasuras, “materiais” e “imateriais”, revelam o caminho percorrido pelo escritor para chegar ao texto publicado. Conforme Grésillon (2007 [1994]), o manuscrito é objeto material, cultural e intelectual. Caracteriza-se como objeto material pelas propriedades do suporte; em sua maioria, os manuscritos são escritos em papel, paginado ou não pelo autor, ocupando apenas o anverso, ou anverso e verso deste. Além disso, os papéis podem apresentar variações de formato, espessura, cor e estado de conservação; também, o manuscrito é considerado objeto material pela forma como ocupa o espaço gráfico, bem como pelo tipo de tinta utilizada para inscrevê-lo. O manuscrito é objeto cultural, pois testemunha a arte de escrever, testemunha as práticas de escritura individuais ou coletivas, “faz parte dos valores culturais e dos objetos do patrimônio nacional” (GRÉSILLON, 2007, [1994] p. 110). A Filologia e a Crítica Genética deram ao manuscrito moderno o estatuto de objeto do conhecimento, pois ele suscita reflexões teóricas sobre os movimentos de escritura que subentenderam o processo criativo.

4.1 TRATAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Examinando o texto como objeto polimorfo e como lugar de diversas leituras, o crítico poderá dar a ler suas muitas histórias, que são sempre mediadas por sujeitos autorizados ou não, que as constroem, interpretam e, conseqüentemente, modificam-nas. Consoante Chartier, (2002), a prática filológica deve ser pensada como um exercício de leitura e atualização de textos, considerando as diversas formas em que o texto se materializa como fatores determinantes na construção de seus sentidos. A Filologia é o nosso lugar de fala. A Crítica Textual é o lugar metodológico que escolhemos para o tratamento dos textos.

Por muito tempo a crítica textual deu prioridade aos textos antigos como objeto de estudo mas, atualmente, não só os textos antigos são dignos de serem objeto da atenção da Crítica Textual

[...] em tempos recentes, novos objetos penetraram no campo visual dos filólogos: os textos de autores modernos, mesmo contemporâneos, que por diversas razões originaram tradições marcadas pela variação, e dos quais se dispõe ou dos originais manuscritos, ou então de edições avalizadas (pelo silêncio ou através de correções expressas) pelo autor (DUARTE, 1993, p. 61).

A Crítica Textual tem se ocupado da preservação do patrimônio cultural escrito e por consequência, do processo histórico dos textos, dando-os a ler por meio de edições científicas, que tem características diferentes das edições comerciais. A crítica textual é o método utilizado para o tratamento do *corpus* documental de que se dispõe. Consideramos este o método mais adequado para tratamento do objeto em questão. Apresenta-se o último testemunho do texto, ou seja, aquele que se considera último estado de manipulação autoral, ou texto em fase terminal, registrando as modificações em aparato

Assim, a partir do estudo do manuscrito autógrafa, a figura do autor vai sendo delineada, bem como os processos de produção e de transmissão de seus textos. Uma edição crítica pode ser enriquecida com um dossiê genético, explicando fatos que só os manuscritos podem revelar. Borges (2012, p. 61) esclarece que,

[...] em uma edição crítica, o objetivo está ainda na fixação do texto. Quando, porém, se leva em conta o “processo” da criação de um texto dentro daquilo que seria, com maior exatidão, a situação textual planejada, projetada e realizada pelo autor, a edição reverte-se em um exemplo concreto da práxis filológica, ao tirar do recôndito obras que não alcançaram grande público.

Castro (1995) mostra que os manuscritos revelam ao crítico uma diversidade de sentidos que uma obra pode apresentar. A partir da leitura desses manuscritos, nota-se que o escritor possuiu muitas vontades antes de definir aquela que gostaria de ver publicada, visto que

[...] os originais examinados pelo geneticista revelam uma fracção do processo criador do texto. A intenção autoral é impalpável, só suas manifestações materiais podem ser consideradas. Nenhuma edição crítica é mais que uma ‘proposta de trabalho’, nenhuma encerra definitivamente a forma e a significação de um texto (CASTRO, 1995, p. 516)

Isso significa que tanto o filólogo quanto o geneticista trabalham com pistas, com rastros deixados nos textos, esses são decifrados pelo crítico que apresenta ao final de seu estudo uma interpretação. Nessa tentativa de decifração, o filólogo depara-se com fragmentos de um processo que são materializados no suporte em que a obra foi tecida (CASTRO, 1995). Nesta proposta de edição oferecemos leituras, interpretações dos manuscritos madyanos. Alguns desses manuscritos trazem as suas primeiras ideias, numa escrita de primeiro jato de tinta, outros são cópias limpas, com poucas rasuras materiais, que não permitem a leitura de todas as modificações autorais, alguns trazem rasuras imateriais, vistas apenas se confrontados os testemunhos. Ocupar-se de autógrafos com essas características possibilita ao crítico textual lidar com vários signos diversos nas partes dos textos que sofreram modificações, manipulações, permitindo “acompanhar” a substituição de um signo por outro que num momento fora utilizado espontaneamente, por um outro signo que fora escolhido conscientemente. Nesse cenário, muitas vezes o crítico se depara com elementos espontâneos ladeados com elementos modificados conscientemente, em um mesmo testemunho.

Para os testemunhos localizados no AMC que trazem modificações autorais optamos, para além da edição, por desenvolver um estudo genético, a partir da seguinte metodologia: selecionar, ordenar, descrever, transcrever, organizar cronologicamente, confrontar e interpretar as modificações autorais, para finalmente apresentar os textos críticos, acompanhados de seus respectivos aparatos, registrando as modificações, utilizando-se de operadores que permitem ler os movimentos de gênese. Procuramos apresentar o momento textual último, isto é, referente ao processo de manipulação do texto pela escritora. Levamos em conta a fixação do texto e o processo da criação deste, dando visibilidade a uma produção literária que não alcançou grande público.

4.2 CRITÉRIOS PARA A EDIÇÃO DOS TEXTOS SELECIONADOS

Traçamos, inicialmente, a história de cada texto, ou seja, o seu processo de transmissão. Para tanto, apresentamos a tradição e a descrição dos textos selecionados, visto que cada testemunho apresenta uma fisionomia própria e deve ser acompanhado da história de sua tradição. Cada testemunho traz marcas que vão do tipo de suporte aos instrumentos de escrita utilizados.

Para fazer remissão às folhas dos manuscritos na descrição, procedemos à numeração destas, entre colchetes. Os manuscritos que necessitaram da numeração foram os localizados no *caderno Meu Diário* e no *Caderno Verde*; também o *Datiloscrito* foi numerado, com exceção do *Caderno Cenoura*, que consideramos a numeração dada pela escritora. Os textos selecionados para a edição foram dispostos a partir da ordem em que aparecem no livro.

Para a descrição física e transcrição dos testemunhos e demais registros nos aparatos, foram utilizados alguns dos operadores propostos por Carvalho (2002), em sua tese de doutoramento. Seguem os símbolos e sinais, alguns de uso comum em trabalhos de edição, que nos apropriamos para a realização da edição dos textos selecionados:

< > segmento autógrafo riscado

† palavra ilegível

[] acréscimo

< > / \ substituição por sobreposição, na relação <substituído> /substituto\

< > [↑] substituição por riscado e acréscimo na entrelinha superior

[↑] acréscimo na entrelinha superior

[↓] acréscimo na entrelinha inferior

[→] acréscimo na margem direita

[←] acréscimo na margem esquerda

[↑↑] acréscimo na margem superior

[↓↓] acréscimo na margem inferior

<†> riscado autógrafo ilegível

< > [] substituição à frente

<†> [] substituição de um segmento apagado, riscado ou ilegível

< [< >] > supressão, substituição e novamente supressão, ou seja, segmento apagado, substituído e riscado numa terceira etapa

[< >] acréscimo suprimido

Elegemos um texto de base para cada texto estudado. Neste caso, utilizamos o texto publicado no livro. A partir dele, realizamos o cotejo entre os testemunhos, registrando no aparato crítico as mudanças autorais e textuais.

Para a fixação do texto crítico, adotamos os seguintes critérios:

- a) Apresentar os títulos ou o *incipit* de cada texto (poemas, crônicas, e dos textos que a autora intitulou *Pedacinhos*), em letras maiúsculas, em negrito, centralizado;
- b) Realizar ajustes nos textos, no tocante à grafia e à acentuação, conforme novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa, outorgado em 2010;
- c) Restaurar as passagens onde se registram erros óbvios;
- d) Respeitar o seccionamento do texto de base, numerando os versos ou linhas (no caso das narrativas) de cinco em cinco, e mantendo, quando se apresenta no texto de base, a divisão do texto;
- e) Registrar a intervenção do editor no texto crítico, valendo-se do uso do recurso itálico;
- f) Indicar, no aparato (à margem direita), as modificações textuais/autorais;
- g) Utilizar, no aparato, abreviaturas para referir-se à ausência de acentos gráficos: será utilizada (s.a), entre parênteses para indicar a ausência de acentuação; para a ausência de pontuação serão utilizadas entre parênteses: (s.v), para sem vírgula e (s.p) para sem ponto; (s.r) para sem reticências; (s.t.) para sem travessão; e (s.e) para sem exclamação; Escrever no aparato, entre parênteses, a expressão “sem título” para os testemunhos que não apresentem título;
- h) Utilizar siglas para indicar os testemunhos dos textos selecionados;
- i) Registrar nota de rodapé para indicar observações sobre o testemunho, para explicar as escolhas e intervenções do editor ou para transcrever versão inteira de texto que seja caracterizado como escrita de primeiro jato, que se apresente muito distinta das versões localizadas nos demais testemunhos.

Apresentamos a tradição e a descrição de cada texto selecionado, depois fixamos o texto crítico com o respectivo aparato com a apresentação das modificações realizadas, dos manuscritos ao impresso, uma síntese do processo.

Mesmo nos textos passados a limpo, há anotações à margem, seja uma palavra ou um risco, que indique que já fora revisado ou copiado em outro lugar. Há, em muitos testemunhos

dos poemas, por exemplo, a modificação de títulos, a correção da pontuação. Tais campanhas de revisão deram novos sentidos aos textos revisados/corrigidos pela escritora. Escolhemos, ao todo, 12 textos publicados em *Pedaços de Vida* (1993), para edição e estudo crítico-genético, quais sejam: do gênero poema, são sete – *Súplica*, *Minha dor*, *Controvérsia*, *Tudo passou*, *Meus filhos*, *Nazaré Primavera*, *Não disse adeus*; do gênero memórias, que a escritora chama de *Pedacinhos*, foram escolhidos dois. Como os textos intitulados *Pedacinhos* não possuem título que os diferencie, nós o identificamos pelo *incipit* e, também, a partir da ordem em que estão localizados no livro, serão editados o 11º e o 12º textos classificados pela escritora de *Pedacinhos*, ambos à página 76. Do gênero crônica, foram escolhidos dois textos – *Anísio Melhor e Eles* – e o perfil *Granadas de 1933*.

4.3 EDIÇÃO DOS TEXTOS SELECIONADOS

4.3.1 *Súplica*

Súplica é o segundo poema do livro, apresenta-se em forma de soneto. A escritora dedica-o à sua genitora. Nele, pede “em pranto”, que a mãe não a esqueça aqui na Terra. Relembra, ainda, o dia da sua partida para a “eterna mansão”. A tradição do poema é constituída por quatro testemunhos, a saber: *Súplica Caderno Cenoura* (Scc), *Súplica Caderno Verde* (Scv), *Súplica Datiloscrito* (Sd), *Súplica Obra Publicada* (Sop).

O testemunho **Scc**, manuscrito, está na folha 1, com o título *Partiste* e com a data 1928, ao final da folha, no ângulo inferior direito. Apresenta-se escrito com caneta tinteiro, em tinta de cor preta, apenas no anverso, ocupando as 21 linhas da folha. As características da escrita (caligrafia bem feita, com poucas emendas) apontam para o fato de se tratar de um texto passado a limpo (cópia limpa). Há no ângulo superior direito, na direção do título, o registro da palavra “já”, escrito com caneta esferográfica em tinta azul, indicando que o texto já fora passado a limpo em outro suporte.

O testemunho **Scv**, manuscrito autógrafo, traz o título *Súplica*, escrito sobre *Partiste* (lição apagada, com provável uso de borracha), situado à folha [3] do caderno, com a inscrição “(Para minha mãe, feito 1927-14 anos)”. O texto é escrito com caneta esferográfica em tinta azul, apenas no anverso e ocupa 20, das 22 linhas da folha. Há uma mancha causada pela ação da água que molhou o papel na extensão do título até a segunda estrofe. No ângulo superior esquerdo, na direção do título, há a letra “c”, escrita com caneta de mesma cor, e o

numeral ordinal 2º, circulado, de caneta esferográfica em tinta vermelha, indicando a ordem que deveria ser impresso no livro – informação depreendida das anotações da escritora no bloco de folhas avulsas, intitulada, no inventário do arquivo, *Notas sobre a organização do livro* (05d0001-93).

O testemunho **Sd** encontra-se à terceira folha do datiloscrito, com o mesmo título e com a mesma inscrição entre parênteses de **Scv**: (Para minha mãe, feito/1927-14 anos). O texto foi datilografado em folha ofício (A4). Há uma rasura no primeiro verso da quarta estrofe, feita de caneta esferográfica em tinta azul.

O testemunho **Sop**, impresso, está situado à página 10 do livro. A inscrição que indica o oferecimento do texto para a sua genitora encontra-se entre parênteses, abaixo do título à direita “(Para minha mãe)” e logo abaixo a inscrição da idade que tinha ao escrever o texto “Aos 14 anos”.

A seguir, o texto crítico acompanhado do aparato com o registro das modificações textuais/autorais:

SÚPLICA	Sc Partiste.
(Para minha mãe) / Aos 14 anos	Scv Para minha mãe, feito 1927 – 14 anos Sd (Para minha mãe, feito/1927 – 14 anos)
Minha mãe, minha pobre mãe, partiste. Será verdade que não vens buscar-me?	Scv, Sd, Sop (s.p.)
5 Oh não mãezinha, de certo me ouviste No derradeiro dia, antes de ausentar-te.	Scv, Sd O’ não Sc mãezinha (s.v.) Sc dia (s.v.) Sc auzentar-te. Scv ausentar-te (s.p.)
Naquele dia triste e temeroso Em que tu’alma a Deus se entregou	Sc Naquelle Sc entregou,
10 De certo ouviste o gemido doloroso E as muitas lágrimas que se derramou.	Sc lagrimas (s.a.) Scv, Sd derramou (s.p.)
Também ouviste de tua filha a oração Pedindo que a tirasse do mundo sedutor	Sc, Scv Tambem (s.a.) Sc seductor
15 E a levasse para a eterna mansão.	Scv, Sd mansão (s.p.)
Suplico oh mãe, nunca te esqueças	Sc Supplico ó mãe Scv Suplico ó mãe Sd <i>[↑Suplico]</i> o’ mãe

Que na terra ainda ficou teu sangue
E não o abandones para que pereça.

Scv Sangue Sop [a]inda⁵²
Scv, Sd, Sop pereça (s.p.)⁵³

Sec 1928

Estudados os manuscritos do poema *Súplica*, examinamos, palavra por palavra, todos os testemunhos, comparando-os. As rasuras, todas imateriais, feitas pela escritora foram registradas em aparato. Em sua maioria se deram na pontuação e na acentuação das palavras, bem como na revisão ortográfica segundo a norma vigente à época [1993]. A mudança do título, *Partiste* para *Súplica*, foi notada no testemunho **Scv**, também uma rasura imaterial. O manuscrito passado a limpo, **Scv**, foi tomado como última versão do texto, esse fora datilografado (**Sd**) para, enfim, ser destinado à publicação (**Sop**).

4.3.2 *Minha dor*

Minha dor é o terceiro poema do livro, localizado à página 11, composto por seis quadras. Nele, a escritora pede a Deus que tenha compaixão de sua orfandade, que Deus a proteja e que dê repouso à alma de sua mãe. A tradição do poema é composta por quatro testemunhos, a saber: *Minha dor caderno cenoura* (**MDcc**), *Minha dor Caderno Verde* (**MDcv**), *Minha dor Datiloscrito* (**MDd**), *Minha dor Obra publicada* (**MDop**).

O testemunho **MDcc** é um manuscrito autógrafo, passado a limpo, localizado às folhas 14 e 15 do referido caderno, escrito com caneta tinteiro na cor preta, apenas no anverso das folhas. À direita do título, escritas de caneta esferográfica azul, estão duas anotações referentes à revisão do texto: “já”, “já”.

O testemunho **MDcv** situado às folhas [34] e [35], foi escrito com caneta esferográfica azul. Há, ainda, à margem superior, à direita, a seguinte observação destacada por um asterisco: “*colocar no início do livro”. À folha [35], há, ao lado esquerdo do título o numeral ordinal 7º, escrito de caneta esferográfica vermelha, circulado, também em tinta vermelha. Acima do numeral está escrita a letra “c” com caneta esferográfica azul, mais um indício de que o texto está correto, foi revisado. Ao final da página, acha-se inscrito “vire”, indicando que o texto continua na folha seguinte. À folha seguinte, [35], o restante do poema

⁵² Há um acréscimo a lápis no testemunho Sop, acredita-se que autoral.

⁵³ Reconstituiu-se o ponto conforme lição Sec.

divide espaço com outro texto, intitulado *Versos soltos*, composto de quatro versos. O texto é um passado a limpo do caderno cenoura, com uma mudança no título (uma rasura imaterial): passa de Súplica (**cc**) para Minha Dor (**cv**).

O testemunho **MDd** encontra-se à folha [39], é um datiloscrito, feito pelas netas da escritora sob a sua supervisão. O manuscrito apresenta no quarto verso da primeira estrofe: *Ve<j>/\a*, uma substituição por sobreposição. Apresenta-se abaixo do título *Minha Dor*, à direita da folha, escrito: “(16 anos)”.

No **MDop**, o poema localiza-se no início do livro, à página 11. Nesse testemunho, registra-se uma modificação na inscrição referente à idade: “Aos 15 anos”. Não foram localizadas anotações feitas pela escritora que indicassem tal modificação.

Segue o texto crítico de *Minha Dor* com o seu respectivo aparato, trazendo as modificações que se notam nos diversos testemunhos:

MINHA DOR		MDcc SÚPLICA MDev MINHA DOR MDd MINHA DOR MDop MINHA DOR
	Aos 16 anos	MDcc (Para minha mãe)
	Tem compaixão de minha orfandade ó Deus Compaixão da minh'alma sem carinho! Toma- <i>me</i> agora como um dos filhos teus	MDcc orfandade MDop: Toma-se MDcc teus, MDop caminho (s.p.) ⁵⁴
5	Tu me tiraste o meu anjo de repouso A minha mãe, minha vida, minha luz Senhor Deus, dá a su'alma o santo pouso Deixa su'alma descansar no bom Jesus.	MDcc repouso: MDcc luz, MDcc pouso, MDcc Dei<s>/x\ a descan<ç>/s\ ar \ MDcc , MDev , MDd Jesus (s.p.) ⁵⁵
10	Deixa a mãezinha repousar no seu jazigo Deixa que durma em paz na solidão Já que não pode descansar num peito amigo Dá-lhe senhor o repouso sem aflição! Dá que descanse o último sono dos fiéis	MDcc Dei<s>/x\ a MDcc jazigo, MDcc Dei<s>/x\ a MDcc solidão, MDcc , MDd pode MDcc , MDd descansar MDcc aflição (s.e.) MDcc descance o

⁵⁴ Inserimos ponto ao final do último verso da 1ª estrofe.

⁵⁵ Inserimos ponto ao final do último verso da 2ª estrofe.

15	<p>E que su'alma purificada pelo amor Receba enfim na glória seus lauréis</p> <p>E ore a Deus por sua filha com fervor.</p> <p>Descansa mãe, minha estrela bem amada.</p>	<p>ultimo(s.a.) somno MDcc, MDcv, MDd fieis (s.a.) MDcc amor, MDcc, MDcv, MDd laureis (s.a.) MDcv, MDd, MDop fervor (s.p.) MDcc Descança mãe, minha estrela, minha amada MDcv MDd amada (s.p.) MDcc cemiterio (s.a.) MDcc sofre</p>
20	<p>Dorme em paz na solidão do cemitério, A tua filha sofre e é amargurada, Mas vive bem, sabendo os gozos do etéreo!</p> <p>Mãe intercede por mim ao Salvador Pede por mim constantemente ao Eterno, Lembra a minha tristeza mãe e minha dor, E roga a Deus pelo teu fruto materno!</p>	<p>MDcc Mais; MDcc , MDcv gosos; MDcc etrereo!⁵⁶ MDcc Salvador,</p> <p>MDcc fructo MDcc Materno. (s.e.)</p>

Os testemunhos do poema *Minha Dor* possuem poucas rasuras. O **MDcc** traz marcas da revisão da escritora nas anotações à margem (“Já” “Já”). Algumas palavras do texto comprovam a época em que fora escrito – 1928 –, pois fora utilizada a norma ortográfica vigente àquele período, como se vê, por exemplo, na grafia das palavras “seductor”, “naquelle”. No **MDcc** o poema era intitulado *Súplica*. Abaixo do título desse testemunho, está a informação complementar: “Para minha mãe”. Verifica-se, ainda, a correção da palavra “descançar” no quarto verso da segunda estrofe, uma substituição por sobreposição do “ç” por “s”, feita com caneta esferográfica azul, feita à época da revisão para a publicação. No **MDcv**, observa-se a rasura imaterial na mudança de título, o poema passa a ser denominado *Minha dor*, modificação que se mantêm nos demais testemunhos. Outra rasura imaterial corresponde à mudança na expressão abaixo do título para “(16 anos)”, que permanece no **MDd**, mas não fora considerada no **MDop**, no qual está registrada “Aos 15 anos” (pode ter ocorrido um erro tipográfico).

⁵⁶ A palavra “ettrereo” está escrita no **MDcc** como fora transcrita no aparato. Um provável erro de grafia da autora, que acrescentou um “r” a mais.

4.3.3 *Controvérsia*

Controvérsia é o quinto poema do livro e está à folha 13. A tradição é composta por quatro testemunhos, a saber: *Controvérsia caderno cenoura* (**Ccc**); *Controvérsia caderno verde* (**Ccv**); *Controvérsia datiloscrito* (**Cd**), *Controvérsia obra publicada* (**Cop**).

O testemunho **Ccc** é um texto passado a limpo, manuscrito à folha 25, em caneta preta, do tipo tinteiro e tem como título: “*Elle fala da mulher mas...*” O título foi cancelado e, à margem superior, apresenta-se uma nova possibilidade de título: “Controvérsia?”, escrita com caneta esferográfica de tinta preta. O papel encontra-se amarelado e com muitas manchas. Há algumas rasuras feitas com caneta de tinta azul. Há a anotação “já”, escrita com caneta esferográfica de tinta azul, no ângulo superior esquerdo da folha. À margem esquerda, na terceira estrofe, escreveu o conectivo “que”, com caneta esferográfica preta. À margem inferior, no ângulo direito, está escrito “1930”, possivelmente o ano em que escrevera o texto.

O testemunho **Ccv** é um manuscrito feito com caneta esferográfica azul, que ocupa apenas o averso da folha [36]. Na segunda linha, à direita : “(17 anos)”. Há, ainda, nesse testemunho uma letra “c”, no ângulo superior esquerdo, de caneta azul, e o numeral ordinal 8º, escrito e circulado com caneta esferográfica vermelha. Esta observação feita pela escritora demonstra que esse poema era mais um dos textos que desejou que fosse colocado no início do livro.

O testemunho **Cd** é um datiloscrito, localizado à folha [41]. Trata-se de texto passado a limpo sem rasuras materiais. A observação “(17anos)” se mantém, como se vê em **Ccv**.

No **Cop**, o texto do poema corresponde ao do datiloscrito, com exceção, apenas, da informação que se refere à idade que ela tinha quando o escreveu, modificada para “*Aos 16 anos*”⁵⁷. Observa-se que se fossem consideradas as inscrições correspondentes à idade que a escritora tinha ao escrevê-lo, teria permanecido a idade “(17 anos)” na obra publicada, visto que, em 1930 (ano registrado no Caderno Cenoura) a escritora contava 17 anos de idade.

Segue o texto crítico e seu respectivo aparato:

⁵⁷ As anotações que indicam a idade ou ano de construção do texto na obra publicada foram escritas pela gráfica/editora em itálico.

CONTROVÉRSIA

(Aos 16 anos)

	Ele fala da mulher naturalmente Diz que é dúbia, não tem um coração	Ccc <Elle fala da mulher mas...>[↑ Controvérsia?] Ccc, Ccv Aos 17 anos
	Que é volúvel e fere cruelmente Com a tosca e maldita ingratidão!	Ccc Elle Ccc naturalmente: Ccc dúbia (s.v.) Ccc e não Ccc coração, Ccc [←que] É volúvel Ccc ingratidão.
5	Diz que é má e perverte facilmente Que é abjeta, incapaz de uma boa ação Fala tudo e diz mui secamente Não é digna de amor, mas sim de traição!	Ccc facilmente, Ccc abjecta Ccc acção Ccc seccamente: Ccc <mas> /e\ sim de traição (s.e.)
10	Que é como a moda, sempre variável Em toda parte quer ser a mais notável N'evitando ofender instante sequer	Ccc moda: sempre variavel,
	Diz tudo enfim e esquece o principal E esquece que o homem é tão fatal Que não pode passar sem a mulher!	Ccc offender Ccc, Cd, Cop siquer. Ccc emfim Ccc fatal: Ccc mulher. Ccc 1930

Podemos observar as intervenções da escritora nos manuscritos do poema. Na condição de leitora de seus escritos, ela deixa marcas (materiais e imateriais) em suas campanhas de revisão, sobretudo na correção gramatical. Chamam atenção as modificações que se mostram em cada suporte, nas cores de cada campanha de revisão, nas substituições, sobreposições e acréscimos que atestam o trabalho de autoria: no **Ccc**, a campanha de revisão realizada pela escritora, evidencia-se na supressão do título e a anotação à margem superior: *Controvérsia?* Há uma substituição por sobreposição, no último verso da segunda estrofe. No **Ccv**, as mudanças se deram no tocante à pontuação ao final de alguns versos, além de uma atualização da ortografia por parte da escritora (rasuras imateriais). As modificações autorais foram mantidas no **Cd** e permanecem no **Cop**, com exceção da informação “Aos 17 anos” que fora modificada, no texto publicado, para “16 anos”.

4.3.4 Tudo passou

Tudo passou é o oitavo poema do livro e está situado à página 17. A tradição desse texto é formada por quatro testemunhos, a saber: *Tudo Passou caderno cenoura* (**TPcc**); *Tudo*

Passou caderno verde (TPcv); Tudo Passou datiloscrito (TPd); Tudo Passou obra publicada (TPop). Todos os manuscritos são textos passados a limpo e nem todos apresentam rasuras materiais.

O testemunho **TPcc** é um manuscrito à folha 9 do *Caderno Cenoura*, escrito com caneta do tipo tinteiro, de cor preta. Inicialmente, foi intitulado *Soneto*, mas esse título foi rasurado e substituído à frente por *Recordando*. Novamente, o título foi riscado e substituído por *Tudo passou*. Tais rasuras foram feitas com uma caneta de cor azul, do tipo esferográfica. Abaixo do título, ao lado esquerdo, está escrito “já”, em caneta esferográfica de cor azul. Na segunda estrofe do poema, no terceiro verso, suprime “tivesse” e substitui, na entrelinha, por “houvesse”, que permanecerá nos demais testemunhos. À última linha da folha, tem-se o ano “1929”, no ângulo inferior esquerdo.

O testemunho **TPcv** é um manuscrito, situado à folha [13], escrito com caneta esferográfica, de cor azul, ocupando dezenove linhas das vinte duas linhas da folha. Há no ângulo superior esquerdo da folha o numeral ordinal 3º, circulado, escrito com caneta esferográfica de tinta vermelha. Abaixo do título, à direita, está escrito “(18 anos)”.

O testemunho **TPd** é um datiloscrito à folha [15]. Apresenta apenas uma emenda, com o uso de caneta esferográfica na cor azul, no terceiro verso da primeira estrofe: “a[<g>f]astado”, um erro de datilografia que fora corrigido. Abaixo do título a idade: “(18 anos)”

O testemunho **TPop** está situado à página 17 da obra impressa, com o registro de idade abaixo do título: “*Aos 17 anos*”.

Apresenta-se o texto crítico do poema *Tudo passou* e seu respectivo aparato:

TUDO PASSOU		TPcc <Soneto>[→Recordando] [↑Tudo passou]
	Aos 17 anos	TPcc Aos 16 anos TPcv , TPd (18 anos)
	Creio que não lembras aquele passado	TPcc aquela
	Aquela promessa de simulada ilusão	TPcc Aquellas promessas de ideal ilusão
	Como agora estás de mim afastado!	TPcc afastado!...
	Tens em memória uma só recordação?	TPcc memoria (s.a.) TPd recordação.
5	Tens em lembrança o meu amor mortificado	TPcc à tua afeição?
	A minha'alma dedicada a tua afeição?	TPcc <tivesse>[↑houvesse] a outro me
	Antes houvesse a outro me entregado	entregado,
	Ao invés de a ti, desse a outro o coração!	TPcc Em vez de a te coração!... TPcv , TPd te
	Tudo passou, de mim já esqueceste,	TPcc Peço-te somente ó infiel ingrato,

10	Queria tanto que o tempo não passasse E que aquele amor tão bom, não fenecesse Mas o destino foi cruel, enganador, Sorriu de nós, zombou do meu sofrer E disse eterno adeus, a meu sincero amor!	TPcc De gravares em teu pensamento louco TPcc A lembrança daquelle amor mui falso TPcc Recorda aquele idyllio enganador TPcc E acredita que foste o mais culpado TPcc E acredita: não conheces o amor!... TPcc 1929 TPcv , TPd , TPop (s.d.)
----	--	--

Nos documentos autógrafos do poema *Tudo Passou*, pode-se observar que a escritora retoma o texto, faz modificações que alteram o sentido, como se vê, sobretudo, nos testemunhos **TPcc**, **TPcv**. Verifica-se no **TPcc** a mudança do título, feita à época em que retomou os manuscritos para a organização do livro, mais de seis décadas depois. Há, também, uma outra rasura material nesse testemunho: supressão seguida de acréscimo na entrelinha, no quarto verso da segunda estrofe. No testemunho **TPcv** foram localizadas rasuras imateriais na terceira e na quarta estrofes do poema. As estrofes foram modificadas completamente. Tem-se um novo texto. Esse manuscrito foi considerado última versão do texto. As alterações autorais foram mantidas no **TPd**, que fora encaminhado à publicação (**TPop**).

4.3.5 *Meus filhos*

Meus filhos é o trigésimo texto do livro, situado à página 38. A tradição desse texto é composta por cinco testemunhos, quais sejam: *Meus Filhos meu diário 1* (**MFmd1**); *Meus Filhos Meu Diário 2* (**MFmd2**); *Meus Filhos Caderno Verde* (**MFcv**); *Meus Filhos Datiloscrito* (**MFd**); *Meus Filhos Obra Publicada* (**MFop**). Os rascunhos que possuem mais marcas de reescrita são os localizados no suporte *Meu Diário* (**MFmd1** e **MFmd2**).

O testemunho **MFmd1** está situado no verso da folha [7] do *Caderno Meu Diário*. O texto apresenta-se em estágio “embrionário”, trata-se de uma tentativa de escrever o poema, pois ainda não possui forma de versos. Nas primeiras linhas (1, 2 e 3), há anotações de três possíveis títulos para o texto. Só a partir da sexta linha da folha é que o texto se inicia. Há riscos em forma de “×” que anulam todo o texto.

O testemunho **MFmd2** é um manuscrito à folha [8] do *Caderno Meu Diário*, ocupando o anverso e verso do papel. Esse texto já se apresenta em forma de versos, dividido em oito estrofes e com um provável título: “Meus Filhos?”, escrito no ângulo superior direito, na primeira linha da folha, seguido pela palavra “bem diz”, à sua direita. Há três linhas na diagonal em todo o texto, anulando-o. A quinta estrofe apresenta-se cortada por três grandes “×”. As três últimas estrofes, também, aparecem riscadas por três linhas na diagonal.

O testemunho **MFcv** é um manuscrito, com caneta esferográfica de cor azul, situado no anverso das folhas [62] e [63] do caderno verde. O testemunho **MFcv** possui poucas rasuras. Ele é tomado como definitivo, isto é, “última versão de uma elaboração textual” (GRESILLON, 1997). Trata-se de um texto passado a limpo com algumas rasuras materiais: supressões, sobreposições e substituições. Acima do título, posicionada à direita e escrita na diagonal, há uma anotação sobre a grafia da palavra “traz”, entre parênteses, que foi suprimida pela escritora <(tráz é c/z)>. Ao final da folha [62], na margem inferior está escrito: “vire”, indicando a continuação do texto na folha seguinte. Na décima segunda linha da folha 63, após o poema, há uma pista sobre a organização do livro *Pedaços de Vida*: “(*No fim, ainda tm A poesia Primavera!)”⁵⁸.

O testemunho **MFd** está situado à folha [67]; possui duas rasuras autógrafas, uma no segundo verso da segunda estrofe, onde a escritora cancela um acento agudo na palavra “traz” e uma supressão seguida de substituição na entrelinha superior, no quarto verso da quinta estrofe do poema: <vida> [↑velhice].

O testemunho **MFop** está situado à página 38 do livro. Seu texto corresponde ao do datiloscrito.

Os manuscritos **MFmd1** e **MFmd2** serão transcritos em nota, visto que se apresentam muito distintos dos testemunhos **MFcv**, **MFd** e **MFop**. Segue o texto crítico do poema *Meus Filhos* e seu respectivo aparato crítico:

⁵⁸ Essa anotação feita pela escritora foi transcrita tal qual estava no manuscrito; “tm” em lugar de “tem”.

MEUS FILHOS

Brilhos de estrela na imensidade do meu céu,
Filhos de minh'alma, correntes do meu amor
Eles são como centelhas no meu peito arfante
Fazendo-me esquecer da vida o dissabor!

MFmd1 (sem título)⁵⁹ MFmd2 Meus filhos? Bemdiz⁶⁰
MFcv[↑<↑>] <↑> [imensidade]

- 5 Quanto me orgulho de vocês queridos,
Quanta ventura o seu amor me traz!
O beijo de vocês tão amoroso e puro
É bálsamo que consola e que feliz me faz!

MFcv trá<s>/z⁶¹

- 10 No tempo, não fiquei cansada de viver,
Por que vocês me transmitiram confiança
Na vida esse amor infinito que nos une
Me anima, me conforta na esperança.

MFcv [↑No tempo,] não fiquei

⁵⁹ Segue a transcrição do testemunho MFmd1:

Eles são meus amores mais queridos
<Presente do céu>
1 Tesouro do ceu, mais linda recompensa
3 Do amor que Deus me deu tão belo e justo
2 Gravados no meu peito docemente
Louvarei este amor eternamente!
Até o fim da minha vida ei de amá-los
Como sabe amar uma mãe tão amorosa
Agradecendo a Deus <por tantos mimos> [↑tanta bondade]
<Rogamos ao destino por tanto>
Tanto

⁶⁰ Segue a transcrição do testemunho MFmd2:

<São> [↑<lindas>] [↑brilhos de] estrelas no <firmamento> [↑horizonte] do meu céu –
E na [↑luzes] [↑do] beleza do meu <coração> [↑<peito>] <apaixonado> [↑<feliz>] [→amado]
Eles refletem o meu amor <todo carícia> [↑Deus querido]
Eles dão vida ao meu coração apaixonado!

Filhos de minh'alma quanto me orgulho!
De perto ao meu amor tão renovado
<Presen> Tesouros do ceu

Sou feliz hoje, depois de tantos anos feitos
Olhando nos olhos dos meus [↑filhos] o carinho
E a graça de um amor muito perfeito
Como

Não fiquei velha porque eles me [↑deram vida] <enobrecem>
A velhice me passou despercebida
Porque olhando <a> /o\ graça [↑amor] infinito dos meus filhos
A velhice me passou despercebida!

Que Deus os faça sempre bons e puros
Unidos no amor que eu soube [↑<lhes>] dar
A união e a paz serão suas guardidas
Porque após <minha> a vida ainda os ei de amar!

⁶¹ Mady Crusoé fez o acréscimo do acento agudo na palavra “traz” no testemunho MFcv e suprime no MFd.

- Olhando nos olhos dos meus filhos o carinho
Sou feliz hoje, depois de tantos anos feitos
15 Agradecendo a Deus sua bondade infinda
E a magia desse amor perfeito! MFev E a magia suave [↑desse] amor perfeito!
- O tempo me passou em brancas nuvens MFev nuvens!
Não fiquei velha, porque eles me deram vida
Pois olhando o amor infinito dos meus filhos
20 A velhice me passou ... despercebida! MFev A<vida> [↑velhice] MFd <vida>[↑velhice]
- Que Deus os faça sempre bons e puros
Unidos no amor que eu soube dar
A união e a paz serão suas guaridas
Porque após minha vida, ainda os hei de
amar!

A cada testemunho estudado, observamos o processo de escritura do poema. Os primeiros testemunhos, **MFmd1** e **MFmd2**, chamam a atenção pela variedade de rasuras por substituição, acréscimo e supressão. Além das rasuras, há outros registros nos testemunhos, tais como anotações sobre a escrita de palavras e sobre a organização do livro. Flagram-se os caminhos percorridos pela escritora na construção do poema e sobre a organização do livro. As modificações autorais foram mantidas no texto publicado (**MFop**).

4.3.6 Nazaré Primavera

A tradição do poema *Nazaré Primavera* é composta por quatro testemunhos, a saber: *Nazaré Primavera* (1) (**NP1**), *Nazaré Primavera* (2) (**NP2**); *Nazaré Primavera Caderno Verde* (**NPcv**); e *Nazaré Primavera Obra Publicada* (**NPop**).

O testemunho **NP1** está em folha avulsa, sem data. Trata-se de um texto manuscrito em papel pautado, escrito com caneta esferográfica de tinta azul, cuja tinta apresenta-se esmaecida pelo tempo. O suporte apresenta-se com marcas de destruição por fungos, nas linhas 8, 9, 10, 11 e 12 (apresentando um furo, ocasionado pelos fungos, na extensão da palavra “terra”). Entre as linhas 15 e 16 também estão bastante manchadas por fungos. Há manchas pequenas e escuras em toda a extensão do papel. Trata-se de uma cópia limpa. Por conta da cor do papel e das marcas do tempo, consideramos este manuscrito o mais antigo.

O testemunho **NP2**, também se encontra em folha avulsa, sem data. O testemunho não se encontra em bom estado de conservação. Trata-se de texto manuscrito em papel pautado, escrito com caneta de tinta azul, cuja tinta se apresenta esmaecida, com manchas resultantes da ação de fungos. Há quatro marcas por se ter dobrado o papel em quatro partes.

O testemunho apresenta uma rasura autógrafa à linha 18 (substituição por sobreposição), no terceiro verso da quinta estrofe do poema. Há no verso dessa folha, o rascunho de um poema intitulado *Não disse Adeus*.

O testemunho **NPcv** está situado às folhas [25] e [27]. O texto apresenta-se escrito em caneta esferográfica azul. Trata-se de uma cópia do manuscrito **NP2**, com um acréscimo de um subtítulo com a data em que fora recitado em público: “(Recitada em 21.09)”. Apresenta uma rasura no terceiro verso da quinta estrofe, assim como no manuscrito **NP2**, (substituição por sobreposição). No primeiro verso da sétima estrofe, uma rasura nas entrelinhas (um acréscimo). À folha 27, o texto encerra-se na décima primeira linha, sendo a décima segunda preenchida por três “×”. Nesta mesma folha, está o manuscrito intitulado *Versos soltos*, composto por quatro versos (uma quadra).

O testemunho **NPop** é o quadragésimo poema do livro, localizado à página 50. As modificações autógrafas realizadas no manuscrito **NPcv**, inclusive referentes aos sinais de pontuação e ao subtítulo com a data em que fora recitado, foram mantidos.

Segue o texto crítico e o seu respectivo aparato:

NAZARÉ PRIMAVERIL

(Recitada em 21.09)

	Ergue-te minha terra esplendorosa e amiga Deixa no ocaso como tudo que é passado O inverno. E chega-te para a vida!	NP1 ocáso
5	Deixa que te sople com beijo ardente A primavera que surge, risonha e vaporosa Cheia de graça, de música esplendente!	NP1 primavéra NP1 surge. Risonha NP1, NP2 musica (s.a.)
	Vem para o achego da vida minha boa terra! O inverno passou, dentro em cada peito compassa O coração, e a alma lesta doce alegria encerra!	NP1 achêgo NP1 bôa NP1, NP2 passou. Dentro NP1, NP2 coração. E a alma lésta
10	Chega-te perto Nazaré, espia o fruto do amor Em cada rostinho infantil, em cada sorriso Esquece o sofrimento e esquece a dor	NP1 NP2 Nazaré. Espia NP1 amôr NP1 em que o sorriso NP1 dór!...
	Olha quanto rostinho infantil, flor em botão, Vê quanto olhar de virgem cheio de vaidade	NP1, NP2 flôr
15	Pela beleza do teu rio, cortando a beleza da cidade!	NP1 belêsa NP2, NPcv <céo> /rio\
	Vem Nazaré, reza a primavera da vida	NP1 réza NP1 primavéra NP1, NP2 vida!

Rasga o teu seio e planta a semente do progresso	
Esquece os invernos do passado minha terra doce e amiga!	NP2 E esquece NP1 passado, NPop ⁶²
Levanta o verdor de tuas matas e toca o céu	NP1 tóca NP2 céu
20 Beija sempre o infinito das quimeras	NP1 quiméras
E que teus filhos sejam frutos da ciência	NP1, NP2 ciência (s.a.)
Numa encantada e festiva primavera!	NP1 festiva – Primavera!... NP2 – “Primavera!”–

As folhas avulsas, apesar de apresentarem textos passados a limpo, registram pequenas, porém significativas modificações feitas pela escritora. Para o poema *Nazaré Primavera*, por exemplo, há, no arquivo, dois testemunhos escritos em folhas de papel pautado, atualmente armazenadas em uma pasta com folhas plásticas (Pasta n. 02)⁶³.

O manuscrito **NP1** apresenta rasuras imateriais no tocante à pontuação de alguns versos e mudanças de conectivos, que somente podem ser constatadas no confronto entre os testemunhos. Observa-se uma rasura material no testemunho **NP2**: nota-se uma rasura de substituição por sobreposição da palavra *céu*: [céu] / rio\ , no terceiro verso da quinta estrofe do poema. Esta mesma rasura aparece no **NPcv**. No **NPop**, a palavra *rio* aparece como a eleita para o poema. A maioria das modificações autorais verificada é referente às atualizações de grafia e às modificações na pontuação, sendo mais recorrentes no **NPcv**.

4.3.7 Não disse Adeus

O poema *Não disse adeus*, composto por duas estrofes: uma nona e um terceto, está localizado na página 62 do livro. A tradição deste poema é composta por três testemunhos, a saber: *Não disse adeus I* (**NDA1**) localizado numa folha avulsa, no verso da folha onde está um testemunho do poema *Nazaré Primavera*, o **NP1**; *Não disse adeus Caderno Verde* (**NDAcv**); *Não disse adeus obra publicada* (**NDAop**).

O manuscrito **NDA1** apresenta rasura de supressão no título e uma rasura de supressão no sétimo verso. O texto foi escrito com caneta esferográfica de tinta azul e apresenta-se com um risco de caneta azul que se estende do primeiro ao nono verso.

⁶² O verso “terra doce e amiga” está disposto desta forma no **NPop**.

⁶³ A pasta de folhas plásticas foi organizada por nós, visto que tais folhas estavam sem classificação e como não se encontram em bom estado de conservação, foram, assim, armazenadas em folhas plásticas, envoltas em papel A4, na pasta catálogo n. 02.

O manuscrito *Não disse adeus Caderno Verde*, **NDAcv**, situado na folha 44, apresenta modificações no tocante à pontuação utilizada nos versos, alguns sinais foram modificados, outros foram excluídos pela escritora. Fora acrescentado o subtítulo: (*Para Lucinha*).

O testemunho **NDAd** apresenta-se tal como o testemunho **NDAcv**.

O testemunho **NDAop** é quinquagésimo primeiro texto do livro e está localizado na página 62. As modificações que foram feitas no testemunho **NDAcv** foram mantidas na publicação.

Segue o texto crítico e o seu respectivo aparato:

	NÃO DISSE ADEUS (Para Lucinha)	NDA1 <Sonhando> Não disse adeus
	Você se foi...	
	Maravilhosa	
	Tão bela,	NDA1 Tão bela (s.v.)
	Flor entreaberta	NDA1 Flor entreaberta,
5	Para a vida,	NDA1 Para a vida...
	Não disse adeus	
	Mas... sofreu,	< fechou > mas (s.r.) sofreu (s.v.)
	Depois fechou os olhos	
	Emudeceu	
10	Será que nos veremos	
	No incógnito do além?	
	Mistérios da vida!...	NDA1 Mistérios da vida! (s.r.)

Quatro testemunhos permitem a leitura do poema *Não disse adeus*. Neles observamos as modificações feitas pela escritora no ato mesmo da escrita no testemunho **NDA1** representadas pelas supressões <sonhando> no título, <fechou> no sétimo verso; Verificamos, também, as mudanças na pontuação dos versos ao compararmos os testemunhos **NDA1** e **NDcv**. Nesse último surgem novos sinais de pontuação que são mantidos no **NDAd** e no **NDAop**.

4.3.8 Pedacinhos [11]

Os textos intitulados *Pedacinhos* formam um conjunto de narrativas curtas, que retratam acontecimentos cotidianos vividos pela escritora ou contados por algum familiar. Estas não possuem título individual e cada página contém dois ou três “pedacinhos”. São, ao todo, doze textos, identificados por um único título, centralizado no alto da página. Para

Quatro testemunhos permitem a leitura do texto *Pedacinhos*. Neles observamos as modificações introduzidas por cópias ou por campanha de revisão, que sugerem a intervenção da autora. O primeiro testemunho, **P11md**, traz rasuras que caracterizam uma escrita de primeiro jato, devido às supressões que apresenta e aos acréscimos nas entrelinhas. O segundo testemunho, **P11cv**, é uma cópia do **P11md** e apresenta modificações na pontuação e na grafia das palavras que são mantidas no **P11d** e no **P11op**.

4.3.9 *Pedacinhos* [12]

O texto *Pedacinhos*, que seria o número 12^{o66}, é o segundo texto da página 76 do livro. A tradição desse texto é composta por cinco testemunhos, quais sejam: *Pedacinhos 12 Meu Diário 1* (**P12md1**), *Pedacinhos 12 Meu Diário 2* (**P12mdb**), *Pedacinho 12 Caderno Verde* (**P12cv**), *Pedacinho 12 Datiloscrito* (**P12d**), *Pedacinho 12 Obra Publicada* (**P12op**).

O **P12md1** está situado à folha 9 do suporte do *caderno Meu diário*. O papel amarelado e com manchas não possui margem e cada folha compõe-se de 20 linhas. O texto foi escrito em caneta esferográfica azul e apresenta uma linha em branco entre L.1 e L.2, bem como, entre L. 16 e L.17. Apresenta-se com muitas rasuras e vacilações.

O testemunho **P12md2** encontra-se no verso de P12md1. É composto por quinze linhas. Escrito em caneta esferográfica azul, apresenta uma linha em branco entre L.1 e L.2, e entre L.14 e L.15. Apresenta um risco vertical sobre as linhas 2 a 15. Apresenta um × à esquerda do título na L.1. À direita do título, há reticências e o numeral 1. Foi escrita a palavra “já” entre as linhas 1 e 2, próxima à margem direita. O texto possui poucas rasuras.

O **P12cv** é um texto com 14 linhas, escrito em caneta esferográfica azul. Apresenta riscos circulares no ângulo superior direito. Ultrapassa a margem esquerda nas linhas 3, 4, 11 e 12. Apresenta manchas de tinta provenientes da escrita do verso nas linhas 17, 18, 21, 22. Trata-se de um texto sem rasuras, passado a limpo.

O **P12d** é composto por 10 linhas, está situado à folha [88]. Não apresenta rasuras.

O **P12op** é o segundo dos três textos do item *Pedacinhos* da página 76 do livro, composto por oito linhas (de L.06 a L.13). Os textos dessa página estão separados por divisores na forma de três círculos preenchidos em preto.

Segue texto crítico de *Pedacinhos* [12] e respectivo aparato:

⁶⁶ O texto foi numerado pelo editor para fins de estudo.

Observando os testemunhos desse texto, percebemos as modificações autorais

PEDACINHOS

- Sentados, estávamos sorrindo pelos últimos acontecimentos familiares, quando meu bisnetinho que é botão em flor do jardim da escolinha Novo Horizonte, colocou-se em posição de Budha: joelhos dobrados, mãos postas, olhos fechados, lábios trêmulos e disse:
- 5 – Estou rezando!
 – Rezando para quem, menino?
 – Rezando para papai do céu dá paciência a minha pró!
 10 Pode?

P12mda, P12mdb, P12cv pedacinhos...
P12d

P12md1<Meus filhos> <Brilhos de es> [↑sentados] estávamos <conversando muito> <contando> [↑conversando]casos alegres>,<[↑da vid]> <[→quando]> últimos acontecimentos <da>

P12md1 <Terra> quando o <que é> **P12mdb** <quatro de quatro anos> flor [↑do jardim] **P12md1, P12md2, P12cv, P12d, P120p** bisnetinho (s.v.)

P12md1[↑joelhos dobrados]

P12md1, P12md2 (s.t.) estou rezando!

P12md1, P12md2 (s.t.) para quem (s.v.)⁶⁷

P12md1, P12md2 (s.t.) **P12md1** pró!...

realizadas. Muitas foram as rasuras materiais presentes no testemunho **P12md1**; elas revelam o processo de produção do texto e apresentam indícios de um escrita de primeiro jato. O testemunho **P12md2** é uma cópia do **P12md1**, possui poucas rasuras materiais, mas há modificações na pontuação e um registro de supressão, introduzindo novos sentidos ao texto.

As modificações feitas em **P12md2** permanecem no testemunho **P12d**. Algumas modificações foram feitas, no tocante à pontuação no **P120p**.

4.3.10 Anísio Melhor

A crônica *Anísio Melhor* está localizada à página 79 do livro, na seção denominada *Crônicas e Discursos*. A tradição desse texto é formada por 4 testemunhos, quais sejam: Anísio Melhor Meu Diário(**AMmd**), Anísio Melhor Caderno Verde (**AMcv**), Anísio Melhor Datiloscrito (**AMd**), Anísio Melhor Obra Publicada (**AMop**).

O testemunho **AMmd** está localizado às folhas [15] e [16], sob o título *pedacinhos...*, escrito com caneta do tipo esferográfica de tinta azul. Ao final do texto, foi realizada a transcrição do acróstico em sua homenagem, feito pelo poeta Anísio Melhor.

O **AMcv** está localizado à folha [72] (anverso), ocupando, também, a folha [73] (anverso e verso). À margem superior, à esquerda, foi escrito com caneta esferográfica vermelha o numeral ordinal 2º, circulado. O título *pedacinhos...* foi suprimido e acrescentado na entrelinha superior o novo título: *Anísio Melhor*. Há, à margem superior, no ângulo direito,

⁶⁷ Vírgula acrescentada pelo editor no texto crítico, após “quem” na linha 7, destacando o vocativo “menino”.

a anotação cancelada : “O acróstico está na coletânea 3”, cancelada com um ×. Ao final do poema, a escritora transcreveu o acróstico com seu nome, que lhe fora presenteado pelo poeta Anísio Melhor. Ao final do acróstico, há a seguinte anotação: “(Ver se pode ser impresso)”, com uma seta apontada para o acróstico.

O testemunho **AMd** localiza-se à folha [71] e estende-se à folha [72], onde está localizado o acróstico. Trata-se de uma cópia limpa do texto, com apenas três correções autorais, realizadas com caneta do tipo esferográfica de cor azul, na L.1 e na L.21 e L.22.

O testemunho **AMop**, localizado à página 79 do livro publicado, apresenta a seguinte observação abaixo do título: “ (Ilustração da Contra capa)”. O título do testemunho do Caderno Verde permanece no datiloscrito e no impresso.

Segue o texto crítico com o aparato:

ANÍSIO MELHOR

(Ilustração da Contra capa)

Antes de completar 7 anos, eu ia a escola da professora Adjovita Marques, (que me alfabetizou) no bairro da Conceição.

5 Nessa passagem até lá, tudo era mato, não havia cais e na maré cheia, as águas do Jaguaripe subiam até onde hoje é o novo mercado. Lembro-me bem do único sobrado que chamavam da Maçonaria, nele morava o grande poeta nazareno Anísio Melhor.

10 Imaginem... eu e o poeta nos encontrávamos todos os dias às 8 horas; eu ia à escola e ele ao trabalho na Tipografia Aurora, onde imprimia-se o jornal “O Conservador”.

15 Íamos conversando e um dia eu perguntei: – Seu Anísio por que você só se veste de preto e traz no peito essas flores roxas? (violetas)

Ele sorriu e disse:

– Porque estou de luto de minha noiva!

– Não fique triste, eu agora vou ser sua noiva!

AMmd pedacinhos... **AMcv**
<pedacinhos...>[↑Anísio Melhor]

AMmd, AMcv, AMd,⁶⁸

AMd d<e>/a\

AMmd Marques, [↑que me alfabetizou]

AMmd Mato, <algumas casas esparsas>
cais<para>

AMmd [↑e na <maré cheia>] e as águas

AMmd<grande> [↑único] **AMmd,**
AMcv Ma<ss>/ç\onaria

AMmd horas: <ao> [->ao]

AMmd <Ele gostava de conversar
comigo e eu> perguntei: - <lhe>: **AMcv**
<s>/S\eu

AMmd <usa>/se\

O texto Anísio Melhor, inicialmente, fazia parte do conjunto de *Pedacinhos*, visto que o testemunho **AMmd** apresenta como título “pedacinhos...” e o testemunho **AMcv** tem também o mesmo título. Mas este foi rasurado e seguido pela substituição na entrelinha:

⁶⁸ Nos testemunhos **AMmd**, **AMcv** e **AMd** não há essa anotação, esta fora localizada apenas no testemunho **AMop** e corresponde ao acróstico feito por Anísio Melhor para a escritora, que foi utilizado para ilustrar a contra capa do livro. A inscrição está em itálico no livro, não se trata de interferência do editor.

“Anísio Melhor”. Há rasuras de supressão, substituição, bem como de acréscimo suprimido, no **AMmd**. Notam-se modificações no **AMcv**, a exemplo do título, com a supressão seguida por acréscimo, na margem superior. O acróstico que recebeu de presente do poeta Anísio Melhor permanece no testemunho, ao final da crônica, bem como no **AMd**. A mudança se deu apenas no **AMop**, que não apresenta o acróstico.

4.3.11 Eles

Eles é o décimo texto da seção Crônicas e Discursos, localizado à página 92 da obra publicada. Esse perfil foi publicado no Jornal *O Imparcial* em 193[3]⁶⁹. Na ocasião, as crônicas intituladas *Eles* eram frequentes no referido jornal, sempre publicadas aos domingos. Tratavam-se de textos que descreviam uma personalidade da época, um jovem da sociedade nazarena, sem a identificação do nome do homenageado. A tradição desse texto é formada por cinco testemunhos, a saber: *Eles Coletânea 3* (**Ec3**), *Eles Meu Diário* (**Emd**), *Eles Caderno Verde* (**Ecv**), *Eles Datiloscrito* (**Ed**), *Eles Obra Publicada* (**Eop**).

O testemunho **Ec3** foi considerado o mais antigo; trata-se de publicação no jornal *O Conservador*, provavelmente da década de 193[3], que integra a *Coletânea de número 3*, a qual pertencera ao esposo da escritora. É um recorte de jornal, sem indicação de data, colado à folha 57 da referida coletânea. O testemunho apresenta correções autógrafas feitas com caneta esferográfica de tinta azul.

O testemunho **Emd** está situado às folhas [16], no verso, e [17] no anverso. Este testemunho traz um rascunho da introdução do texto que seria publicado no livro. Nessa introdução, a escritora explica a coluna *Eles*, que escrevia para o jornal *O Conservador*.

O testemunho **Ecv** está localizado às folhas [117] a [120]. Escrito apenas no anverso das folhas, com caneta esferográfica de cor azul, trata-se de uma cópia limpa, sem rasuras materiais.

O testemunho **Ed** está localizado às folhas [100] e [101], uma cópia limpa, sem rasuras materiais.

O testemunho **Eop**, localizado à página 92, mantém a introdução com a explicação sobre o contexto histórico e cultural em que fora publicado o texto em jornal.

Segue-se o texto crítico e o aparato para mostrar as modificações textuais/autorais trazidas pelos diferentes testemunhos:

⁶⁹ A reconstituição da data foi feita mediante o próprio título do texto “Granadas de 1933”.

ELES

Todos os domingos “O Conservador” publicava esses rascunhos que eu escrevia para os rapazes e o poeta Israel Embiruçu respondia para as moças, de modo que, aos domingos pela manhã, a distração era ler o jornal e descobrir quem eram os privilegiados do dia. Foram escritos muitos “Eles” e muitas “Elas” para alegria da moçada que, naquela época, *endeusava* a beleza da poesia e valorizava a cultura e a inteligência de sua terra.

Eles:

10 – Olhos claros, castanhos os cabelos, alto e magro, alma generosa e de ouro o coração.

Simples, conquanto seja um dos mais nobres de minha terra.

15 Modesto, conquanto seja um dos mais inteligentes e cultos em Nazaré.

Dedicando-se altamente à literatura, a sua biblioteca é um ninho de belíssimas e escolhidas obras.

20 Muito grande para o seu minúsculo nome, a parecer-se antes com o rio caudaloso e extenso que vai pelas bandas do Egito, trazendo na história o destino do profeta que no Sinai, recebeu em táboas os mandamentos divinos do Senhor.

Trabalhador assíduo e valoroso, honra a nossa terra com a colaboração de sua generosidade e simpatia.

25 Seu coração três vezes abelhudado pelas vizinhas curiosas, acha-se hoje feliz e sorridente, a esperar, de alegria nas morenas e veludas mãos de uma “rainha”, cujos olhos grandes e lindos, lhe proporcionam num segundo, a suprema felicidade que o seu cérebro inteligente e culto procurava debalde numa dezena de anos.

30 E ele agora arquivou no esquecimento aqueles romances velhos e tracentos que ele tinha, para viver aos pés de sua jovem rainha e com ela levantar na estante de sua dedicação o romance mais sentimental e mais doce do seu sonho de rapaz.

Ec3 Israel [↑Embiruçu]
Emd p^a os rapazes
Emd Israel [↑Embiruçu]
p^a as moças

Ecv, **Ed** que (s.v.) **Emd**,
Ecv, **Ed** *endeusava*⁷⁰
Emd> Que <era>
naquela época, <era>
<pura, tinha procurava
[↑endeusava] a
<cultura> a beleza da
<cultura> [↑poesia] <e a
pureza da>

Emd co<m>/n\quanto

Emd co<m>/n\quanto
Ec3 dentro em Nazaré

Ec3 belissima (s.a.)

Ec3 minusculo (s.a.)
Ec3 vae historia (s.a.)

Ec3 taboas (s.a.)

Ec3 assiduo (s.a.)

Ec3 traz vezes
abillindado vizinhas
espernear *rainha*⁷¹
cerebro (s.a.)
Ec3 debalde,

Ec3 joven **Ec3**, **Ed**
alevantar
Ec3 mais soberbo

⁷⁰ A grafia de *endeusava* foi corrigida pelo editor no texto crítico, por isso está destacado em itálico.

⁷¹ A palavra *rainha* está escrita em itálico e sem aspas na publicação feita na década de 193[3] no jornal O Conservador (recorte localizado na Coletânea n. 3).

Depois será feliz, muito feliz e ver-se-á cercado de **Ec3**, **Ecv** principesinhos
 príncipezinhos que mimosearão docemente o divino mimoseará
 aconchego do seu futuro lar.

Ec3 AMY

Entre os testemunhos, é significativa a construção da introdução em **Emd**, para trazer uma explicação sobre o momento em que o texto foi escrito, bem como para adaptá-lo a uma nova publicação em um livro, quase seis décadas depois de ter sido lançado, pela primeira vez, em um periódico. A primeira versão **Ec3**, impressa, não apresenta anotações autógrafas. A primeira escrita da introdução, **Emd**, mostra-se apressada, com a presença de abreviaturas, muitas supressões e substituições. No testemunho **Ecv**, tem-se uma cópia limpa, considerada como texto definitivo para o preparo da publicação. A introdução feita para a crônica permaneceu nos testemunhos **Ed** e **Eop**.

4.3.12 Granadas de 1933

O texto intitulado *Granadas de 1933* faz parte da seção *Crônicas e Discursos* do livro *Pedaços de Vida*, situado às páginas 93 e 94. Trata-se de uma crônica que a escritora fez em homenagem à amiga Maria Odete Crusoé. Àquela época era comum a publicação em jornais de Perfis, textos que homenageavam alguém, pela formatura. Na obra publicada, a escritora fez uma introdução para explicar aos leitores sobre o referido perfil.

A tradição desse texto é composta por cinco testemunhos, sendo que um deles apenas traz o rascunho da parte que se tornou a introdução do livro. Os testemunhos são:

Granadas de 1933 impresso (Gi); *Granadas de 1933 Meu Diário (Gmd)*; *Granadas de 1933 Caderno Verde (Gcv)*; *Granadas de 1933 Datiloscrito (Gd)*; *Granadas de 1993 Obra Publicada (Gop)*.

O testemunho **Gi** foi considerado o mais antigo, pois se trata de um recorte de jornal, sem indicação de fonte, nem de data, nem de página. O texto foi publicado no Jornal *O Imparcial*, segundo informações contidas na introdução feita pela escritora. Esse perfil foi publicado, acredita-se, na década 193[0], provavelmente, período em que a escritora colaborava com jornais baianos. O testemunho está localizado em uma pasta catálogo azul, no APMC.

O testemunho **Gmd** situa-se às folhas [22v] e [23]. Esse texto consta apenas da introdução da crônica, escrito á época em que organizava o livro⁷², trata-se de um rascunho. Ocupa as linhas 12º a 20º da folha [22b] e as linhas de 1 a 4 da folha [23].

O testemunho **Gcv**, é um texto passado a limpo, apresentando um acréscimo. Está situado às folhas [155] a [158].

O testemunho **Gd** localiza-se às folhas [122] e [123]. Apresenta poucas rasuras autógrafas feitas de caneta esferográfica de cor azul, em mais uma campanha de revisão.

Segue o texto crítico acompanhado do aparato:

GRANADAS DE 1933

(Jornal O Imparcial)

Gop Granadas de 1993⁷³

Gi Maria Odette Crusoé

Gev (Jornal<>O

Imparcial)

Gev <e>a **Gcv** poesia; <e>

[↑e] o

5 Naquela época, quando a mocidade valorizava a literatura, a poesia e o romance eram a maior expressão do sentimento, quase todos os colégios publicavam “PERFIS” dos seus neoformandos, sendo muito apreciado pelos leitores. Escrevi muitos, que foram publicados no (O IMPARCIAL) de Salvador, transcrevo apenas um:

Maria Odete Crusoé

Preferindo da vida jóias raras

Diamante, safira ou turmalina

10 Encontrarás uma pérola mais cara

Nesse coração sublime de menina!

Sim! Coração sublime e nobre de menina-moça! coração que ama, que perdoa e que esquece os males que a vida rudemente sabe ofertar às almas santas!

Gev joias rara **Gi** joias caras

Gi de brilhante,

Gi encontrarás uma pessoa mais rara,

Gev [↑e nobre] **Gi** Coração

Gi tão **Gi** Bondade,

carinho, singeleza e

perfeição, é tudo

Gi Que essa menina loira,

traz dentro de uma alma

pura e de uns olhos verdes,

lindos como o oceano

imenso! [q- circunda a

nossa vida]⁷⁴ rudemente

⁷² Essa introdução foi feita para a publicação desta crônica no livro para dar a conhecer ao público leitor do livro, diverso do jornal, outro gênero textual. Foi a forma que a autora encontrou de situar essa publicação no formato livro, mas esclarecendo a sua origem.

⁷³ O ano de 1993, que compõe o título do texto publicado no livro, foi registrado com provável equívoco, observando-se os rascunhos e demais testemunhos da crônica, verifica-se que nos demais registros consta *Granadas de 1933*, por isso, no trabalho de edição optou-se por esse título para registrar no texto crítico.

⁷⁴ O período “q- circunda a nossa vida” é um acréscimo feito pela escritora no recorte do jornal, a lápis, possivelmente à época em que organizava o livro para publicação.

15 E dizer agora a beleza espiritual do seu sorriso melancólico de Madona, me é impossível, pois falta-me à pena a fidelidade que caracteriza os espíritos iluminados.

Não obstante a minha pequenez, não resisto à tentação de trazer à baila o quanto de graça, sedução e encanto, foram feitos
20 esses lindos olhos verdes que ela tem.

Será que ama a Odetinha? Não... nunca amou, iludiu-se apenas. Ela é a eterna sonhadora de um romance lindo... ela sonha com um deus moreno de olhos verdes, para unir num beijo puro e santo a sua felicidade, nunca amou, teve na vida uma ilusão
25 passageira, como um sonho doce que não viveu.

“Deliciosa”... alguém a chama; e eu aqui proclamo-a deliciosíssima!... Da vida escolar que trilhamos juntas, que poderei dizer? tudo e nada; tudo porque ela sendo perfeita é inteligente. Nada porque é tímida e calma, colocando suas
30 obrigações acima das distrações momentâneas.

Quando alguma maldade a faz sofrer, ela vem, meiga e triste, com os olhos numa lágrima de tortura, jogar na profundidade da minha admiração, os seus segredos ingênuos como sua bela alma!

35 E agora que a Odetinha deixa o convívio despreocupado da escola, deixa também no coração dos seus colegas, uma saudade imensa e no coração do velho templo a mais terna e fiel recordação.

40 E na minh'alma Odetinha, terás a mais grata e sincera das lembranças e uma afeição mais leal e inquebrantável.

Segue a vida nova que te surge resplendente e grandiosa e terás um destino coroado de felicidade.

Gi, Gev madona **Gev** impossível
Gi prodigiosamente iluminados, que de um só golpe, nos dão a idéia perfeita da imagens por eles vivida.

Gev a tentação⁷⁵ **Gi** a minha inferioridade **Gi** a (s.a.) tentação **Gi** a (s.a.)baila
Gi encanto (s.v.)
Gi olhos que ela tem<.> /,\
[e] não nega a muita gente sequiosa, um olhar piedoso e comovente de felicidade!
Gi lindo... muito lindo!...
Gi a sua divindade augusta e eterea (s.a)! **Gi** Nunca amou...
Gi doce **Gi** viveu...

Gev **Gi** alguém (s.a.) **Gev** **Gi** deliciosíssima (s.a.)
Gi que docemente trilho com Odette, **Gi** Tudo e nada.
Gev <T>/\udo **Gi** porque ela é sempre
Gi tímida e calma observando as cousas para depois rir ou chorar silenciosamente!
Gi ingenuos (s.a.)

Gi Odetinha deixa para sempre
Gi Escola, vai deixar também no coração de todas as colegas que a apreciam,
Gi imensa e grande **Gi** e vai deixar também no
Gi Odetinha, tu terás **Gev** Sincera
Gi **Gev** inquebrantavel (s.a.)
Gi Surge, **Gi** grandiosa,

Gi MADY

⁷⁵ Crase acrescentada pelo editor.

Estudados os manuscritos da crônica *Granadas de 1933*, examinamos, palavra a palavra, todos os testemunhos, comparando-os. As muitas rasuras materiais, feitas pela escritora, foram registradas em aparato. Ao serem comparados os testemunhos **Gi** e **Gcv**, podem ser observadas muitas rasuras imateriais, pois ao reescrever o texto para publicá-lo em livro, a escritora suprimiu muitas palavras e frases. Uma provável tentativa de deixar o texto mais direto, mais resumido. Muitas modificações se deram na pontuação e na correção da acentuação das palavras, bem como na revisão (orto)gráfica segundo a norma vigente na época [1993]. As modificações sofridas pelo texto lhe trouxeram novos sentidos. O manuscrito passado a limpo, **Gcv**, foi tomado como última versão do texto, esse fora datilografado (**Gd**) para, enfim, ser destinado à publicação (**Gop**).

Estudar os manuscritos madyanos, na esteira da Crítica Textual moderna (com os manuscritos presentes) nos fez ver como a escritora trabalhou na construção do seu livro *Pedaços de Vida*. Nessa perspectiva da edição crítica, interessa o processo de criação e a obra a ser entregue ao público, isto é, o produto (o livro produzido pela escritora) e o processo (seu itinerário de escritura).

Conforme Grésillon (2007, p. 196) [...] “todo manuscrito é uma terra prometida para os apaixonados pela língua em ato”. Assim, a proposta de leitura dos manuscritos madyanos promove uma nova maneira de ler a obra, observam-se as construções, revisões e retomadas do texto realizadas pela escritora. Por meio do trabalho editorial, conhecemos as escolhas feitas pela escritora. Há, dessa forma, uma pluralidade de sentidos e de possibilidades que se delineiam a cada movimento de gênese (campanhas de revisão, reescritura).

No trabalho de interpretação desses movimentos, o pesquisador encontra partes de um processo que se materializaram no suporte em que a obra foi construída (CASTRO, 1995). Realizamos um trabalho de interpretação, que se compreende subjetivo. Trabalhamos com as pistas deixadas pela autora, oferecendo novas possibilidades de leitura a partir das marcas flagradas nos textos, sobretudo para oferecer a leitura da história de tais textos, no que diz respeito à sua produção, transmissão e recepção.

A Crítica textual (moderna) possibilita que se faça um levantamento das modificações textuais/autorais e, com um estudo minucioso, podemos conhecer o processo de escritura dos textos recortados para esta análise. Tivemos acesso ao que a escritora inicialmente pensou e transferiu para o papel, mas que o leitor comum não teve acesso: a escrita de primeiro jato, as campanhas de revisão realizadas pela escritora, no tocante à pontuação, acentuação e grafia das palavras. Seus textos são significativamente marcados por esses movimentos.

Além de destacar o trabalho autoral, uma edição crítica também revela o labor do editor crítico, que proporciona, ao final do seu trabalho, a possibilidade de transmitir textos para estudos futuros e para a divulgação de um escritor, bem como de sua produção literária.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o estudo que ora se finda, apresentamos a leitura do Acervo de Mady Crusoé (AMC), bem como a escritora Mady Crusoé e(em) seus papéis. Descrevemos os papéis em que a produção literária madyana foi produzida e arquivada, indicando alguns movimentos de (re)escritura e as suas campanhas de revisão; realizamos a leitura do processo de escritura de alguns manuscritos de *Pedaços de Vida*, através da edição crítica de manuscritos autógrafos.

Com o estudo dos manuscritos, mostramos o projeto do livro *Pedaços de Vida* e o seu preparo para a publicação. Buscamos na Filologia o respaldo teórico-metodológico para tratamento e leitura dos documentos; na Arquivística, encontramos embasamento para a organização do conjunto documental do AMC, bem como para a feitura do inventário; e na Crítica Genética, encontramos os meios para classificar as rasuras presentes nos rascunhos e para interpretar as transformações da escrita.

Observamos que as anotações nos cadernos e nos papéis avulsos, feitas pela escritora, exibem a marca de um acontecimento que ela objetivou e pôs em prática. Constatamos o que disse Grèsillon (2007 [1994], p. 197), de que o manuscrito é uma “espécie de laboratório vivo para provar, ilustrar e afinar uma determinada concepção da linguagem”. Estudar os traços da gênese desses textos nos fez ver a língua em ato, com as suas intervenções, retomadas, erros e correções, êxitos, domínios.

Ler o acervo madyano nos fez constatar, sobretudo, que todo escritor é leitor de outros textos, depois leitor crítico dos seus escritos antes de reescrevê-los e corrigi-los da maneira que acredita ser mais interessante para o seu leitor. Nos manuscritos de *Pedaços de Vida*, de Mady Crusoé, localizados em seu acervo particular, flagramos uma escritora, leitora de seus próprios escritos, no processo de organização do primeiro e único livro que publicou. As rasuras, anotações e questionamentos que ela faz às margens, nas entrelinhas, etc, dos seus manuscritos, representam as marcas das fases pelas quais passou o seu trabalho. Muitas dessas marcas evidenciam que a escritora reconsiderou, de alguma forma, o que sentira ou escrevera.

Os textos que documentam a criação de *Pedaços de Vida* reúnem textos de primeira mão, textos copiados pelo autor e pela datilógrafa (sua neta) com correções autógrafas, bem como outros textos que se aproximam da versão concebida como final. Desse conjunto documental, escolhemos os testemunhos que apresentam rasuras mais significativas, que denotam a(s) vontade(s) da autora, para realizarmos a edição crítica. Com o confronto entre os testemunhos e acompanhando os movimentos da sua escritura, verificamos que a escritora se mostra preocupada com a estética de suas produções, buscando lapidar os seus textos. O seu

primeiro passo na construção do livro consiste em “resgatar” esses textos das gavetas, pastas e coletâneas em que foram arquivados, ao longo da vida, por seu esposo. Dispersas em seu acervo, suas produções ganham vida ao serem recolhidas para compor o seu primeiro livro publicado, cujos textos são voltados, em grande parte, para temáticas referentes às suas experiências vividas. E mesmo quando as suas vivências não são o tema principal, há sempre o seu espaço doméstico, ou a sua paixão pela cidade.

Mady Crusoé apresenta as suas lembranças do passado e isso inclui a memória da sua cidade, com quem dialoga no poema *Nazaré Primavera*: “Vem Nazaré, reza a primavera da vida/ Rasga o teu seio e planta a semente do progresso/ Esquece os invernos do passado minha terra doce e amiga” (CRUSOÉ, 1993, p.50). As suas lembranças trazem à tona o passado desse lugar, representado pelos aspectos geográficos, pela imprensa de Nazaré, além de representar, em parte, o comportamento de mulheres escritoras do início do século XX, no cenário da literatura baiana, produzida no interior do estado da Bahia. A cidade de Nazaré é, também, matéria da memória, pois a escritora descreve a sua arquitetura colonial e seus elementos naturais, tudo como plano de fundo para evocar as experiências que quer narrar. A casa onde morava e a própria cidade se apresentam na sua narrativa como seiva de onde retira a memória.

A criação poética madyana é fruto de uma mistura do que a autora viveu – as perdas, os ganhos, a dedicação à educação, as tradições de sua época, a família, as memórias. As crônicas que publicou em jornais, também, testemunham as releituras que fez de acontecimentos e opiniões. Suas produções aparecem como um lugar de culto à memória familiar, às histórias que lhe foram transmitidas oralmente; ou ainda hábitos e costumes de sua terra, e, ao mesmo tempo, há um passado compartilhado com situações cotidianas significativas para os leitores.

Em *Pedaços de Vida*, a escritora apresenta-se em seus textos como personagem das narrativas e dos versos. Por este motivo, afirmamos que a sua obra apresenta uma escrita que se encena e que orienta o leitor a uma interpretação autobiográfica. Apesar de compreendermos que seu texto possui um estatuto de texto ficcional, percebemos que ela se mostra preocupada em apresentar datas em que escreveu alguns dos seus textos; preocupa-se em conservar os nomes das personagens, que são reais (filhos, netos, nora, o pai adotivo, o poeta Anísio Melhor, por exemplo). Esse aspecto autobiográfico é demonstrado desde o subtítulo do livro, na folha de rosto da obra: *Pedaços de Vida – Sem cultura, sem talento, apenas... Emoções*. E complementa, no ângulo inferior esquerdo da página, com a explicativa: “Nunca me passou pela ideia escrever livros. Por insistência dos meus filhos, resolvi imprimir

este livrete, que será de maior interesse familiar, preferindo que vocês, amigos sinceros, relevem as faltas, especialmente a ousadia de sentir-me escritora” [...] (CRUSOÉ, 1993, p. 1).

Essa fidelidade às suas experiências ganha corpo ao longo das suas narrativas, escritas em primeira pessoa, nas quais o narrador recorda-se de acontecimentos vividos, nos quais muitos familiares e amigos da escritora são citados. Claro que há alguns elementos que são fictícios, mas o grande eixo do livro é a sua própria vida.

O crítico é o intermediário entre o universo dos escritores e o dos leitores” (HAY, 2007, p. 28). Cabe ao crítico fazer com que o livro nas mãos dos leitores “[...] não seja um objeto, mas viva ainda todas as vidas que atravessou” (HAY, 2007, p. 28). São os manuscritos que promovem essa percepção, pois eles permitem que se observe o trabalho autoral, os movimentos da caneta, do lápis, da borracha, a escrita por todos os lados do papel, nos mais diferentes ângulos, tudo isto multiplica as possibilidades de leitura de uma obra. A partir das leituras dos manuscritos madyanos, observamos os tipos de correção por ela empregados na (re)feitura dos seus textos. Ela é objetiva, o seu poder de representação é caracterizado pela objetividade nos sonetos e nas crônicas, como um processo depurador (DUARTE, 1993, p. 14) elimina as redundâncias, reconsidera o que escreveu anteriormente ou exclui definitivamente uma ideia. A edição crítica que apresentamos traz para o leitor elementos que foram expurgados do texto definitivo pela escritora. O trabalho que desenvolvemos objetivou instigar outros estudos. As variantes apresentadas no aparato genético possuem informações das mais diversas, podendo ser aproveitadas para os estudos linguísticos, literários, estilísticos sobre o processo de criação de Mady Crusoé, suas idas e vindas, suas modificações e retomadas.

Em função da pesquisa no AMC, notamos o quanto é evidente o processo de modificações pelo qual os textos passam entre os labores autoral e editorial. Salientamos, ainda, a estreita relação escrita-reescrita, bem como as atividades de redação, cópia e edição estão intrinsecamente ligadas, são inseparáveis dentro de um processo de como um texto se torna público. Desse modo, coube a nós tentar contar e esclarecer a história desses textos, sua gênese. Nessa perspectiva, o texto não é apenas o produto final, publicado. Os manuscritos são o espaço no qual as ideias ganham vida. Os rascunhos da produção literária de um escritor não são apenas fragmentos, mas partes autênticas da própria obra, visto que o texto é um tecido, um trabalho de entrelaçamento de fios, de ideias que surgem, desaparecem ou reaparecem de outra forma.

Ao final deste trabalho, que visou também a edição crítica de manuscritos de *Pedaços de Vida*, acreditamos ter colaborado para a valorização e divulgação da produção

literária de Mady Crusoé, escritora ainda desconhecida do grande público. Esperamos que esta pesquisa contribua, de alguma forma, para os estudos sobre escritoras baianas e que possa suscitar outras atividades referentes ao acervo desta escritora, em especial.

REFERÊNCIAS

- ANASTÁCIO, Sílvia Maria Guerra, SILVA, Célia Nunes. **Uma Visão Sistêmica do Processo Criador**. *Tessituras & Criação*. n. 3, set. 2012. [suporte eletrônico] Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/tessituras/article/download/8753/8305>. Acesso em 17 nov.2017.
- ARAGÃO, Esmeralda Maria. FREITAS, Joseania Miranda. **Denise Tavares: Traços biográficos**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- ARTIÉRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. In: *Revista Estudos Históricos*. v. 11, n. 21. 1998.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos Permanentes: tratamento documental**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BIASI, Pierre-Marc de. A crítica genética. In: BERGEZ, Daniel. **Métodos críticos para a análise literária**. Tradução Olinda Maria Rodrigues Prata. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. **A genética dos textos**. Tradução Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- BIASI, Pierre-Marc de. A crítica genética. In: BERGEZ, Daniel [et al.] **Métodos críticos para a análise literária**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BORDINI, Maria da Glória. **Manual de Organização do Acervo Literário de Érico Veríssimo**. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, v. 1, jan. 1995.
- BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de. Filologia e Edição de Texto. In: BORGES, Rosa [et al.]. **Edição de texto e crítica filológica**. Salvador: Quarteto, 2012. p. 15-59.
- BORGES, Rosa. Filologia, genética e sociologia do texto: um diálogo entre críticas. In: **Compêndio de Crítica Genética: América Latina**. Vinhedo, Editora Horizonte, 2013. p. 43-50.
- _____. Exercício de crítica filológica. In: BORGES, Rosa [et al.]. **Edição de texto e crítica filológica**. Salvador: Quarteto, 2012, p. 98-105.
- CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CARVALHO E SILVA, Maximiano de. Crítica textual: conceito, objeto, finalidade. **Confluência**: Revista do Instituto de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, n.7, p. 57-63, jan/jun. Separata,1994.
- CARVALHO, Rosa Borges Santos. A Filologia e seu objeto: diferentes perspectivas de estudo. **Phillologus**, Rio de Janeiro: CIFEFIL, ano 9, n. 26, p. 44-50, maio-ago. 2003.

_____. **Poemas do Mar de Arthur de Salles**: edição crítico-genética e estudo. 2002. 2v. 809 + 56 il. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

CASTRO, Ivo. A casa fechada. In: **Revista Escritos**, Ano 3, n. 3, p. 23-36, 2009. Disponível em:
http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero03/FCRB_Escritos_3_2_Ivo_Castro.pdf. Acesso em: maio 2016.

_____. **Editar Pessoa**. Lisboa: Imprensa nacional; Casa da Moeda, 1990.

CASTRO, Ivo. O retorno à filologia. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias. **Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários ‘in memoriam’ Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 511-20

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Trad. Fulvia M.L. Moretto. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

CRUSOÉ, Mady. **Coletânea de poemas de autores diversos** [manuscrito]. 12 de out. 1935.

CRUSOÉ, Mady. Discurso da profa. Maria Madalena Crusoé na Sessão de Encerramento. In: **A voz do Professor**. Salvador, ano V, n. XLV, jul. 1952, f.1-6.

CRUSOÉ, Mady. **Discurso em homenagem a Américo Crusoé, na Santa Casa de Misericórdia de Nazaré**. [manuscrito]. Nazaré, BA, 1990, f. 1-4.

CRUSOÉ, Mady. **Discurso em homenagem aos 140 anos de emancipação política de Nazaré**. [manuscrito]. Nazaré-Ba, 10, nov. 1989, f. 1-4.

CRUSOÉ, Mady. **Discurso em homenagem à Professora Denise Tavares**. [manuscrito]. Nazaré, BA, [198-], f.1-4.

CRUSOÉ, Mady. **Discurso sobre o título de Educador Emérito**. [manuscrito]. Salvador, BA, 1985, f. 1-4.

CRUSOÉ, Mady. Estação Ferroviária (Reminiscências). **A Tarde**, Salvador, p.11, 8 de nov. 1985.

CRUSOÉ, Mady. **Pedaços de Vida**. Salvador: Edições Travessia, [1993].

CRUSOÉ, Mady. **Recordações**: *Continuação da palestra sobre o poeta dos escravos*. [discurso manuscrito]. Nazaré, BA, [197-], f. 1-4.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Acervos: gênese de uma nova crítica. In: MIRANDA, Wander Melo. **A trama do arquivo**. Belo Horizonte: UFMG, 1995.

DERRIDA, Jaques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Tradução Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIAZ, José-Luís. “Qual genética para as correspondências?” Tradução Cláudio Hiro e Maria Sílvia Ianni Barsalini. In: **Manuscrita**: Revista de Crítica Genética, 15. São Paulo: Associação de Pesquisadores de Crítica Genética/Humanitas, 2007, p. 119-162.

DUARTE, Luiz Fagundes. **A fábrica dos textos**: ensaios de crítica textual acerca de Eça de Queiroz. Lisboa: Cosmos, 1993.

_____. A maldição do manuscrito autógrafo. **Qvinto império**: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa, Salvador, n. 5, p.87-96, 2. sem. 1995.

_____. Glossário. In: _____. **Crítica textual**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1997. 106 p. Relatório apresentado a provas para a obtenção do título de Agregado em Estudos Portugueses, disciplina Crítica Textual. p.66-90.

DUARTE, Luiz Fagundes. Entre Penélope e Euriclea. In: SANTOS, Rosa Borges; TELLES, Célia Marques. **Filologia, críticas e processos de criação**. Studia Philologica. Curitiba: Appris, 2012. p. 53-67

DUARTE, Luiz Fagundes. Manuscritos: para que servem. In: **Revista Estudos Linguísticos e Literários**, n 20, setembro 1997. p. 11-20.

DUARTE, Luiz Fagundes. **Tempo de perguntar**. *Veredas*, Porto Alegre, v.8, 2007. p. 11-29.

DUARTE, Constância Lima. Arquivos de Mulheres e Mulheres Anarquivadas – Histórias de uma história mal contada. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. (Orgs.) **Crítica e Coleção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. pp.129-160.

_____. **Arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Tradução Elisa Monteiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. (Coleção Ditos e Escritos II)

GENETTE, Gèrard. **Paratextos editoriais**. Tradução Álvaro Falheiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

GRÉSILLON, Almuth. **Elementos de crítica genética**: ler os manuscritos modernos. Tradução Cristina de Campos Velho Birck [et al.] Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007 [1994].

GRÉSILLON, Almuth. Crítica genética, prototexto, edição. In: GRADO, Ângela; CIRILLI, José, (Org.). **Arqueologias da Criação**: estudos sobre o processo de criação. Belo Horizonte: C/arte, 2009, p. 41-51.

HAY, Louis. **A literatura dos escritores**: questões de crítica genética. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

LE GOFF, J. **História e memória**. 2.ed. Campinas: UNICAMP Editora, 1992.

LEONE, José. [Carta] 25 abr. 1952, Nazaré -BA [para] CRUSOÉ, Mady. Nazaré. 1f. Parabeniza-a sobre o texto que escreveu sobre Estágio e Concurso, que apresentou na SUPPE, em Salvador, BA.

LEJEUNE. Philippe. **O Pacto autobiográfico**. Tradução Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. **Textos, etapas, variantes**: o itinerário da escritura. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. N. 31, p. 147-159, São Paulo, 1990.

MARIA MAGDALENA. Sacerdote da Roça. In: **Mensageiro**. Paróquia Nossa Senhora de Nazaré. Nazaré-Ba, 6 ago.1950, Ano 1, n. 18, f.1-4.

MARQUES, Reinaldo. **O que resta nos arquivos literários**. In: SOUZA, Eneida Maria de. MIRANDA, Wander Melo. (Orgs.) *Crítica e Coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MATANDO SAUDADES... **O Conservador**. Nazaré, Jun. 1932.

MENDES, Marlene Gomes. **Edição crítica em uma perspectiva genética de As três Marias de Rachel de Queiroz**. Niterói: EDUFF, 1998.

MIRANDA, Wander Melo. **O apagamento do arquivo modernista**. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. *Crítica e Coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 118-128.

MORAES, Marcos Antonio. **Epistolografia e Crítica Genética**. In: *Cienc. Cult.* vol.59 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2007.

MORRÁS, Maria. **Informática y crítica textual**: realidades y deseos. In: Veja Ramos, María José (coord.). *Literatura hipertextual y teoria literária*. La Rioja: Mare Nostrum Comunicación, 2003. p. 225-240. Disponível em [HTTP://dialnet.unirioja.es/servlet/librocodigo5328](http://dialnet.unirioja.es/servlet/librocodigo5328)>; Acesso em: set. 2015.

MOTA, Mabel Meira. **Da trama do arquivo à trama detetivesca de Irani ou As Interrogações, de Ariovaldo Matos**: leitura filológica do arquivo e edição do texto. 2012. 220 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

MOTA, Urânia Teixeira. **Louça de Deus**: o caxixi em Maragogipinho. Salvador: Fast Design, 2011.

NORA, Pierre. **Entre memória e História**: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, António Braz de. Arquivística literária: notas de memória e perspectiva. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, Porto Alegre, v. 8, p. 373-382, 2007. Seção: Crítica e Arquivística.

PRIEGO, Miguel Àngel Pérez. **La edición de textos**. Madrid. Sínteses, 1997.

RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Papyrus, 1997.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François [et al]. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2012.

SALLES, Cecília Almeida. Crítica genética: *uma introdução*. **Fundamentos dos estudos genéticos sobre os manuscritos literários**. São Paulo: EDUC, 1992. p. 18.

_____. **Redes da criação. Construção da obra de arte**. São Paulo: Editora Horizonte, 2006.

SANCHES NETO, Miguel. Autobiografia Material. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. **Crítica e Coleção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 64-75.

SANTOS, Rosa Borges dos. A filologia textual e a gramática estilística do autor. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos (Org.). **Diferentes Perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006.

SANTOS, Rosa Borges dos. Uma metodologia aplicada à edição de textos teatrais. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (Org.). **Múltiplas perspectivas em linguística**. Uberlândia: Edufu, 2008. 1 CD-ROM. P. 2663-2670.

SCARANTE, Ionã Carqueijo. **Um convite à leitura de Anísio Melhor**. 2008. 1v. 150f . Dissertação (Mestrado em Cultura Memória e Desenvolvimento Regional) – Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus V, Santo Antonio de Jesus.

SILVA, Virgilina Maria Pinto e. **Retalhos de vida**. 1994 1 v. 24 f. Monografia (Graduação) – Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus V, Santo Antonio de Jesus.

SOUZA, Eneida Maria de. Crítica genética e crítica biográfica. In: **Letras de hoje**. Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 25-29, out. / dez. 2010.

SOUZA, Eneida Maria de. MIRANDA, Wander Melo. (Org.). **Arquivos Literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

SOUZA, Eneida Maria de. Crítica biográfica e gênese textual. In: **Filologia, Críticas e Processos de Criação**. TELLES, Célia Marques. SANTOS, Rosa Borges. (Org.). Curitiba: Appris, 2012, p. 299-308.

SOUZA, Maria Aparecida Crusoé de. **Discurso proferido em homenagem ao Centenário de Mady Crusoé**. Câmara Municipal de Nazaré, BA, 2013, f. 1- 4.

TAVANI, Giuseppe. Filologia e genética. In: **Revista Estudos Linguísticos e Literários**, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, n. 20, Salvador, setembro, 1997, p. 79-96.

TAVANI, Giuseppe. Metodología y práctica de la edición crítica de textos literarios contemporáneos. In: **Litterature Latino-Americaine et des caraïbes du XX siècle**. Theorie et pratique de l'edition critique. Collection Archives. Roma: Bulzoni, 1988. p. 65-84.

WILLEMART, Philippe. **Bastidores da criação literária**. São Paulo: Iluminuras, 1999.

INVENTÁRIO DO ARQUIVO PARTICULAR DE MADY CRUSOÉ (APMC)

01 SÉRIE VIDA

01a Subsérie Documentos Pessoais

CARTEIRA DE IDENTIDADE. Bahia. 17 jun. 1941. Estado de conservação: Bom Obs: Apresenta partes ilegíveis, mas não comprometem a leitura.	01a0001-41
CARTEIRA DE IDENTIDADE DE BENEFICIÁRIO. INAMPS. Nazaré-BA, s.d. Estado de conservação: Muito bom Obs.: Segurada (Aposentada)	01a0002-sd
CARTEIRA PROFISSIONAL. Bahia. 1968 Estado de conservação: Bom Obs.: Documento expedido pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social	01a0003-68
FOLHA DE CHEQUE. Banco do Brasil. n. 045194. Nazaré-BA, 21 julho 1997. Estado de Conservação: Muito bom Obs: Cheque no valor de R\$300,00, assinado pela titular.	01a0004-97
FOLHA DE CHEQUE. Banco do Brasil n. 045196. Nazaré-BA, s.d. Estado de conservação: Muito bom Obs: Cheque em branco, assinado pela titular.	01a0005-sd
FOLHA DE CHEQUE. Banco BANEBA. n. 27859. Nazaré-BA. Estado de conservação: Muito bom Obs: Cheque em branco, assinado pela titular.	01a0006-sd
CERTIDÃO DE CASAMENTO. Nazaré-Ba, 31 agosto de 1938. Estado de Conservação: Muito Bom Obs: texto manuscrito assinado pelo Tab. Jamin Nogueira Brandão.	01a0007-38
CERTIDÃO DE CASAMENTO. Nazaré-Ba, 02 set. 1938. Estado de conservação: Bom Obs: Texto manuscrito. casamento ocorreu em 25 de maio de 1938	01a0008-38
CERTIDÃO DE CASAMENTO. Nazaré-Ba, 10, set. 1938. Estado de conservação: Muito bom Obs: não é cópia do testemunho 01a0008-38, manuscrito assinado pelo Tab. Jamin Nogueira Brandão.	01a0009-38
ESCRITURA PÚBLICA DE ADOÇÃO. Nazaré, 20 de fevereiro de 1957. Livro n. 2, folha 96 Estado de conservação: bom Obs.: Este documento comprova que Mady Crusoé foi oficialmente adotada pelo Cônego Getúlio Rosa, a quem chamava de padrinho.	01a0010-57
CERTIDÃO DE CASAMENTO. Nazaré-Ba, 20 jun. 1970. Estado de Conservação: Bom Obs: Formulário preenchido e assinado por Oficial do registro civil: Vilobaldo José da Silveira.	01a0011-70

01b Subsérie Comprovantes de atividades profissionais

PORTARIA. 377/34. Departamento de Instrução Pública. Bahia, 23 abril 1934. 1f. Estado de Conservação: Regular Obs: O documento encontra-se rasgado em várias partes, e faltando um pedaço que compromete, em parte, o entendimento do texto. Nomeação para professora substituta para reger escola de 1ª classe.	01b0001-34
PORTARIA 345/35. Departamento de Instrução Pública da Bahia. Bahia, 19 mar. 1935. 1f. Estado de Conservação: Bom Obs: Nomeação para professora substituta para reger escola de 3ª classe em Nazaré	01b0002-35
DECRETO. Secretaria do Interior, Justiça e Instrução Pública da Bahia. Bahia, 05 set. 1935. 1f. Estado de conservação: bom Obs: Nomeação para professora substituta para reger escola de 1ª classe.	01b0003-35
DECRETO. Secretaria do Interior, Justiça e Instrução Pública da Bahia. Bahia. 09 nov. 1937. 1f. Estado de Conservação: Bom Obs: Nomeação para Professora Substituta para reger escola de 3ª classe.	01b0004-37
DECRETO. Secretaria de Educação e Saúde. Bahia, 26 maio 1941.1f. Estado de Conservação: Bom Obs: Nomeação para Professora Substituta para reger escola de 3ª classe.	01b0005-41
PROCESSO n. 3594/46. Interventor Federal no Estado da Bahia. 11 jul. 1946. 1 f. Estado de Conservação: Bom Obs: Nomeação para exercer o cargo da classe B, da carreira de Professor do Interior, do Quadro de Funcionalismo Público Civil do Estado, ficando lotada na Secretaria de Educação e Saúde.	01b0005-46
CADERNETA DE CONTRIBUINTE. n. 7931. Bahia, 18 nov. 1946. Estado de Conservação: Bom Obs.: Montepio dos Funcionários Públicos do Estado da Bahia	01b0006-46
OFÍCIO n. 20/62. Delegacia Escolar. Nazaré-Ba, 13 nov. 1962. 3f. Estado de Conservação: Bom Obs: Referente ao Telegrama sob n. 1545, enviado ao Secretário de Educação e Cultura do Estado por Maria Magdalena F. Crusóé.	01b0007-62
OFÍCIO. s.n. Nazaré- BA, 25 fev. 1963. 2f. Estado de Conservação: Bom Obs: Enviado por Narciso da Silva Pitanga em respeito ao seu pedido de exoneração do cargo de Delegada Escolar, em 23 de fevereiro de 1963.	01b0008-63
OFÍCIO. s.n. Nazaré, BA. 01 mar. 1963. 1f. Estado de Conservação: Bom Obs: Enviado pelo Prefeito Antonio dos Santos Melhor, referente ao	01b0009-63

pedido de exoneração de Maria M. F. Crusoé.	
LICÊNCIA PRÊMIO. Secretaria da Educação e Cultura. Salvador, BA, 16 mar. 1974. 1f.	01b0010-74
PORTARIA n. 6/65. Nazaré-Ba, 08 set. 1965. 1f. Estado de Conservação: Bom Obs: Documento mimeografado, assinado pelo Diretor do Educandário de Nazaré, Sr. Raymundo de Araújo Pereira. Homenagem aos professores e alunos pela Parada de 07 de setembro.	01b0011-65
REQUERIMENTO. Nazaré- Ba, 28 nov. 1972. 1f. Estado de Conservação: Bom Obs: Requerendo à Coletoria Estadual de Nazaré certificado por tempo de serviço.	01b0012-72
PORTARIA. Nazaré-BA, 27 mar. 1972. 1f. Estado de Conservação: Bom Obs: Recado anotado à margem superior esquerda do documento, à Magdalena, sobre a mudança do nome do Centro Cívico do Colégio Estadual Gov. Luiz Viana Filho, que se chamaria: Cônego Getúlio Rosa. (Possui uma cópia feita com carbono)	01b0013-72
REQUERIMENTO. Nazaré-BA, 18 jan. 1974. 1f. Estado de Conservação: Bom Obs: Requerimento solicitando Certidão de tempo de serviço, por Maria Magdalena F. Crusoé, à Coletoria Estadual de Nazaré.	01b0014-74
REQUERIMENTO. Nazaré-BA, 12 fev. 1975. 1f. Estado de Conservação: Bom Obs: Requerimento solicitando Certidão de tempo de serviço para fins de aposentadoria.	01b0015-75
CURRICULUM VITAE. Nazaré-BA, s.d., 1f. Estado de Conservação: Bom Obs: texto mimeografado e incompleto.	01b0016-sd

01c – Subsérie Comprovantes de atividades culturais

CONVITE FORMATURA. Nazaré-Ba, 14 dez. 1973. Estado de Conservação: Muito bom Obs.: Educandário de Nazaré e Colégio Comercial Clemente Caldas – Formatura de Professores e Contabilistas.	01c0001-73
CONVITE FORMATURA. Salvador –BA, 30 jan. 1976. Estado de Conservação: Bom Obs.: Formatura da sua filha Maria Aparecida.	01c0002-76

02 PRODUÇÃO INTELECTUAL

02a Subsérie Livro

CRUSOÉ. Mady. <i>Pedaços de Vida</i> . Nazaré, BA, 1993, 110 p. Estado de conservação: Bom Obs: Coletânea de poemas, crônicas e discursos de sua autoria. Localização: Cômoda sala 2	02a0001-93
---	------------

02b Subsérie Discursos⁷⁶

RECORDAÇÕES. [Nazaré], s.d Estado de conservação: Bom	02b0001-sd
“EXCELENTÍSSIMO SR. PREFEITO DA CIDADE...” Nazaré-Ba, s.d. Estado de conservação: Regular Obs.: Discurso em homenagem a Denise Tavares, apresentando manchas de água comprometendo a leitura da parte inicial do texto.	02b0002-sd
“QUERIDOS COMPANHEIROS...” Nazaré, s.d. Estado de conservação: Muito bom Obs.: Discurso aos companheiros do Rotary Clube em comemoração aos 05 anos da Casa da Amizade.	02b0003- sd
“EXMO. SR. GOVERNADOR DO ESTADO DR. JOÃO DURVAL CARNEIRO.”(2), Salvador-Ba, 30 out. 1985. Obs.: Discurso proferido no dia em que recebeu, do Governo do Estado, o Diploma de Educador Emérito.	02b0004-85
“EXMO. SR. PREFEITO MUNICIPAL...” (2) “Não irei fazer discurso...” Nazaré -Ba, 10 nov. 1989. Estado de conservação: Bom Obs.: Discurso proferido em comemoração ao aniversário de Emancipação Política da cidade de Nazaré.	02b0005-89
“ILMO. SR. PROVIDOR E DIGNOS IRMÃOS DA ...” Nazaré-Ba, s.d. Estado de conservação: Bom Obs.: Discurso proferido durante solenidade de posse de irmãos da Santa Casa de Misericórdia de Nazaré, dia em que seu esposo fora homenageado.	02b0006-sd

03 – SÉRIE PUBLICAÇÕES NA IMPRENSA

03a Subsérie Publicações sobre o autor e suas produções

PEDAÇOS DE VIDA. A Tribuna, Salvador, 07 jan. 1994. Estado Conservação: Bom Obs: Recorte de jornal armazenado na pasta n. 02	03a0001-94
MANHÃ DE AUTÓGRAFOS. A Tarde, Salvador, 12 mar. 1994. Estado de Conservação: Muito Bom Obs.: Localizado na pasta n. 02	03a0002-94
LANÇAMENTO. A Tribuna, Salvador, 17 mar. 1994. Estado de Conservação: Bom Obs.: Recorte de jornal localizado na pasta n. 02.	03a0003-94
LANÇAMENTOS. Pedacos de Vida. A Tarde, Salvador, 19 mar.	03a0004-94

⁷⁶ Os discursos estão localizados na pasta n.º 2 com folhas de plástico.

1994. Estado de Conservação: Bom Obs.:Recorte de jornal localizado na pasta n. 02	
---	--

03b Subsérie Publicações autorais

AMY. <i>Castelos...</i> O Conservador, Nazaré-Ba, 09 dez. 1932. Estado de Conservação: Bom Obs.: Recorte de jornal localizado na Coletânea n. 03, no verso da folha 55	03b0001-32
AMY. <i>O Presente de Papae Noel.</i> O Conservador, Nazaré – BA, s.d. Estado de Conservação: Bom Obs.: Recorte de jornal localizado na Coletânea n. 03, no verso da folha 55.	03b0002-sd
CRUSOÉ, Mady. <i>A Saudação ao Professor Aposentado.</i> s.l., s.d. Estado de Conservação: Bom Obs.: Recorte de jornal localizado na Coletânea n. 03, no verso da folha 56.	03b0003-sd
YMA. <i>Ellas.</i> O Conservador. s.d. Estado de Conservação: Bom Obs.: Recorte de jornal localizado na Coletânea n. 03, no verso da folha 56, (coluna de crônicas).	03b0004-sd
AMY. <i>Eles.</i> O Conservador, Nazaré-BA, s.d. Estado de Conservação: Bom Obs.: Recorte de jornal localizado na Coletânea n. 03, à folha 57.	03b0005-sd
AMY. <i>Eles.</i> O Conservador, Nazaré-BA, s.d. Estado de Conservação: Bom Obs.: Recorte de jornal localizado na Coletânea n.03, à folha 57.	03b0006-sd
CRUSOÉ, Mady. <i>Mensagem das Professoras Nazarenas.</i> s.l, s.d Estado de Conservação: Bom Obs.: Recorte de Jornal localizado na Coletânea n. 03, no verso da folha 57.	03b0007-sd
AMY. <i>Paisagem noturna.</i> O Conservador, Nazaré-Ba, s.d. Estado de Conservação: Bom Obs.: Recorte de jornal localizado na Coletânea n. 03, à folha 59.	03b0008-sd
AMY. <i>Fantasia.</i> O Conservador, Nazaré –BA, s.d. Estado de Conservação: Bom Obs.: Recorte de jornal localizado na Coletânea n. 03, no verso da folha 59.	03b0009-sd
MADY. <i>Granadas de 1933 – Maria Odette Crusoé.</i> s.l., s.d. Estado de Conservação: ruim Obs.: Recorte de jornal localizado na pasta n. 02	03b0010-sd
MARIA MAGDALENA. <i>O Sacerdote da roça.</i> Mensageiro. Nazaré-BA, 06 ago. 1950. Estado de Conservação: bom Periódico localizado na pasta n. 02	03b0011-50
CRUSOÉ. Maria Madalena F. <i>Discurso na sessão de Encerramento da 1ª Concentração Regional de Professores Primários.</i> A Voz do Professor, Salvador, jul. 1952, f. 4 e 6. Estado de Conservação: bom Jornal localizado na pasta 02	03b0012-52

CRUSOÉ, Mady. Estação Ferroviária (Reminiscências). A Tarde, Salvador, 08 nov. 1985. Estado de Conservação: bom Recorte de jornal localizado na pasta 02	03b0013-85
--	------------

04 – SÉRIE DOCUMENTOS AUDIOVISUAIS E DIGITAIS

04a Fotografias da infância e juventude de Mady Crusoé e Américo Crusoé

Mady aos sete anos na companhia dos primos Benedito e Isaac	04a0001-20
Mady em 1936- foto dedicada ao noivo Américo	04a0002-36
Mady Crusoé em 1936	04a0003-36
Mady Crusoé com o noivo Américo na década de 1930	04a0004-30
Américo Crusoé- formatura do curso de datilografia- 1920	04a0005-20
Alunas internas do Colégio da Soledade	04a0006-28

04b Fotografias de Mady Crusoé e família

Elisa, mãe de Mady	04b0001-sd
Cônego Getúlio Rosa (pai adotivo de Mady)	04b0002-sd
Mady, Américo, Cônego Getúlio, seus filhos Margarida e Getúlio	04b0003-sd
Mady, Américo e os sete netos	04b0004-sd
Mady, Américo e Dilmar Ramos (seu filho adotivo)	04b0005-85
Mady, Américo, Margarida e Jacy (filha adotiva)	04b0006-85
Mady, Américo, seu filho Getúlio e família	04b0007-85
Mady, Américo, sua filha Margarida e família	04b0008-85
Mady, Américo, sua filha Maria Aparecida e família	04b0009-85
Mady e Américo dançando	04b0010-sd
Mady e Américo- bodas de ouro	04b0011-88
Mady	04b0012-sd
Mady Crusoé discursando na inauguração da estação rodoviária de Nazaré	04b0013-80
Mady Crusoé em atividade na Santa Casa de Misericórdia de Nazaré	04b0014-sd

04c Fotografias de Mady Crusoé no Lançamento do livro em Nazaré

Mady autografando livro Pedacos de Vida	04c0001-95
Mady com os amigos Carlos Moura e Edmilson Prazeres	04c0002-95
Mady com a filha Maria Aparecida e amigos	04c0003-95

04d Gravações de áudio e imagem

Fita (de áudio) com a gravação do Hino ao Colégio Luiz Viana Filho Cantado pelo coral da Santa Casa de Misericórdia da cidade de Nazaré Estado de conservação – Bom Modelo/marca: BASF 60	04b0001-sd
---	------------

Cd contendo fotografias das homenagens ao seu centenário de nascimento Estado de conservação: Muito Bom	04b0002-13
--	------------

05 - SÉRIE MANUSCRITOS, NOTAS E RASCUNHOS

05a - Subsérie Cadernos manuscritos (referentes a *Pedaços de Vida*)

Caderno cenoura [1928] Estado de Conservação: Regular Obs.: Manuscritos de poemas feitos com caneta do tipo tinteiro, na cor preta.	05a0001-28
Caderno azul [1983] Estado de conservação: Bom Obs.: Caderno com as anotações de trabalhos escolares realizados pelas netas da escritora, em 1983, sobre poetas nazarenos.	05a0002-83
Caderno [1984] Estado de Conservação: Bom Caderno em brochura de capa dura, de estampa xadrez, contendo manuscritos de <i>Pedaços de Vida</i> .	05a0003-84
Caderno Meu Diário [1993] Estado de conservação: Bom Obs.: Caderno contendo manuscritos de <i>Pedaços de Vida</i> .	05a0004-93
Caderno Verde [1993] Estado de conservação: Bom Obs.: Caderno contendo manuscritos passados a limpo.	05a0005-93

05b - Subsérie textos datilografados

Datiloscrito [1993] Estado de conservação: Muito bom Obs.: Datiloscritos de <i>Pedaços de Vida</i> (encadernados) com correções autógrafas.	05b0001-93
---	------------

05c – Subsérie manuscritos em folhas soltas

BIOGRAFIA. Nazaré – Ba, s.d. Estado de conservação: Bom Obs.: texto manuscrito em três folhas pequenas, destacadas de caderno espiral, localizadas na pasta n. 02	05c0001-93
FANTASIA. Nazaré – Ba, s.d. Estado de conservação: Regular Obs.: Poema escrito em folha de papel pautado. Localizado na pasta n.02	05c0002-sd
CHEGOU A SUA VEZ BRASIL! Nazaré – Ba, s.d. Estado de conservação: Regular Obs.: Poema escrito em folha de papel pautado. Localizado na pasta n.02	05c0003-sd
GOSAI A MOCIDADE! Nazaré – Ba, s.d. Estado de conservação: Regular Obs.: Poema escrito em folha de papel pautado.	05c0004-sd

Localizado na pasta n.02	
VIM DA ROÇA. Nazaré – Ba, s.d. Estado de conservação: Regular Obs.: Poema escrito em folha de papel pautado. Localizado na pasta n.02	05c0005-sd
SAUDAÇÕES DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS À ILUSTRE CARAVANA. Nazaré – Ba, s.d. Estado de conservação: Regular Obs.: Poema escrito em folha de papel pautado. Localizado na pasta n.02	05c0006-sd
INDEPENDÊNCIA. Nazaré – Ba, s.d. Estado de conservação: Regular Obs.: Poema escrito em folha de papel pautado. Localizado na pasta n.02	05c0007-sd
SALVE ERATO GLORIOSA. Nazaré – Ba, s.d. Estado de conservação: Regular Obs.: Poema escrito em folha de papel pautado. Localizado na pasta n.02	05c0008-sd
PRIMAVERA MOCIDADE. Nazaré – Ba, s.d. Estado de conservação: Regular Obs.: Poema escrito em folha de papel pautado. Localizado na pasta n.02	05c0009 –sd
NAZARÉ PRIMAVERIL. Nazaré – Ba, s.d. (testemunho 1) Estado de Conservação: Ruim Obs.: Texto escrito em papel pautado.	05c00010-sd
NAZARÉ PRIMAVERIL. Nazaré – Ba, s.d. (testemunho 2) Texto escrito em papel pautado. Possui no verso um rascunho do poema intitulado “Não disse Adeus”.	05c0011-sd
CHEGOU A TUA VEZ BRASIL! Nazaré – Ba, s.d. Estado de Conservação: Regular Obs.: Texto escrito em papel pautado.	05c0012-sd
GOZAI A MOCIDADE! Nazaré – Ba, s.d. Estado de Conservação: Ruim Obs.: manuscrito em papel pautado, escrito com caneta tinteiro na cor preta.	05c0013-sd
VIM DA ROÇA. Nazaré – Ba, s.d. Estado de Conservação: Bom Texto escrito em papel pautado (suporte cortado ao meio) frente e verso, com caneta tinteiro na cor preta.	05c0014-sd
SAUDAÇÕES DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS À ILUSTRE CARAVANA. Nazaré – Ba, s.d. Estado de Conservação: Bom Obs.: Texto escrito a lápis, em metade de uma folha de papel pautado (cortada na horizontal), escrito frente e verso.	05c0015-sd
INDEPENDÊNCIA. Nazaré – Ba, s.d. Estado de Conservação: Bom Obs.: Texto escrito, com caneta esferográfica de tinta preta, em metade de uma folha de papel pautado (cortada na horizontal), frente e verso.	05c0016-sd
SALVE ERATO GLORIOSA. Nazaré – Ba, s.d.	05c0017-sd

Estado de Conservação: Bom Obs.: Texto escrito em papel pautado, de caneta esferográfica de tinta azul.	
PRIMAVERA <ÉS TU> MOCIDADE. Nazaré – Ba, s.d. Estado de Conservação: Ruim Obs.: Texto escrito em papel pautado, com marcas de destruição por fungos	05c0018-sd

05d – Notas manuscritas: Pesquisa em dicionário, organização do livro e Apresentação do livro

Notas sobre a organização do livro Estado de Conservação: Bom Texto escrito em folha de papel destacada de caderno espiral	05d0001-93
Notas para pesquisas em dicionário e para correção de um discurso Estado de Conservação: Bom Texto escrito em folha de papel destacada de caderno espiral	05d0002-93
Apresentação do livro Estado de Conservação: Bom Obs: composto por duas partes (uma folha de papel ofício cortada ao meio) sem margens, de Benwilson B. de Souza. Nazaré, 1993. Sob o título Orelha do livro.	05d0003-93

06 SÉRIE CORRESPONDÊNCIA

06a Subsérie Cartas da autora

CRUSOÉ, Mady. Carta a Jandira.(1) Nazaré, 13 maio 1966 Estado de conservação: Bom Obs.: o motivo da carta foi para negociar a venda de uma casa	6a0001-66
CRUSOÉ, Mady. Carta a Élvia. s.l., s.d. 5fls. Manuscrito. Estado de conservação: Bom Obs.: A carta é um rascunho. Inicia-se com: “Minha querida Élvia” contém 5 fs.	6a0002-sd
CRUSOÉ, Mady. Carta a Élvia. s.l., s.d. 2fls. Manuscrito. Estado de conservação: Bom Obs.: A carta é um rascunho. Inicia-se com: “Minha inesquecível Élvia” as suas folhas são escritas no anverso e verso.	6a0003-sd
CRUSOÉ, Mady. Carta aos colegas e funcionários. Nazaré, 20 maio 1987. 1f. Datilografado. Estado de conservação: Bom Obs.: Carta de despedida aos colegas do Colégio Estadual Gov. Luiz Viana Filho, na ocasião de sua aposentadoria.	6a0004-87

06b - Cartas à autora

AMADO, Jorge. Salvador, 31 mar. 1970 Estado de conservação: Muito Bom	06b0001-70
--	------------

FERREIRA, Elisa C. Nazaré, 12 mar. 1928 Estado de conservação: Bom	06b0002-28
FERREIRA, Elisa C. Nazaré, 08 maio 1928 Estado de conservação: Bom	06b0003-28
FERREIRA, Elisa C. Nazaré, s.d. Estado de conservação: Bom	06b0004-sd
M. MARIA. Soledade, 29 jan. 1928 Estado de conservação: Deteriorado Obs.: Carta de uma das freiras do Colégio da Soledade, onde autora estudou, em regime de internato, na cidade de Salvador.	06b0005-28
SILVA, Claudomiro C. Fazenda Santa Isabel, 22 maio 1938 Estado de conservação: Bom Obs: Carta do pai biológico de Mady Crusoe	06b0006-38
LEONE, José. Nazaré, 25 abril 1952. Estado de conservação: Bom	06b0007-52
LIMA, Madre Maria Carolina. Salvador, 13 fev. 1961. Estado de conservação: Bom	06b0008-61
PEREIRA, Raymundo. Nazaré, 09 set. 1965. Estado de conservação: Bom	06b0009-65
MOITINHO, Jandira Viana. Rio de Janeiro, 17 abril 1966. Estado de conservação: Bom	06b0010-77
PAULO. Salvador, Bahia, 28 mar. 1970 Estado de conservação: Bom	06b0011-70
BETHÂNIA, Maria da. s.l. ,s.d, Estado de conservação: Bom	06b0012-sd
MAROCAS. s.l. , s.d. Estado de conservação: Bom	06b0013-sd
MAROCAS. S.l., s.d. Estado de conservação: Bom	06b0014-sd
TAVARES, Paulo. Salvador- Ba, 12, out, 1988 Estado de conservação: Bom	06b0015-88
BENEDITO. Rio de Janeiro, 15 maio – Estado de conservação: Bom	06b0016-sd
XANDU. Rio de Janeiro, 4 nov. 1993 Estado de conservação: Bom	06b0017-sd
RIBEIRO. Pe. Edmilson. Natal, 12, ago. 1996	06b0018-96

06c- Cartas à autora referentes ao Livro *Pedaços de Vida*

LÊDA. Nazaré, – out. 1993 Estado de conservação: Bom	06c0001-93
RIBEIRO, Pe. Edmilson. Natal, 09 nov. 1993 Estado de conservação: Bom	06c0002-93
GISÉLIA. NOÉLIA. Nazaré, 12 nov. 1993 Estado de conservação: Bom	06c0003-93
SANTOS, Ambrósio Bispo dos. Nazaré, 12 nov. 1993 Estado de conservação: Bom	06c0004-93

MACHADO, Renato. Nazaré, 17 de nov. 1993 Estado de conservação: Bom	06c0005-93
PEIXOTO, Graziela Domini. s.l. s.d. Estado de conservação: Bom	06c0006-sd
MATTA, Luiz C. A. Curitiba, 04 jun. 1995. Estado de conservação: Bom	06c0007-95
CASTELO BRANCO, Élvia. Brasília, s.d. Estado de conservação: Bom	06c0008-sd

06e Cartões à autora

MELHOR, Anísio. 12 out. 1920 Estado de conservação: Bom Cartão contendo acróstico em homenagem à autora	06e0001-20
FERREIRA. Elisa Carvalhal. Cartão de aniversário. Nazaré – Ba, 1926. Estado de conservação: Bom	06e0002-26

07 – SÉRIE MEMORABILIA

OFÍCIO. s.n. Nazaré, BA, 15 nov. 1974 Estado de Conservação: Bom Obs.: Convocação do Grupo Escolar Dr. Alexandre Bittencourt para homenagem-ala com o nome em uma das salas de aula.	07a0001-74
OFÍCIO. s.n. Nazaré-Ba, 10 out.1975. 1f. Estado de Conservação: Bom Obs: Convocação da professora Maria Magdalena F. Crusoé e família para receber homenagem pelos serviços prestados por alunos e professores das Escolas Reunidas Senhor do Bonfim.	07a0002-75
OFÍCIO. s.n. Salvador, 25 out. 1985. 1f. Estado de Conservação: Muito bom Obs: Ofício enviado pelo Secretário de Educação do Estado para outogar-lhe Diploma de Educador Emérito.	07a0003-85
TÍTULO DE EDUCADOR EMÉRITO. Salvador, 30 out. 1985 Estado de Conservação: Muito bom Obs: Outorgado pela Secretaria da Educação e Cultura do Estado da Bahia.	07a0004-85
DIÁRIO OFICIAL. Salvador-BA, 23 out. 1985. 1f. Estado de Conservação: Bom Obs: Cópia xerografada. Lista em que consta o nome da escritora, entre vários professores da rede estadual, que foram homenageados	07a0005-85

com o diploma de Educador Emérito.	
MOÇÃO DE HONRA AO MÉRITO. Nazaré-BA, 10 nov. 1985. Estado de Conservação: Muito Bom Obs: Moção de autoria do Vereador Arthur Arézio da Fonseca.	07a0006-85
MOÇÃO DE PARABÉNS. n. 34/93. Nazaré-BA, 13 Out. 1993. Estado de Conservação: Muito Bom Obs: Moção de Parabéns pela passagem do aniversário do casal Américo e Mady Crusoé, dia 12 de outubro.	07a0006-93
OFÍCIO. s.n. Nazaré-Ba, 29 dez. 1994. 1f. Estado de Conservação: Muito Bom Obs: Convite para integrar o Quadro de Honra dos formandos em Magistério, do ano de 1995, do Col. Dr. José Marcelino de Souza.	07a0007-94
POEMA <i>MINHA PROFESSORA</i> . Nazaré, 31 dez. 1996. Obs.: Autoria de Toinho	07a0007-96
“ESTIMADA SENHORA”... Nazaré, 20 mar. 1997.	07a0007-97

08 SÉRIE VÁRIA

8a Subsérie Produções Acadêmicas

SILVA, Virgilina Maria Pinton Alves e: Retalhos de Vida. Monografia apresentada à disciplina Metodologia da Pesquisa Histórica. UNEB – Campus V, Santo Antonio de Jesus. 1994, 24, f. Estado de conservação: Bom Cópia xerografada	08a0001-94
SCARANTE, Ionã C. Reflexões sobre o arquivo privado de Mady Crusoé. Rio de Janeiro set. 2012 Estado de Conservação: Muito Bom Artigo publicado no CIFEFIL, 2012.	08a0002-12
SCARANTE, Ionã C. BORGES, Rosa. Mady Crusoé- 100 anos. Livreto contendo dois artigos sobre a vida e a produção literária da escritora e uma seleção de alguns textos de sua autoria. Nazaré, out. 2013.	08a0003-13

8b Subsérie Documentos Diversos

COLETÂNEA DE POEMAS DE AUTORES DIVERSOS. Mady Crusoé. 1935 Estado de Conservação: Bom Dedicada ao noivo Américo Crusoé.	08b0001-35
TESTAMENTO PÚBLICO. Testador Padre Getúlio Carolino Pimentel Rosa. Testados Getúlio Augusto Ferreira Crusoé e Elisa Margarida Ferreira Crusoé. Nazaré, 24 abril, 1945.	08b0002-45
ESCRITURA PÚBLICA DE VENDA E COMPRA. Outorgante Getúlio Carolino Rosa, outorgado Américo Augusto Crusoé.. Livro 69, f. 197. 08, ago. 1964	08b0003-64
CERTIDÃO DE ÓBITO. Getúlio Carolino Pimentel Rosa.	08b0004-71

Nazaré, abril, 1971.	
COMISSÃO DO CENTENÁRIO MADY CRUSOÉ. Convite para as comemorações ao Centenário da escritora. Estado de conservação: Excelente Contém programação, data e horário das atividades. Nazaré, out. 2013.	08b0005-13
JORNAL O ECO. 100 anos de Mady Crusoé – 1913-2013. Estado de Conservação: Excelente. Nazaré, out. 2013	08b0006-13

8c Subsérie Coletâneas de Américo Crusoé

COLETÂNEA N. 1. Américo Augusto Crusoé. 1932 Estado de conservação: Regular Recortes de jornais diversos e revistas, nacionais e internacionais, contendo notícias do Brasil e do mundo e textos literários de autores nacionais e internacionais	08c0001-32
COLETÂNEA N. 2 Américo Augusto Crusoé. 1940 Estado de Conservação: Regular Recortes de jornais locais , nacionais e internacionais, de notícias e textos literários	08c0002-40
COLETÂNEA N. 3 Américo Augusto Crusoé. 1948 Estado de conservação: Regular Recortes de jornais locais nacionais e internacionais, de notícias e textos literários. Contem crônicas de Mady Crusoé.	08c0003-48
COLETÂNEA N. 4 Américo Augusto Crusoé. 1958 Estado de Conservação: Regular Recortes de jornais locais, nacionais e internacionais, de notícias e textos literários.	08c0004-58